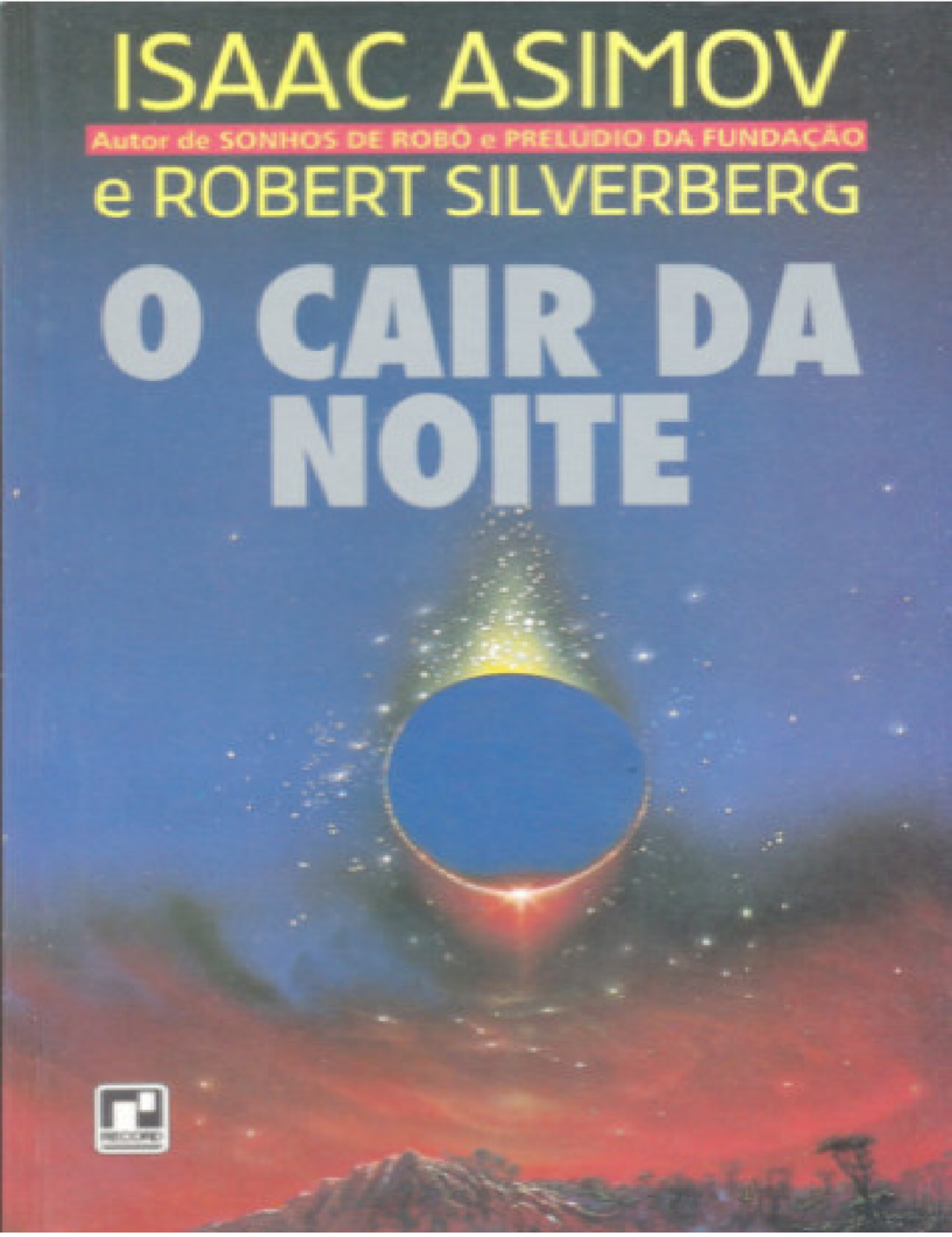
ISAAC ASIMOV

Autor de SONHOS DE ROBÔ e PRELÚDIO DA FUNDAÇÃO

e ROBERT SILVERBERG

O CAIR DA NOITE



SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Com somente Beta no horizonte, o jornalista Theremon 762 provoca Aton 77 a fim de conseguir uma declaração sobre o desaparecimento dos seis sóis do planeta Lagash, a acontecer naquele dia, a despeito de ter desmoralizado a campanha movida pelos cientistas Beenay 25, Faro 24, Yimot 70, Sheerin 501 e o próprio Aton para organizar o mundo co ntra a ameaça prestes a acontecer. A história se passa no ano de 2049 e a ameaça se refere à chegada da escuridão sobre Lagash, onde não existe noite, e já havia sido descrita pelos Cultistas, mas a explicação científica fora descoberta na última década quando a rota da órbita deste planeta já não coincidia com a Lei da Gravitação Universal.

- Isaac Asimov
  - Ao leitor
  - Crepúsculo
    - 1
    - 2
    - 3
    - 4
    - 5
    - 6
    - 7
    - 8
    - 9
    - 10
    - 11
    - 12
    - 13
    - 14
    - 15
    - 16
    - 17
  - O cair da Noite
    - 18
    - 19
    - 20
    - 21
    - 22
    - 23
    - 24
    - 25

        - 26
        - 27
    - Amanhecer[1]
        - 28
        - 29
        - 30
        - 31
        - 32
        - 33
        - 34
        - 35
        - 36
        - 37
        - 38
        - 39
        - 40
        - 41
        - 42
        - 43
        - 44
- notes
    - 1

Isaac Asimov
Robert Silverberg
O Cair da Noite

Se as estrelas aparecessem apenas por uma noite a cada mil anos, como os homens haveriam de crer e adorar, e preservar por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus!

EMERSON

Outro mundo! Não existe outro mundo! Toda a realidade está aqui ou em lugar nenhum.

EMERSON

Ao leitor

Kalgash é um mundo alienígena e não é nossa intenção levá-lo a pensar que se trata de um mundo idêntico à Terra, mesmo que as pessoas sejam retratadas falando uma língua que você pode compreender e usando termos que lhe são familiares. Essas palavras devem ser consideradas como meros equivalentes de termos alienígenas, isto é, como um conjunto de termos equivalentes semelhante ao que um autor utiliza quando mostra dois personagens estrangeiros conversando entre si em sua própria língua, mas transcreve o diálogo para a língua do leitor. Assim, quando os habitantes de Kalgash falam de "quilômetros", de "mãos", de "automóveis" e de "computadores", estão se referindo às suas próprias um unidades de distância, aos seus próprios órgãos de manipulação, aos seus próprios veículos de transporte, às suas próprias máquinas de processamento de dados, e assim por diante. Os computadores usados em Kalgash não são necessariamente compatíveis com os que são usados em Nova York, Londres ou Estocolmo, e o "quilômetro" que usamos neste livro não é necessariamente a unidade do nosso sistema métrico. Entretanto, pareceu-nos mais simples e desejável usar esses termos familiares para descrever acontecimentos neste mundo alienígena do que inventar uma longa série de expressões exclusivamente kalgashianas.

Em outras palavras, poderíamos dizer que um dos personagens parou para amarrar seus quonglishes antes de começar um passeio de sete vorks pela gleebish principal da sua znoob natal, e nossa descrição teria um ar extremamente alienígena. Seria, porém, muito mais difícil compreender o que estávamos tentando relatar, e isto não nos pareceu interessante. A essência desta história não está no número de expressões exóticas que poderíamos ter inventado e, sim, nas reações de um grupo de pessoas parecidas conosco, vivendo em um mundo parecido com o nosso, a não ser por um detalhe muito significativo, que faz com que tenham que lidar com uma situação que nunca ocorreu na Terra. Nas circunstâncias, achamos melhor informar ao leitor que alguém parou para amarrar as botas antes de começar um passeio de sete quilômetros do que carregar o texto com quonglishes, vorks e gleebishes.

Se preferir, o leitor pode imaginar que no texto está escrito "vorks" em vez de "quilômetros", "gliizbiiz" em vez de "horas" e "sleshtraps" em vez de "olhos". Ou pode inventar seus próprios termos. Vorks ou quilômetros, não faz a menor diferença quando as Estrelas desaparecem.

Crepúsculo

1

Era uma deslumbrante tarde de quatro sóis. O grande e dourado Onos ia alto no céu, a oeste, e o pequeno e vermelho Dovim despontava rápido no horizonte, abaixo dele.

No lado oposto, os pontos brancos de Trey e Patru se destacavam no céu arroxeado do leste. A luz dos quatro astros banhava as planícies do continente mais setentrional de Kalgash. O escritório de Kelaritan 99, o diretor do Instituto Psiquiátrico Municipal de Jonglor, tinha amplas janelas que permitiam apreciar toda a beleza da paisagem.

Sheerin 501, da Universidade de Saro, que havia chegado a Jonglor fazia algumas horas, atendendo a um chamado urgente de Kelaritan, não sabia por que não estava com melhor humor. Sheerin era uma pessoa basicamente bem-humorada, e os dias de quatro sóis costumavam deixá-lo ainda mais bem disposto. Naquele dia, porém, sentia-se inquieto e apreensivo, embora estivesse fazendo o possível para ocultar o fato. Afinal, tinha sido chamado a Jonglor como especialista em saúde mental.

— Gostaria de conversar com uma das vítimas? — perguntou Kelaritan.

O diretor do hospital psiquiátrico era um homem magro, anguloso, pálido e com o peito para dentro. Sheerin, que era corado e nada tinha de esbelto, desconfiava instintivamente de qualquer um que pesasse menos da metade do que ele. Talvez seja a aparência de Kelaritan que está me deixando nervoso, pensou Sheerin. Ele parece um esqueleto ambulante.

— Ou acha que é melhor experimentar antes, pessoalmente, o Túnel do Mistério, Dr. Sheerin?

Sheerin forçou uma risada.

— Talvez eu deva começar entrevistando uma vítima ou duas — disse para o diretor. — Assim poderia me preparar melhor para os horrores do Túnel.

Os olhos negros e redondos de Kelaritan piscaram, assustados, mas foi Cubello 54, o melífluo advogado da Exposição do Centenário de Jonglor, que falou.

— Ora, vamos, Dr. Sheerin! “Os horrores do Túnel!” Isto é um pouco de exagero, não acha? Afinal de contas, até agora, tudo que temos são notícias de jornal. E chamar os pacientes de “vítimas”…

— Quem usou esse termo foi o Dr. Kelaritan — protestou Sheerin.

— Estou certo de que o Dr. Kelaritan usou a palavra apenas no sentido mais geral. Seu uso, porém, implica uma pressuposição que considero inaceitável.

Sheerin dirigiu ao advogado um olhar que era uma mistura em partes iguais de desagrado e frieza profissional.

— Ao que me consta, a viagem no Túnel do Mistério resultou na morte de várias pessoas. Não é verdade?

— Houve várias mortes no Túnel, é certo. Mas seria prematuro afirmar que essas pessoas morreram por causa do Túnel, doutor.

— Naturalmente, o senhor gostaria muito de chegar à conclusão oposta — disse Sheerin, de cara feia.

Cubello voltou-se, indignado, para o diretor do hospital.

— Dr. Kelaritan! Se é desta forma que a investigação vai ser conduzida, quero registrar imediatamente o meu protesto. O Dr. Sheerin está aqui como um perito imparcial e não como testemunha de acusação!

Sheerin riu.

— Estava dizendo o que penso dos advogados em geral, Dr. Cubello, e não expressando minha opinião a respeito do que aconteceu no Túnel do Mistério.

— Dr. Kelaritan! — exclamou Cubello mais uma vez, enrubescendo.

— Senhores, por favor — disse Kelaritan, olhando rapidamente de Cubello para Sheerin e de Sheerin para Cubello. — Não vamos brigar, está bem? Todos nós temos o mesmo objetivo nesta investigação: descobrir o que de fato aconteceu no Túnel do Mistério, para evitar que os… hum… que os trágicos eventos se repitam

— De acordo — disse Sheerin, em tom amigável. Era perda de tempo antagonizar o advogado daquela forma. Tinha coisas mais importantes a fazer.

Sorriu para Cubello.

— Na verdade, meu interesse não é descobrir de quem é a culpa, mas evitar uma situação em que as pessoas precisem encontrar um culpado de qualquer maneira. Por que não me deixa falar com um de seus pacientes, Dr. Kelaritan? Depois, podemos discutir o que sabemos a respeito do Túnel durante o almoço. Em seguida, eu poderia entrevistar mais um ou dois pacientes…

— Almoço? — repetiu Kelaritan vagamente, como se nunca tivesse ouvido a palavra.

— Almoço, sim. A refeição do meio do dia. Um velho hábito meu, doutor. Mas isto pode esperar. Primeiro, gostaria de falar com um dos pacientes.

Kelaritan fez que sim com a cabeça. Disse para o advogado:

— Acho que podemos começar com Harrim. Hoje ele acordou bem-disposto. O suficiente, pelo menos, para ser interrogado por um estranho.

— Que tal Gistin 190? — perguntou Cubello.

— Não é má ideia, mas ela não é tão forte quanto Harrim. Vamos deixar que Harrim conte a ele a história, e depois poderá conversar com Gistin, e… oh, talvez com Chimmilit. Depois do almoço.

— Obrigado — disse Sheerin.

— Por aqui, Dr. Sheerin.

Kelaritan apontou para o corredor envidraçado que ligava o seu escritório ao hospital. Era uma passagem elevada, com uma vista de 360º do céu e das colinas verde-acinzentadas que cercavam a cidade de Jonglor. Os raios dos quatro sóis penetravam por todos os lados.

Parando por um momento, o diretor do hospital olhou para a direita e depois para a esquerda, apreciando a paisagem. As feições abatidas do homenzinho pareceram adquirir uma nova vitalidade ao serem iluminadas pelos raios quentes de Onos e os raios mais modestos de Dovim, Patru e Trey.

— Que dia esplêndido, senhores! — exclamou Kelaritan, com um entusiasmo que Sheerin achou surpreendente, vindo de uma pessoa tão austera e contida como ele parecia ser. — Que maravilha poder ver quatro sóis no céu ao mesmo tempo! Que bem me faz sentir a sua luz no meu rosto! Ah, onde estaríamos sem os nossos benditos sóis?

— É mesmo — concordou Sheerin.

Na verdade, ele próprio já estava se sentindo um pouco melhor.

2

A meio mundo de distância, uma das colegas de Sheerin 501 da Universidade de Saro também olhava para o céu. Porém, a única emoção que sentia era medo.

Ela era Siferra 89, do departamento de arqueologia, e há um ano e meio estava executando escavações no sítio arqueológico de Beklimot, na remota península de Sagikan.

No momento, estava rígida de terror, aguardando a catástrofe que se aproximava. O céu não lhe oferecia nenhum consolo. Naquela parte do mundo, os únicos sóis visíveis no momento eram Tano e Sitha, e o brilho frio e cruel desses astros sempre a tinham deixado triste e deprimida. Dovim podia ser visto despontando no horizonte, atrás da serra de Horkkan. A luz mortiça do pequeno sol vermelho, porém, não contribuía em nada para levantar seu ânimo.

Siferra sabia que em pouco tempo a luz quente e amarela de Onos surgiria no horizonte, o que a preocupava era algo muito mais sério do que a ausência temporária do sol principal.

Uma grande tempestade de areia estava se aproximando de Beklimot. Em poucos minutos varreria a região. Ninguém sabia o que podia acontecer. As tendas podiam ser destruídas, as caixas com os espécimes, tão cuidadosamente classificados, podiam ser viradas, e o conteúdo misturado, as câmaras, o material de desenho, os mapas estratigráficos, compilados com tanto sacrifício… tudo em que haviam trabalhado durante tanto tempo podia ser perdido em poucos momentos.

Pior. Podiam todos morrer.

Pior ainda. As próprias ruínas de Beklimot, o berço da civilização, a mais antiga cidade conhecida de Kalgash, corriam perigo. As valas de exploração que Siferra havia cavado na planície aluvial que cercava o sítio ainda estavam abertas. O vento em sua fúria, se fosse bastante forte, levantaria ainda mais areia do que estava carregando e a arremessaria com força indescritível nos frágeis restos de Beklimot, erodindo, soterrando, talvez mesmo derrubando as estruturas expostas e espalhando-as na planície ressequida.

Beklimot era um tesouro histórico que pertencia ao mundo inteiro, Siferra assumira um risco calculado ao iniciar as escavações. Era impossível fazer uma pesquisa arqueológica sem destruir alguma coisa. Era parte do jogo. Mas ser a responsável por isto e ter a má sorte de sofrer a maior tempestade de areia no último século justo no momento em que as ruínas se encontravam mais vulneráveis…

Não. Não, isso era demais. Se Beklimot fosse arrasado pela tempestade em consequência das escavações, o nome de Siferra seria

lembrado para sempre com desprezo nos meios científicos.

Talvez o lugar fosse amaldiçoado, como algumas pessoas supersticiosas costumavam afirmar. Siferra 89 nunca acreditara em forças sobrenaturais. Entretanto, aquela escavação, que poderia ter sido o coroamento de sua carreira, só lhe trouxera problemas, desde o início. E agora ameaçava acabar com sua carreira… se não acabasse com sua vida.

Eilis 18, um dos assistentes, chegou correndo. Era um homem magro e franzino, que parecia insignificante diante da figura alta e atlética de Siferra.

— Prendemos no chão tudo que era possível! — exclamou, quase sem fôlego. Agora fica por conta dos deuses!

A arqueóloga franziu a testa e replicou:

— Deuses? Que deuses? Está vendo algum deus nas vizinhanças, Eilis?

— Eu só queria dizer…

— Eu sei o que você queria dizer. Esqueça.

Do outro lado chegou Thuvvik 443, o capataz. Estava com os olhos arregalados de medo.

— Moça, onde vamos nos esconder da tempestade? perguntou. — Não há abrigo!

— Já lhe disse, Thuvvik. Atrás do morro.

— Vamos ser soterrados! Vamos morrer sufocados!

— O morro vai proteger vocês, não se preocupe — disse Siferra, com uma convicção que estava longe de sentir, — Vá para lá! E leve os outros com você!

— E a senhora? Por que não vai também?

Siferra olhou para ele, preocupada. Será que ele estava pensando que ela dispunha de um esconderijo particular, onde estaria mais segura do que os operários?

— Já vou, Thuvvik. Ande! Pare de me amolar!

Do outro lado da estrada, perto da construção de tijolos em forma hexagonal que os primeiros exploradores haviam batizado de Templo dos Sóis, Siferra avistou Balik 338. Apertando os olhos, protegendo-os com a mão contra a luz gélida de Tano e Sitha, olhava para o norte, para a direção de onde vinha a tempestade. A expressão no seu rosto era de angústia.

Balik era especialista em estratigrafia, mas também cuidava dos registros meteorológicos da expedição. Fazia parte do seu trabalho estar atento para a possibilidade de tempestades e outros eventos incomuns.

Normalmente, o tempo na península de Sagikan era bastante previsível. O lugar era de incrível aridez, só chovia uma vez a cada dez ou vinte anos. O único outro evento incomum era uma mudança

brusca da circulação do ar, que colocava em ação forças ciclônicas e produzia uma tempestade de areia. Isso, porém, só acontecia algumas vezes por século.

A expressão de desalento no rosto de Balik era um reflexo da culpa que sentia por não haver previsto com maior antecedência a chegada da tempestade? Ou parecia tão horrorizado porque agora era capaz de avaliar toda a extensão da catástrofe que estava para se abater sobre o acampamento?

Tudo teria sido diferente, pensou Siferra, se tivessem um pouco mais de tempo para se preparar. Agora podia compreender que todos os sinais estavam ali, para quem quisesse vê-los: a onda de calor, que tinha sido excessiva, mesmo para os padrões da península de Sagikan, a calmaria súbita que substituíra a brisa do norte, o estranho vento úmido que passara a soprar do sul. Os pássaros khalla, aquelas estranhas aves de rapina que assolavam a região como maus espíritos, tinham todos levantado voo assim que o vento sul começara a soprar, desaparecendo atrás das dunas do deserto, a oeste, como se estivessem sendo perseguidos por demônios.

Devíamos ter prestado mais atenção quando os pássaros khalla fugiram para a região das dunas, pensou Siferra, mas estávamos muito ocupados com as escavações. Preferimos ignorar todos os indícios. Negamos o óbvio. Finja que não viu os sinais de uma tempestade de areia e talvez ela resolva mudar de direção.

Depois, aquela pequena nuvem cinzenta aparecendo no norte, aquela mancha escura quebrando a transparência do céu do deserto, que é sempre tão claro como vidro.

Nuvem? Está vendo uma nuvem? Eu não estou vendo nada.

Negamos o óbvio.

Agora a nuvem era um imenso monstro negro, tomando metade do céu. O vento ainda soprava do sul, mas não era mais úmido — parecia o bafo de uma fornalha — e havia outro vento, ainda mais forte, soprando da direção oposta. Um vento alimentava o outro. E quando se encontrassem…

— Siferra! — gritou Balik. — Está chegando! Vá para o abrigo!

— Já vou! Já vou!

Ela não queria ir para o abrigo. O que queria era correr de uma zona da escavação para outra, cuidando de tudo ao mesmo tempo, fincando melhor no chão as estacas das tendas, verificando se as preciosas placas fotográficas estavam seguras, cobrindo com o corpo a fachada do recém-escavado Palácio Octogonal para proteger os maravilhosos mosaicos que haviam descoberto no mês anterior. Mas Balik estava certo. Siferra tinha feito tudo que era possível, naquela manhã caótica, para salvar as ruínas. Agora, só lhe restava encolher-se atrás do maior morro que havia nas vizinhanças e rezar para que os

defendesse da fúria da tempestade.

Siferra saiu correndo. As pernas musculosas a conduziam com facilidade sobre a areia ressequida. A arqueóloga tinha menos de quarenta anos, uma mulher alta, forte, no apogeu de sua forma física. Até aquele dia, não havia sentido nada a não ser otimismo em relação a qualquer aspecto de sua existência. De repente, porém, estava tudo ameaçado: sua carreira, sua saúde, até mesmo sua vida.

Os outros estavam amontoados na base do morro, atrás de uma barreira improvisada com lonas e estacas de madeira.

— Com licença — disse Siferra, abrindo caminho entre eles.

— Moça — gemeu Thuvvik. — Moça, faça a tempestade ir embora!

Como se ela fosse algum tipo de deusa com poderes mágicos. Siferra começou a rir. O capataz fez um gesto estranho para ela. Provavelmente um sinal religioso.

Os outros operários, que viviam todos na pequena aldeia a leste das ruínas, fizeram o mesmo sinal e começaram a murmurar alguma coisa para Siferra. Orações? Para ela? Sentiu um arrepio. Aqueles homens, como os pais e avós, tinham passado a vida cavando em Beklimot, a serviço dos arqueólogos, descobrindo pacientemente as antigas construções e peneirando a areia à procura de minúsculos artefatos, com certeza, já haviam passado por outras tempestades de areia. Será que sempre ficavam tão assustados?

Ou esta tempestade seria pior do que as outras?

— Aí vem ela — disse Balik. — Aí vem ela — repetiu, cobrindo o rosto com as mãos.

A tempestade se abateu sobre eles com toda a sua fúria. Siferra permaneceu de pé a princípio, olhando por uma abertura na lona para a monumental muralha ciclópica da cidade do outro lado da estrada, como se, simplesmente por manter o olhar fixo nas ruínas, pudesse protegê-las da destruição. Momentos depois, porém, isto se tomou impossível. Rajadas de vento incrivelmente quente penetraram no abrigo improvisado. A arqueóloga teve a impressão de que o cabelo e até as sobrancelhas estavam em chamas. Virou-se de costas, levantando uma das mãos para proteger o rosto.

Neste momento, a areia chegou, e tudo ficou invisível. Era como uma chuva, só que mais forte do que a chuva comum. O barulho era insuportável. Não o rugir do trovão, mas o som de milhões de partículas de areia se chocando contra o solo esturricado. Além daquele ruído principal, havia outros: um sibilar constante, um rangido intermitente e um tamborilar delicado. E um uivo de arrepiar. Siferra imaginou toneladas de areia se precipitando do céu, soterrando as muralhas, soterrando os templos, soterrando as construções baixas da zona residencial, soterrando o acampamento. E soterrando toda a

equipe de arqueólogos.

Ela se virou de frente para a encosta do morro e esperou pelo fim. Um pouco para sua própria surpresa e humilhação, começou a chorar histericamente, soluços fundos, que vinham das entranhas do seu corpo. Não queria morrer. Claro que não: quem queria? Mas nunca havia percebido, até aquele momento, que podia haver alguma coisa pior do que a morte.

Beklimot, o mais famoso sítio arqueológico do mundo, a mais antiga cidade de que se tinha notícia, o berço da civilização, iria ser destruída — graças, exclusivamente, à sua negligência, Gerações de grandes arqueólogos de Kalgash haviam trabalhado ali no século e meio que se seguira à descoberta de Beklimot. Primeiro, Galdo 221, o maior de todos, e depois Marpin, Stirmupad, SheIbik, Numoin, uma lista de peso… e agora Siferra, que por imprudência deixara o lugar descoberto quando uma tempestade de areia se aproximava.

Beklimot passara muito tempo sob a areia. As ruínas tinham dormido pacificamente durante milhares de anos, preservadas como eram no dia em que os habitantes finalmente se renderam à aridez do clima e abandonaram o local. Todos os arqueólogos que trabalharam ali desde o tempo de Galdo tinham tido o cuidado de expor apenas uma pequena parte da cidade e de levantar cercas e barreiras para proteger da ameaça, pouco provável, mas de extremo perigo, de uma tempestade de areia. Todos, até chegar a vez de Siferra.

Naturalmente, ela também levantara as cercas e barreiras de praxe. Não, porém, na frente das novas escavações, não no setor mais importante, onde concentrara suas investigações. Algumas das construções mais antigas e importantes de Beklimot ficavam ali. E a arqueóloga, impaciente para começar a exploração, levada pelo impulso irresistível de ir cada vez mais longe, deixara de tomar as precauções mais elementares. Não pensara assim na ocasião, é claro. Mas agora, com o ruído demoníaco da tempestade nos ouvidos e o céu negro de destruição…

Talvez seja melhor eu não sobreviver, pensou Siferra. Assim não terei que ler o que na certa dirão a meu respeito em todos os livros de arqueologia a serem publicados nos próximos cinquenta anos. “As famosas ruínas de Beklimot, que forneceram informações inestimáveis a respeito dos primórdios da civilização em Kalgash até serem destruídas em consequência das ações irresponsáveis de uma jovem e ambiciosa arqueóloga, Siferra 89, da Universidade de Saro…”

— Acho que está passando — sussurrou Balik.

— O que é que está passando? — perguntou Siferra.

— A tempestade. Escute! O barulho lá fora diminuiu.

— Devemos estar enterrados debaixo de tanta areia que não dá para ouvirmos mais nada.

— Não, não estamos enterrados, Siferra!

Balik puxou a lona que estava à frente deles e conseguiu levantá-la ligeiramente. Siferra olhou na direção do espaço aberto entre o morro e a muralha da cidade. Não queria acreditar nos próprios olhos.

O que estava vendo era o azul-escuro do céu e o brilho dos sóis. Era apenas a luz branca e fria de Tano e Sitha, mas no momento achou aquela luz a coisa mais bonita que já vira.

A tempestade havia passado. Estava tudo calmo de novo. Onde estava a areia? Por que não estava tudo enterrado na areia?

A cidade ainda estava visível: os grandes blocos da parede de pedra, o brilho dos mosaicos, o telhado pontiagudo do Templo dos Sóis. Até as tendas estavam quase todas de pé, incluindo as mais importantes. Apenas o acampamento dos operários tinha sido afetado, mas os estragos podiam ser consertados em poucas horas.

Surpresa, ainda sem coragem de acreditar, Siferra saiu do abrigo e olhou em torno. Não havia areia solta no chão. O solo duro, de cor escura, cozido pelo sol, que constituía a superfície no local da escavação, ainda estava bem visível. Agora estava um pouco diferente, parecia ter sofrido os efeitos de uma erosão instantânea, mas estava livre de qualquer depósito que a tempestade pudesse trazer.

Balik disse, em tom pensativo:

— Primeiro chegou a areia e depois o vento. O vento pegou toda a areia que foi jogada em cima de nós, pegou-a tão rapidamente quanto havia caído, e carregou-a para o sul. Foi um milagre, Siferra. Não há outro nome para o que aconteceu. Veja… dá para ver onde o solo foi arranhado, onde a camada de areia foi arrastada pelo vento. O equivalente a talvez cinquenta anos de erosão ocorreu em apenas cinco minutos, mas…

Siferra mal estava escutando. Ela segurou Balik pelo braço e virou-o de frente para uma estrutura lateral, longe do lugar principal onde estavam escavando.

— Olhe ali.

— Onde? O quê?

A arqueóloga apontou.

— A colina de Thombo.

O meteorologista improvisado arregalou os olhos.

— Céus! Está rachada ao meio!

A colina de Thombo era uma elevação de forma irregular a uns quinze minutos a pé do lugar onde estavam. Ninguém trabalhava ali há mais de cem anos, desde a segunda expedição do grande pioneiro Galdo 221, e Galdo não encontrara nada de importante ali. Era considerada como o depósito de lixo da antiga cidade de Beklimot, um local interessante, sem dúvida, mas trivial em comparação com as maravilhas que a cidade em si tinha a oferecer.

Parecia, porém, que a colina de Thombo recebera em cheio o impacto da tempestade e o que gerações de arqueólogos não se deram ao trabalho de fazer, a tempestade de areia conseguira em apenas alguns instantes. Uma faixa em ziguezague fora arrancada da encosta, como um ferimento monstruoso, deixando à vista a parte interna da colina. Exploradores experientes como Siferra e Balik precisavam apenas de um olhar para compreender a importância do que tinha sido exposto.

— Existia uma cidade debaixo do monturo — murmurou Balik.

— Mais de uma, ao que parece. Uma série de cidades, provavelmente — disse Siferra.

— Acha mesmo?

— Olhe. Olhe ali, do lado esquerdo.

Balik soltou um longo assovio.

— Não é uma parede no estilo hachurado, debaixo do canto daquele alicerce ciclópico?

— Isso mesmo.

Siferra sentiu um frio na espinha. Olhou para Balik e viu que ele estava tão surpreso quanto ela: rosto pálido, olhos arregalados.

— Minha nossa! — murmurou, com voz rouca. — O que nós temos aqui, Siferra?

— Ainda não sei, mas vou começar a investigar agora mesmo.

A arqueóloga olhou para trás, para o abrigo, onde Thuvvik e os companheiros ainda se encolhiam, assustados, fazendo sinais religiosos e balbuciando preces, como se não compreendessem que o perigo já havia passado.

— Thuvvik! — gritou Siferra, gesticulando vigorosamente, de forma quase agressiva. — Saiam daí, você e seus homens! Temos trabalho para fazer!

3

Harrim 682 era um homem grande e corpulento, de cinquenta e poucos anos, com músculos proeminentes nos braços e no peito e uma boa camada de gordura por cima. Sheerin, examinando-o pela janela do quarto de hospital, teve certeza de que ele e Harrim se dariam muito bem.

— Sempre simpatizei com pessoas grandes — explicou o psicólogo para Kelaritan e Cubello. — Acho que me identifico com elas. Não que eu seja musculoso, como aquele — emendou Sheerin, com uma risada descontraída. — Sei que não passo de um monte de banha. A não ser aqui — acrescentou, apontando para a própria cabeça. — Qual é a profissão desse tal de Harrim?

— Estivador — respondeu Kelaritan. — Trabalha há trinta e cinco anos no porto de Jonglor. Ganhou uma entrada para a inauguração do Túnel do Mistério em um sorteio. Levou a família inteira. Foram todos afetados, em maior ou menor grau, mas ele foi o pior caso. É embaraçoso para um homem forte como ele vir a sofrer de problemas psicológicos.

— Posso imaginar — disse Sheerin. — vou me lembrar disso. Podemos falar com ele agora?

Entraram no quarto. Harrim estava sentado, olhando sem interesse para um cubo giratório que projetava meia dúzia de raios coloridos na parede em frente a sua cama. Sorriu amistoso quando viu Kelaritan, mas pareceu contrair-se quando percebeu que o advogado Cubello o acompanhava e assumiu uma atitude positivamente hostil quando Sheerin entrou no aposento.

— Quem é ele? — perguntou a Kelaritan. — Outro advogado?

— Nada disso. Quero apresentar-lhe Sheerin 501, da Universidade de Saro. Está aqui para ajudá-lo.

— Hum! — fez Harrim, desdenhoso. — Outro médico de lunáticos! Que bem eles me fizeram até agora?

— Tem toda razão — disse Sheerin. — A única pessoa que pode de fato ajudar Harrim a ficar bom é o próprio Harrim, certo? Você sabe disso, e eu sei disso. Quem sabe eu acabo convencendo os meus colegas desta verdade? — Sentou-se na beira da cama. Ela rangeu com o peso do psicólogo. — Pelo menos, eles têm camas decentes neste lugar. Devem ter uma boa estrutura, para agüentar nós dois ao mesmo tempo… Você não gosta de advogados, não é? Pois somos dois, amigo.

— Eles só servem para infernizar a vida da gente — disse Harrim. — São cheios de truques. Mandam você dizer uma coisa, mesmo que não esteja pensando, dizendo que poderão ajudá-lo se você disser isso assim assim, e acabam usando suas próprias palavras

contra você. É assim que vejo a coisa.

Sheerin olhou para Kelaritan.

— É absolutamente necessário que Cubello esteja aqui durante esta entrevista? Acho que nosso amigo se sentiria mais à vontade sem ele.

— Estou autorizado a participar de qualquer… — começou Cubello, muito sério.

— Por favor — disse Kelaritan. — Sheerin está certo. Três visitas ao mesmo tempo pode ser demais para Harrim. E você já ouviu a história dele.

— Bem… — murmurou Cubello, de cara feia. Pensou um pouco e depois foi embora sem dizer mais nada. Sheerin fez um gesto discreto para que Kelaritan se sentasse no canto mais afastado. Depois, voltando-se para o doente, sorriu o seu sorriso mais simpático e disse:

— Está sendo duro para você, não é?

— Ponha duro nisso.

— Há quanto tempo está aqui?

Harrim deu de ombros.

— Uma semana ou duas. Talvez um pouco mais. Não sei. Desde… Não disse mais nada.

— Desde a Exposição de Jonglor? — perguntou Sheerin.

— Desde que fiz aquela viagem.

— Faz mais tempo do que você pensa.

— É mesmo? — Os olhos de Harrim assumiram um expressão assustada. Ele não queria ouvir há quanto tempo estava no hospital. Mudando de tática, Sheerin disse:

— Aposto que você nunca pensou que um dia se sentiria ansioso para voltar às docas, hein?

— É verdade! — concordou Harrim, com um sorriso. — Puxa, o que eu não daria para amanhã estar carregando aqueles caixotes! — Olhou para as mãos. Eram mãos fortes, calejadas, com dedos grossos, achatados nas pontas, um deles torto por causa de alguma fratura antiga. — Estou ficando mole de tanto não fazer nada. Assim, quando voltar ao trabalho, não vou mais agüentar pegar no pesado.

— Neste caso, o que o prende aqui? Por que você simplesmente não se levanta, veste uma roupa e dá o fora? Kelaritan, do canto do quarto, fez um som de advertência. Sheerin silenciou-o com um gesto.

Harrim olhou para o psicólogo, surpreso.

— Levantar-me e dar o fora?

— Por que não? Ninguém vai impedi-lo.

— Mas se eu fizer isto… se eu fizer isto… Não concluiu a frase.

— Se você fizer isto, o quê? — perguntou Sheerin. Harrim ficou em silêncio por um longo tempo, com uma expressão preocupada, a testa franzida. Várias vezes fez menção de falar, mas se arrependeu. O

psicólogo esperou, paciente. Afinal, o estivador declarou, com uma voz tensa, rouca, estrangulada:

— Não posso sair na rua. Por causa da… por causa da… por causa da… — a palavra custou a sair — _por causa da Escuridão.

— Por causa da Escuridão — repetiu Sheerin.

A palavra ficou pairando entre eles, como se fosse um objeto sólido.

Harrim parecia sem jeito, ou mesmo envergonhado. Sheerin lembrou-se de que para as pessoas da sua classe, Escuridão era uma palavra raramente usada na presença de estranhos. Para Harrim, se não era exatamente uma palavra obscena, pelo menos era sacrílega. Ninguém em Kalgash gostava de pensar na Escuridão, quanto menor o nível de instrução, porém, mais perigoso era pensar na possibilidade de que os seis sóis um dia pudessem desaparecer do céu ao mesmo tempo, sujeitando o planeta à escuridão total. A ideia era inconcebível. Literalmente inconcebível.

— Por causa da Escuridão — disse Harrim. — É disso que tenho medo. De que se sair na rua, estarei de novo na Escuridão. É isso. A Escuridão, de novo.

— Houve uma inversão completa dos sintomas nas últimas semanas — observou Kelaritan, em voz baixa. — No princípio, era exatamente o contrário. Ele se recusava a ficar em recintos cobertos, a menos que estivesse sedado, Um caso típico de claustrofobia. Depois de algum tempo, esta mudança para claustrofilia. Achamos que é um sinal de que a cura está próxima.

— Talvez — disse Sheerin. — Mas se não se importa…

Dirigindo-se a Harrim, perguntou:

— Você foi um dos primeiros a andar no Túnel do Mistério, não foi?

— Foi logo no primeiro dia — respondeu Harrim, com um traço de orgulho na voz. — Houve uma loteria na cidade. Cem pessoas ganharam entradas para o brinquedo. Devem ter vendido milhões de bilhetes, e o meu foi o quinto a ser sorteado. Eu, minha mulher, meu filho, minhas duas filhas, nós todos andamos no Túnel. Logo no primeiro dia.

— Se importa de me contar como foi?

— Bem… — começou Harrim. — Foi… eu nunca tinha estado no escuro, você entende. Nem mesmo em um quarto escuro. Nunca. Jamais havia pensado no assunto. Quando eu era criança, tinha sempre uma lâmpada acesa no meu quarto. Quando me casei e tive minha própria casa, era natural que também tivesse uma. Minha mulher pensa como eu. A escuridão não é natural. Não é algo fadado a existir.

— Mesmo assim, você entrou no sorteio.

— Ora, isso era diferente. Era diversão, você entende? Uma coisa especial. Um programa de feriado. A grande exposição era para comemorar os quinhentos anos da fundação da cidade, certo? Todo mundo estava comprando bilhetes. Achei que devia ser um brinquedo diferente, um brinquedo muito bom, para ter essa propaganda toda, certo? Foi por isso que comprei o bilhete. Quando fui sorteado, todos os meus colegas ficaram com inveja. Alguns chegaram a me oferecer dinheiro pelo bilhete. "Não senhor", disse para eles, "este bilhete é para mim e minha família…"

— Então você estava animado para entrar no Túnel?

— Claro que estava.

— Que aconteceu durante o passeio? Como se sentiu?

— Bem… — começou Harrim. — Passou a língua nos lábios e seus olhos assumiram um ar distante. — Havia aqueles carrinhos, você sabe, com tábuas no interior para a gente sentar, abertos em cima. Havia vaga para seis pessoas em cada carrinho, mas no nosso caso, fomos apenas nós cinco, porque estávamos juntos, e quase dava para encher um carro sem colocar um estranho conosco. Aí uma música começou a tocar, e o carrinho entrou no Túnel. Andava bem devagar, não se parecia nada com um carro andando na estrada, apenas engatinhava. De repente, estávamos dentro do Túnel. Aí… aí…

Sheerin esperou.

— Continue — disse, depois de uns minutos, vendo que Harrim não dava sinal de prosseguir. — Conte o que aconteceu. Estou muito interessado em saber como foi.

— Aí ficou tudo escuro — disse Harrim, com voz rouca. A lembrança fazia suas mãos tremerem. — Caiu em cima da gente com se fosse um peso enorme, entende? Ficou tudo preto. — O estivador começou a tremer convulsivamente. Ouvi as risadas do meu filho Trinit. Ele é um menino inteligente. Aposto que achou que a Escuridão era uma coisa suja. De modo que ria, ria, e eu lhe disse para parar. Uma das minhas filhas ficou com medo, e eu disse a ela que estava tudo bem, que não havia nenhum perigo, que a luz ia voltar em quinze minutos e ela devia pensar naquilo como um brinquedo e não como uma coisa assustadora. Mais aí… aí…

Calou-se novamente. Desta vez, Sheerin não disse nada.

— Aí eu comecei a me sentir mal. Era tudo Escuridão … Escuridão… não pode imaginar como é… não pode imaginar … como é preta… como é preta… a Escuridão… a Escuridão … Harrim começou a soluçar, de repente. — A Escuridão… meu Deus, a Escuridão…

— Calma, homem. Já passou. Olhe pela janela! Hoje temos quatro sóis no céu, Harrim. Calma!

— Deixe comigo — disse Kelaritan. Ele havia se aproximado da

cama no momento em que os soluços começaram. Estava com uma agulha de injeção. Espetou-a no braço musculoso de Harrim, e o estivador se acalmou de imediato. Recostou-se no travesseiro, com um sorriso estúpido no rosto.

— Agora temos que ir — disse Kelaritan.

— Mas eu mal comecei a…

— Não vai conseguir que ele diga mais nada coerente. É melhor irmos almoçar.

— Está bem — concordou Sheerin, de má vontade. Para sua surpresa, não estava com fome. Ele mal podia recordar de um dia que tivesse se sentido assim.

— E ele é um dos que estão em melhor estado?

— É verdade.

— Então, como estão os outros?

— Alguns ficaram totalmente catatônicos. Outros precisam ser mantidos a maior parte do tempo sob efeito de sedativos. Na primeira fase, como eu disse, eles têm medo de lugares fechados. Quando saíram do Túnel, não havia nada de errado com eles, exceto o fato de sofrerem de uma forma particularmente grave de claustrofobia. Recusavam-se a entrar em recintos fechados: palácios, mansões, casas, apartamentos, barracos e tendas.

Sheerin estava profundamente chocado. Sua tese de doutorado fora a respeito de doenças causadas pela escuridão. Era por isto que estava ali. Entretanto, nunca tinha ouvido falar de nada parecido.

— Eles se recusavam a entrar em recintos fechados? Onde dormiam?

— Ao ar livre.

— Alguém tentou forçá-los?

— Oh, sim, claro que sim. Acontece que ficavam violentamente histéricos. Alguns chegaram a tentar o suicídio, batendo com a cabeça nas paredes, coisas assim. Era impossível mantê-los em um recinto fechado, a não ser com uma camisa de força ou uma dose maciça de sedativo.

Sheerin olhou para o corpulento estivador, que agora dormia placidamente, e sacudiu a cabeça.

— Pobres-diabos.

— Essa é a primeira fase. Harrim agora está na segunda. A fase claustrofilica. Acostumou-se a ficar aqui, e a síndrome se inverteu por completo. Ele sabe que está seguro no hospital: as luzes ficam acesas o tempo todo. Mas embora possa ver os sóis pela janela, tem medo de sair. Acha que lá fora está escuro.

— Isto é absurdo! — protestou Sheerin . — Nunca está escuro lá fora!

No momento em que disse isto, sentiu-se um tolo. Kelaritan,

porém, não pareceu notar.

— Todos nós sabemos disso, Dr. Sheerin. Qualquer pessoa em seu juízo perfeito sabe disso. O problema com as pessoas que sofreram o trauma do Túnel do Mistério é que elas não estão mais em seu juízo perfeito.

— Compreendo — disse Sheerin, um pouco envergonhado.

— Mais tarde, terá oportunidade de conversar com outros pacientes — disse Kelaritan. — Talvez eles lhe permitam enxergar o problema de outro ângulo. Amanhã, vamos levá-lo para conhecer o Túnel. Naturalmente, tivemos que fechá-lo depois que as dificuldades começaram, mas as autoridades estão ansiosas para reabri-lo. O investimento, pelo que ouvi dizer, foi muito grande. Mas agora acho que está na hora de almoçarmos, não é, doutor?

— Está bem, vamos almoçar — concordou Sheerin novamente, ainda com menos entusiasmo do que da primeira vez.

4

A grande cúpula do Observatório da Universidade de Saro, que, majestosa, dominava as encostas verdes do Morro do Observatório, brilhava à luz da tarde. O pequeno disco avermelhado de Dovim já havia desaparecido no horizonte, mas Onos ainda estava alto a oeste, e Trey e Patru, atravessando o céu a leste em uma diagonal precisa, deixavam trilhas reluzentes na superfície da cúpula.

Beenay 25, um rapaz ágil e esguio, de gestos rápidos e precisos, caminhava para lá e para cá no pequeno apartamento na cidade de Saro que compartilhava com a companheira oficial, Raissta 717, recolhendo livros e anotações. Raissta, instalada com conforto no sofá verde escuro, olhou para ele e franziu a testa.

— Vai a algum lugar, Beenay?

— Ao Observatório.

— Mas ainda é muito cedo! Em geral, você só vai lá depois que Onos se põe.

— Hoje tenho um encontro, Raissta.

Ela lhe dirigiu um olhar sedutor. Os dois eram alunos de pós-graduação e tinham quase trinta anos. Ambos eram professores-assistentes, ele de astronomia, ela de biologia. Fazia apenas sete meses que se haviam tornado companheiros oficiais. A relação era recente, mas os primeiros problemas já começavam a aparecer. Beenay fazia seu trabalho à noite, quando apenas os sóis mais fracos estavam no céu. Raissta se sentia mais animada durante o dia, iluminada pelos raios dourados de Onos.

Nos últimos tempos, ele passava cada vez mais tempo no Observatório, as coisas estavam chegando a tal ponto que raramente os dois estavam acordados ao mesmo tempo.

Beenay sabia que a moça estava passando por maus pedaços. Ele também passava por maus pedaços. Entretanto, o estudo que estava fazendo da órbita de Kalgash era um trabalho de extrema complexidade e muito absorvente. Se Raissta tivesse a paciência de esperar mais algumas semanas… um mês ou dois, talvez..

— Não pode ficar mais um pouco esta noite? — perguntou a moça.

Beenay sentiu um aperto no coração. Raissta estava lhe lançando seu olhar de venha-e-vamos-brincar. Não era fácil resistir e, lá no fundo, ele não queria isso. Entretanto, Yimot e Faro estavam à sua espera.

— Já lhe disse. Tenho um…

— …encontro. Pois eu também tenho. Com você.

— Comigo?

— Ontem você me disse que poderia ter algum tempo livre esta tarde. Eu estava contando com isso, você sabe. De modo que reservei algumas horas para nós. Cheguei a fazer o serviço do laboratório de manhã…

A coisa estava ficando cada vez pior, pensou Beenay. Ele lembrou-se de que realmente havia dito alguma coisa a respeito de passar a tarde com Raissta, esquecendo-se por completo do compromisso com os dois jovens estudantes.

Agora, ela fazia beicinho e sorria ao mesmo tempo, um truque que conseguia executar com perfeição. Beenay estava muito tentado a fazer o que ela queria, mas isto implicaria deixar Faro e Yimot esperando por mais de uma hora, o que não seria justo. Esperando por mais de duas horas, provavelmente. Além disso, tinha que admitir que estava ansioso para saber se os cálculos dos dois estudantes estavam de acordo com os seus.

Era uma decisão difícil: de um lado, o desejo que sentia por Raissta, do outro a necessidade de conhecer o resultado de uma importante questão científica. E embora tivesse obrigação de chegar na hora para o encontro que havia marcado com Faro e Yimot, percebeu, confuso, que também havia, de certa forma, marcado um encontro com Raissta… um encontro que era não só uma obrigação, mas também um prazer.

— Escute — disse, sentando-se no sofá e segurando a mão de Raissta entre as suas -, eu não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, posso? Quando falei com você ontem, não me lembrei que Faro e Yimot iriam me ver hoje no Observatório. Mas vou fazer um trato com você. Deixe-me cuidar logo do assunto com eles e em pouco tempo estarei de volta, e teremos a noite inteira para nós. Que tal?

— Esta noite você vai fotografar aqueles asteroides — disse ela, fazendo beicinho de novo, mas desta vez sem sorrir.

— Droga! Não importa. Posso pedir a Thilanda para me substituir. Ou a Hikkinan. Ou a quem estiver lá. Estarei de volta antes de Onos se pôr. Juro.

— Jura?

Ele apertou a mão de Raissta e lhe dirigiu um sorriso malicioso.

— É um juramento que eu tenho todo o interesse em cumprir. OK? Não está zangada?

— Hum…

— Vou me livrar de Faro e Yimot o mais depressa que puder.

— Acho bom. — Enquanto ele voltava a arrumar os papéis, Raissta perguntou: — Afinal, que há de tão importante nesse trabalho com Faro e Yimot?

— Estamos fazendo um estudo das forças gravitacionais.

— Isso não me parece uma coisa muito importante.

— Espero que não seja importante para ninguém — replicou Beenay. — Mas isto é uma coisa que ainda temos que investigar.

— Gostaria de saber o que você quer dizer com isto. Beenay olhou para o relógio e suspirou fundo. Yimot e Faro podiam esperar um minuto ou dois.

— Sabe que ultimamente venho estudando o movimento de Kalgash em torno de Onos, não sabe?

— Claro que sei.

— Muito bem. Há algumas semanas, descobri uma anomalia. Meus resultados não estavam de acordo com a Teoria da Gravitação Universal. Naturalmente, a primeira coisa que fiz foi refazer os cálculos. Acontece que a anomalia não desapareceu. Fiz todas as contas de novo pela terceira vez. E pela quarta. Sempre a mesma anomalia, qualquer que fosse o método utilizado.

— Oh, Beenay, sinto muito por você. Tem trabalhado tanto nisto e agora descobre que suas conclusões estão erradas…

— E se não estiverem?

— Mas você disse…

— No momento, não sei se meus cálculos estão corretos ou não. Tudo indica que estejam, mas ao mesmo tempo é difícil acreditar que não haja um erro. Verifiquei várias vezes, usando métodos diferentes, e obtive sempre o mesmo resultado, o que me assegura que não houve erro na computação. Entretanto, a resposta que venho obtendo é impossível. A única explicação que me ocorre é que estou partindo de uma hipótese falsa e fazendo tudo certo daí em diante. Neste caso, é claro que vou obter a mesma resposta errada, seja qual for o método que use para verificar os cálculos. Posso não estar vendo uma falha no conjunto inicial de postulados. Se você usar o valor errado para a massa do nosso planeta, por exemplo, acabará com a órbita errada, por mais precisos que sejam os cálculos. Está me acompanhando?

— Até agora, estou.

— Foi por isso que propus o problema a Faro e Yimot, sem a explicação exata do que se trata, e lhes pedi para calcular a coisa toda desde o princípio. Eles são rapazes espertos. Tenho certeza de que posso confiar na sua competência matemática. Se chegarem à mesma conclusão que eu, embora estejam abordando o problema de um ângulo que exclui totalmente os erros que eu possa haver cometido em minha linha de raciocínio, terei que admitir que meus resultados estão corretos, afinal.

— Mas seus resultados não podem estar corretos, Beenay. Você não disse que não estão de acordo com a Lei da Gravitação Universal?

— E se a Lei da Gravitação estiver errada, Raissta?

— O quê? O quê?

Raissta olhou para ele, espantada.

— Entende agora qual é o problema? — perguntou Beenay. — Entende por que estou ansioso para saber qual foi a conclusão de Yimot e Faro?

— Não. Não, não estou entendendo.

— Depois a gente continua a discutir o assunto. Prometo.

— Beenay… — fez Raissta, em tom aflito.

— Agora tenho que ir. Mas estarei de volta o mais cedo possível. Prometo!

5

Siferra não perdeu tempo. Pegou uma picareta e uma escova na tenda de equipamentos, que tinha sido entortada pela tempestade de areia, mas ainda estava quase intacta, e começou a escalar a colina de Thombo, seguida com esforço por Balik.

O jovem Eilis 18 saiu do abrigo e ficou olhando para cima, boquiaberto. Thuvvik e seus homens estavam um pouco mais distantes, observando a cena e coçando a cabeça, intrigados.

— Fique onde está! — gritou Siferra para Balik, quando chegou à fenda que a tempestade de areia tinha aberto na colina. — vou escavar um pouco para ver o que temos aqui

— Não devíamos fotografá-la primeiro e depois…

— Eu lhe disse para ficar onde está! — exclamou Siferra, de modo cortante, cravando a picareta na encosta, o que provocou uma pequena avalanche de terra que atingiu Balik na cabeça e nos ombros. Balik pulou para o lado, cuspindo terra.

— Desculpe — murmurou Siferra, sem olhar para baixo Ela golpeou a encosta uma segunda vez, alargando a fenda. Sabia muito bem que aquela não era a maneira certa de fazer as coisas. Seu antigo mestre, o grande SheIbik, provavelmente estava se contorcendo no túmulo. E o fundador da ciência, Galdo 221, na certa olhava para ela do seu lugar de honra no panteão dos arqueólogos e balançava com tristeza a cabeça.

Por outro lado, SheIbik e Galdo tinham tido a oportunidade de descobrir o que havia no interior da colina de Thombo e a tinham deixado passar. Se estava nervosa, se sua investigação estava sendo um pouco precipitada, eles simplesmente teriam que desculpá-la. Agora que a aparente tragédia da tempestade de areia se transformara em uma feliz casualidade, agora que o fim prematuro de sua carreira se transformara de forma inesperada em algo que poderia torná-la famosa, Siferra não podia esperar um minuto que fosse para descobrir o que estava enterrado ali. Simplesmente não podia.

— Olhe — comentou Siferra, removendo uma grande massa de entulho e começando a trabalhar com a escova. — Temos uma camada calcinada aqui, bem no nível das fundações da cidade ciclópica. O lugar deve ter sido destruído inteiramente por um incêndio. Mas se você olhar um pouco mais para baixo, verá que a cidade construída no estilo hachurado fica logo abaixo da linha do fogo. O povo ciclópico simplesmente construiu estas monumentais fundações por cima da cidade antiga…

— Siferra… — começou Balik, com timidez.

— Eu sei, eu sei. Mas deixe-me pelo menos ter uma ideia do que

está enterrado aqui. Só mais algumas escavações e depois a gente pode voltar a fazer as coisas da maneira certa. Ela se sentia como se estivesse transpirando dos pés à cabeça. Estava olhando com tanta força para as ruínas que seus olhos começaram a doer. — Não entende? Estamos no alto da colina e já encontramos duas cidades. Meu palpite é que se escavarmos um pouco mais abaixo, perto das fundações da cidade hachurada, vamos… Lá está! Lá está! Pela Escuridão, veja, Balik! Veja!

Apontou triunfante com a ponta da picareta.

Havia outra linha enegrecida, perto das fundações da cidade construída no estilo hachurado. Como a cidade ciclópica, ela também tinha sido destruída pelo fogo. E havia indícios de que tinha sido construída sobre as ruínas de uma cidade ainda mais antiga.

Balik deixou-se contagiar pelo entusiasmo da arqueóloga. Os dois, juntos, começaram a escavar na encosta da colina, a meio caminho entre a base e o cume. Eilis gritou perguntando que diabo estavam fazendo, mas não obteve resposta. Trabalhando febrilmente, removeram a areia secular depositada pelo vento, descendo mais dez centímetros, vinte, trinta…

— Está vendo o que eu vejo? — perguntou Siferra, afinal.

— É outra cidade, sim. Mas que estilo de arquitetura é esse?

A arqueóloga deu de ombros.

— É totalmente novo para mim.

— Para mim também. Uma coisa é certa: é um estilo muito arcaico.

— Não há dúvida. Mas acho que vamos encontrar coisas ainda mais arcaicas aqui. — Siferra olhou na direção do distante sopé da colina. — Sabe o que eu acho, Balik? Acho que aqui existem cinco, seis, sete, talvez oito cidades, umas por cima das outras. Eu e você podemos passar o resto de nossas vidas cavando nesta colina!

Olharam um para o outro, impressionados com a extensão da descoberta..

— É melhor eu ir buscar uma câmera — observou Balik, afinal.

— Boa ideia.

De repente, Siferra se sentiu quase calma. Chega desta busca frenética, pensou. Estava na hora de voltar a ser uma profissional. Hora de investigar aquela colina como uma cientista e não como uma jornalista ou uma caçadora de tesouros.

Primeiro, deixar Balik tirar suas fotos, de todos os ângulos. Depois, colher amostras do solo no sopé da colina, colocar as primeiras estacas de balizamento e passar por todas as outras formalidades preliminares.

Em seguida, fazer uma escavação-piloto, um poço atravessando toda a colina, para termos uma ideia do que realmente existe debaixo

de todo esse monturo. Depois, disse Siferra para si mesma, vamos descascar esta colina camada por camada. Vamos desmontá-la por inteiro, removendo cada estrato para ver o que existe por baixo, até chegarmos a solo virgem. Quando terminarmos esse trabalho, saberemos mais a respeito da pré-história de Kalgash do que todos os meus predecessores juntos conseguiram descobrir desde que os arqueólogos fizeram as primeiras escavações em Beklimot.

6

— Está tudo pronto para sua visita ao Túnel do Mistério, Dr. Sheerin — disse Kelaritan. — Por que não desce daqui a uma hora? vou mandar um carro buscá-lo no hotel.

— OK — disse Sheerin. — Até daqui a uma hora.

O psicólogo colocou o fone no gancho e se olhou solenemente no espelho do quarto. O rosto que olhou para ele de volta era o de um estranho. Parecia tão magro e abatido que se beliscou nas bochechas para ter certeza de que elas ainda estavam lá. Sim, ainda estavam lá, aquelas bochechas carnudas. Não perdera sequer um grama. A magreza estava toda em sua imaginação.

Sheerin dormira mal. Na verdade, tinha a impressão de haver passado a noite em claro. Na véspera, mal tocara na comida. Mesmo assim, não estava com fome. A ideia de descer para o café da manhã não o entusiasmava nem um pouco. Era uma sensação estranha para ele, a falta de apetite.

Estaria deprimido por causa das entrevistas da véspera com os pobres pacientes de Kelaritan? Ou simplesmente estava apavorado com a perspectiva de entrar no Túnel do Mistério?

Na realidade, a entrevista com os três pacientes não fora nada agradável. Fazia muito tempo que não clinicava, e o tempo que passara na Universidade de Saro evidentemente diminuíra o desprendimento profissional que permite que os praticantes da arte de curar lidem com os enfermos sem se deixarem abater pela dor e pela compaixão. Sheerin estava surpreso com a constatação de que se tornara uma pessoa muito mais sensível e vulnerável do que no passado.

O primeiro paciente, Harrim, o estivador… parecia tão forte! No entanto, quinze minutos de Escuridão durante a viagem pelo Túnel do Mistério tinham sido suficientes para reduzi-lo a um estado tal que a simples recordação do trauma o deixava histérico. Que tristeza!

Os outros dois pacientes, que visitara depois do almoço, estavam ainda em pior estado. Gistin 190, a professora, uma mulher frágil e bela, de olhos escuros, inteligentes, não parara de soluçar um só instante, e embora fosse capaz de se expressar com clareza e propriedade, pelo menos no começo, sua história -degenerara em meras lamúrias incoerentes depois de apenas algumas frases. E Chinimilit 97, o atleta adolescente, um espécime perfeito… Sheerin levaria muito tempo para esquecer a reação do rapaz quando o psicólogo abriu as cortinas do quarto. Onos estava a oeste no céu, com todo o seu brilho, e tudo que aquele jovem alto e musculoso conseguiu dizer foi: “A Escuridão… a Escuridão… antes de tentar se esconder

debaixo da cama!

A Escuridão… a Escuridão…

E agora, pensou Sheerin, preocupado, chegou a minha vez de dar um passeio no Túnel do Mistério. Claro que podia simplesmente se recusar a entrar no Túnel. Não havia nada no contrato de consultoria que assinara com o município de Jonglor que o obrigasse a pôr em risco sua sanidade mental. Poderia preparar um relatório perfeitamente aceitável sem necessidade de arriscar o pescoço.

Algo, porém, dentro dele, se rebelava contra esta manifestação de prudência. O orgulho profissional, entre outras coisas, o empurrava na direção do Túnel. Estava ali para estudar o fenômeno de histeria coletiva e ajudar as autoridades a descobrirem formas não só de curar as vítimas, mas de evitar que a tragédia se repetisse.

Como podia pretender explicar o que acontecera com as vítimas do Túnel sem fazer um estudo acurado das causas de suas perturbações? Ele tinha que ir. Recuar agora seria uma negligência criminosa. Também não queria que ninguém, nem mesmo aqueles estranhos ali em Jonglor, tivesse razões para acusá-lo de covardia. Lembrou-se das palavras cruéis dos colegas de infância: "O Bola é covarde! O Bola é covarde!" Tudo porque se recusara a trepar em uma árvore que estava obviamente acima da capacidade do seu corpo pesado e sem nenhuma agilidade.

Entretanto, o Bola não era nada covarde. Sheerin tinha certeza disto. Estava satisfeito consigo mesmo. Era um homem sensato, equilibrado. Apenas não queria que outras pessoas tirassem conclusões errôneas a respeito dele simplesmente por causa de sua aparência pouco heroica.

Além do mais, menos de uma pessoa em cada dez das que haviam entrado no Túnel do Mistério sofrera qualquer tipo de perturbação emocional. As pessoas afetadas deviam ser vulneráveis de alguma forma. E já que era uma pessoa equilibrada, Sheerin disse para si mesmo, não tinha nada a temer. Nada…

A… Temer… Repetiu essas palavras até se sentir mais calmo.

Mesmo assim, Sheerin não estava exatamente exultante quando desceu para esperar o carro do hospital.

Kelaritan estava no carro, juntamente com Cubello e uma mulher muito atraente chamada Varitta 312, que lhe foi apresentada como uma das pessoas que haviam projetado o Túnel. Sheerin cumprimentou a todos com vigorosos apertos de mão e um largo sorriso que esperava parecer convincente.

— Lindo dia para um passeio ao parque de diversões — disse, procurando parecer jovial.

Kelaritan olhou para ele, desconfiado.

— Ainda bem que pensa assim. Dormiu bem, Dr. Sheerin?

— Muito bem, obrigado. Pelo menos, tão bem quanto seria de se esperar, depois de ver aqueles infelizes ontem.

— Então o senhor não está otimista quanto à recuperação deles? — quis saber Cubello.

— Gostaria de estar — disse Sheerin, enigmático.

O carro descia a rua em marcha regular.

— Vamos levar uns vinte minutos para chegar ao local da Exposição do Centenário — explicou Kelaritan. — A Exposição em si deve estar repleta, como acontece todo dia, mas mandamos isolar uma boa parte do parque de diversões para não sermos perturbados. Como sabe, o Túnel do Mistério foi fechado quando o problema se agravou.

— Quer dizer depois que ocorreram as mortes?

— É claro que depois disto não podíamos manter o brinquedo funcionando — disse Cubello. — Mesmo antes, porém, já estávamos pensando em fechá-lo. Acontece que ainda não sabíamos se as pessoas que pareciam ter sido afetadas pelo passeio no Túnel estavam de fato sofrendo algum tipo de dano ou eram simplesmente vítimas de sugestão.

— É claro — disse Sheerin, secamente. — O Conselho da Cidade não fecharia um brinquedo tão lucrativo a não ser por uma razão realmente muito forte, como o fato de estar matando as pessoas de medo.

De repente, a atmosfera no interior do carro ficou gelada. Depois de algum tempo, Kelaritan quebrou o silêncio:

— O Túnel não era apenas um brinquedo lucrativo, mas uma atração que nenhum dos frequentadores da Exposição queria perder, Dr. Sheerin. Nos primeiros dias, as filas eram quilométricas.

— Mesmo depois que se tomou público que algumas pessoas que passavam pelo Túnel, como Harrim e a família, saíam de lá com perturbações mentais?

— Especialmente depois, doutor — disse Cubello.

— O quê?

— Desculpe-me se parece que estou tentando lhe explicar uma coisa que e da sua especialidade — disse o advogado, em tom melífluo -, mas eu gostaria de lembrar ao senhor que as pessoas gostam de ser assustadas, quando sabem que é de brincadeira. Uma criança nasce com três medos instintivos: de ruídos súbitos, de cair e da ausência de luz. É por isso que é considerado engraçado pular em cima de alguém e gritar “Bu!” É por isso que é divertido andar de montanha-russa. E é por isso que o Túnel do Mistério foi um sucesso. As pessoas saíam da Escuridão de pernas bambas, ofegantes, meio mortas de medo, mas tinham vontade de repetir… O fato de que umas poucas pessoas saíam do brinquedo em estado de choque serviu apenas para torná-lo ainda mais popular.

— Porque a maioria das pessoas achava que elas seriam fortes o bastante para agüentar sem problemas o que havia causado mal àqueles pobres infelizes, não é isso?

— Exatamente, doutor.

— E quando as pessoas começaram a sair, não apenas perturbadas, mas literalmente mortas de susto? Mesmo que os administradores da Exposição hesitassem em fechar o brinquedo, seria natural que os fregueses em potencial começassem a escassear, uma vez que a notícia das mortes se espalhasse.

— Pelo contrário — declarou Cubello, com um sorriso triunfante. — O mesmo mecanismo psicológico continuou em ação, só que ainda mais forte. Afinal de contas, se as pessoas de coração fraco queriam andar no brinquedo, era por sua conta e risco. O Conselho da Cidade discutiu o assunto longamente e decidiu colocar um médico na entrada e submeter todos os frequentadores a um exame médico antes de entrarem no Túnel. Depois disso, as filas aumentaram mais ainda.

— Nesse caso, por que o Túnel não continua aberto até hoje? — perguntou Sheerin. — Pelo que me contou, era de se esperar que os negócios estivessem indo de vento em popa, com as filas se estendendo de Jonglor até Khunabar. Um fluxo constante de fregueses entrando por um lado e um fluxo constante de cadáveres sendo retirado do outro.

— Dr. Sheerin!

— Falando sério: por que o Túnel foi fechado, já que nem as mortes assustaram a população?

— Havia o problema das indenizações — explicou Cubello.

— Ah! É claro!

— Na verdade, as mortes não foram muitas: três, penso eu, ou talvez cinco. As famílias dos falecidos receberam uma certa quantia em dinheiro, e os casos foram encerrados. O que se tornou um problema para nós não foram as mortes, mas os casos de distúrbios traumáticos. Começou a ficar evidente que alguns teriam que ser hospitalizados por períodos prolongados, o que representaria uma despesa permanente para o município.

— Compreendo — concordou Sheerin, de cara feia. Se eles simplesmente caem duros, é uma despesa fixa. Basta comprar os parentes e está tudo resolvido. Mas se ficam penando anos e anos em um hospital ou manicômio públicos, o custo pode se tornar proibitivo.

— Eu não diria isso com estas palavras — afirmou Cubello -, mas o senhor tem razão. Foi esse tipo de cálculo que o Conselho da Cidade se viu forçado a fazer.

— O Dr. Sheerin parece um pouco amargo esta manhã — disse Kelaritan para o advogado. — Talvez esteja com medo de entrar no Túnel.

— Não estou, não! — protestou Sheerin.

— Na verdade, não precisa inspecionar pessoalmente…

— Preciso, sim — declarou Sheerin, com firmeza.

Todos ficaram em silêncio no interior do carro. Sheerin olhou para a paisagem que desfilava do lado de fora, para as árvores estranhas, de casca escamosa, para os arbustos com flores de cores vivas e metálicas, para as casas altas e estreitas, com telhados pontudos. Poucas vezes estivera tão ao norte do equador. Havia alguma coisa de muito desagradável naquela província… e também naquele grupo de pessoas cínicas e fingidas. Seria um alívio quando pudesse voltar para Saro. Antes, porém… o Túnel do Mistério…

A Exposição do Centenário de Jonglor ficava em um grande parque a leste da cidade. Era praticamente uma mini cidade e constituía um espetáculo e tanto, pensou Sheerin.

Ele viu fontes, galerias, torres reluzentes, rosa e turquesa, feitas de plástico iridescente e duro como pedra. Grandes pavilhões mostravam tesouros artísticos de todas as províncias de Kalgash, produtos industriais, as últimas maravilhas científicas. Em cada canto havia alguma coisa interessante e agradável à vista. Milhares de pessoas, talvez centenas de milhares, passeavam pelas largas avenidas.

Sheerin tinha ouvido dizer que a Exposição do Centenário de Jonglor era uma das maravilhas do mundo e agora podia constatar que não havia exagero na afirmação. Poder visitá-la constituía um raro privilégio. Ela só acontecia uma vez a cada cem anos, para comemorar o aniversário da fundação da cidade, e ficava aberta durante três anos. Diziam que aquela, a Exposição do Quinto Centenário de Jonglor, tinha sido a maior de todas. De repente, sentiu uma alegria infantil, que não experimentava há muitos anos, por estar ali. Gostaria de ter tempo, mais tarde, para visitar a Exposição.

Entretanto, seu humor mudou abruptamente quando o carro se desviou da Exposição e entrou em uma estrada lateral que levava ao parque de diversões. Ali, como Kelaritan dissera, havia uma área cercada por cordões de isolamento. Os visitantes olharam de cara feia quando Cubello, Kelaritan e Varitta 312 o conduziram na direção do Túnel do Mistério. Sheerin podia ouvi-los resmungar, zangados, um ruído surdo que o deixou nervoso e mesmo um pouco assustado.

Percebeu que o advogado dissera a verdade: aquelas pessoas estavam aborrecidas porque o Túnel tinha sido fechado. Estão com inveja, pensou Sheerin admirado. Sabem que estamos indo para o Túnel e gostariam de poder ir também. Apesar de tudo que aconteceu.

— Vamos por aqui — disse Varitta.

A entrada do Túnel era uma gigantesca estrutura em forma de pirâmide, afunilada dos lados, em uma perspectiva estranha, estonteante. No centro havia um grande portão sextavado,

dramaticamente revestido de vermelho e dourado. Estava fechado. Varitta tirou uma chave do bolso e abriu uma pequena porta lateral. Entraram.

Do lado de dentro, as coisas pareciam muito mais prosaicas. Sheerin viu uma série de cercas de metal, destinadas sem dúvida a orientar a fila dos que esperavam para andar no brinquedo. Mais além, havia uma plataforma parecida com a de uma estação de estrada de ferro, com um comboio de pequenos vagões abertos. E mais além… Escuridão.

— Quer assinar aqui, doutor? — pediu Cubello. Sheerin olhou para o papel que o advogado lhe entregara. Estava cheio de palavras impressas com letra miúda.

— Que é isso?

— Uma declaração isentando-nos de responsabilidade. É o formulário padrão.

— Ah, sim. — Sheerin rabiscou o seu nome, sem nem tentar ler o que estava escrito. Você não está com medo, disse para si mesmo. Não há nada a temer.

Varitta 312 colocou um pequeno aparelho em sua mão.

— É um controle remoto — explicou. — O passeio inteiro leva quinze minutos, mas se o senhor se der por satisfeito com o que já viu ou começar a passar mal, basta apertar este botão verde aqui que as luzes se acenderão na mesma hora. O seu carro irá rapidamente para o final do Túnel, fará meia-volta e retornará à estação.

— Obrigado — disse Sheerin -, mas acho que não vou precisar.

— Leve-o, mesmo assim. Não custa nada.

— Pretendo aproveitar ao máximo o passeio — declarou o psicólogo, divertindo-se com a própria bravata. Mas também não preciso ser imprudente, disse para si mesmo. Não pretendia usar o controle remoto, mas seria tolice recusar-se a levá-lo. Não custava nada.

Entrou na plataforma. Kelaritan e Cubello estavam olhando para ele de forma muito expressiva. Podia praticamente ouvir o que estavam pensando: O gordo idiota vai virar geleia lá dentro. Pois que pensassem o que bem entendessem.

Varitta havia desaparecido. Na certa tinha ido ligar o mecanismo do Túnel. Isto mesmo. Lá estava ela, em uma cabine de controle, à direita da plataforma, fazendo sinal de que estava tudo bem.

— Já pode entrar no carro, doutor — disse Kelaritan.

— Está bem. Está bem.

Menos de um em cada dez foi afetado. Provavelmente, essas pessoas eram mais sensíveis à Escuridão do que a maioria. Eu não sou. Sou um indivíduo muito estável.

Entrou no vagão. Havia um cinto de segurança. Afivelou-o, depois

de ajustá-lo à cintura com alguma dificuldade. O vagão começou a andar lentamente, muito lentamente.

A escuridão estava à sua espera.

Menos de um em dez. Menos de um em dez. Compreendia o que era a síndrome da Escuridão. Isto, decerto, o protegeria. Embora toda a humanidade temesse instintivamente a ausência de luz, isso não queria dizer que a ausência de luz fosse necessariamente perigosa.

O perigo, Sheerin sabia muito bem, estava na reação das pessoas à ausência de luz. Era preciso manter-se calmo. A escuridão não era mais do que a ausência de luz, uma mudança nas condições externas. Estamos condicionados a temê-la porque vivemos em um mundo em que a escuridão não é natural, em que sempre existe luz, a luz de muitos sóis. Em certos dias, pode haver até quatro sóis no céu ao mesmo tempo; em geral, eles são três; nunca são menos de dois, e a luz de um só deles é suficiente para afastar a Escuridão.

A Escuridão… A Escuridão… A Escuridão!

Sheerin já havia entrado no Túnel. Atrás dele, o último vestígio de luz desaparecera. Viu-se perscrutando o vazio. Não havia nada à sua frente: nada. Um buraco. Um abismo. Uma zona de total ausência de luz. E estava mergulhando de cabeça nesse vácuo.

Ficou instantaneamente coberto de suor. Os joelhos começaram a tremer. A testa latejava. Colocou a mão diante do rosto, mas não conseguiu vê-la. Desista desista desista desista

Não. Não!

Sentou-se com o corpo ereto, os músculos tensos, os olhos bem abertos fitando teimosamente o mar de escuridão no qual mergulhava cada vez mais fundo. Medos primitivos chiavam e borbulhavam nas profundezas da sua alma, mas ele resistiu. Os sóis ainda estão brilhando fora do Túnel, disse para si próprio. Isto é apenas temporário. Daqui a quatorze minutos e trinta segundos, estarei do lado de fora.

Quatorze minutos e vinte segundos. Quatorze minutos e dez segundos. Quatorze minutos…

Mas será que o vagão estava mesmo se movendo? Era difícil dizer. Talvez tivesse parado. O mecanismo que o movimentava era silencioso; não havia pontos de referência.

E se estiver preso? Sentado aqui, no escuro, sem maneira de saber onde estou, o que está acontecendo, quanto tempo está passando? Quinze minutos, vinte, meia hora?

Até o limite de minha sanidade mental ser ultrapassado, e então…

Ainda bem que eu trouxe o controle remoto.

E se ele não funcionar? E se eu apertar o botão verde e as luzes não se acenderem?

É melhor testá-lo. Só para ter certeza…

O Bola é covarde! O Bola é covarde!

Não. Não. Não toque nisto. Uma vez que você acenda as luzes, não poderá apagá-las de novo. Você não deve usar o controle remoto, ou eles saberão… eles saberão…

O Bola é covarde! O Bola é covarde!

De repente, para sua própria surpresa, arremessou o controle remoto na escuridão. Houve um leve ruído quando ele caiu… em algum lugar. Depois, o silêncio voltou.

Sentiu as mãos terrivelmente vazias.

A Escuridão… A Escuridão…

A Escuridão parecia não ter fim. Estava mergulhando em um abismo infinito. Caindo, caindo, caindo na noite, na noite sem fim, no negro que tudo devora…

Respire fundo. Procure se controlar.

E se os danos mentais forem permanentes?

Procure se controlar, repetiu para si mesmo. Nada vai acontecer. Você tem que agüentar apenas mais onze minutos, na pior das hipóteses. Talvez sejam apenas seis ou sete. Os sóis estão brilhando lá fora. Seis ou sete minutos e nunca mais você terá que suportar a Escuridão, mesmo que viva mil anos.

A Escuridão…

Oh, meu Deus, a Escuridão…

Calma. Calma. Você é um homem muito estável, Sheerin. Tem uma mente excepcionalmente equilibrada. Estava no seu juízo perfeito quando entrou nesta coisa e vai estar no seu juízo perfeito quando sair.

Tic. Tic. Tic. A cada segundo, você está mais próximo da saída. Está mesmo? Pode ser que este passeio jamais termine. Eu poderia ficar aqui para sempre. Tic. Tic. Tic. Estou andando? Quanto tempo me resta? Cinco minutos? Cinco segundos? Ou ainda estou no primeiro minuto? Tic. Tic.

Por que eles não me deixam sair? Não veem que estou sofrendo? Eles não querem deixar você sair. Nunca mais vão deixar você sair. Eles vão…

De repente, uma dor lancinante entre os olhos. Uma explosão de agonia dentro da cabeça.

Que foi isso? Luz!

Será possível? Sim. Sim.

Graças a Deus. É luz, sim! Graças a Deus!

Tinha chegado ao final do Túnel! Estava voltando à estação! Só podia ser isto. Sim. Sim. O coração, que havia disparado, começava a voltar ao normal. Os olhos, agora adaptados à volta das condições normais, se focalizaram em coisas familiares, em coisas abençoadas,

nas pilastras, na plataforma, na pequena janela da cabine de controle…

Cubello e Kelaritan estavam olhando para ele.

Agora, sentia vergonha da própria covardia. Aja normalmente, Sheerin. Afinal, não foi tão mau assim. Você está bem. Não está deitado no fundo do vagão, chorando e chupando o dedo. Foi duro, foi aterrorizante, mas não afetou você… não foi nada que você não pudesse agüentar…

— Tudo bem. Estenda sua mão, doutor. Assim… assim… Puseram-no de pé e puxaram-no para fora do carro. Sheerin respirou fundo. Passou a mão na testa, para tirar o suor.

— Acho que perdi o controle remoto — murmurou.

— Como está se sentindo? — perguntou Kelaritan. Como foi?

Sheerin cambaleou. O diretor do hospital segurou-o pelo braço, tentando ampará-lo, mas Sheerin o empurrou, indignado. Não ia deixar que pensassem que uns poucos minutos dentro do Túnel o haviam feito perder a compostura.

Entretanto, não podia negar que tinha sido afetado. Por mais que se esforçasse, era impossível esconder o fato. Nem mesmo de si próprio. De repente, deu-se conta de que nenhuma força do mundo o faria entrar de novo naquele Túnel.

— Doutor? Doutor?

— Está… tudo… bem — murmurou, com voz pastosa.

— Ele disse que está tudo bem — falou o advogado. Recuem. Deixem-no respirar.

— As pernas dele estão tremendo — protestou Kelaritan. — Ele pode cair.

— Não! — exclamou Sheerin. — Não se preocupe! Está tudo bem!

Cambaleou, recuperou o equilíbrio, cambaleou de novo. Estava banhado de suor. Olhando por cima do ombro, viu a boca do Túnel e estremeceu. Dando as costas para aquela caverna negra, levantou os ombros, como se quisesse esconder o rosto entre eles.

— Doutor? — disse Kelaritan, indeciso.

Não adiantava fingir. Era tolice, aquela tentativa inútil e teimosa de bancar o herói. Que pensassem que era um covarde. Que pensassem o que quisessem. Aqueles quinze minutos tinham sido o pior pesadelo de sua vida. O impacto ainda estava penetrando, penetrando, penetrando.

— Foi uma experiência… perturbadora — declarou. — Muito desagradável.

— Mas o senhor se saiu muito bem, não é verdade? — disse o advogado, em tom ansioso. — Ficou um pouco abalado, é claro. Quem não ficaria, depois de passar quinze minutos na Escuridão? Mas não aconteceu nada demais. Como sabíamos que não iria acontecer. São

poucas, muito poucas as pessoas que sofrem qualquer tipo de…

— Não é verdade — interrompeu Sheerin. O rosto do advogado era como uma górgona sorridente. Como o rosto de um demônio. Não agüentava olhar para ele. Mas uma boa dose de verdade seria suficiente para exorcizar o demônio. Não havia a menor necessidade de ser diplomático, pensou Sheerin. Não quando estava conversando com demônios.

— É impossível alguém andar naquela coisa sem correr um sério perigo. Agora tenho certeza disto. Mesmo as pessoas mais equilibradas são submetidas a uma tensão terrível, e as mais fracas simplesmente desmoronam. Se abrirem de novo aquele brinquedo, todos os hospícios das quatro províncias estarão lotados em menos de seis meses.

— Pelo contrário, doutor…

— Não me venha com "pelo contrário"! Já entrou no Túnel, Cubello? Não, acho que não. Pois eu entrei. Vocês estão pagando por minha opinião profissional. Pois vão tê-la agora mesmo. O Túnel é extremamente perigoso. É uma simples questão de natureza humana. A Escuridão é mais do que qualquer um de nós consegue suportar, e isto não vai mudar nunca, pelo menos enquanto tivermos um sol brilhando no céu. Fechem de uma vez por todas o Túnel, Cubello! Em nome do bom senso, homem, fechem o Túnel! Acabem com ele!

7

Depois de estacionar a motoneta no terreno da faculdade, bem sob a cúpula do Observatório, Beenay, a passos largos, tomou o caminho que levava à entrada principal do edifício. Quando começou a subir os amplos degraus de pedra que conduziam ao saguão, teve um sobressalto ao ouvir alguém chamá-lo pelo nome.

— Beenay! Que bom que você apareceu!

O astrônomo levantou os olhos. A silhueta alta, maciça, de seu amigo Theremon 762, do jornal Crônica, se recortava contra a grande porta do Observatório.

— Theremon? Estava à minha procura?

— Estava. Mas disseram-me que você só iria chegar daqui a algumas horas. No momento em que eu estava indo embora, encontro você. Que sorte!

Beenay galgou os últimos degraus, e os dois trocaram um rápido abraço. Ele conhecia o jornalista há três ou quatro anos, desde que Theremon estivera no Observatório para entrevistar algum cientista, qualquer cientista, a respeito do último manifesto dos Apóstolos do Fogo. Aos poucos, ele e Theremon haviam se tornado amigos íntimos, embora Theremon fosse cinco anos mais velho e viesse de um meio mais livre, mais eclético. Beenay gostava da ideia de ter um amigo que não estivesse envolvido na política universitária, e Theremon estava radiante por conhecer alguém que não estava absolutamente interessado em usar de sua influência considerável nos meios jornalísticos.

— Algum problema? — perguntou Beenay.

— Nenhum. Eu apenas gostaria que você representasse de novo o papel de Voz da Ciência. Mondior fez outro de seus famosos discursos na linha de “Arrependam-se, o fim do mundo está próximo!” Agora ele diz que está pronto para revelar a hora exata em que o mundo será destruído. Caso você esteja interessado, isso vai acontecer no ano que vem, no dia 19 de Theptar.

— Que maluco! E perda de tempo publicar as coisas que ele diz. Por que será que as pessoas levam os Apóstolos tão a sério?

Theremon deu de ombros.

— A verdade é que as pessoas acreditam nos Apóstolos. Muita gente, Beenay. E se Mondior diz que o fim está próximo, preciso de alguém que se levante e diga: “Não é verdade, irmãos e irmãs! Não temam! Está tudo bem!” Ou coisas parecidas. Posso contar com você, não posso, Beenay?

— Sabe que pode.

— Esta noite?

— Esta noite? Puxa, Theremon, acho que esta noite não vai dar. De quanto tempo você precisa?

— Meia hora? Quarenta e cinco minutos?

— Escute, tenho um encontro importante daqui a alguns momentos. Foi por isso que vim para cá mais cedo. Depois, jurei a Raissta que vou para casa passar uma hora ou duas com ela. Nos últimos tempos, mal conseguimos nos ver. Mais tarde, vou voltar ao Observatório para supervisionar uma sessão de fotografias e…

— Está bem. Já percebi que escolhi a hora errada. Não há problema, Beenay. Só vou entregar a reportagem amanhã à tarde. Que tal conversarmos de manhã?

— De manhã? — repetiu Beenay, em tom indignado.

— Sei que parece absurdo, mas o que tenho em mente é o seguinte: posso chegar aqui quando Onos estiver nascendo, assim que você estiver terminando seu trabalho noturno. Antes de ir para casa dormir, você me concede uma pequena entrevista. Que tal?

— Bem…

— É para um amigo, Beenay.

Beenay dirigiu ao amigo um olhar impaciente.

— Claro que não vou me negar a lhe dar uma entrevista. Não é esta a questão. O que estou pensando é que vou estar com tanto sono, depois de passar a noite trabalhando, que a entrevista vai ficar uma droga.

Theremon sorriu.

— Isso não me preocupa nem um pouco. Sei muito bem que quando você começa a falar de ciência, seu sono desaparece como que por encanto. Amanhã de manhã, ao nascer de Onos, então? No seu escritório?

— Certo.

— Obrigado, amigo. Fico lhe devendo essa.

— Que é isso!

Theremon cumprimentou o amigo e começou a descer a escadaria.

— Dê lembranças à bela Raissta — disse. — Vejo você amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã — repetiu Beenay.

Como aquilo soava estranho! Nunca via ninguém de manhã. Mas faria uma exceção no caso de Theremon. Afinal, era para isso que serviam as amizades, não era?

Beenay voltou-se e entrou no Observatório. Lá dentro, as luzes eram suaves e estava tudo calmo no silêncio familiar do grande palácio da ciência em que passara a maior parte do tempo desde que entrara para a universidade. Mas aquela calma, como bem sabia, era ilusória. Aquele prédio imponente, como os lugares mais mundanos do

planeta, era palco de conflitos de todos os tipos, desde as discussões filosóficas mais elevadas até os ciúmes, invejas e intrigas mais triviais. Os astrônomos, como uma classe, não eram mais virtuosos do que os membros de outras profissões.

Mesmo assim, o Observatório era um santuário para Beenay e para a maior parte das pessoas que trabalhavam lá. Era um lugar onde podiam esquecer os problemas do dia a dia e se dedicar à luta sem fim para decifrar os enigmas do universo.

Atravessou com rapidez o saguão principal, tentando, sem sucesso como sempre, disfarçar o ruído das botas no piso de mármore.

Como sempre fazia, olhou para os mostruários nas paredes da direita e da esquerda, onde alguns dos artefatos sagrados da história da astronomia se encontravam em exibição permanente. Ali estavam os telescópios primitivos, quase cômicos, que eram usados por pioneiros como Chekktor e Stanta há quatrocentos ou quinhentos anos. Ali estavam os restos calcinados de meteoritos que haviam caído do céu, testemunhas enigmáticas de mistérios que se escondiam atrás das nuvens. Ali estavam as primeiras edições dos grandes livros de astronomia e mapas celestes, e os originais amarelecidos pelo tempo de alguns dos trabalhos teóricos dos grandes pensadores.

Beenay parou por um momento diante do último desses originais, que, ao contrário dos outros, parecia quase novo. O que era natural, pois tinha apenas uma geração de existência. Era o tratado de Athor 77 a respeito da Teoria da Gravitação Universal, publicado pouco antes de Beenay nascer. Embora não fosse um homem religioso, Beenay olhou para a fina brochura com um sentimento que se aproximava da reverência, e o que pensou poderia ser confundido com uma oração.

Para ele, a Teoria da Gravitação Universal era um dos pilares básicos do cosmo. Talvez o mais importante. Não podia imaginar o que faria se aquele pilar fosse removido. E, no momento, tinha a impressão de que isso estava para acontecer. Na extremidade do saguão, atrás de uma imponente porta de bronze, ficava o escritório do Dr. Athor.

Beenay deu uma olhada rápida para a porta e começou a subir a escada.

O venerável diretor do Observatório, ainda em atividade, era a última pessoa do mundo que Beenay queria ver naquele momento. Faro e Yimot estavam à sua espera no segundo andar, na Sala de Mapas, onde tinham combinado de se encontrar.

— Desculpem o atraso — disse Beenay. — Tive uma tarde muito complicada.

Eles lhe responderam com um sorriso nervoso. Que dupla estranha, pensou, pela milésima vez. Ambos tinham nascido em uma

província do interior. Sithin, talvez, ou Gatamber.

Faro 24 era baixinho e gorducho e seus movimentos eram lânguidos, quase indolentes. Tinha um estilo casual e bonachão. O amigo Yimot 7O era incrivelmente alto e magro. Parecia mais uma escada dotada de braços, pernas e uma cabeça que ficava tão longe dos mortais comuns, perdida na estratosfera, que era quase preciso um telescópio para vê-la. Yimot era tão tenso e inquieto quanto o amigo era tranquilo. Mesmo assim, eram inseparáveis, sempre haviam sido. De todos os jovens alunos de pós-graduação, um degrau abaixo de Beenay na hierarquia do Observatório, eram sem dúvida os mais inteligentes.

— Faz pouco tempo que chegamos — disse Yimot.

— Um minuto ou dois, Dr. Beenay — acrescentou Faro.

— Não me chame de "doutor" — protestou Beenay. — Ainda falta defender minha tese. Como foram os cálculos?

— Isso tem a ver com a gravitação, não é? — perguntou Yimot, balançando as pernas impossivelmente longas.

Faro cutucou-o com tanta força com o cotovelo nas costelas que Beenay julgou ouvir o barulho de ossos quebrando.

— Acertou na mosca, Yimot — disse Beenay, com um sorriso amarelo. — Queria que isso fosse para vocês um exercício matemático puramente abstrato. Entretanto, não me surpreende que vocês tenham adivinhado de que se trata. Mas só descobriram a verdade depois de terminarem os cálculos, não é verdade?

— Sim, senhor — concordaram Yimot e Faro em uníssono.

— Fizemos as contas primeiro — começou Faro.

— Depois, na hora de rever os cálculos, a ideia nos ocorreu — concluiu Yimot.

— Ah. Entendo — disse Beenay. — Aqueles rapazes, às vezes, o deixavam assustado. Eram tão jovens! Na verdade, tinham apenas seis ou sete anos a menos que ele, mas ele era professor-assistente, e eles eram estudantes, o que causava uma grande barreira. Jovens como eram, porém, tinham uma compreensão tão profunda das coisas!

Não estava exatamente satisfeito por haverem adivinhado o propósito daqueles cálculos. Para dizer a verdade, não estava nada satisfeito. Em poucos anos, seriam professores como ele, talvez competindo pela mesma cátedra que esperava um dia conquistar, e isso não seria nada agradável. Mas era melhor não pensar nisso.

Estendeu a mão para a listagem de computador.

— Posso ver?

Yimot passou-lhe o papel com mãos trêmulas. Beenay correu os olhos pelos números, calmamente a princípio, depois com agitação crescente.

Durante o ano inteiro estivera pensando em certas implicações da

Teoria da Gravitação Universal, que seu mestre Athor ajudara a elevar a tal pináculo de perfeição. O grande triunfo de Athor, o coroamento de sua brilhante carreira, havia sido o cálculo dos movimentos orbitais de Kalgash e de todos os seus seis sóis de acordo com os princípios racionais das forças atrativas.

Beenay usara computadores de última geração para calcular a órbita de Kalgash em torno de Onos, o sol principal, e constatara, horrorizado, que os resultados não estavam de acordo com a Teoria da Gravitação Universal. De acordo com a teoria, no início daquele ano, Kalgash devia estar aqui em relação a Onos, quando, na verdade, os dados experimentais mostravam, sem sombra de dúvida, que o planeta estava ali.

A diferença era pequena (umas poucas casas decimais), mas não podia ser ignorada. A Teoria da Gravitação Universal: era tão precisa, que a maioria das pessoas preferia chamá-la de Lei da Gravitação Universal. Suas bases matemáticas eram consideradas impecáveis. Entretanto, uma teoria que se propõe a explicar os movimentos dos astros no espaço não tem lugar para discrepâncias. Ou é completa ou não é completa; não existe meio-termo. Além disso, Beenay sabia muito bem que uma diferença de algumas casas decimais em um cálculo limitado se transformaria em um erro gigantesco se tentassem fazer cálculos mais ambiciosos. De que serviria toda a Teoria da Gravitação Universal se a posição prevista para Kalgash dali a cem anos divergisse em meia órbita da posição real?

Beenay refizera os seus cálculos até a exaustão. Os resultados eram sempre os mesmos.

Em quem deveria acreditar?

Em si mesmo ou no esquema dominante do mestre Athor? Nos seus modestos conhecimentos de astronomia ou na vasta experiência de Athor, o homem que decifrara a estrutura fundamental do universo?

Imaginava-se de pé na cúpula do Observatório, gritando: “Escutem-me, todos! A teoria de Athor está errada! Posso provar isso!” Certamente, ririam dele às gargalhadas.

Quem era Beenay para desafiar um dos maiores cérebros de Kalgash? Como um reles professor assistente se atrevia a refutar a Lei da Gravitação Universal?

E no entanto… no entanto. .

Continuou a examinar as listagens que Yimot e Faro haviam preparado. Os cálculos nas duas primeiras páginas eram novos para ele. Ao apresentar os dados aos estudantes, tomara cuidado para que as relações a partir das quais os números tinham sido obtidos não ficassem óbvias. Os dois haviam abordado o problema de uma forma que qualquer astrônomo empenhado em calcular a órbita de Kalgash

consideraria muito pouco ortodoxa. Mas esta era exatamente sua intenção. A abordagem ortodoxa o levara apenas a conclusões catastróficas. Entretanto, conhecendo o que conhecia, era impossível evitar a abordagem ortodoxa. Faro e Yimot, por outro lado, tinham tido mais liberdade para analisar o problema.

Enquanto tentava reconstituir a linha de raciocínio que os dois estudantes haviam seguido, Beenay pôde perceber que os cálculos se aproximavam gradualmente dos seus.

Ao chegar à terceira página, estava de volta aos seus próprios resultados, que àquela altura conhecia praticamente de cor.

Dali em diante, tudo se seguia de forma impecável, passo a passo, até a mesma conclusão espantosa, estarrecedora, inconcebível.

Beenay olhou, preocupado, para os dois estudantes.

— Será que vocês não cometeram algum erro? Esta série de integrações, por exemplo… parece bem complicada…

— Professor! — exclamou Yimot, com indignação. Seu rosto estava afogueado e os braços se agitavam com se estivessem se movendo por conta própria.

— Acho que a possibilidade de erro é mínima, professor. Conferimos as contas várias vezes — declarou Faro, em tom bem mais tranquilo.

— É. Acho que estão certos — concordou Beenay, muito sério. Não queria revelar a emoção que estava sentindo, mas as mãos tremiam tanto que as folhas de computador começaram a farfalhar. Tentou colocá-las sobre a mesa, mas o pulso fez um movimento incontrolável, parecido com os de Yimot, e elas escaparam por completo de sua mão, espalhando-se no piso.

Faro ajoelhou-se para apanhá-las. Olhou, preocupado, para Beenay.

— Professor, se está aborrecido conosco por alguma razão…

— Não. Não, nada disso. Não dormi bem antes de vir para cá, este é o problema. Vocês fizeram um bom trabalho sem dúvida, excelente. Estou orgulhoso. Pegar um problema como este, que não tem nenhuma relação com a realidade, que na verdade está em total contradição com a verdade científica, e segui-lo metodicamente até a sua conclusão lógica, sem se deixar intimidar pelo fato de que a premissa inicial é de um absurdo patente… Sim, é um trabalho esplêndido, uma demonstração admirável dos poderes da lógica, uma experiência imaginária de primeira ordem…

Observou que os dois se entreolharam. Será que estava conseguindo enganá-los?

— Agora — prosseguiu -, vão ter que me desculpar, porque tenho outro compromisso…

Enrolando em um cilindro apertado as malditas listagens, Beenay

colocou-as debaixo do braço, deu meia-volta e saiu da sala. Atravessou o corredor quase correndo, rumando para a segurança e a privacidade de seu pequeno escritório.

Meu Deus, pensou. Meu Deus, meu Deus, meu Deus, que foi que eu fiz? Que vou fazer agora?

Enterrou a cabeça entre as mãos e esperou que ela parasse de latejar. Só que ela se recusou a parar. Depois de alguns momentos, endireitou o corpo e apertou o botão do comunicador.

— Ligue-me com a Crônica — disse para a máquina. Quero falar com Theremon 762.

O comunicador deixou escapar uma longa sequência de estalidos e assovios. De repente, ouviu a voz grave do amigo:

— Mesa de notícias. Theremon 762 falando.

— Aqui é Beenay.

— Quem? Pode falar mais alto?

Beenay percebeu que sua voz estava reduzida a um fiapo.

— Aqui é Beenay! Eu… eu queria mudar a hora da nossa entrevista.

— Rapaz, sei como se sente de manhã,

— Mudar? Escute…

— Mas preciso falar com você antes do meio-dia, senão adeus reportagem .

— Não está entendendo. Quero antecipar a entrevista, Theremon.

— O quê?

— Para esta noite. Às nove e meia, digamos. Ou as dez, se você não puder antes.

— Pensei que você tivesse que tirar fotografias no Observatório.

— Para o inferno com as fotografias! Preciso falar com você.

— Precisa? Beenay, o que houve? Foi alguma coisa com Raissta?

— Raissta não tem nada a ver com isto. Às nove e meia? No Seis Sóis?

— No Seis Sóis, às nove e meia. Combinado — disse Theremon.

Beenay desligou e ficou olhando para o cilindro de papel à sua frente, balançando a cabeça com um ar sombrio. Sentia-se um pouco mais calmo agora, apenas um pouco mais. Seria mais fácil carregar aquele fardo depois que compartilhasse o segredo com Theremon. Confiava cegamente no amigo. Os repórteres não eram famosos pela sua discrição, mas Theremon era em primeiro lugar um amigo, e só depois um jornalista, Jamais traíra a confiança de Beenay.

Mesmo assim, Beenay não tinha a menor ideia do que iria fazer em seguida. Talvez Theremon pensasse em alguma coisa. Talvez.

Deixou o Observatório pela saída dos fundos, esgueirando-se como se fosse um ladrão. Não queria se arriscar a um encontro com Athor. Detestaria ter que encará-lo de frente, agora que sabia o que

sabia.

A viagem de volta para casa foi uma verdadeira tortura. Tinha a impressão de que a qualquer momento as leis da gravidade perderiam a validade e sua motoneta se projetaria para fora da estrada. Afinal, chegou ao pequeno apartamento que dividia com Raissta 717.

Ela teve um sobressalto quando o viu.

— Beenay! Você está pálido como um…

— Como um fantasma — completou o astrônomo, tomando-a nos braços. — Abrace-me — disse. — Abrace-me.

— Que foi? Que aconteceu?

— Depois eu explico. Agora, estou precisando mesmo é de um abraço.

8

Theremon chegou ao Clube dos Seis Sóis pouco depois das nove. Resolveu pedir um drinque antes da chegada do amigo, para lubrificar o cérebro. O astrônomo havia soado horrível ao comunicador, como se estivesse à beira da histeria. Theremon não conseguia imaginar que coisa assustadora poderia ter acontecido com ele, na paz e solidão do Observatório, para transformá-lo em um farrapo humano em tão pouco tempo. O que sabia era que Beenay estava passando por maus pedaços e iria precisar de toda a ajuda que Theremon pudesse de lhe oferecer.

— Traga-me um Tano Especial — disse Theremon para o garçom. — Não, espere… é melhor trazer um duplo. Um Tano Sitha, OK?

— Um Tano Especial duplo — repetiu o garçom. — É para já.

A noite estava muito agradável. Theremon, que era conhecido no lugar e recebia tratamento especial, ocupava uma das mesas do terraço, com vista para a cidade. As luzes do centro brilhavam alegremente. Onos tinha se posto fazia apenas uma hora, e somente Trey e Patru estavam no céu, a leste, projetando uma dupla sombra, enquanto se deslocavam em direção ao horizonte.

Olhando para eles, Theremon imaginou quantos sóis estariam no céu no dia seguinte. Era sempre diferente, um espetáculo brilhante e mutável. Onos certamente… Onos estava sempre visível, pelo menos durante parte do dia, todos os dias do ano. Até ele sabia disso. E depois? Dovim, Tano e Sitha, para tornar o dia seguinte um dia de quatro sóis? Não sabia ao certo. Talvez fossem apenas Tano e Sitha, com Onos visível apenas por algumas horas, por volta do meio-dia. Nesse caso, seria um dia triste. Pensando melhor, não era época para Onos nascer tarde. Era mais provável que fosse um dia de três sóis, a menos que apenas Onos e Dovim estivessem visíveis. Era tão difícil guardar a conta…

Bem, se realmente se importasse, bastaria consultar uma folhinha. A verdade, porém, era que não se importava. Algumas pessoas sempre sabiam quais os sóis que estariam visíveis no dia seguinte (Beenay, com certeza, era uma delas), mas a atitude de Theremon era mais displicente. O que importava era que houvesse pelo menos um sol, fosse qual fosse, para iluminar o planeta no dia seguinte. E sempre havia. Pelo menos um. Às vezes, dois, três ou mesmo quatro. Cinco, em raras ocasiões.

O drinque chegou. Bebeu um gole e estalou a língua, satisfeito. Que coisa maravilhosa era um Tano Especial! O rum aromático das Ilhas VeIkareen, misturado com uma dose da bebida ainda mais forte

que era destilada na costa de Bagilar, e apenas uma colherzinha de suco de sgarrino, para quebrar o amargo… ah, perfeito! Theremon não bebia muito, pelo menos não à altura da fama dos repórteres, mas raro era o dia em que não arranjava tempo para um ou dois Tanos Especiais nas horas tranquilas depois que Onos se punha.

— Isso aí parece gostoso, Theremon — disse uma voz familiar atrás dele.

— Beenay! Você está adiantado!

— Cheguei dez minutos mais cedo. Que é que você esta bebendo?

— O de sempre. Um Tano Especial.

— Ótimo. Acho que vou tomar um também.

— Você?

Theremon olhou para o amigo, surpreso. Nunca o vira beber algo mais forte do que suco de frutas. Beenay parecia estranho àquela noite: nervoso, cansado, aflito. Seus olhos tinham um brilho quase febril.

— Garçom! — chamou Theremon.

Ficou assustado ao ver a forma como Beenay bebeu. Ele engasgou depois do primeiro gole, como se o impacto fosse mais forte do que esperava, mas logo partiu para o segundo e o terceiro.

— Calma — advertiu Theremon. — Desse jeito, vai ficar tonto.

— Já estou.

— Andou bebendo antes de vir para cá?

— Não foi bebida. Foi um choque. Uma surpresa. — Pousou o copo e olhou, pensativo, para as luzes da cidade. Depois, pegou o copo de novo, quase distraído, e bebeu o que restava de um gole só. — É melhor eu esperar um pouco antes de pedir outro, não acha, Theremon?

— Concordo plenamente. — Theremon inclinou o corpo para frente e pousou a mão de leve no pulso do amigo.

— Que é que está acontecendo com você, rapaz?

— É… difícil explicar.

Ora, vamos! Como sabe, em minha profissão eu já ouvi de tudo. Você e Raissta…

— Não! Já disse que isso não tem nada a ver com ela. Nada.

— Está bem. Eu acredito.

— Estou com vontade de tomar outro drinque — disse Beenay.

— Daqui a pouco. Vamos, Beenay. O que foi?

O astrônomo suspirou.

— Sabe o que é a Teoria da Gravitação Universal, não sabe, Theremon?

— Claro que sei. Quero dizer, não conheço a teoria. Só existem doze pessoas em Kalgash que conseguem compreendê-la perfeitamente, não é mesmo? Mas acho que posso lhe dizer o que

representa para a ciência.

— Então você também acredita nessa balela? — observou Beenay, com um riso irônico. — Pensa que a Teoria da Gravitação é tão complicada que apenas doze pessoas conseguem entendê-la?

— É o que dizem por aí.

— O que dizem por aí é um monte de bobagens. Posso resumir toda a matemática que realmente importa em uma única frase e tenho certeza de que você vai compreender.

— Pode? Vou?

— Tenho certeza. Preste atenção, Theremon: a Lei da Gravitação Universal ou, por outra, a Teoria da Gravitação Universal, afirma que existe uma força de atração entre todos os corpos do universo, tal que a força entre dois corpos quaisquer é proporcional ao produto das massas desses corpos dividida pelo quadrado da distância entre eles. É só isso.

— Só?

— Só! Mas levamos quatrocentos anos para descobri-la.

— Por que tanto tempo? Do jeito que você falou, parece muito simples.

— Porque as grandes leis não são descobertas em um lampejo de inspiração, como talvez você pense. Em geral, é necessário o trabalho combinado de um batalhão de cientistas durante um período de vários séculos. Depois que Genovi 41 descobriu que Kalgash gira em torno de Onos e não o contrário e isso aconteceu há quatrocentos anos, os astrônomos começaram a estudar por que os seis sóis aparecem e desaparecem do céu da forma como fazem. Os complexos movimentos dos seis sóis foram registrados e analisados. Teoria após teoria foi avançada, verificada, reverificada, modificada, abandonada, revivida e transformada em algo diferente. Foi um trabalho de cão.

Theremon assentiu, pensativo, e terminou seu drinque. Fez sinal para o garçom pedindo mais dois. Beenay parecia mais calmo agora que estava falando sobre ciência, pensou.

— Faz trinta anos — prosseguiu o astrônomo — que Athor 77 coroou o empreendimento, demonstrando que a Teoria da Gravitação Universal podia explicar perfeitamente os movimentos das órbitas dos seis sóis. Foi um feito notável. Uma das maiores realizações da história da ciência.

— Sei o quanto você admira o homem — disse Theremon -, mas o que isso tem a ver…

— Já chego lá. — Beenay se levantou e foi até o parapeito do terraço, levando o copo com ele. Ficou em silêncio por alguns instantes, olhando para Trey e Patru.

Theremon teve a impressão de que ele estava ficando agitado de novo, mas não disse nada. Afinal, Beenay bebeu um longo gole e disse,

sem se voltar para o repórter:

— O problema é o seguinte. Faz alguns meses, comecei a calcular de novo os movimentos de Kalgash em volta de Onos, usando o novo computador da universidade. Forneci ao computador as posições de Kalgash nas últimas seis semanas e lhe pedi para calcular as posições para o resto do ano. Não esperava surpresas. Acho que, na verdade, estava atrás de um pretexto para mexer no computador. Naturalmente, usei a lei da gravitação nos meus cálculos. — Voltou-se bruscamente para encarar o amigo. Seus olhos tinham uma expressão assustada. — Theremon, os resultados estavam errados!

— Não compreendo.

— A órbita que o computador calculou não correspondia à órbita real. Quero que entenda que eu não estava trabalhando apenas com a interação Kalgash-Onos. Eu levara em conta todas as perturbações causadas pelos outros sóis. E o que eu obtive, o que o computador considerava como a verdadeira órbita de Kalgash, era muito diferente da órbita indicada na Teoria de Gravitação de Athor!

— Mas você disse que havia levado em conta todas as perturbações possíveis.

— E verdade.

— Nesse caso, como… — De repente, os olhos de Theremon se iluminaram. — Minha nossa! Que furo de reportagem! Você está dizendo-me que o supercomputador da Universidade de Saro, que acaba de ser instalado a um custo de não sei quantos milhões de créditos, está fornecendo resultados imprecisos? Que o dinheiro dos contribuintes foi jogado fora? Que…

— Não há nada de errado com o computador, Theremon. Acredite.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Então como explica o que aconteceu?

— Talvez eu tivesse fornecido dados errados ao computador. O melhor computador do mundo não pode obter as respostas certas quando os dados são falsos.

— Então é por isso que você está tão aborrecido, Beenay! Escute rapaz, todos nós cometemos erros de vez em quando. Isto apenas mostra que você é humano. Por que não se acalma e…

— Eu tinha que ter absoluta certeza de que havia fornecido os números corretos ao computador, em primeiro lugar, e também de que o havia programado corretamente para processar esses números — prosseguiu Beenay, segurando o copo com tanta força que sua mão começou a tremer. Theremon notou que o copo estava de novo vazio. — Como você disse, todos nós cometemos erros de vez em quando. Por isso, fui falar com dois alunos de pós-graduação que

considero muito espertos e lhes pedi para calcularem tudo de novo. Esta noite me mostraram os resultados. Lembra-se de eu ter lhe dito que tinha um encontro importante? Theremon, eles confirmaram meus resultados na íntegra. A órbita teórica é diferente da real.

— Mas se o computador estava certo, então… então… — Theremon sacudiu a cabeça. — Então o quê? A Teoria da Gravitação Universal está errada? É isso que você está tentando me dizer?

— Isto mesmo.

As palavras pareceram sair com grande esforço da boca de Beenay. Ele parecia aturdido, chocado, arrasado. Theremon ficou olhando para o amigo. Não era de admirar que Beenay estivesse confuso. Não entendia, porém, porque a descoberta o deixara tão transtornado.

De repente, compreendeu tudo.

— É Athor! Você está com medo de magoar Athor, não é mesmo?

— Exatamente! — exclamou Beenay, dirigindo a Theremon um olhar de gratidão quase patético por haver entendido a situação. Desabou na cadeira, com os ombros caídos, a cabeça baixa, e disse, com voz embargada: — O velho é capaz de morrer de tristeza quando souber que alguém descobriu uma falha em sua teoria. E que fui eu, logo eu, quem descobriu essa falha. Ele tem sido como um segundo pai para mim, Theremon. Tudo que consegui fazer nos últimos dez anos foi graças à sua orientação, ao seu estímulo, ao… sim, porque não dizer? Ao seu amor. E agora eu o pago dessa forma. Eu não estaria apenas destruindo o trabalho de toda uma vida. Estaria esfaqueando o meu mestre pelas costas, Theremon.

— Já pensou em simplesmente manter sua descoberta em segredo?

Beenay olhou para o amigo, surpreso.

— Sabe que eu não poderia fazer isso!

— Sim. Sim, eu sei. Mas queria saber se você tinha chegado a pensar nesta solução.

— Se eu tinha chegado a pensar no impensável? Não, claro que não. Nem me passou pela cabeça. Que vou fazer, Theremon? Suponho que eu realmente poderia jogar fora todos os papéis e fazer de conta que jamais investiguei o assunto, mas isto seria monstruoso. Na verdade, tenho apenas duas escolhas: violentar a minha consciência ou trair Athor. Arruinar o homem que considero não só como expoente da minha profissão, mas também o meu mestre.

— Nesse caso, ele não deve ter sido um mestre tão bom assim.

O astrônomo fuzilou o amigo com os olhos.

— O que você está dizendo, Theremon!

— Calma, calma — disse Theremon, abrindo os braços em um gesto conciliatório. — Acho que você está fazendo pouco de Athor,

Beenay. Se ele é mesmo um grande homem, não vai colocar a própria reputação acima da verdade científica. Entende o que quero dizer? A teoria de Athor não é um dogma de fé. Não existe nenhuma teoria que não possa ser aperfeiçoada. Concorda comigo? A ciência é construída a partir de aproximações sucessivas. Você mesmo me disse isto, faz muito tempo, e nunca mais me esqueci. Ora, isto quer dizer que todas as teorias estão sujeitas a constantes testes e modificações, não é mesmo? E se, no final, ficar patente que não estão próximas o suficiente da verdade, terão que ser substituídas por teorias mais precisas. Certo, Beenay? Certo?

Beenay estava tremendo. Seu rosto estava muito pálido.

— Quer pedir mais um drinque para mim, Theremon?

— Não. Preste atenção, ainda não terminei. Você me disse que está muito preocupado com Athor. Ele está velho; é um pessoa cansada e vulnerável; você não tem coragem de dizer-lhe que encontrou uma falha em sua teoria. Muito bem. É uma atitude digna e decente. Mas vamos usar de bom-senso, está bem? Se o cálculo da órbita de Kalgash é tão importante, mais cedo ou mais tarde, alguém vai tropeçar na mesma falha da teoria de Athor, e essa outra pessoa provavelmente não terá o mesmo tato que você para revelar a verdade a Athor. Pode ser até que se trate de um rival de Athor, ou mesmo um inimigo dele. Os cientistas também têm inimigos, pelo menos é o que você cansa de me dizer. Não seria melhor você procurar Athor e lhe contar, com jeito, o que descobriu, em vez de deixar que ele fique sabendo pelas manchetes da Crônica?

— Tem razão — murmurou Beenay. — Você tem toda razão.

— Vai falar com ele, então?

— Vou. Acho que não me resta outra saída — Beenay mordeu os lábios. — Theremon, estou me sentindo como se fosse um assassino.

— Eu sei. Mas não é Athor que você vai matar, e, sim, uma teoria defeituosa. As teorias defeituosas devem ser eliminadas. Sua obrigação, para com Athor e para com você mesmo, é defender a verdade acima de tudo. — Theremon hesitou. Uma nova ideia lhe ocorrera. — Naturalmente, existe outra possibilidade. Sou apenas um leigo, você sabe, e pode ser que eu esteja dizendo uma bobagem. Existe a possibilidade de que a Teoria da Gravitação esteja correta, apesar de tudo, de que as observações da órbita de Kalgash também estejam corretas, e um fator totalmente desconhecido seja responsável pelas discrepâncias?

— Claro que a possibilidade existe — disse Beenay, em tom desanimado. — Mas no momento em que começamos a invocar misteriosos fatores desconhecidos, deixamos o terreno da ciência para entrar no da fantasia. Vou lhe dar um exemplo. Digamos que exista um sétimo sol, um sol invisível. Ele tem uma certa massa e, portanto,

exerce uma força gravitacional, mas não podemos vê-lo. Como não sabemos que existe, não foi incluído nos nossos cálculos, de modo que o resultado que obtivemos não corresponde à situação real. É em uma coisa assim que você está pensando?

— E por que não?

— Por que não imaginarmos que existem cinco sóis invisíveis? Ou cinquenta? Que tal um gigante invisível, que movimenta o planeta de acordo com os seus caprichos? Que acha de um dragão cujo bafo desvia Kalgash da órbita prevista? Não podemos provar que essas hipóteses são falsas, podemos? Quando você começa a especular, Theremon, qualquer coisa é possível e nada mais faz sentido. Para mim, pelo menos, é assim. Estou acostumado a lidar com fatos. Você pode estar certo quando diz que existe um fator desconhecido e, portanto, a lei da gravitação está certa. Espero sinceramente que tenha razão. Mas não posso basear meu trabalho em uma hipótese tão nebulosa. Só me resta procurar Athor, e isto vou fazer, prometo, e contar-lhe o que descobri. Não teria coragem de sugerir a ele nem a ninguém que as discrepâncias podem estar sendo causadas por um "fator desconhecido". Se fizesse isto, estaria igualando-me aos Apóstolos do Fogo, que alegam haver recebido toda a sorte de revelações místicas. Theremon, estou mesmo precisando de outro drinque agora.

— Está bem. Vou pedir. E por falar nos Apóstolos do Fogo…

— Você queria que eu desse uma declaração a respeito, eu me lembro. — Beenay passou a mão no rosto. — Vamos lá. Não vou desapontá-lo. Esta noite, você já me ajudou muito… Que foi exatamente que os Apóstolos disseram? Eu esqueci.

— Foi Mondior 71 — disse Theremon. — O Sumo Sacerdote em pessoa. O que ele afirmou… deixe-me pensar… foi que está chegando a hora em que os deuses pretendem fazer nosso mundo pagar pelos seus pecados. Ele disse que é capaz de calcular o dia exato, até mesmo a hora exata, em que o castigo chegará do céu.

— E qual é a novidade? Não é isso que eles vêm dizendo há anos?

— É verdade, mas agora estão começando a entrar em detalhes. Os Apóstolos afirmam, você sabe, que esta não será a primeira vez em que o mundo é destruído. Eles ensinam que os deuses, deliberadamente, fizeram o homem imperfeito, como um teste, e nos deram um único ano (um dos seus anos divinos, não dos nossos pequenos anos) para chegarmos à perfeição. É o chamado Ano de Divindade, e corresponde a exatamente 2049 dos nossos anos. Vez após vez, quando o Ano de Divindade termina, os deuses descobrem que ainda somos maus e pecadores, e destroem o mundo fazendo chover fogo de lugares sagrados no céu chamados Estrelas. Assim dizem os Apóstolos.

— Estrelas? Será que eles estão se referindo aos sóis?

— Não. Mondior afirma que as Estrelas não têm nada a ver com os seis sóis. Você não tem lido as últimas declarações de Mondior?

— Não. Por que deveria?

— Seja como for, quando o Ano de Divindade termina e os deuses constatam que não houve nenhum progresso em Kalgash, do ponto de vista moral, as Estrelas soltam algum tipo de fogo sagrado sobre nós e reduzem o planeta a cinzas. Mondior afirma que isso já aconteceu várias vezes. Cada vez que acontece, porém, os deuses são misericordiosos. Pelo menos, alguns deles. Cada vez que o mundo é destruído, os deuses bonzinhos convencem os deuses mais severos a oferecer aos homens mais uma oportunidade. Assim, os mais virtuosos são salvos do holocausto e recebem um novo prazo: a humanidade tem mais 2049 anos para se corrigir. Segundo Mondior, o prazo está quase se esgotando. Faz pouco menos de 2048 anos que ocorreu o último cataclismo. Daqui a quatorze meses, os sóis vão todos desaparecer e as hediondas Estrelas vão despejar fogo do céu negro para destruir os pecadores. Isso vai acontecer no ano que vem, no dia 19 de Theptar.

— Quatorze meses — repetiu Beenay. — Dia 19 de Theptar. Ele está sendo muito preciso, não acha? Será que também sabe a hora exata em que o desastre vai ocorrer?

— Ele diz que sim. É por isso que eu gostaria de publicar uma declaração de alguém ligado ao Observatório, você, de preferência. Mondior acaba de anunciar que a hora exata da catástrofe pode ser determinada cientificamente. Não se trata apenas de um dogma contido no Livro das Revelações, mas de um cálculo semelhante aos que os astrônomos fazem quando… quando…

Theremon vacilou e interrompeu o que estava dizendo.

— Quando calculamos os movimentos dos sóis e de Kalgash? — perguntou Beenay, em tom irônico.

— Isto mesmo — concordou Theremon, meio sem jeito.

— Então talvez o mundo não corra perigo, se os Apóstolos não podem fazer um trabalho melhor do que aquele que fazemos.

— Preciso de uma declaração, Beenay.

— É. Eu entendo. — Os novos drinques haviam chegado. Beenay segurou o copo com força. — Que tal isto? — disse, depois de pensar um pouco. — “O principal objetivo da ciência é separar o que é verdadeiro do que é falso, na esperança de descobrir como o universo de fato funciona. Colocar a verdade para trabalhar a serviço da falsidade não é o que nós, da universidade, consideramos como método científico. Hoje somos capazes de prever os movimentos dos sóis no céu; entretanto, mesmo com ajuda de nossos melhores computadores, não estamos mais próximos de conhecer a vontade dos

deuses. Nunca estaremos." Que tal?

— Perfeito. Vamos ver se eu peguei tudo. "O principal objetivo da ciência é separar o que é verdadeiro do que é falso, na esperança de… de…" O que vem depois, Beenay?

Beenay repetiu o que havia dito, palavra por palavra, como se tivesse sido cuidadosamente ensaiado. Depois, bebeu o terceiro drinque de um gole só. Levantou-se, sorriu pela primeira vez naquela noite, e sentiu-se um lixo.

9

Athor 77 franziu os olhos e examinou as listagens de computador que haviam sido colocadas sobre sua escrivaninha como se fossem mapas de um continente até então desconhecido. Estava muito calmo. Surpreso por sua calma.

— É muito interessante, Beenay — disse, devagar. — Muito, muito interessante.

— Naturalmente, professor, é possível que eu tenha cometido algum erro nas condições iniciais, e que Yimot e Faro…

— Vocês três se enganarem ao mesmo tempo? Não, Beenay, acho que podemos descartar essa possibilidade.

— Só queria lembrar ao senhor que não somos infalíveis.

— Por favor — disse Athor. — Deixe-me pensar. Era metade da manhã.

Onos, com toda a sua glória, iluminava o céu, que era visível através da ampla janela do escritório do diretor do Observatório. Dovim não passava de uma pequena mancha vermelha transitando alto ao norte.

Athor remexeu nos papéis, passando-os de um lado para outro da mesa. Não entendo por que estou reagindo com tanta tranquilidade, pensou. Beenay parecia muito mais nervoso do que ele. Será que estou em estado de choque?, especulou.

— Aqui, professor, está a órbita de Kalgash, de acordo com nossas observações. E aqui, na listagem, está a órbita calculada pelo novo computador…

— Fique quieto, Beenay. Eu disse que precisava pensar.

Beenay fez que sim com a cabeça. Athor sorriu para ele, o que lhe custou um certo esforço. O respeitado chefe do Observatório, um homem magro, alto, imponente, com uma vasta cabeleira branca, assumira há tanto tempo o papel de Austero Gigante da Ciência que era difícil para ele assumir atitudes tipicamente humanas. Pelo menos, era difícil para ele enquanto se encontrava no Observatório, onde todos o encaravam como uma espécie de semideus.

Em casa, com a esposa, os filhos e especialmente com o barulhento bando de netos, a coisa era diferente.

Quer dizer que a Lei da Gravitação Universal não estava tão correta?

Não! Não, isso era impossível! Todos os seus átomos, de comum acordo, protestaram contra a ideia. Athor estava convencido de que a Lei da Gravitação Universal era básica para qualquer tentativa de compreensão da estrutura do universo. Athor sabia disso. A lei era muito limpa, muito lógica, muito bela para estar errada.

Sem a Lei da Gravitação Universal, toda a lógica do cosmo se dissolveria no caos. Era inconcebível. Inimaginável. Mas aqueles números… aquelas malditas listagens de Beenay…

— Posso ver que ficou zangado, professor. — Beenay não parava de falar! — E quero que saiba que eu compreendo perfeitamente. Deve ter sido um grande choque para o senhor. O trabalho de toda uma vida, posto por terra…

— Beenay…

— Acredite, professor, que daria tudo para não ter que lhe trazer más notícias. Sei que está furioso comigo, mas só posso dizer que pensei muito antes de vir aqui. O que eu realmente queria fazer era queimar tudo e esquecer o que sei. Foi uma infelicidade descobrir o que descobri, e uma terrível ironia do destino ter sido logo eu que…

— Beenay! — repetiu Athor, com impaciência.

— Professor?

— Eu estou furioso com você, sim. Mas não pelo motivo que você pensa.

— Como assim?

— Em primeiro lugar, estou aborrecido porque você não para de falar, quando tudo o que quero é analisar com calma as consequências das informações que você acaba de me trazer. Em segundo lugar, e muito mais importante, estou absolutamente revoltado com o fato de você ter hesitado, mesmo que por um momento, antes de mostrar sua descoberta. Por que levou tanto tempo?

— Professor, só ontem acabei de verificar todos os cálculos.

— Ontem! Então você devia ter vindo aqui ontem! Tem a coragem de dizer-me, Beenay, que você pensou seriamente em ocultar tudo isto? Que você teria coragem de simplesmente jogar fora os resultados e não contar nada a ninguém?

— Não, senhor — disse Beenay, de cabeça baixa. — Eu não teria coragem de fazer isso.

— Ainda bem. Diga-me, rapaz, acha que estou apaixonado pela minha maravilhosa teoria a ponto de preferir que um dos meus discípulos mais brilhantes me oculte o fato desagradável de que a teoria contém uma falha?

— Não, senhor. Claro que não.

— Então por que não veio correndo para cá no momento em que teve certeza de que seus cálculos estavam corretos?

— Porque… porque, professor… — parecia que Beenay queria desaparecer por sob o carpete — porque sabia que o senhor iria ficar aborrecido. Porque achei que… achei que a notícia talvez não fizesse bem à sua saúde. Por isso, esperei um pouco, conversei com alguns amigos, pensei a respeito de minha própria posição em tudo isto e, no final, cheguei à conclusão de que não tinha escolha. Tinha que contar

ao senhor que a Teoria da Gravi…

— Então você pensa de fato que eu amo minha teoria mais do que a própria verdade, não é?

— Oh, não, não, senhor!

Athor sorriu novamente, e desta vez sem esforço.

— Acontece que eu amo, sim. Afinal, também sou humano, acredite você ou não. A Teoria da Gravitação Universal trouxe-me todas as honrarias científicas que este planeta tem a oferecer. É o meu passaporte para a imortalidade, Beenay. Você sabe disso. Ter que admitir a possibilidade de que a teoria esteja errada… oh, é um grande choque para mim, Beenay. O suficiente para me deixar arrasado. Pode ter certeza. Entretanto, é que ainda acredito que minha teoria esteja correta.

— Professor? — disse Beenay, imediatamente ofendido. — Eu lhe disse que verifiquei as contas várias vezes…

— Oh, os seus cálculos estão perfeitamente corretos também. Não duvido deles. Além disso, como me disse, Faro e Yimot chegaram à mesma conclusão usando outros métodos, mas o que temos aqui não significa necessariamente que a Lei da Gravitação Universal esteja errada.

Beenay piscou várias vezes.

— Não?

— Claro que não — disse Athor, com ar paternal. Sentia-se muito melhor agora. A calma irreal dos primeiros momentos dera lugar a um tipo muito diferente de tranquilidade de alguém que persegue a verdade. — Que diz a Teoria da Gravitação Universal, afinal de contas? Que cada corpo do universo exerce uma força sobre todos os outros corpos, força esta proporcional à massa e à distância. O que você tentou fazer ao usar a Teoria da Gravitação Universal para calcular a órbita de Kalgash? Simplesmente levar em conta o efeito gravitacional de todos os astros sobre o nosso planeta. Não é verdade?

— Sim, senhor.

— Pois não há necessidade de jogar fora a Teoria da Gravitação Universal, pelo menos ainda não. O que temos a fazer, meu jovem amigo, é simplesmente repensar a imagem que fazemos do universo e verificar se estamos ignorando alguma coisa que devia ter sido incluída em nossos cálculos. Algum fator misterioso, que, sem o nosso conhecimento, esteja exercendo uma força gravitacional suficiente para modificar a órbita de Kalgash.

As sobrancelhas de Beenay levantaram-se alarmadas Ele olhou para Athor com uma expressão de total assombro. Logo depois, começou a rir. Tentou controlar-se, mantendo a boca fechada, mas a gargalhada insistia em escapar, fazendo-o encolher os ombros e emitir sons estrangulados; afinal, viu-se forçado a tapar a boca com as duas

mãos para segurar o riso.

Athor observou-o, espantado.

— Um fator desconhecido! — exclamou Beenay, quando recuperou o fôlego. — Um dragão no céu! Um gigante invisível!

— Dragão? Gigante? De que está falando, rapaz?

— Ontem à noite… Theremon 762… desculpe, professor, desculpe… — Beenay esforçou-se para recuperar o controle. Seu rosto se contorceu em um esgar. Ele respirou fundo, deu as costas por um instante ao velho mestre e quando olhou para ele de novo, estava quase normal. Prosseguiu, envergonhado: — Ontem à noite me encontrei com Theremon 762, o jornalista, e desabafei com ele. Contei-lhe que não sabia como revelar ao senhor o que eu havia descoberto.

— Você foi falar com um repórter?

— Uma pessoa de confiança, professor. Um amigo de longa data.

— Os repórteres não prestam, Beenay. Acredite.

— Este é diferente, professor. Sei que jamais faria alguma coisa para me magoar ou ofender. Na verdade, Theremon me deu bons conselhos. Ele me aconselhou a contar tudo ao senhor sem perda de tempo, e foi isso que eu fiz. Mas também, acho que estava tentando me oferecer alguma esperança, sugeriu a mesma coisa que o senhor. Disse que talvez houvesse um "fator desconhecido", foram essas suas palavras, exatamente, que estava perturbando a órbita de Kalgash. Comecei a rir e disse a ele que não adiantava tentar introduzir fatores desconhecidos nas equações que descreviam o movimento de nosso planeta. Que essa era uma solução muito cômoda. Observei que se nos permitíssemos este tipo de hipótese, então poderíamos imaginar que um gigante invisível estava controlando os movimentos de Kalgash, ou que a órbita do planeta estava sendo alterada pelo bafo de um dragão. E agora aqui está o senhor usando o mesmo tipo de argumento. Não um leigo como Theremon, mas o maior astrônomo o planeta! Compreende como estou me sentindo tolo, professor?

— Acho que sim — disse Athor. Aquilo estava se tornando um pouco cansativo. Passou a mão pela imponente cabeleira branca e olhou para Beenay com uma mistura de pena e irritação. — Você estava certo quando disse ao seu amigo que inventar fantasias não é a maneira certa de resolver um problema. Por outro lado, às vezes as sugestões dos leigos não são tão absurdas quanto parecem. Pelo que sabemos, pode ser que haja mesmo um fator desconhecido modificando a órbita de Kalgash. Devemos investigar esta possibilidade antes de descartar totalmente a Teoria da Gravitação Universal. É uma boa oportunidade para fazermos uso da Espada de Thargola. Sabe o que é isso, Beenay?

— Claro que sei. É o princípio da parcimônia. Foi enunciado pela

primeira vez pelo filósofo medieval Thargola 14, que disse: “Qualquer hipótese que não seja estritamente necessária deve ser passada no fio da espada”, ou coisa parecida.

— Muito bem, Beenay. Se bem que a versão que me ensinaram foi: “Quando várias hipóteses nos são oferecidas, devemos começar nossa análise passando as mais complexas no fio da espada.” No caso em questão, temos duas hipóteses: a de que a Teoria da Gravitação Universal esteja errada e a de que algum fator desconhecido esteja perturbando a órbita de Kalgash. Se aceitarmos a primeira hipótese, tudo que sabemos a respeito da estrutura do universo perderá o valor. Se aceitarmos a segunda, bastará localizarmos o fator desconhecido; a ordem fundamental das coisas estará preservada. É muito mais simples tentar descobrir alguma coisa que não levamos em consideração do que encontrar uma nova lei geral para o movimento dos corpos celestes. Assim, a hipótese de que a Teoria da Gravitação Universal está errada não sobrevive à Espada de Thargola e começamos nossas investigações procurando uma solução mais simples para o problema. Que tal, Beenay? Que é que você acha?

Beenay parecia radiante.

— Quer dizer, no final das contas, a Teoria da Gravitação Universal continua de pé!

— Continua, pelo menos por enquanto. Você provavelmente já conquistou um lugar na história da ciência, mas ainda não sabemos se como demolidor ou como criador. Vamos rezar pela segunda possibilidade. E agora precisamos pensar muito, meu jovem. — Athor 77 fechou os olhos e esfregou a testa, que estava começando a doer. Percebeu, surpreso, que fazia tempo que não se dedicava a uma investigação científica. As questões administrativas do Observatório haviam ocupado todo o seu tempo nos últimos oito ou dez anos. Entretanto, a mente que havia descoberto a Teoria da Gravitação Universal seria capaz de outras conquistas, disse para si mesmo. — Primeiro, quero examinar mais de perto esses seus cálculos — disse. — E depois, naturalmente, vou examinar mais de perto minha própria teoria.

10

O quartel-general dos Apóstolos do Fogo era uma torre fina e majestosa, toda em pedra dourada, que se destacava como um dardo reluzente na margem do Rio Seppitan, no bairro de Birigam, um dos mais exclusivos da cidade de Saro. Aquela torre pensou Theremon, devia ser um dos prédios mais caros de toda a capital.

Ele nunca havia parado para pensar no assunto, mas os Apóstolos tinham que ser uma seita muito rica. Eram donos de estações de rádio e televisão, publicavam revistas e jornais e haviam construído uma torre como aquela. Provavelmente, possuíam muitos outros bens menos visíveis. Imaginou como aquilo era possível. Um bando de monges fanáticos? Como teriam conseguido pôr as mãos em centenas de milhões de créditos?

Por outro lado, industriais conhecidos, como Bottiker 888 e Vivin 99, defendiam abertamente os ensinamentos de Mondior e seus Apóstolos. Não seria surpresa se homens como Bottiker, Vivin e outros como eles houvessem contribuído para o tesouro dos Apóstolos.

E se a organização fosse tão antiga quanto afirmava ser (dez mil anos, era o que diziam!) e tivesse aplicado bem seu dinheiro através dos séculos, não havia o que os Apóstolos não pudessem ter conseguido através do milagre dos juros compostos, pensou Theremon. Sua fortuna podia chegar à casa dos bilhões. Podiam ser donos, secretamente, de metade da cidade de Saro.

Era um assunto que valia a pena investigar, disse para si mesmo.

Entrou no vasto saguão da grande torre e olhou em torno, admirado. Embora nunca tivesse estado ali antes, ouvira dizer que se tratava de um edifício de extremo luxo, tanto dentro como fora. Mas nada do que ouvira o preparara para a realidade que via diante de si.

Um piso de mármore polido, com incrustações em meia dúzia de cores vivas, se estendia até onde a vista podia alcançar. As paredes eram cobertas de mosaicos dourados que formavam figuras abstratas. Candelabros de ouro e prata banhavam a cena com uma iluminação feérica.

No lado oposto ao da entrada, Theremon viu o que parecia ser um modelo do universo, feito, ao que parecia, inteiramente de metais nobres e pedras preciosas: imensos globos suspensos, representando os seis sóis, pendiam do teto, sustentados por fios invisíveis. Cada um deles tinha um brilho diferente. O maior, que devia ser Onos, era dourado, o globo de Dovim era vermelho escuro, o par Tano-Sitha era branco azulado, e Patru e Trey tinham uma luz branca, mais suave. Um sétimo globo, que devia ser Kalgash, movia-se devagar entre eles, como um balão levado pelo vento, mudando de cor a cada instante, de

acordo com sua posição em relação aos seis sóis.

Enquanto Theremon observava a cena, fascinado, uma voz, que não vinha de nenhum lugar em particular, perguntou:

— Posso saber o seu nome?

— Theremon 762. Tenho uma entrevista marcada com Mondior.

— Muito bem. Entre, por favor, na câmara à sua esquerda, Theremon 762.

O repórter não via nenhuma câmara do lado esquerdo do saguão. De repente, porém, um segmento da parede coberta de mosaicos deslizou suavemente, revelando uma pequeno compartimento oval, mais uma antessala do que uma câmara. As paredes eram revestidas por tapeçarias de veludo verde, uma única barra de luz âmbar fornecia a iluminação.

Theremon deu de ombros e entrou. A porta se fechou em seguida, e ele teve uma nítida sensação de movimento. Aquilo não era uma sala, era um elevador! Sim, estava subindo, tinha certeza disso. Só que muito devagar. Teve a impressão de que se havia passado uma eternidade antes de o elevador parar e a porta se abrir de novo. Uma figura usando uma veste negra estava à sua espera.

— Quer vir por aqui, por favor?

Um corredor estreito levava a uma espécie de sala de espera, onde um enorme retrato de Mondior 71 ocupava a maior parte de uma das paredes. Quando Theremon entrou, o retrato pareceu acender, tornando-se estranhamente vivo, de modo que os olhos escuros e penetrantes de Mondior olharam diretamente para ele e o rosto severo do Sumo Apóstolo assumiu uma radiância peculiar que o fez parecer quase belo.

Theremon enfrentou com tranquilidade o olhar do retrato. Mesmo o calejado repórter, porém, não podia deixar de se sentir emocionado ao pensar que em pouco tempo estaria entrevistando aquela mesma pessoa. Mondior no rádio ou na televisão era uma coisa, apenas um pregador excêntrico com uma mensagem absurda. Mas Mondior em carne e osso, imponente, hipnótico, misterioso, parecido com aquele retrato, seria uma coisa bem diferente.

— Entre, por favor — disse o monge vestido de preto. A parede à esquerda do retrato se abriu. Apareceu um escritório, tão modestamente mobiliado quanto uma cela.

Não havia nada no interior a não ser uma mesa nua, feita de um único bloco de pedra polida, e um banco baixo de incomum madeira cinza de veios vermelhos colocado em frente a ela. Atrás da mesa estava sentado um homem de evidente autoridade, usando a veste negra dos Apóstolos, com uma orla vermelha no capuz.

Era uma figura impressionante, mas não era Mondior 71. Mondior, a julgar pelas fotografias e pela forma como aparecia na

televisão, tinha que ser um homem de 65 ou 7O anos, com uma espécie de intensa força masculina. Seus cabelos eram fartos e ondulados, negros com mechas brancas, e tinha um rosto cheio, carnudo, uma boca larga, nariz bem-feito, sobrancelhas escuras, olhos negros e penetrantes. Mas este homem era moço, não podia ter mais de quarenta anos, e embora também parecesse másculo, o era de forma inteiramente diversa. Era muito magro, com um rosto fino e anguloso e lábios estreitos. O cabelo que aparecia por baixo do capuz tinha uma estranha cor avermelhada, e os olhos eram azuis e frios.

Aquele homem era, sem dúvida, um alto funcionário da organização. Entretanto, a entrevista de Theremon era com Mondior.

Naquela manhã, depois de escrever uma reportagem a respeito das mais recentes previsões dos Apóstolos, o jornalista chegara à conclusão de que precisava conhecer melhor aquele culto misterioso. Tudo que haviam dito até o momento era absurdo, é claro, mas estava começando a parecer um absurdo interessante, digno de uma investigação mais aprofundada. Que forma melhor havia de aprender mais a respeito deles do que entrevistar o seu líder? Isto é, supondo que isso fosse possível. Para sua surpresa, o que lhe disseram, quando telefonou, foi que poderia ter uma audiência com Mondior 71 naquele mesmo dia. Tinha parecido fácil demais.

Agora estava começando a compreender que tinha sido fácil demais.

— Meu nome é Folimun 66 — disse o homem com uma voz leve, suave, que não se parecia nem um pouco com o baixo profundo de Mondior. No entanto, era a voz de alguém que está acostumado a ser obedecido. — Sou o diretor de relações públicas desta organização na cidade de Saro. Terei prazer em responder a suas perguntas.

— Marquei um encontro com Mondior em pessoa — disse Theremon.

Os olhos gelados de Folimun 66 não mostraram nenhum sinal de surpresa.

— Pode me considerar como a voz de Mondior.

— Fui levado a crer que seria uma entrevista pessoal.

— E é. Tudo que me disser será transmitido a Mondior; tudo que lhe disser será a palavra de Mondior.

— Mesmo assim, asseguraram-me que eu poderia conversar com Mondior. Não tenho dúvida de que o senhor está autorizado a falar em nome dele, mas o que procuro não são apenas informações. Gostaria de saber que tipo de pessoa é Mondior, o que pensa de outras coisas além da possível destruição do nosso planeta, quais são suas ideias a respeito…

— Só posso repetir o que já disse — declarou Folimun, interrompendo com suavidade o repórter. — Considere-me como a voz

de Mondior. Infelizmente, Sua Serenidade não poderá recebê-lo em pessoa.

— Nesse caso, prefiro voltar outro dia, quando Sua Serenidade estiver…

— Devo informá-lo que Mondior não estará mais disponível para entrevistas pessoais. Nunca mais. O trabalho de Sua Serenidade é muito urgente, agora que restam apenas alguns meses para o Dia do Fogo. — Folimun sorriu de repente, um sorriso inesperadamente humano e gentil, talvez para compensar a recusa e para tirar um pouco do efeito da expressão melodramática "o Dia do Fogo", Acrescentou, em tom de quem pede desculpas: — Deve ter havido um mal-entendido. O senhor não compreendeu que a entrevista seria com um porta-voz de Mondior, e não com o Sumo Apóstolo em pessoa. Mas é assim que deve ser. Se não quiser falar comigo, sinto muito por ter desperdiçado o seu tempo. Sou a melhor fonte de informação que o senhor encontrará aqui, hoje ou em qualquer outra ocasião.

De novo, o sorriso. Era o sorriso de um homem que estava fechando friamente uma porta na cara de Theremon.

— Muito bem — disse Theremon, depois de pensar um pouco. — Vejo que não tenho muita escolha. É o senhor ou ninguém. Está bem: vamos conversar. De quanto tempo eu disponho?

— De quanto tempo precisar, mas este nosso primeiro encontro terá que ser breve. Além disso — acrescentou, com um sorriso quase irônico — o senhor precisa compreender que nós todos só dispomos de quatorze meses. E tenho outras coisas para fazer durante esse tempo.

— Imagino que sim. Quatorze meses, o senhor disse? E depois?

— Presumo que não tenha lido o Livro das Revelações.

— Pelo menos, não recentemente.

— Permita-me, então. — Folimun retirou um grosso volume de capa vermelha de um compartimento da mesa aparentemente vazia e empurrou-o na direção de Theremon. — É para o senhor. Nele encontrará valiosos ensinamentos, espero. Enquanto isso, posso resumir o tema que mais parece interessá-lo. Muito em breve, daqui a exatamente 418 dias, para ser preciso, no próximo dia 19 de Theptar, nosso mundo passará por uma grande transformação. Os seis sóis vão entrar na Caverna da Escuridão e desaparecer, as Estrelas vão surgir, e Kalgash será consumido pelas chamas.

Falava em tom casual, como se estivesse comentando a respeito da chuva esperada para o dia seguinte ou do desabrochar de uma planta rara no Jardim Botânico Municipal. Kalgash consumido pelas chamas. Os seis sóis entrando na Caverna da Escuridão. As Estrelas.

— As Estrelas — repetiu Theremon, em voz alta. — Que são, na realidade, as Estrelas?

— São instrumentos dos deuses.

— Não pode ser mais específico?

— Saberemos melhor o que são as Estrelas daqui a 418 dias — disse Folimun 66.

— Quando o atual Ano de Divindade terminar — disse Theremon. — No dia 19 de Theptar do ano que vem.

Folimun pareceu agradavelmente surpreso.

— Então o senhor tem estudado nossos ensinamentos!

— Até certo ponto. Escutei alguns dos recentes discursos de Mondior. Sei o que vocês pensam a respeito do ciclo de 2049 anos. E quanto ao evento que chamam de Hora do Fogo? Imagino que também não pode me descrever com detalhes o que vai acontecer.

— Encontrará algumas informações no quinto capítulo do Livro das Revelações. Não, não precisa procurar agora. Posso citar de cor. "Das Estrelas desceu então o Fogo Celestial, que era o mensageiro da vontade dos deuses e onde o fogo tocou, as cidades de Kalgash foram consumidas até a destruição total, de modo que nada restou do homem e das obras do homem."

Theremon fez que sim com a cabeça.

— Um súbito e terrível cataclismo. Por quê?

— Foi a vontade dos deuses. Eles nos repreenderam por nossa maldade e nos deram um prazo para nos corrigirmos. Este prazo é o que chamamos de Ano de Divindade, um "ano" que, como aparentemente o senhor já sabe, corresponde a 2049 anos dos nossos. O atual Ano de Divindade está prestes a terminar.

— Quando isso acontecer, seremos todos exterminados?

— Nem todos. A maioria. Nossa civilização será destruída, os poucos sobreviventes terão diante de si a imensa tarefa de reconstruí-la. Como o senhor parece ter conhecimento, não é a primeira vez que isso acontece. A humanidade já foi condenada pelos deuses no passado. Fomos castigados mais de uma vez pelos nossos pecados e estamos prestes a ser castigados de novo.

O interessante, pensou Theremon, é que Folimun não parecia de forma alguma um desequilibrado mental com exceção da veste negra, poderia passar por um jovem executivo cuidando de negócios em seu elegante escritório. Um corretor de investimentos, por exemplo. Era, sem dúvida, uma pessoa inteligente. Sabia se expressar. Ia direto ao ponto. No entanto, as coisas que estava dizendo, de forma simples e objetiva, não faziam o menor sentido. O contraste entre as coisas que Folimun dizia e o modo como as dizia era difícil de assimilar.

Agora esperava tranquilo pela pergunta seguinte do jornalista.

— Vou ser franco — disse Theremon, depois de alguns instantes. — Como muitas pessoas, acho difícil aceitar uma história deste vulto apenas com base na palavra de vocês. Preciso de provas concretas. Mas vocês não mostram nenhuma. Tenham fé, dizem vocês.

Acreditem em nós, porque foram os deuses que nos contaram tudo isso, e eles não teriam razão para mentir. Acontece que eu não tenho nenhuma razão para acreditar em vocês. Pessoas como eu precisam de provas.

— Quem foi que disse que não temos provas? — perguntou Folimun.

— Vocês têm alguma prova além do Livro das Revelações? Porque, pelo que eu disse, o senhor já deve saber que não considero o livro como prova.

— Somos uma organização muito antiga, o senhor sabe.

— Com dez mil anos de idade, ao que consta.

Um breve sorriso passou pelos lábios finos de Folimun.

— Um número arbitrário, talvez exagerado de propósito para impressionar o povo. Tudo que sabemos com certeza é que nossa organização remonta à era pré-histórica.

— Neste caso, vocês têm pelo menos dois mil anos de idade.

— Um pouco mais que isto, no mínimo. Sabemos que nosso grupo já existia antes do último cataclismo, de modo que temos pelo menos 2049 anos de idade. Provavelmente muito mais, mas não temos nenhuma prova disso. Pelo menos, nenhuma prova do tipo que o senhor aceitaria. Achamos que os Apóstolos podem ter assistido a vários ciclos de destruição, o que significa que nossa organização talvez tenha sido fundada há mais de seis mil anos. O que importa de fato é que já existíamos quando o último cataclismo ocorreu. Somos uma organização ativa por mais de um Ano de Divindade. Assim, estamos de posse de informações detalhadas a respeito do que vai ocorrer. Sabemos o que vai acontecer, porque é uma repetição do que já aconteceu várias vezes no passado.

— Mas vocês não mostraram a ninguém essas informações que alegam possuir.

— Estão todas no Livro das Revelações.

Estavam de volta ao ponto de partida. Aquela conversa não levaria a nada. Theremon começou a se sentir impaciente. Aquilo tudo só podia ser uma grande farsa. Uma gigantesca encenação, sem dúvida, com o objetivo de conseguir polpudas contribuições de trouxas como Bottiker, Vivin e outros magnatas assustados, dispostos a pagar qualquer coisa para escapar do desastre. Apesar de Folimun aparentar sinceridade e inteligência, ele só podia ser sócio de Mondian naquela fantasia fraudulenta. A não ser que não passasse de um reles capanga do líder religioso.

— Muito bem — disse o repórter. — Vamos supor que vá ocorrer no ano que vem algum tipo de catástrofe mundial. O que, exatamente, vocês esperam que a população faça? Que compareça em massa aos templos e peça perdão aos deuses?

— É tarde demais para isso.

— Não há mais esperança? Então, por que se dão ao trabalho de nos prevenir?

Folimun sorriu de novo, desta vez sem ironia.

— Por duas razões. Primeiro, sim, queremos que a população compareça em massa aos nossos templos, não para tentarem influenciar os deuses, mas para escutarem nossos ensinamentos morais. Achamos que a humanidade tem muito que aprender conosco. Segundo, e mais urgente: queremos convencer as pessoas de que o desastre realmente está próximo, porque só assim elas tomarão medidas para se protegerem. A catástrofe é inevitável, mas seus efeitos podem ser minimizados. Ainda é possível evitar a completa destruição de nossa civilização. O Fogo vai varrer o nosso planeta, pois a humanidade não se corrigiu. Os deuses falaram, a hora do castigo está próxima. Entretanto, dentro de toda a loucura e horror, alguns vão sobreviver. Asseguro-lhe que nós, Apóstolos, não seremos afetados. Estaremos aqui, como das vezes anteriores, para ajudar a humanidade a reconstruir a civilização. E oferecemos nossa mão — em caridade, em amor — a quem quiser aceitá-la, a quem quiser se juntar a nós durante os tempos difíceis que estão para chegar. Isto lhe parece loucura, Theremon? Ainda acha que somos farsantes e aproveitadores?

— Se ao menos eu pudesse acreditar na sua premissa básica…

— De que o Fogo vai chegar no ano que vem? Tenho certeza de que um dia vai acreditar. Resta saber se esse dia vai chegar a tempo de que se torne um dos sobreviventes, um dos guardiões de nossa herança, ou se o senhor só vai perceber que estávamos falando a verdade no momento da destruição, quando será tarde demais para fazer alguma coisa.

— Eu também gostaria de saber — disse Theremon.

— Permita-me fazer votos para que esteja ao nosso lado no último dia do Ano de Divindade — disse Folimun. De repente, levantou-se e estendeu a mão para Theremon.

— Agora tenho que ir. Sua Serenidade, o Sumo Apóstolo, está à minha espera. Mas voltaremos a nos ver, estou certo. Avise-me com um dia de antecedência… ou até menos. Gostaria de conversar novamente com o senhor. Estranho como possa parecer, tenho a sensação de que vamos trabalhar juntos. Temos muito em comum.

— Temos?

— Na questão da fé, não. Na questão da vontade de sobreviver, e de ajudar os outros a sobreviver… sim, acredito que sim. Vai chegar o dia em que juntaremos nossas forças para lutar contra a Escuridão que se aproxima. Estou certo disso.

É melhor eu encomendar logo uma veste negra, pensou Theremon.

Mas não havia nenhuma vantagem em ofender Folimun com um comentário irônico. O culto dos Apóstolos estava se tornando muito popular. O assunto daria uma ótima reportagem, e com certeza, gostaria de entrevistar Folimun outras vezes antes de escrevê-la. Theremon guardou o exemplar do Livro das Revelações na sua maleta e levantou-se.

— Vou procurá-lo de novo daqui a algumas semanas disse. — Depois que tiver tempo de estudar este livro com alguma atenção. Na ocasião, certamente terei outras perguntas para lhe fazer. De quanto tempo de antecedência eu preciso para marcar uma entrevista com Mondior 71?

Não era tão fácil pegar Folimun desprevenido.

— Como já expliquei, Sua Serenidade tem tanto trabalho pela frente até o Dia do Fogo que não concederá mais audiências pessoais. Sinto muito. Não há nada que eu possa fazer — Folimun estendeu novamente a mão. — Foi um prazer.

— O prazer foi meu — disse Theremon.

Folimun riu.

— Verdade? Foi um prazer passar meia hora conversando com um louco? Um farsante? Um fanático?

— Não me lembro de haver usado essas palavras.

— Mas eu não me surpreenderia se tivesse pensado nelas — O Apóstolo endereçou a Theremon outro de seus desconcertantes sorrisos. — E o senhor não estaria totalmente errado. Afinal de contas, eu sou um fanático. Mas não sou louco nem farsante. Gostaria de ser.

Fez um gesto para que Theremon se retirasse. O monge que o guiara até ali estava à sua espera do lado de fora para levá-lo ao elevador.

Uma estranha meia hora, pensou o jornalista. E não muito produtiva. De certa forma, sabia ainda menos a respeito dos Apóstolos do que antes da entrevista.

Continuava a achar que a doutrina que pregavam não tinha relação alguma com a realidade. Folimun não lhe oferecera nenhuma prova concreta de que o planeta estava para ser atingido por um gigantesco cataclismo. Entretanto, não saberia dizer se tratava de um bando de tolos supersticiosos ou de espertalhões tentando ganhar dinheiro fácil.

Era tudo muito confuso. Havia um elemento de fanatismo, de puritanismo no movimento que o desagradava profundamente. No entanto, no entanto… aquele Folimun, aquele porta-voz dos Apóstolos, o surpreendera de modo agradável. Ele era inteligente, bem falante… até mesmo racional, à sua moda. O fato de ser dotado de senso de humor era um ponto favorável. Theremon nunca tinha ouvido falar de um maníaco, ou fanático, que fosse capaz de rir de si

próprio. A menos que fosse tudo parte de uma representação. Ou que Folimun estivesse, de propósito, se fazendo passar pelo tipo de pessoa que sabia que agradaria a Theremon.

Tome cuidado, disse para si próprio. Folimun pretende usá-lo.

Não tinha importância. Ocupava uma posição de destaque no jornal. Muita gente queria usá-lo.

Vamos ver quem usa quem, pensou Theremon.

O som dos seus passos ecoou, quando atravessou com passos rápidos o saguão de entrada do quartel-general dos Apóstolos e saiu para a luz da tarde de três sóis.

Voltou para a redação da Crônica. Passou duas horas piedosas estudando o Livro das Revelações; depois, chegou a hora de pensar na coluna do dia seguinte.

11

Na tarde em que Sheerin voltou à cidade de Saro, o tempo estava péssimo. Quando o psicólogo saltou do avião, a pista de pouso mais parecia um lago. Torrentes cinzentas de chuva, impelidas por rajadas de vento, fustigavam quase horizontalmente a aeronave.

Cinzento… cinzento… tudo cinzento…

Os sóis tinham que estar lá em cima, em algum lugar, no meio de todas aquelas nuvens. O fraco brilho a oeste provavelmente assinalava a presença de Onos, e havia indícios da luz fria de Tano e Sitha do outro lado. Entretanto, a cobertura de nuvens era tão densa que o dia estava de uma escuridão desagradável, em particular para Sheerin, que, apesar do que dissera em Jonglor, ainda se ressentia dos efeitos da viagem de quinze minutos no Túnel do Mistério.

Jamais admitiria para Kelaritan, Cubello e o resto daquela gente, mas estivera perigosamente próximo de um colapso nervoso.

Durante três ou quatro dias após a experiência, Sheerin sentira alguns vestígios, apenas vestígios, do tipo de claustrofobia que mandara tantos cidadãos de Jonglor para o hospital psiquiátrico. Estava no quarto do hotel, escrevendo o relatório, e de repente a Escuridão parecia se fechar em torno dele. Uma força irresistível o impelia a ir para a varanda ou mesmo sair do hotel para um longo passeio pelo jardim. Irresistível? Bem, talvez não. Mas se sentia muito melhor depois de obedecer ao impulso.

Em outras ocasiões, estava dormindo quando a Escuridão chegava. Naturalmente, dormia com a luz acesa (não conhecia ninguém que não fizesse isso). Desde o passeio no Túnel, passara a usar uma segunda lâmpada de cabeceira, caso a bateria da primeira falhasse, embora, de acordo com o indicador, a carga devesse durar no mínimo mais seis meses. Mesmo assim, a mente adormecida de Sheerin se convencia de que o quarto estava mergulhado em total Escuridão. Ele acordava, trêmulo, coberto de suor, assustado com a Escuridão, embora a luz das duas lâmpadas, uma de cada lado da cama, continuasse a iluminar o quarto como sempre.

De modo que agora, ao descer do avião no meio daquela paisagem sombria… bem, estava satisfeito em voltar para casa, mas preferia ter chegado em um dia mais alegre. Sentiu um leve desconforto, talvez não tão leve assim, ao entrar no tubo de flexiglass que ligava a aeronave ao terminal. Preferia que não tivessem colocado o tubo.

Antes enfrentar a chuva, pensou Sheerin, do que entrar naquele ambiente confinado. Gostaria de estar lá fora, a céu aberto, sob a luz tranquilizadora dos sóis (mesmo que estivessem escondido pelas

nuvens).

Mas a aflição passou. Quando as malas chegaram, a realidade agradável de estar de volta à cidade de Saro vencera os efeitos residuais do seu encontro com a Escuridão.

Liliath 221 estava à sua espera com o carro do lado de fora do setor de bagagem. Isto também o fez sentir-se melhor. Ela era uma mulher esbelta, bonita, de quarenta e tantos anos, sua colega no departamento de psicologia. O trabalho dela era experimental (animais em labirintos) e nada tinha a ver com o dele. Conheciam-se há dez ou quinze anos. Sheerin provavelmente a teria pedido em casamento há muito tempo, se não fosse um solteirão irrecuperável. O mesmo, provavelmente, ocorria com ela. Entretanto, a relação que mantinham parecia satisfazer a ambos.

— Tinha que escolher logo um dia como o de hoje para voltar para casa — observou Sheerin, tomando seu lugar no carro ao lado dela e beijando-a rapidamente.

— Está assim há três dias. Dizem que o mau tempo vai durar até o próximo Dia de Onos. A essa altura, a cidade vai estar debaixo d'água… Ei, você voltou mais magro, Sheerin!

— Verdade? Sabe como é… nunca apreciei muito aquela comida do norte…

Não esperava que fosse tão evidente. Um homem do seu tamanho devia poder perder cinco ou seis quilos sem que ninguém notasse. Mas Liliath sempre fora muito observadora, além disso, talvez tivesse perdido mais do que cinco ou seis quilos. Desde que estivera no Túnel, seu apetite desaparecera por completo. Logo ele! Era difícil acreditar…

— Está com ótimo aspecto — disse ela. — Saudável. Vigoroso.

— É mesmo?

— Não que eu ache que você deva ser magro. É tarde demais para isso. Mas fica melhor com alguns quilos a menos. Como foi a estada em Jonglor?

— Tudo bem…

— Visitou a Exposição?

— Visitei. Está muito bonita — disse Sheerin, sem muito entusiasmo. — Puxa, mas como está chovendo aqui, Liliath!

— Não estava chovendo em Jonglor?

— Só peguei dias ensolarados. No dia em que viajei, o tempo aqui também estava ótimo.

— O tempo muda, Sheerin, com um conjunto diferente de sóis no céu todo dia, ele não pode permanecer o mesmo por muito tempo.

— Não sei se você soa mais como uma meteorologista ou como uma astróloga — observou Sheerin.

— Nada disso. Estou falando como uma psicóloga. Não vai me

contar como foi a viagem, Sheerin?

Ele hesitou.

— Gostei de ter visitado a Exposição. Está realmente uma beleza. Mas a maior parte do tempo passei trabalhando. Essa história do Túnel do Mistério é um grande problema para todo mundo.

— É mesmo verdade que houve gente que morreu depois de passar pelo Túnel?

— Uns poucos. Mas muita gente saiu traumatizada, desorientada, com sintomas de claustrofobia. Conversei com algumas das vítimas. Vão levar meses para se recuperar. Alguns talvez jamais se recuperem. Mesmo assim, o Túnel continuou aberto durante várias semanas.

— Depois que os problemas começaram?

— Parece que ninguém deu importância ao fato, muito menos os organizadores da Exposição. Tudo que estavam interessados era em vender ingressos. E os frequentadores estavam curiosos para saber como era a Escuridão. Pode imaginar isso, Liliath? Faziam filas para colocar suas mentes em perigo… Naturalmente, estavam convencidos de que, no caso deles, nada aconteceria. E nada aconteceu, para muitos deles. Mas não todos. Eu mesmo dei uma volta no Túnel.

— É mesmo? — perguntou Liliath, surpresa. — Que tal?

— Foi muito desagradável. Não pretendo repetir a experiência.

— Mas você saiu ileso, é claro.

— É claro — repetiu Sheerin, cauteloso. — Eu sairia ileso se engolisse meia dúzia de peixes vivos, também. Mas não é algo que eu gostaria de repetir. Aconselhei-os a fechar permanentemente o maldito Túnel. Foi a minha opinião profissional, e acho que vão respeitá-la. Simplesmente não fomos concebidos para suportar tanta Escuridão Liliath. Talvez, um ou dois minutos… e logo o sono chega. É uma coisa inata. O resultado de milhões de anos de evolução. A Escuridão é a coisa mais antinatural do mundo. A ideia de vendê-la como diversão… — estremeceu. — Bom, fiz minha viagem a Jonglor e estou de volta. Quais são as novidades na universidade?

— Nada de mais — respondeu Liliath. — Os mexericos de sempre, as reuniões do corpo docente, os protestos dos estudantes contra isso e aquilo … você sabe. — Ficou em silêncio por alguns momentos, segurando o volante com as duas mãos enquanto se desviava das poças d'água. — Ah, parece que o pessoal do Observatório anda muito excitado. Seu amigo Beenay 25 esteve procurando por você. Ele não me contou muita coisa, mas tive a impressão de que eles estão reavaliando uma de suas teorias-chave. O velho Athor em pessoa está comandando as pesquisas, você pode imaginar? Pensei que o cérebro dele já estivesse mumificado. Beenay estava acompanhado por um jornalista. Acho que o nome dele é Theremon. Theremon 762. Não simpatizei muito com ele.

— É um jornalista conhecido. Do tipo que faz reportagens de denúncia. Ele e Beenay são muito amigos.

Sheerin decidiu ligar para o jovem astrônomo assim que acabasse de desarrumar as malas. Há quase um ano Beenay estava vivendo com a filha da irmã de Sheerin, Raissta 717, e Sheerin e ele tinham se tornado amigos íntimos, apesar da diferença de idade de mais de vinte anos que os separava. Sheerin tinha um interesse de amador pela astronomia; esta era uma das coisas que os uniam.

Athor de volta à pesquisa! Imagine! Que poderia ter acontecido? Algum excêntrico publicara um trabalho refutando a Lei da Gravitação Universal? Não, pensou Sheerin, ninguém ousaria fazer isso.

— E você? — perguntou o psicólogo. — Ainda não disse uma palavra sobre o que andou fazendo enquanto eu estava fora.

— Que pensa que andei fazendo, Sheerin? Frequentando as reuniões dos Apóstolos do Fogo? Tomando aulas de voo livre? Estudando ciência política? Li alguns livros. Dei minhas aulas. Executei algumas experiências. Esperei a sua volta. Planejei um jantar especial para o dia em que você voltasse. Tem certeza de que não está de dieta?

— Claro que não. — Deixou sua mão repousar carinhosamente sobre a dela por um momento. — Pensei em você o tempo todo, Liliath.

— Acredito muito.

— E mal posso esperar pelo jantar.

— Isto soa muito mais plausível.

De repente, a chuva ficou ainda mais forte. Grandes bátegas atingiram o para-brisa e Liliath teve que se esforçar para manter o controle do veículo. Estavam passando pelo Panteão, a fabulosa Catedral de Todos os Deuses. Não parecia tão fabulosa no momento, com filetes de água escorrendo pela fachada de tijolos.

O recrudescimento da chuva fez o céu escurecer. Sheerin se encolheu, fugindo da escuridão da rua, e procurou conforto nas luzes do painel de instrumentos. Ele não queria mais ficar dentro do carro. Precisava de espaço aberto, com ou sem tempestade. Mas aquilo era loucura. Ficaria ensopado no instante em que pusesse os pés fora do veículo. As poças eram tão fundas que corria o risco de se afogar.

Pense em coisas alegres, disse para si mesmo. Pense em coisas claras. Pense no sol, no brilho dourado de Onos, na luz cálida de Patru e Trey, ou mesmo na luz fria de Sitha e Tano, na luz avermelhada de Dovim. Pense no jantar desta noite. Liliath preparou um banquete para comemorar a sua volta. Ela é uma excelente cozinheira.

Percebeu que ainda não estava com fome. Não em um dia triste e cinzento como aquele. Lá fora estava tão escuro… tão escuro…

Mas Liliath se orgulhava muito dos seus dotes culinários.

Especialmente quando cozinhava para ele. Comeria tudo que ela pusesse em seu prato, decidiu Sheerin. Mesmo que lhe custasse algum esforço. Que ideia estranha, pensou. Sheerin, o grande gourmet, tendo que se forçar a comer!

Seu riso chamou a atenção de Liliath.

— Qual é a graça?

— Eu… hum… acho engraçado ver Athor de volta à pesquisa — disse Sheerin em disparada. — Passou tanto tempo fazendo trabalhos puramente administrativos, satisfeito em sua posição de Imperador da Astronomia! Vou ter que falar logo com Beenay. Que será que está acontecendo no Observatório?

12

Era o terceiro dia de Siferra 89 desde que voltara à Universidade de Saro, e ainda não parara de chover. Um contraste quase agradável ao clima seco e agressivo da península da Sagikan.

Não via chuva há tanto tempo, que a ideia de que a água podia cair do céu a tomou quase de surpresa.

Em Sagikan, cada gota de água era um tesouro. O uso, do líquido era racionado e sempre que possível a água era reciclada. Agora, ali estava, caindo do céu com se viesse de um imenso reservatório que nunca iria secar. Siferra sentiu vontade de tirar toda a roupa e sair correndo pelo gramado do campus, deixando a água escorrer pelo corpo em uma deliciosa torrente sem fim, removendo os últimos resíduos da areia infernal do deserto.

Os alunos ficariam surpresos. A séria, distante, pouco romântica professora de arqueologia, Siferra 89, correndo nua na chuva! Quase que valia a pena fazer isso, só para ver a cara de surpresa dos estudantes aparecendo em todas as janelas: da universidade para apreciar a cena.

Melhor deixar para lá, pensou Siferra. Não faz o meu gênero.

Além disso, tinha muito que fazer. Não perdera tempo para começar a trabalhar. A maior parte dos artefatos que desenterrara em Beklimot tinham sido despachados em um navio de carga e levariam algumas semanas para chegar. Mas havia mapas para arrumar, esboços para terminar, fotografias de Balik para examinar, amostras de solo para preparar para serem analisadas em laboratório, um milhão de coisas para fazer. Além disso, queria discutir as tabuinhas de Thombo com Mudrin 505, do departamento de paleografia.

As tabuinhas de Thombo! A descoberta das descobertas, o maior achado em um ano e meio de buscas! Pelo menos, esta era a sua opinião. Naturalmente, tudo dependeria do que estivesse escrito nelas. Estava ansiosa para que Mudrin começasse a trabalhar na tradução. As tabuinhas eram, na pior das hipóteses, objetos fascinantes, entretanto, podiam ser muito mais. Se suas suspeitas se concretizassem, elas poderiam revolucionar todo o estudo do mundo pré-histórico. Era por isso que não confiara nos navios cargueiros, e transportara as tabuinhas pessoalmente, na própria bagagem.

Alguém bateu à porta.

— Siferra? Siferra, você está aí?

— Entre, Balik.

O estratigrafo de ombros largos estava ensopado.

— Esta maldita chuva — murmurou, sacudindo-se. Fiquei todo molhado só de vir do quarteirão da Biblioteca Uland até aqui.

— Estou adorando a chuva — disse Siferra. — Espero que não pare tão cedo. Passei meses no deserto, com os olhos sujos de areia o tempo todo, poeira na garganta, morrendo de calor e secura… não, deixe chover, Balik!

— É, mas estou vendo que você não se molhou. É muito mais fácil gostar de chuva quando se está em um lugar abrigado somente observando-a… Brincando de novo com suas tabuinhas, hein?

Ele apontou para as seis grossas tabuinhas de superfície irregular e de barro vermelho que Siferra havia arrumado na escrivaninha em dois grupos de três, as quadradas em uma carreira e as retangulares em outra carreira abaixo.

— Não são lindas? — disse Siferra, exultante. — Não consigo esquecê-las. Tenho a impressão de que se ficar olhando muito tempo, vou acabar compreendendo o que está escrito nelas.

Balik aproximou-se e sacudiu a cabeça.

— Para mim, não passam de arranhões.

— Pare com isso! Já identifiquei distintos padrões de palavras. E não sou nenhuma perita… Está vendo este grupo de seis caracteres? Está repetido ali. E esses três, com os cantos arredondados…

— Já mostrou a Mudrin?

— Ainda não. Pedi a ele para passar aqui daqui a pouco.

— Sabe que andam falando da sua descoberta, não sabe? Das cidades de Thombo, uma por cima da outra?

Siferra olhou para ele, surpresa.

— O quê? Quem…

— Um dos alunos — explicou Balik. — Não sei qual foi. Desconfio de Veloran, mas Eilis acha que foi Sten. Suponho que era inevitável. Você não concorda?

— Pedi-lhes para não dizer nada…

— Claro, mas eles são crianças, Siferra, o mais velho tem dezenove anos, e é sua primeira expedição arqueológica! A expedição descobre uma coisa extraordinária, sete cidades pré-históricas, de que ninguém tinha ouvido falar, uma por cima da outra, a mais velha com milhares de anos de idade…

— São nove cidades, Balik.

— Sete, nove, não faz diferença. E eu acho que são sete — insistiu Balik, com um sorriso.

— Eu sei o que você pensa. E está errado. Mas quem está falando a respeito? No departamento, quero dizer.

— Hilliko. Brangin, também. Ouvi quando conversavam esta manhã, na sala dos professores. Estão muito céticos, é bom que você saiba. Extremamente céticos. Acham impossível que haja uma cidade mais antiga que Beklimot naquela região, quanto mais nove, ou sete, ou seja qual for o número de cidades que você descobriu.

— Eles não viram as fotografias. Não viram os mapas. Não viram as tabuinhas. Não viram nada. E já têm uma opinião formada. — Os olhos de Siferra brilhavam de raiva. — O que é que eles sabem? Algum deles já esteve na península de Sagikan? Algum deles já esteve em Beklimot, mesmo como turista? E têm coragem de pôr em dúvida uma descoberta que ainda não foi publicada, que ainda não foi nem mesmo discutida informalmente dentro do departamento!

— Siferra…

— Sinto vontade de esfolar aqueles dois! E Veloran e Sten, também. Deviam ter mantido a boca fechada! Por que tinham que quebrar o sigilo? Mas eu vou mostrar a eles. Vou chamá-los aqui e descobrir exatamente quem foi que deixou a história vazar. E se um deles pensa que vai conseguir o título de doutor por esta universidade…

— Por favor, Siferra! — protestou Balik. — Você está se aborrecendo à toa.

— À toa! Estragaram tudo! Eu tinha que ser a primeira a…

— Ninguém estragou nada. Tudo vai continuar a ser apenas um boato até você estar preparada para sua exposição preliminar. Quanto a Veloran e Sten, não temos certeza se foi um dos dois, e mesmo que tenha sido, não se esqueça de que você já teve a idade deles.

— É verdade — concordou Siferra. — Três eras geológicas atrás.

— Não diga bobagens. Você é mais moça do que eu, e não me considero nenhum velho.

Siferra fez que sim, com indiferença. Olhou pela janela. De repente, a chuva não parecia agradável. Estava tudo escuro lá fora, opressivamente escuro.

— Mesmo assim, saber que nossa descoberta está sendo contestada, antes mesmo de ser publicada…

— Isso não é de admirar, Siferra. O que encontramos naquela colina vai fazer balançar a vida de muita gente… não só no nosso departamento, mas também nos departamentos de história, filosofia e até mesmo teologia. E pode apostar que eles lutarão até o fim para defender os pontos de vista tradicionais a respeito da história de nossa civilização. Você não faria o mesmo, se alguém aparecesse com uma ideia radical, totalmente em desacordo com tudo em que você sempre acreditou? Seja realista, Siferra. Sabíamos desde o começo que essa coisa daria muito que falar.

— Eu sei. Só que não esperava que acontecesse tão depressa. Ainda nem acabei de desfazer as malas.

— É esse o problema. Você voltou ao trabalho depressa demais. Devia ter descansado um pouco da viagem. Ei, tive uma ideia. Nós dois só começamos a dar aula daqui a duas semanas. Por que não fugimos da chuva e passamos o fim de semana juntos em algum lugar?

Que tal ir a Jonglor para ver a Exposição? Ontem eu estava conversando com Sheerin e ele disse-me que está uma verdadeira…

A arqueóloga olhou para Balik, admirada.

— O quê?

— Estou convidando você a passar o fim de semana comigo.

— Isto é algum tipo de proposta amorosa, Balik?

— Você pode considerar assim, se quiser. Que há de tão incrível nisso? Não somos exatamente um par de estranhos. Nós nos conhecemos desde o tempo em que éramos estudantes. Acabamos de passar um ano e meio juntos no deserto.

— Juntos? Estávamos na mesma expedição, mas você tinha a sua tenda e eu, a minha. Nunca houve nada entre nós. E agora, sem mais nem menos…

Balik parecia desapontado.

— Não estou pedindo a você para casar comigo, Siferra. Apenas sugeri uma curta visita à Exposição de Jonglor, cinco ou seis dias, um pouco de sol, um hotel decente em vez de uma tenda no meio do deserto, jantares à luz de velas regados a vinho… — Ele abriu os braços, irritado. — Você está me fazendo sentir como um colegial, Siferra.

— Está agindo como um. Nossa relação sempre foi puramente profissional, Balik. Vamos mantê-la assim, está bem?

Ele abriu a boca para responder, mudou de ideia e ficou olhando para a arqueóloga, de cara amarrada. O silêncio começou a se tornar constrangedor.

A cabeça de Siferra estava latejando. Tudo aquilo era inesperado e desagradável: a notícia de que outros membros do departamento já estavam discutindo a sua descoberta, a tentativa desajeitada de Balik de seduzi-la. Seduzi-la? Bem, pelo menos de criar uma atmosfera romântica. Parecia tão frustrado e surpreso com a sua reação!

Imaginou se teria feito sem querer alguma coisa para encorajá-lo. Não. Não. Era pouco provável. Não tinha nenhum interesse em ir para o norte com Balik, ou a qualquer outro, e beber vinho em restaurantes românticos. Tinha o seu trabalho. Era o bastante. Há mais de vinte anos, desde a juventude, os homens a assediavam, diziam que era bonita, inteligente, fascinante. Devia se sentir grata por isso. Muito melhor do que se a achassem feia e desinteressante. Mas não estava interessada em homens. Nunca havia estado. Não queria estar. Que péssima hora Balik havia escolhido para criar aquele clima de constrangimento entre os dois. Ainda tinham que organizar todo o material recolhido em Beklimot. E tinham que analisá-lo juntos, trabalhando lado a lado…

Alguém bateu na porta. Ela se sentiu imensamente grata pela interrupção.

— Quem é?

— Mudrin 505 — respondeu uma voz trêmula.

— Entre, por favor.

— Já vou indo — disse Balik.

— Não vá. Ele veio para ver as tabuinhas. Elas são suas também.

— Siferra, sinto muito se…

— Esqueça. Esqueça!

Mudrin entrou, caminhando com dificuldade. Era um homem frágil, ressequido, de quase oitenta anos, idade mais do que suficiente para se aposentar, mas que continuava a pertencer ao corpo docente, embora não desse mais aulas, para continuar seus estudos paleográficos. Os olhos verde acinzentados, sempre úmidos depois de uma vida de examinar antigos manuscritos quase ilegíveis, se escondiam atrás de grossos óculos. Entretanto, Siferra sabia que a aparência daqueles olhos era enganadora: eram os olhos mais penetrantes que jamais havia conhecido, pelo menos no que dizia respeito a escritos do passado.

— Então aqui estão as famosas tabuinhas — disse Mudrin. — Desde que você me falou a respeito, não consigo pensar em outra coisa — declarou, mas sem fazer nenhuma menção de examiná-los. — Pode me dizer mais alguma coisa sobre a forma como as encontrou?

— Aqui está a fotografia que Balik tirou do local — disse Siferra, passando-lhe uma ampliação. — A colina de Thombo, o velho depósito de lixo ao sul de Beklimot. Depois que a tempestade de areia passou, foi isso que nós vimos. Fizemos uma escavação que ia daqui até aqui… e depois, até aqui.. e deixamos tudo aberto. Está vendo a linha escura?

— São cinzas? — perguntou Mudrin.

— Exatamente. A cidade inteira deve ter pegado fogo Mais para baixo, podemos ver uma segunda série de alicerces, e uma segunda linha onde o fogo chegou. E se o senhor olhar aqui, e aqui…

Mudrin ficou olhando para a fotografia durante muito tempo.

— Que é que nós temos aqui? Oito ciclos sucessivos de colonização?

— Sete — resmungou Balik.

— Nove, penso eu — corrigiu Siferra, secamente. — Mas concordo que fica muito difícil separar as cidades quando chegamos perto da base da colina. Vamos precisar de análise química e testes radiográficos. É indiscutível, porém, que houve uma série de incêndios, e que os habitantes reconstruíram a cidade depois de cada um deles.

— Neste caso, o lugar deve ser incrivelmente antigo! exclamou Mudrin.

— Tenho a impressão de que foi usado durante pelo menos cinco

mil anos. Talvez muito mais. Talvez dez ou quinze mil anos. Não temos maneira de saber até chegarmos ao primeiro nível, e isso terá que esperar até a próxima expedição.

— Cinco mil anos, você disse? Será possível?

— Para construir, reconstruir e reconstruir de novo? Cinco mil anos, no mínimo.

— Mas nenhum outro sítio arqueológico, já escavado em qualquer lugar do mundo, é tão antigo! — protestou Mudrin, com assombro. — A própria cidade de Beklimot tem apenas dois mil anos, não é? E é considerada a cidade mais antiga de que se tem notícia em Kalgash.

— A cidade mais antiga de que se tem notícia — repetiu Siferra. — Mas o que impede que existam outras mais antigas? Muito mais antigas? Mudrin, esta fotografia fala por si mesma. Aqui está um sítio que tem que ser mais antigo que Beklimot. Existem artefatos parecidos com os encontrados em Beklimot no nível mais alto de Thombo, situado muito longe dali! Beklimot deve ser uma cidade relativamente recente, do ponto de vista da história da civilização. A cidade de Thombo, que já era muito antiga antes de Beklimot ser fundada, deve ter pegado fogo e ter sido reconstruída várias vezes, em um intervalo de tempo correspondente a centenas de gerações.

— Um lugar azarado — observou Mudrin. — Perseguido pelos deuses, hein?

— E o que os habitantes finalmente devem ter pensado — disse Balik.

Siferra assentiu.

— Isto mesmo. Devem ter chegado à conclusão de que o lugar era amaldiçoado. Assim, quando a cidade pegou fogo mais uma vez, decidiram mudá-la de lugar e construíram Beklimot. Antes disso, porém, devem ter ocupado Thombo por muito, muito tempo. Conseguimos reconhecer os estilos arquitetônicos das duas cidades mais recentes. Veja, a cidade de cima foi construída no estilo ciclópico de Beklimot e a de baixo no estilo hachurado proto-Beklimot. Mas a terceira cidade para baixo, o que restou dela, não se parece com nada conhecido. A quarta é ainda mais estranha e muito primitiva. Mesmo assim, é sofisticada em comparação com a quinta. Mais abaixo, a mistura é tão grande, que fica quase impossível dizer onde começa uma cidade e termina a outra. Entretanto, cada uma é separada por uma linha cinzenta, ou assim nos parece. E as tabuinhas…

— Sim, as tabuinhas — repetiu Mudrin, ansioso.

— Encontramos este conjunto, as quadradas, no terceiro nível. As retangulares vêm do quinto nível. Não entendo nada do que está escrito, é claro. Não sou especialista no assunto.

— Não seria maravilhoso — interveio Balik — se essas tabuinhas contivessem algum tipo de relato a respeito da destruição e

reconstrução das cidades de Thombo, e…

Siferra fuzilou-o com os olhos.

— Seria melhor, Balik, se você se abstivesse de fazer comentários irresponsáveis!

— Desculpe, Siferra — disse ele, em tom glacial. — Faça de conta que eu não disse nada.

Mudrin nem ouviu a discussão. Estava examinando as tabuinhas na mesa de Siferra, com ar de entendido. Afinal, exclamou:

— É espantoso! Absolutamente espantoso!

— Consegue ler o que está escrito aí? — perguntou Siferra.

O velho riu.

— Claro que não! Que esperava, um milagre? Mas consigo distinguir um grupo de palavras aqui.

— Eu também — disse Siferra.

— E chego quase a reconhecer letras. Não nas tabuinhas mais antigas. Nessas, os símbolos são totalmente desconhecidos. Provavelmente se tratava de uma escrita silábica, o número de caracteres diferentes é muito grande para uma escrita alfabética. Mas parece que as tabuinhas quadradas foram escritas em uma forma muito primitiva da escrita de Beklimot. Está vendo este símbolo aqui? Aposto que é um quhas. E isto parece ser uma forma distorcida da letra tifjak. Sim, é um tifjak, não acha? Preciso trabalhar neste material, Siferra. Usando meu próprio equipamento de iluminação, minhas câmeras, minhas lupas. Posso levar as tabuinhas?

— Levá-las? — exclamou Siferra, como se tivesse pedido seus dedos emprestados.

— É a única forma de decifrá-las.

— Acha que tem condição de decifrá-las? — perguntou Balik.

— Não sei. Se este caractere é um tifjak e este aqui um quhas, provavelmente conseguirei encontrar outras letras semelhantes às que existem no alfabeto de Beklimot e preparar pelo menos uma transliteração. Isso não garante, porém, que eu seja capaz de compreender o que está escrito. E duvido que seja capaz de conseguir alguma coisa com as tabuinhas retangulares. Mas deixe-me tentar, Siferra. Deixe-me tentar.

— Está bem. Tome.

Ela recolheu as tabuinhas com todo o cuidado e colocou-as na caixa em que tinham vindo de Sagikan. Era penoso separar-se delas, mas Mudrin tinha razão. Não podia fazer nada sem examiná-las em seu laboratório, só com uma rápida olhada. Observou, com tristeza, o velho paleógrafo se retirar, apertando contra o peito o precioso material. Ela e Balik estavam sozinhos de novo.

— Siferra… a respeito do que eu lhe disse…

— Não lhe pedi para esquecer? Eu já me esqueci. Agora, se me

permite, tenho muito que fazer.

13

— Como foi que ele reagiu? — perguntou Theremon. — Melhor do que você esperava, não foi?

— Maravilhosamente — respondeu Beenay. Estavam no terraço do Clube Seis Sóis. A chuva tinha parado e fazia uma noite bonita, com a estranha claridade da atmosfera que sempre vinha depois de um período prolongado de chuva. Tano e Sitha estavam a oeste, projetando sua fria luz branca com intensidade maior do que a normal, e Dovim do lado oposto do céu, brilhando como um rubi. — Só ficou zangado quando eu disse que me sentira tentado a ocultar minha descoberta para não ferir seus sentimentos. Aí ele me passou uma descompostura com toda razão. Mas o mais engraçado foi… Garçom! Garçom! Um Tano Especial para mim, por favor! E um para o meu amigo. Pode ser duplo!

— Você está se tornando um beberrão, sabia? — observou Theremon.

Beenay deu de ombros.

— Só bebo quando estou aqui. Há alguma coisa neste terraço, na vista da cidade, na atmosfera do lugar…

— É assim que começa. O vício vem aos poucos. Você desenvolve associações agradáveis entre a bebida e um certo ambiente. Depois, resolve beber um drinque ou dois em outro lugar. Logo passa a ser um drinque ou três. Aí…

— Theremon! Você está parecendo um Apóstolo do Fogo! Eles acham que beber é pecado, não acham?

— Eles acham que tudo é pecado. Mas, no caso da bebida, têm toda razão. É por isso que beber é tão gostoso, não é, amigo? — Theremon riu. — Você estava falando do Dr. Athor.

— É mesmo. Aconteceu uma coisa engraçada. Você se lembra daquela sua ideia de que algum fator desconhecido poderia estar modificando a órbita de Kalgash, tornando-a diferente da órbita prevista?

— Claro que eu me lembro. Um gigante invisível. Ou o bafo de um dragão.

— Pois o Dr. Athor pensa igual a você!

— Ele acha que existe um gigante no céu?

Beenay deu uma gargalhada.

— Claro que não! Mas ele atribui a diferença a algum fator desconhecido. Um sol apagado, ou um outro astro localizado em uma posição tal que não podemos vê-lo, mas que mesmo assim exerce uma força gravitacional sobre Kalgash…

— Não acha essa explicação um pouco forçada? — perguntou

Theremon.

— Acho sim. Mas o Dr. Athor me fez recordar a velha máxima da Espada de Thargola. É uma espada que usamos, metaforicamente, é claro, para eliminar as premissas mais complexas, quando estamos tentando decidir que hipótese devemos adotar. É mais simples sair à procura de um astro desconhecido do que criar uma nova Teoria da Gravitação Universal. Assim…

— Um sol apagado? Mas isto não é uma contradição? Os sóis são fontes de luz. Se um astro não emite luz, como pode ser um sol?

— Esta é apenas uma das possibilidades sugeridas pelo Dr. Athor. Não é necessariamente a que ele leva mais a sério. O que temos feito nos últimos dias é brincar com todo o tipo de ideias para ver se encontramos alguma que explique os… Olhe, lá está Sheerin! — Beenay acenou para o psicólogo, que acabara de entrar no clube. — Sheerin ! Sheerin! Venha tomar um drinque conosco!

Sheerin aproximou-se dos dois, passando com cuidado pela estreita entrada.

— Arranjando novos vícios, Beenay?

— Nem tanto. Mas Theremon me apresentou ao Tano Especial e acho que foi amor à primeira vista. Você conhece Theremon, não conhece? Ele escreve para a Crônica.

— Acho que nunca fomos apresentados — disse Sheerin, estendendo a mão para o repórter. — Claro que conheço você de nome. Sou tio de Raissta 717.

— E professor de psicologia — disse Theremon. — Esteve há pouco tempo na Exposição de Jonglor, não esteve?

Sheerin pareceu surpreso.

— Você sabe de tudo que acontece?

— Procuro saber. — O garçom estava de volta. — Que vai querer? Um Tano Especial?

— É forte demais para mim — disse Sheerin. — E um pouco doce demais, também. Por acaso vocês têm neltigir?

— O conhaque de Jonglor? Vou ter que verificar. Como vai querer, se eu conseguir encontrar?

— Puro, por favor — disse Sheerin. E voltando-se para Theremon e Beenay: — Eu me acostumei a beber neltigir quando estive no norte. A comida em Jonglor é horrível, mas pelo menos eles têm um conhaque decente.

— Ouvi dizer que estão tendo problemas na Exposição — disse Theremon. — Alguma coisa no parque de diversões… um passeio no escuro que estava deixando as pessoas malucas…

— É o Túnel do Mistério. Foi por isso que eu estive lá. Os administradores do parque me chamaram para opinar como perito.

Theremon inclinou-se para a frente.

— É verdade que algumas pessoas morreram de choque naquele Túnel e mesmo assim ele continuou funcionando?

— Todo mundo me pergunta isso — replicou Sheerin. — Houve algumas mortes, sim. Isto, porém, só serviu para tornar o Túnel ainda mais popular. As pessoas insistiam em correr o risco. Algumas ficaram muito perturbadas. Eu mesmo resolvi fazer o passeio para ver como era — disse, estremecendo. — Seja como for, agora está parado. Eu disse a eles que se não fechassem o brinquedo, teriam que pagar milhões de créditos de indenização. As pessoas simplesmente não podem suportar a Escuridão por tanto tempo. Eles acabaram entendendo.

— Encontrei o neltigir que o senhor pediu — interrompeu o garçom, colocando um copo de conhaque na mesa, à frente de Sheerin. — Mas só temos uma garrafa, de modo que é melhor o senhor ir com calma.

O psicólogo fez que sim com a cabeça, pegou o copo e bebeu metade do conteúdo de um só gole, antes que o garçom se afastasse da mesa.

— Eu disse ao senhor que…

Sheerin sorriu.

— Ouvi o que você disse. Vou tomar o segundo copo mais devagar. — Voltou-se para Beenay. — Soube que o Observatório está em polvorosa. Liliath me contou. Mas ela não soube me explicar direito o que está acontecendo. Tem a ver com uma nova teoria, se não me engano…

— Theremon e eu estávamos conversando justamente sobre isso — disse Beenay, sorrindo. — Não é uma nova teoria, não. São resultados experimentais que não estão de acordo com uma teoria antiga. Eu estava calculando a órbita de Kalgash e…

Sheerin ouviu a história com surpresa crescente.

— A Teoria da Gravitação Universal está errada? — exclamou, quando Beenay chegou na metade. — Puxa vida! Isso quer dizer que seu largar o meu copo, ele pode sair flutuando? Nesse caso, é melhor beber o resto do meu neltigir enquanto posso!

Foi o que fez. Beenay riu.

— A teoria ainda está nos livros. O que estamos tentando fazer, ou por outra, o que o Dr. Athor está tentando fazer, como chefe do projeto, é descobrir uma explicação matemática para o fato de que nossos resultados experimentais não concordam com as previsões teóricas.

— Se não me engano, isto se chama cozinhar os dados acrescentou Theremon.

— A mim, parece suspeito — observou Sheerin . — Quando você não gosta dos dados experimentais, trata de modificá-los, não é,

Beenay? O ajuste tem que ser perfeito, por bem ou por mal?

— Não é exatamente isto que…

— Admita! Admita! — Sheerin deu uma gargalhada. Garçom! Mais um neltigir! E mais um Tano Especial para meu jovem amigo aqui! Theremon, posso pedir um para você também?

— Por favor.

— Estou desiludido com você, Beenay — disse Sheerin , no mesmo tom de brincadeira. — Pensei que nós psicólogos éramos os únicos a fazer os dados coincidirem com as teorias e chamar o resultado de "ciência". Isto parece mais coisa dos Apóstolos do Fogo!

— Sheerin! Pare!

— Os Apóstolos também se consideram cientistas — observou Theremon. Beenay e Sheerin olharam para ele. — Na semana passada, antes da chuva começar, entrevistei um dos chefes da organização. Tinha esperança de falar com Mondior, mas quem me recebeu foi um tal de Folimun 66, uma espécie de relações públicas, um sujeito muito melífluo, muito inteligente, muito prestativo. Passou meia hora explicando-me que os Apóstolos possuem provas científicas de que no dia 19 de Theptar do ano que vem os sóis vão apagar, nosso planeta vai ser mergulhado na Escuridão e todos vão ficar malucos.

— O mundo inteiro vai se transformar em um grande Túnel do Mistério, não é? — disse Sheerin, em tom jovial. — Não temos hospícios suficientes para toda a população, você sabe. Nem psiquiatras suficientes para cuidar de todos. Além disso, os psiquiatras vão ficar malucos, também.

— Já não são? — perguntou Beenay.

— Isto é verdade — concordou Sheerin.

— O pior não é a loucura — disse Theremon. — De acordo com Folimun, o céu vai ficar cheio de coisas chamadas Estrelas, que vão despejar fogo sobre nós, incendiando tudo. Aqui estaremos, um bando de loucos, vagando sem rumo em nossas cidades em chamas. Ainda bem que tudo isso é apenas um pesadelo de Mondior.

— E se não for? — disse Sheerin, subitamente sério. Seu rosto redondo assumiu uma expressão pensativa. — E se houver um fundo de verdade no que dizem os Apóstolos?

— Que ideia apavorante — disse Beenay. — Acho que exige mais um drinque.

— Você ainda não terminou o último — observou Sheerin, olhando para o copo do jovem astrônomo.

— E daí? Sua ideia exige mais um drinque depois que este acabar. Garçom! Garçom!

14

Athor 77 sentiu a fadiga tomar conta do seu corpo. O diretor do Observatório perdera toda a noção do tempo. Havia realmente trabalhado dezesseis horas sem parar?

Na véspera, tinha sido a mesma coisa. E no dia anterior…

Pelo menos, era disso que Nyilda se queixava. Tinha acabado de conversar com ela. O rosto da esposa na tela refletia a sua preocupação.

— Não vem para casa descansar, Athor? Está trabalhando praticamente sem parar.

— Estou?

— Você não é mais nenhuma criança.

— Mas ainda me resta muita energia, Nyilda. E este trabalho é apaixonante. Depois de dez anos assinando relatórios de pesquisa e lendo artigos escritos por outras pessoas, estou fazendo de novo aquilo que gosto. É muito bom.

Ela pareceu ainda mais preocupada.

— Na sua idade, você não precisa mais fazer pesquisa. Sua reputação está garantida, Athor!

— Está?

— Seu nome tem lugar garantido na história da astronomia.

— Como herói ou como vilão? — replicou, fatal.

— Athor, não entendo o que você…

— Calma, Nyilda. Eu não vou morrer de tanto trabalhar, acredite. Estou me sentindo vinte anos mais jovem. E é um trabalho que só eu posso fazer. Se isso parece pretensão de minha parte, que seja, mas é absolutamente essencial que eu…

Nyilda suspirou.

— Está bem. Você é quem sabe. Mas não exagere, Athor. É tudo que eu peço.

Será que estava exagerando?, perguntou-se Athor. Sim, sim, claro que estava. Não havia outro jeito. Em questões como aquela, não havia meias-medidas. Tinha que se dedicar de corpo e alma ao problema. Quando estava desenvolvendo a Teoria da Gravitação Universal, trabalhara dezesseis, dezoito, vinte horas por dia durante semanas a fio, dormindo apenas quando o sono era inevitável, limitando esse sono a curtos cochilos e acordando ansioso para trabalhar, com a mente ainda borbulhando com as equações que deixara inacabadas alguns momentos antes.

Mas, na época, tinha apenas 35 anos. Agora, estava chegando aos 70. Era impossível ignorar os efeitos da idade. Sua cabeça doía, a garganta estava seca e sentia uma pressão no peito. Embora fizesse

calor no escritório, as pontas dos seus dedos estavam geladas. Os joelhos estavam latejando. Todo o seu corpo protestava contra os excessos a que estava sendo submetido. Vou ficar só mais um pouquinho, prometeu a si mesmo, e depois irei para casa.

Só mais um pouquinho. Oitavo Postulado…

— Professor?

— Quem é? — perguntou.

Mas a sua voz devia ter transformado a pergunta em uma espécie de rosnado feroz, porque quando levantou a cabeça, Yimot estava na porta, fazendo uma série de estranhas contorções, como se estivesse pisando em brasas. Havia medo nos olhos do rapaz. A verdade era que Yimot sempre ficava nervoso na presença do diretor do Observatório. Todos ficavam, não apenas os estudantes. Athor já estava acostumado com isso. Aquilo, porém, passava das medidas. Yimot estava olhando para ele com uma mistura de terror e perplexidade. O jovem estudante lutou visivelmente para recuperar a voz e disse, com dificuldade:

— Aqui estão os cálculos que o senhor queria.

— OH. Sim. Sim. Passe para cá.

A mão de Athor tremia violentamente quando ele a estendeu para pegar as listagens. Os dois olharam para ela, fascinados. Os dedos longos e ossudos estavam mortalmente pálidos e se agitavam de uma forma que nem mesmo Yimot, conhecido pela violência de suas reações nervosas, conseguiria igualar. Athor fez força para controlar os movimentos da mão, mas era como se estivesse tentando fazer Onos inverter seu movimento no céu. Tirou com dificuldade os papéis da mão de Yimot e colocou-os sobre a mesa.

— Posso trazer alguma coisa para o senhor? — perguntou Yimot.

— Um remédio? Como se atreve a…

— Estava pensando em alguma coisa para comer, ou talvez um refrigerante — disse Yimot, com um fio de voz. Ele recuou devagar, como se esperasse que Athor soltasse um rugido e pulasse em seu pescoço.

— Ah! Entendo. Não, estou muito bem, Yimot. Muito bem!

— Sim, senhor.

O estudante saiu. Athor fechou os olhos por um momento, respirou fundo três ou quatro vezes e procurou acalmar-se. Estava quase terminando. Aqueles cálculos que havia encomendado a Yimot provavelmente eram a última prova de que precisava. A questão agora era saber se o trabalho iria acabar com ele antes que tivesse tempo de acabar o trabalho.

Olhou para os cálculos de Yimot.

Diante de sua mesa havia três telas. A da esquerda mostrava a órbita de Kalgash calculada de acordo com a Teoria da Gravitação Universal, desenhada em vermelho.

Na tela da direita, em amarelo, estava a órbita que Beenay havia levantado com o auxilio do novo computador da universidade, usando as observações mais recentes da posição de Kalgash. Na tela do meio, as duas órbitas tinham sido superpostas. Nos últimos cinco dias, Athor havia testado várias hipóteses para explicar a diferença entre a órbita teórica e a experimental, e podia colocar qualquer uma dessas sete hipóteses para a tela do meio com o simples apertar de uma tecla.

O problema era que nenhuma das sete fazia sentido, e ele sabia disso. Todas continham um defeito fatal: uma suposição que estava ali não porque fosse natural, mas porque era necessária para que a teoria correspondesse às observações. Nenhuma delas podia ser provada, nenhuma delas podia ser confirmada. Era como se em cada caso ele simplesmente tivesse decidido, em algum ponto da dedução, que uma fada madrinha entrasse em ação e ajustasse as interações gravitacionais para anular a diferença. Na verdade, era exatamente o que Athor estava procurando.

Mas tinha que ser uma fada de verdade. Estava na hora do oitavo postulado…

Começou a digitar os cálculos de Yimot. Várias vezes, os dedos trêmulos o traíram, e ele cometeu um erro. Sua mente, porém, ainda era lúcida o suficiente para informá-lo, na mesma hora, de que apertara a tecla errada, e ele voltou atrás e corrigiu o engano. Duas vezes, enquanto trabalhava, quase perdeu os sentidos com a intensidade do esforço. Entretanto, forçou-se a prosseguir.

Você é a única pessoa no mundo capaz de resolver este problema, disse para si mesmo enquanto trabalhava. Por isso, não pode desistir.

Talvez estivesse procedendo como um tolo vaidoso ou mesmo um pouco insano. Talvez não fosse verdade. Entretanto, no estado de exaustão em que se encontrava, a única coisa que lhe dava forças para prosseguir era se considerar insubstituível. Era o único que tinha na cabeça todos os conceitos básicos do projeto. Tinha que prosseguir até conseguir fechar o último elo da cadeia. Até…

Pronto. Entrara no computador o último dos números de Yimot. Athor apertou a tecla que permitia visualizar ao mesmo tempo as duas órbitas na tela do meio e apertou a outra que integrava o novo número aos padrões existentes.

A elipse vermelha que representava a órbita teórica original, sofreu ondulações e mudanças e desapareceu da tela. O mesmo aconteceu com a elipse amarela da órbita observada. Agora havia uma única curva na tela, uma elipse laranja, gerada pela superposição exata das duas curvas, até o último algarismo significativo.

Athor soltou uma exclamação. Examinou a tela por alguns momentos; depois, fechou os olhos e descansou a cabeça no tampo da mesa. A elipse laranja brilhava como um anel de fogo nas suas

pálpebras fechadas.

Sentia uma curiosa mistura de triunfo e apreensão. Conseguira uma resposta agora. Tinha certeza de que a hipótese encontrada resistiria aos testes mais rigorosos. Afinal de contas, a Teoria da Gravitação Universal estava certa A cadeia de deduções que o tornara famoso continuava de pé. Ao mesmo tempo, porém, sabia agora que o modelo do sistema solar com o qual havia trabalhado todo esse tempo estava incompleto. O fator desconhecido que estivera buscando, o gigante invisível, o dragão no céu, era real. Athor achava isso profundamente desagradável, embora salvasse sua teoria. Há muitos anos se convencera de que compreendia perfeitamente o ritmo dos céus; agora tinha consciência de que esse conhecimento era imperfeito, de que existiam coisas estranhas no universo, de que as coisas não eram exatamente como pensava que fossem. Era difícil, na sua idade, aceitar isso.

Depois de algum tempo, Athor levantou a cabeça. A tela continuava igual. Apertou algumas teclas e nada mudou. Via apenas uma órbita, não duas.

Muito bem, disse para si próprio. Então o universo não é exatamente como você pensava. É melhor você tratar de reorganizar seus pensamentos. Porque certamente não pode reorganizar o universo.

— Yimot! — chamou. — Faro! Beenay! Venham todos!

O pequeno gordo Faro foi o primeiro a chegar, seguido de perto por Yimot e o resto do departamento de astronomia: Beenay, Thilanda, Klet, Simbron e outros. Eles se aglomeraram na porta do escritório. Athor percebeu pela expressão de surpresa no rosto dos auxiliares que devia estar com um aspecto assustador, desgrenhado e com a barba por fazer, os cabelos brancos em desalinho, o rosto pálido, com toda a aparência de um velho à beira de um colapso.

Era importante dissipar sem demora os temores de sua equipe. Não era hora para melodramas. Disse para eles, em tom neutro:

— Sim, estou cansado e sei disso. Provavelmente estou com um aspecto horrível. Mas acabei encontrando alguma coisa que funciona.

— A hipótese da lente gravitacional? — quis saber Beenay.

— A hipótese da lente gravitacional não levou a nada respondeu Athor, friamente. — O mesmo se aplica ao sol apagado, à dobra no espaço, à zona de massa negativa e a outras ideias com que estivemos brincando a semana inteira. São todas ideias muito interessantes, mas que não resistem a uma análise mais acurada. Entretanto, encontrei uma que sobreviveu a todos os testes.

Os olhos dos assistentes se arregalaram.

Voltando-se para o terminal, começou de novo a digitar os parâmetros do Oitavo Postulado. Enquanto trabalhava, seu cansaço se

dissipou: desta vez, não entrou com nenhum número errado. A cabeça tinha parado de doer. Estava momentaneamente imune à fadiga.

— O que estamos supondo — disse — é que existe um corpo planetário não-luminoso semelhante a Kalgash, que está em órbita, não em torno de Onos, mas em torno de Kalgash. Esse corpo possui uma massa considerável, da mesma ordem de grandeza que a massa de Kalgash, e suficiente para exercer uma força gravitacional sobre nosso planeta capaz de explicar as perturbações descobertas por Beenay.

Athor apertou uma tecla e um diagrama do sistema solar apareceu na tela do terminal: os seis sóis, Kalgash e o suposto satélite de Kalgash. O velho professor olhou para os assistentes. Estavam todos se entreolhando, nervosos. Embora tivessem metade da sua idade, ou menos, deviam estar encontrando tanta dificuldade quanto ele para aceitar a ideia de que havia um outro astro no universo de cuja existência jamais alguém havia suspeitado. Ou então estavam achando que tudo não passava de devaneios de uma mente senil, que, de algum modo, havia deslizado em erros nos cálculos.

— Os dados que apóiam o Oitavo Postulado estão corretos — disse Athor. — E o postulado resistiu a todos os testes que consegui imaginar.

Olhou para eles com ar de desafio, como que para lembrar-lhes que era o mesmo Athor 77 que legara ao mundo a Teoria da Gravitação Universal e que ainda se encontrava no perfeito domínio de suas faculdades.

— Professor, por que não conseguimos observar este satélite? — perguntou Beenay, timidamente.

— É fácil explicar — respondeu Athor. — Como Kalgash, este astro não tem luz própria. Se supusermos que sua superfície contém rochas azuladas, uma hipótese geologicamente plausível, a luz refletida por ele ocuparia uma posição tal no espectro luminoso que o brilho eterno dos seis sóis, combinado com as propriedades de nossa atmosfera, o tornaria totalmente invisível. Em um céu perpetuamente iluminado como o nosso, seria impossível observá-lo.

— Contanto que este satélite gire em torno do nosso planeta a uma distância muito grande, não é mesmo, professor? — disse Faro.

— Isso mesmo. — Athor apertou outra tecla. — Aqui está uma vista mais ampliada. Como podem ver, nosso satélite desconhecido e invisível descreve uma enorme elipse que o leva a enormes distâncias de Kalgash. Não tão grandes que não possamos detectar os seus efeitos gravitacionais, mas suficientes para nos impedir de observá-lo a olho nu e tornar improvável sua observação ao telescópio.

— Agora, que sabemos que ele existe, podemos tentar observá-lo no telescópio — disse Thilanda 191, cuja especialidade era a

astrofotografia.

— Claro que vamos fazer isso — disse Athor. Estavam começado a aceitar a ideia, pensou. Todos eles. Conhecia-os suficientemente bem para saber que o estavam levando a sério. — Se bem que a busca pode ser mais difícil do que vocês pensam. Vai ser como procurar uma agulha no palheiro. Mesmo assim, vale a pena tentarmos.

— Professor, eu tenho uma pergunta — disse Beenay.

— Pode falar.

— Se a órbita é tão excêntrica como o senhor supõe, e se este seu satélite, se este… este Kalgash Dois, se é que podemos chamá-lo assim… se Kalgash Dois está muito distante de nós em certos trechos de sua órbita, é evidente que em outros trechos da órbita estará muito mais próximo. Existe uma variação, mesmo na mais perfeita órbita, assim, no caso de órbitas excêntricas, como as deste satélite, é provável que exista uma grande diferença entre os pontos de maior e menor aproximação.

— Isso me parece lógico — concordou Athor.

— Nesse caso, professor — prosseguiu Beenay -, se supusermos que Kalgash Dois tem estado tão afastado de nós durante todo o período da ciência astronômica moderna que não fomos capazes de detectá-lo, a não ser por seus efeitos gravitacionais, não concorda que é provável que ele já tenha passado pelo ponto de máximo afastamento? Que, no momento, ele esteja se aproximando de nosso planeta?

— Não necessariamente — protestou Yimot, agitando os braços. — Não sabemos em que ponto da órbita ele se encontra no momento, nem quanto tempo leva para completar uma volta em torno de Kalgash. Uma órbita pode durar dez mil anos. Nesse caso, talvez Kalgash Dois ainda esteja se afastando de nós, depois de uma aproximação nos tempos pré-históricos que não deixou registros.

— Pode ser — admitiu Beenay. — A verdade é que não sabemos se está indo ou vindo. Não ainda.

— Mas podemos tentar descobrir — sugeriu Faro. — Thilanda está certa. Embora os números tenham sido checados, o que temos a fazer é observá-lo no telescópio. Depois disso, poderemos calcular sua órbita.

— Mesmo que seja impossível observá-lo, podemos calcular sua órbita pela perturbação que está causando na nossa — declarou Klet, que era o melhor matemático do departamento.

— É verdade — concordou Simbron, a cosmógrafa. Também podemos verificar se está se aproximando ou se afastando de nós. Puxa! E se estiver se aproximando? Seria um acontecimento incrível! Um astro sem luz própria, passando entre nós e os sóis! Talvez ocultando a luz de alguns deles por um par de horas!

— Como seria estranho! — cismou Beenay. — Acho que poderíamos chamar esse fenômeno de eclipse. Você sabe: o efeito visual que ocorre quando um objeto se coloca entre um objeto e o observador. Mas poderia isto acontecer? Os sóis são tão grandes… como Kalgash Dois ocultaria um deles?

— Bastaria que passasse muito perto de nós — argumentou Faro. — Ora, posso imaginar uma situação em que…

— Isso, imagine todas as situações possíveis, por que não? — interveio Athor, interrompendo Faro de forma tão abrupta que todos se voltaram para olhar para ele. — Brinquem com a ideia, todos vocês. Imaginem isso e aquilo, e vejam o que acontece.

De repente, não agüentou mais ficar sentado. Tinha que sair dali.

A excitação que vinha sentindo desde que a última peça do quebra-cabeça se encaixara no lugar tinha desaparecido bruscamente. Tudo que sentia era um grande cansaço, como se tivesse mil anos de idade. A dor nas costas era quase insuportável. Sabia que seu corpo estava no limite da resistência. Era hora de deixar aos mais moços a tarefa de completar o trabalho.

Levantando-se da cadeira, Athor deu um passo em direção ao meio da sala, cambaleou, aprumou-se e caminhou devagar, com dignidade, em direção à porta, passando pelo meio dos seus discípulos.

— Vou para casa — declarou. — Preciso dormir um pouco.

15

— Quer dizer que a cidade foi destruída nove vezes seguidas, Siferra? — observou Beenay, surpreso. — E eles a reconstruíram nove vezes?

— Meu colega Balik acha que só existem as ruínas de sete cidades enterradas na colina de Thombo — respondeu a arqueóloga. — E pode ser que tenha razão. Nos níveis mais baixos, está tudo misturado. Mas sete cidades, nove cidades… seja qual for o número, a ideia central não muda. Olhe para estes mapas. São baseados nas nossas escavações. Naturalmente o que fizemos foi apenas uma sondagem preliminar, um corte rápido em toda a colina, deixando o trabalho detalhado para a próxima expedição. Quando descobrimos o que havia na colina, estava quase na hora de voltar para a civilização. Mas estes mapas lhe darão uma ideia. Não estou aborrecendo você, estou? Está realmente interessado, não está, Beenay?

— Estou fascinado. Acha que estou tão envolvido com a astronomia que não dou valor às outras disciplinas? Além disso, a arqueologia e a astronomia às vezes se complementam. Aprendemos muita coisa a respeito dos movimentos dos sóis estudando os monumentos astronômicos que vocês desenterraram aqui e ali. Deixe-me ver os mapas.

Estavam no escritório de Siferra. Ela havia pedido a Beenay para ir até lá, alegando que gostaria de discutir com ele um problema inesperado que surgira em sua pesquisa. Beenay ficara admirado, pois, apesar do que acabara de dizer, não via como um astrônomo pudesse ajudar uma arqueóloga em seu trabalho. Por outro lado, estava satisfeito por ter a oportunidade de se encontrar com Siferra.

Os dois tinham se conhecido há cinco anos, quando trabalhavam em uma comissão de professores, discutindo a ampliação da biblioteca da universidade. Embora Siferra passasse muito tempo fora da cidade, fazendo trabalho de campo, ela e Beenay almoçavam juntos de vez em quando. Ele a achava combativa, muito inteligente e dotada de um senso crítico aguçado, que, por alguma razão, o fascinava. Não sabia o que Siferra via nele: talvez apenas um rapaz intelectualmente estimulante, que não estava envolvido nas disputas e rivalidades mesquinhas de sua profissão e aparentemente não se sentia atraído por ela como mulher.

Siferra desenrolou os mapas, grandes folhas de papelão nas quais complexos diagramas tinham sido desenhados com capricho a lápis. Ela e Beenay se inclinaram para observá-los de perto.

Beenay dizia a verdade ao se declarar interessado por arqueologia. Desde os tempos de menino, gostava de ler as narrativas

dos grandes exploradores da antiguidade, homens como Marpin, SheIbik e, naturalmente, Galdo 221. Achava o passado remoto quase tão fascinante quando as vastidões remotas do espaço. A companheira oficial, Raissta, não via com bons olhos sua amizade com Siferra. Já havia insinuado várias vezes que o que o atraía era a própria Siferra, e não a arqueologia. Mas Beenay considerava absurdo o ciúme de Raissta. Claro que Siferra era uma mulher atraente (seria um absurdo negar o óbvio), mas não se interessava por homens e todo o campus sabia disso. Além disso, era uns dez anos mais velha do que Beenay. Na verdade, o rapaz jamais pensara nela em termos românticos.

— O que temos aqui, em primeiro lugar, é uma secção reta de toda a colina — disse Siferra. — Procurei mostrar, de forma esquemática, a divisão em camadas. A cidade mais recente é a de cima, naturalmente. É caracterizada por grossas paredes de pedra, o que chamamos de estilo ciclópico de arquitetura, característico da cultura de Beklimot em seu período maduro de desenvolvimento. Esta linha aqui, no meio das paredes ciclópicas, representa uma camada de restos carbonizados. Os indícios são de um gigantesco incêndio, que deve ter destruído toda a cidade. Abaixo das paredes ciclópicas, podemos ver a cidade seguinte.

— Que foi construída em um estilo diferente.

— Isso mesmo. Está vendo a forma como desenhei as pedras das paredes? É o chamado estilo hachurado, característico da cultura primitiva de Beklimot, ou talvez da cultura anterior à que construiu Beklimot. Os dois estilos podem ser encontrados nas ruínas de Beklimot, que circundam a colina de Thombo. As ruínas principais são no estilo ciclópico, mas aqui e ali podemos encontrar algumas estruturas no estilo hachurado, que chamamos de proto-Beklimot. Agora olhe aqui, exatamente entre a cidade construída no estilo hachurado e as ruínas ciclópicas acima.

— Outra linha preta? — disse Beenay.

— Outra linha preta. O que temos nesta colina é como um sanduíche de várias camadas: uma camada de construções, uma camada de cinzas, outra camada de construções, outra camada de cinzas. Minha interpretação é a seguinte: durante a época em que a cidade no estilo hachurado foi construída, houve um incêndio que devastou boa parte da península de Sagikan e fez com que a cidade de Thombo e outras cidades próximas fossem abandonadas. Mais tarde, quando os habitantes voltaram e iniciaram a tarefa de reconstrução, usaram um estilo diferente, mais elaborado, que chamamos de estilo ciclópico por causa das grandes pedras usadas nas paredes. Mais tarde, porém, houve outro incêndio que destruiu a cidade ciclópica. Nessa ocasião, os habitantes desistiram de construir cidades na colina de Thombo e mudaram-se para uma localidade próxima, que chamamos

Beklimot. Durante muito tempo, pensamos que Beklimot fosse a primeira cidade realmente humana, o resultado da evolução de uma raça que havia construído cidades menores, no estilo hachurado, nas vizinhanças. O que a descoberta de Thombo nos revela é que houve pelo menos uma cidade ciclópica importante na região, antes mesmo de Beklimot ser construída.

— E a cidade de Beklimot não mostra nenhum sinal de incêndio? — perguntou Beenay.

— Não. Isso provavelmente quer dizer que ainda não existia quando a cidade mais recente da colina de Thombo foi destruída. Mais tarde, a cultura de Beklimot entrou em decadência, e Beklimot foi abandonada, mas isso aconteceu por outros motivos, especialmente fatores climáticos. O fogo não teve nada a ver com isso. Beklimot foi abandonada há cerca de mil anos, mas o incêndio que destruiu a última cidade de Thombo parece ter ocorrido muito antes. De acordo com minhas estimativas, mil anos antes. Quando analisarmos as amostras de carvão pela técnica do radio carbono, teremos números mais precisos.

— E a civilização que construiu a cidade no estilo hachurado? É muito antiga?

— A crença arqueológica ortodoxa diz que as ruínas no estilo hachurado que encontramos em sítios esparsos na península de Sagikan são apenas algumas gerações mais antigas do que as de Beklimot. Depois da descoberta de Thombo, não penso mais assim. Em minha opinião, a cidade construída no estilo hachurado é dois mil anos mais antiga que a cidade ciclópica.

— Dois mil… ? E está dizendo que encontrou cidades ainda mais antigas?

— Veja o mapa — disse Siferra. — Aqui está a cidade número três… um estilo de arquitetura totalmente desconhecido, bem diferente do estilo hachurado. Depois, outra linha preta. A cidade número quatro. Outra linha preta. A cidade número cinco. Outra linha preta. Depois, as cidades número seis, sete, oito e nove… se bem que, de acordo com Balik, as duas últimas não existem a não ser na minha imaginação.

— E todas elas destruídas por um grande incêndio! Isso é incrível! Um ciclo de destruição e reconstrução no mesmo lugar.

— O que é ainda mais interessante — observou Siferra em tom sombrio -, é que cada uma dessas cidades parece ter prosperado por um período de tempo semelhante antes de ser destruída pelo fogo. As camadas de ruínas têm todas praticamente a mesma espessura. Ainda não temos os resultados dos testes de laboratório, mas acho que minhas estimativas iniciais não podem estar muito erradas. E as avaliações de Balik são parecidas com as minhas. A menos que

estejamos totalmente enganados, estamos diante de pelo menos quatorze mil anos da pré-história. Durante esses quatorze mil anos, a colina de Thombo foi periodicamente varrida por incêndios gigantescos, que arrasaram totalmente as cidades que os habitantes da área haviam construído. Mais ainda: esses incêndios ocorreram com incrível regularidade, um a cada dois mil anos!

— O quê?

Beenay sentiu um arrepio na espinha. Estava chegando a uma conclusão assustadora.

— Espere — disse Siferra. — Ainda não terminei. Abriu uma gaveta e tirou um maço de fotografias.

— Essas são fotografias das tabuinhas de Thombo. Mudrin 505 (o paleógrafo, você sabe) está com os originais. Ele está tentando decifrá-las. São feitas de barro cozido. Encontramos estas três no Terceiro Nível, e estas no Quinto Nível. Mudrin não conseguiu nada com as mais antigas, mas está fazendo algum progresso com as do Terceiro Nível. Parece que foram escritas em uma versão primitiva do alfabeto de Beklimot. Até agora, o que ele pode dizer é que falam da destruição da cidade pelo fogo. Dizem que foi provocada pelos deuses, que periodicamente são obrigados a punir a humanidade por seus pecados.

— Periodicamente?

— Isso mesmo. Está começando a compreender?

— Os Apóstolos do Fogo! Meu Deus, Siferra, que significa isso?

— É o que tenho me perguntado desde que Mudrin me mostrou as primeiras traduções. — A arqueóloga se voltou para encarar Beenay, e o rapaz notou pela primeira vez as suas olheiras, a expressão tensa e preocupada em seu rosto. — Entende agora por que pedi que viesse aqui? Não posso conversar sobre isso com nenhum dos meus colegas de departamento. Beenay, que vou fazer? Se esta descoberta vier a público, Mondior 71 e seu bando de fanáticos vão proclamar aos sete ventos que eu descobri uma prova incontestável de suas teorias!

— E você concorda?

— Tenho alternativa? — Siferra apontou para os mapas. Aqui estão as provas de que várias cidades foram destruídas pelo fogo a intervalos de dois mil anos, aproximadamente, em um período de muitos milhares de anos. E essas tabuinhas… ao que tudo indica… podem ser uma versão pré-histórica do Livro das Revelações. No conjunto, essas descobertas representam, se não uma confirmação das histórias dos Apóstolos, pelo menos uma sólida base histórica para a origem dos seus mitos!

— O fato de um local ter sofrido repetidos incêndios não significa que a devastação tenha sido em escala mundial objetou Beenay.

— É a periodicidade que me preocupa — disse Siferra.

— Corresponde muito de perto às afirmações de Mondior. Dei

uma olhada no Livro das Revelações. Você sabia que a península de Sagikan é um lugar sagrado para os Apóstolos? Dizem que é o lugar onde os deuses apareceram para a humanidade. E, portanto, natural… preste atenção, é natural — insistiu, com um sorriso amargo — que os deuses tenham preservado Sagikan como uma advertência para a humanidade do castigo que cairá sobre nós vez após vez se não nos corrigirmos.

Beenay olhou para ela, surpreso.

Na verdade, conhecia muito pouco a respeito dos Apóstolos e seus ensinamentos. Nunca se interessara por aquele tipo de fantasias patológicas, e estivera ocupado demais com seu trabalho científico para prestar atenção nas profecias apocalípticas de Mondior. Agora, porém, a conversa que tivera semanas antes com Theremon 762, no Clube Seis Sóis, adquiria um novo significado. “ … não será a primeira vez em que o mundo é destruído… os deuses deliberadamente fizeram o homem imperfeito e nos deram um único ano (um dos seus anos divinos, não dos nossos pequenos anos) para chegarmos à perfeição. É o chamado Ano de Divindade, e corresponde a exatamente 2049 dos nossos anos. “ Não. Não. Não. Não. Bobagem! Loucura! Havia mais. “ Vez após vez, quando o Ano de Divindade termina, os deuses descobrem que ainda somos maus e pecadores e destroem o mundo fazendo chover fogo de lugares sagrados no céu chamados Estrelas. Assim dizem os Apóstolos. Não! Não!

— Beenay? — disse Siferra. — Tudo bem com você?

— Estou só pensando. Sabe que você está certa? Esta história serviria para confirmar tudo que os Apóstolos sempre pregaram!

— Não necessariamente. As pessoas de bom senso ainda poderiam rejeitar as ideias de Mondior. Afinal, a destruição de Thombo pelo fogo, ou mesmo a destruição repetida de Thombo, a intervalos de aproximadamente dois mil anos, não prova de modo algum que o mundo inteiro tenha sido destruído pelo fogo. Ou que venha a sê-lo no futuro. Por que o passado teria que ser repetido no futuro? Entretanto, as pessoas de bom senso estão em minoria. O resto da população consideraria minhas descobertas como uma confirmação das palavras de Mondior e se deixaria contagiar pelo pânico. Você sabia que, de acordo com os Apóstolos, o próximo grande incêndio vai ocorrer no ano que vem?

— Sabia — disse Beenay, em um tom grave. — Theremon contou-me que eles previram o dia exato em que isso vai acontecer. Na verdade, o ciclo tem 2049 anos, e este é o ano 2048. Daqui a onze ou doze meses, segundo Mondior, o céu vai ficar escuro e o fogo vai descer sobre nós. Acho que o dia fatídico é 19 de Theptar.

— Theremon, você disse? O repórter?

— Isso mesmo. Ele é meu amigo. Está interessado em toda essa

questão dos Apóstolos e entrevistou um dos sumos sacerdotes da organização ou coisa parecida. Theremon disse-me que…

Siferra segurou Beenay pelo braço com força surpreendente.

— Você tem que prometer que não contará nada a ele sobre esta nossa conversa, Beenay!

— A Theremon? Claro que não vou contar! Você ainda não publicou suas descobertas. Seria falta de ética comentá-las com outras pessoas. Mas Theremon é um homem de caráter.

A arqueóloga relaxou a pressão, mas só um pouco.

— Às vezes dois amigos trocam comentários confidenciais… mas acredite, Beenay, para pessoas como Theremon, não há nada confidencial. Se achar que um assunto merece ser abordado em suas reportagens, vai abordá-lo, sejam quais forem as circunstâncias em que obteve as informações. Ou por mais caráter que você pense que ele tenha.

— Ora… talvez…

— Acredite em mim. Se Theremon descobrir o que acabo de contar para você, pode apostar que no dia seguinte estará nas páginas da Crônica. E isso me arruinaria profissionalmente, Beenay. Já imaginou, passar para a história como a cientista que forneceu aos Apóstolos as provas de que necessitavam para suas teorias absurdas? Os Apóstolos me repugnam, Beenay. Jamais lhes ofereceria qualquer tipo de ajuda e, com certeza, não quero dar a impressão de que concordo com as loucuras que pregam.

— Não se preocupe — disse Beenay. — Não direi uma palavra.

— Acho bom. Como já disse, isso me arruinaria. Voltei à universidade para tentar conseguir novas verbas para minha pesquisa. As descobertas de Thombo já estão provocando uma grande controvérsia no departamento, porque não estão de acordo com o ponto de vista tradicional de que Beklimot é a comunidade urbana mais antiga. Se, além de tudo, Theremon associar meu nome aos Apóstolos do Fogo…

Beenay tinha deixado de prestar atenção. Ele compreendia o problema de Siferra e certamente não faria nada que pudesse prejudicá-la. Theremon não saberia de nada por seu intermédio. Assim, seus pensamentos se voltaram para outras coisas, coisas aterrorizantes. Algumas frases que, segundo Theremon, faziam parte da doutrina dos Apóstolos, continuavam a lhe martelar a memória:

“Daqui a quatorze meses, os sóis vão todos desaparecer… … as Estrelas vão despejar fogo do céu negro… a hora exata da catástrofe pode ser determinada cientificamente… ”

… céu negro…

… os sóis vão desaparecer…

— A Escuridão! — murmurou Beenay. — Será possível? Siferra

tinha continuado a falar, mas o comentário do astrônomo a fez interromper o que estava dizendo.

— Você não está prestando atenção, Beenay!

— Eu… o quê? Oh. Oh. Claro que estou prestando atenção! Você estava dizendo que não podemos deixar que Theremon tome conhecimento do que você descobriu, porque sua reputação poderia sofrer e… escute, Siferra, acha que podemos continuar esta conversa em outra hora? Esta noite, ou amanhã de tarde, ou quando for possível? Está na hora de eu voltar para o Observatório.

— Então não devo prendê-lo por mais tempo — disse ela, friamente.

— Não fique ofendida, Siferra. Sua descoberta é extremamente interessante. Na verdade, pode ter uma importância ainda maior do que você imagina. Mas eu preciso verificar uma coisa. Alguma coisa diretamente relacionada ao que você me contou.

A arqueóloga olhou para ele, desconfiada.

— Você parece excitado. Seus olhos estão brilhando. De repente, ficou estranho. Seus pensamentos parecem estar a milhares de quilômetros daqui. Que está acontecendo?

— Eu lhe conto mais tarde — disse Beenay, a caminho da porta. — Mais tarde! Prometo!

16

Àquela hora, o Observatório estava praticamente deserto. Não havia ninguém ali, a não ser Faro e Thilanda. Para alívio de Beenay, Athor 77 ainda não havia voltado.

Ótimo, pensou Beenay. O esforço para explicar os desvios na órbita do planeta, que levara a hipótese de Kalgash Dois, deixara o velho astrônomo extenuado, melhor poupar-lhe novas preocupações.

O fato de encontrar Faro e Thilanda havia sido uma feliz coincidência. Faro tinha o tipo de raciocínio rápido, sem preconceitos, de que Beenay estava precisando. E Thilanda, que passara tantos anos esquadrinhando os recantos vazios do céu com seu telescópio e sua câmera, talvez pudesse fornecer as informações de que Beenay necessitava no momento.

— Estive revelando chapas o dia inteiro — disse Thilanda, à guisa de saudação. — Mas não adianta. Agora posso afirmar com convicção: não há nada lá em cima no céu, a não ser os seis sóis. Será que o velho perdeu o juízo?

— Acho que não, Thilanda.

— Como explica, então, os meus resultados? Há vários dias que estou fotografando todos os quadrantes do universo. É um programa meticuloso. Fotografar, desviar alguns graus, fotografar de novo. Uma varredura sistemática de toda a esfera celeste. Veja o resultado, Beenay. Uma pilha de fotografias do vazio!

— Se o satélite desconhecido é invisível, Thilanda, o que a faz pensar que pode ser fotografado?

— Invisível a olho nu, talvez. Mas as fotos deviam mostrar…

— Escute, vamos deixar isso de lado por enquanto. Preciso da ajuda de vocês dois em uma questão puramente teórica. Tem a ver com a nova teoria do Dr. Athor.

— Mas se o satélite desconhecido não existir… — protestou Thilanda.

— Não quero discutir isso agora — Beenay a interrompeu. — E não gostaremos quando ele aparecer de não sei onde, bem na nossa cara. Vai me ajudar ou não?

— Bem…

— Ótimo. O que quero que faça é calcular no computador as posições dos seis sóis em um período 420O anos.

— Você disse quatro mil e duzentos anos? — repetiu Thilanda, surpresa.

— Sei que nossos registros cobrem um período muito menor. O que eu quero, Thilanda, é uma projeção das órbitas, com base nas posições conhecidas. Vocês dispõem de pelo menos cem anos de

observações confiáveis, não é mesmo?

— Mais do que isso.

— Melhor ainda. Extrapole as órbitas, a partir desses dados, para o passado e para o futuro. Faça o computador dizer onde estavam os sóis a cada dia durante os últimos 21 séculos e onde estarão durante os próximos 21 séculos. Se não puder fazer isso sozinha, estou certo de que Faro concordará em ajudá-la a escrever o programa.

— Acho que dá para fazer o que você quer — disse Thilanda, em tom glacial. — Mas se importa de explicar do que se trata? O Observatório vai publicar um calendário?

— Depois eu explico a você — disse Beenay. — Prometo.

Ele deixou a jovem astrônoma soltando fumaça e foi até o escritório de Athor, onde se sentou diante das três telas que Athor havia usado para chegar à teoria de Kalgash Dois. Ficou olhando por muito tempo para a tela central, que mostrava a órbita de Kalgash, levando em conta as perturbações causadas pelo hipotético Kalgash Dois.

Depois, apertou uma tecla e a suposta órbita de Kalgash Dois apareceu na tela, uma elipse excêntrica que ocupava um espaço muito maior do que a órbita de Kalgash, mais compacta e quase circular. Examinou-a por alguns instantes; depois, apertou as teclas que faziam os sóis serem mostrados na tela. Passou quase uma hora experimentando diferentes configurações: Onos no céu com Tano e Sitha, Onos com Trey e Patru, Onos e Dovim com Trey e Patru, Dovim com Trey e Patru, Dovim com Tano e Sitha, Patru e Trey sozinhos… Aquelas eram as configurações normais.

E as configurações anormais?

Tano e Sitha sozinhos? Não, isso não podia acontecer. As trajetórias dos astros eram tais que Tano e Sitha nunca podiam aparecer naquele hemisfério, a menos que Onos, Dovim ou ambos estivessem visíveis ao mesmo tempo. Talvez isso fosse possível há centenas ou milhares de anos, pensou, embora fosse pouco provável. No momento, porém, era impossível.

Trey, Patru, Tano e Sitha?

Outra impossibilidade. Os dois pares de sóis ficavam em lados opostos de Kalgash; sempre que um par estava no céu, o outro estava escondido atrás do planeta. Uma vez ou outra, os quatro sóis apareciam juntos no céu, mas Onos estava sempre visível nessas ocasiões. Havia os famosos dias de cinco sóis, que correspondiam aos igualmente famosos dias de um único sol (Dovim) no hemisfério oposto. Eles ocorriam uma vez a cada dois ou três anos.

Trey sem Patru? Tano sem Sitha?

Teoricamente, era possível. Quando um dos pares de sóis estava próximo ao horizonte, durante um breve período, um dos sóis do par

podia ficar acima do horizonte e o outro abaixo. Entretanto, isso não era um evento astronômico significativo, mas apenas uma aberração momentânea. Os sóis continuavam a formar um par, ainda que separados temporariamente pela linha do horizonte.

Todos os seis sóis no céu ao mesmo tempo? Impossível!

Pior do que isso… impensável!

No entanto, tinha acabado de pensar nesta possibilidade. A ideia o fez estremecer. Se os seis sóis estivessem ao mesmo tempo acima do horizonte, não restaria nenhum sol para iluminar o hemisfério oposto. Escuridão! Escuridão! Mas a Escuridão era desconhecida em Kalgash, a não ser como um conceito abstrato. Não era possível que os seis sóis se reunissem em uma região do céu, deixando metade do planeta mergulhada em total Escuridão. Isso era inconcebível. Era mesmo?

Beenay parou para pensar. Ouviu mais uma vez a voz grave de Theremon repetindo as previsões dos Apóstolos: "… os sóis vão desaparecer… as Estrelas vão despejar fogo do céu negro…" Sacudiu a cabeça. Tudo que conhecia a respeito dos movimentos dos sóis no céu ia contra a ideia de que os seis se reunissem de um lado de Kalgash ao mesmo tempo. Aquilo simplesmente não podia acontecer, a não ser por milagre. Beenay não acreditava em milagres. Da forma como os sóis se moviam no céu, qualquer ponto da superfície de Kalgash tinha que ser iluminado, a cada instante, por pelo menos um sol.

Esqueça a hipótese dos seis sóis aqui, Escuridão ali. Que restava?

Dovim sozinho, pensou. O pequeno sol vermelho sozinho no céu?

Sim, isso acontecia, se bem que raramente. Nos dias de cinco sóis, em que Tano, Sitha, Trey, Patru e Onos eram vistos no mesmo hemisfério, restava apenas Dovim para iluminar o outro lado do mundo. Beenay imaginou se aquela seria a Escuridão anunciada pelos Apóstolos.

Seria possível? Dovim era um sol relativamente fraco, com uma luz vermelho-arroxeada que as pessoas poderiam confundir com a Escuridão.

Não, não fazia nenhum sentido. Mesmo o pequeno Dovim fornecia iluminação suficiente para que as pessoas não se assustassem com a falta de luz. Além do mais, Dovim aparecia sozinho no céu uma vez a cada dois ou três anos. Era um evento incomum, mas não chegava a ser extraordinário. Se os efeitos psicológicos de ver apenas um sol vermelho no céu fossem sérios, todos na certa estariam aguardando com apreensão a próxima ocorrência do fenômeno, que estava prevista para dali a um ano e pouco.

A verdade, porém, é que ninguém estava preocupado com o assunto.

Por outro lado, se Dovim estivesse sozinho no céu e alguma coisa acontecesse, alguma coisa realmente rara, para bloquear a luz do

pequeno sol…

Thilanda apareceu a seu lado e disse, secamente:

— Beenay, seu programa está pronto. Não foi preciso limitar as projeções a um período finito. Faro me ajudou e montamos o programa de tal forma que você pode calcular as posições dos sóis desde a criação do universo até o final dos tempos.

— Ótimo. Transfira o programa para o computador que estou usando, está bem? E peça a Faro para vir aqui.

O pequeno e gorducho aluno de pós-graduação se aproximou com os olhos brilhando de curiosidade. Era evidente que gostaria de fazer mil perguntas acerca do que Beenay estava fazendo. Entretanto, em respeito à relação professor-aluno, ficou em silêncio, esperando que Beenay se pronunciasse.

— O que tenho aqui na tela — começou Beenay — é a órbita proposta pelo Dr. Athor para Kalgash Dois. Vou supor que se trata da órbita correta, já que o Dr. Athor disse-nos que explica perfeitamente as perturbações na órbita do nosso planeta. Tenho também aqui, ou por outra, terei quando Thilanda terminar a transferência, o programa que você e ela acabaram de escrever, que calcula as posições dos sóis a qualquer instante. O que vou fazer agora é verificar se existem ocasiões em que a presença de apenas um sol no céu coincide com a maior aproximação de Kalgash Dois, de modo que…

— De modo que talvez torne possível calcular a frequência de eclipses? — perguntou Faro. — É isso, professor?

A pergunta era tão pertinente que deixou Beenay desconcertado.

— Na verdade, era nisso que eu estava pensando. Você também se interessa por eclipses?

— Comecei a me interessar no dia em que o Dr. Athor nos falou pela primeira vez a respeito de Kalgash Dois. Simbron, como o senhor talvez se lembre, mencionou o fato de que o estranho satélite poderia esconder por algum tempo a luz de alguns dos sóis. O senhor disse que esse fenômeno seria chamado de eclipse. Comecei então a pensar em algumas das possibilidades. Mas o Dr. Athor interrompeu-me antes que eu pudesse dizer alguma coisa, declarando que estava cansado e precisava dormir um pouco.

— E desde aquele dia você não investigou mais o assunto?

— Não — disse Faro.

— Pois agora chegou a sua oportunidade. Vou transferir tudo que está na memória do meu computador para o seu. Nós dois vamos trabalhar separadamente, mas com o mesmo objetivo. O que procuramos é um momento muito especial, em que Kalgash Dois está passando pelo ponto de máxima aproximação do nosso planeta, e ao mesmo tempo só existe um sol no céu.

Faro assentiu e correu para o seu computador. Beenay nunca o

vira se dedicar a um problema com tanta sofreguidão. Beenay não esperava ser o primeiro a terminar os cálculos. Faro era um ás em matéria de computadores. A ideia, porém, era duplicar os resultados, para reduzir a possibilidade de erro. Assim, algum tempo depois, quando Faro deixou escapar uma exclamação de triunfo e começou a dizer alguma coisa, Beenay silenciou-o com um gesto e continuou a trabalhar. Os embaraçosos dez minutos a mais que levou lhe pareceram uma eternidade.

Depois, os números começaram a aparecer na tela. Se todos os dados que colocara no computador estavam corretos (a órbita do satélite invisível, os movimentos dos seis sóis no céu), não era provável que houvesse jamais um dia de Escuridão. A única possibilidade era a de ocorrer um eclipse em um dia em que apenas Dovim estivesse no céu. Entretanto, a probabilidade de Kalgash Dois vir a eclipsar Dovim parecia remota. Os dias em que Dovim estava sozinho no céu eram tão raros, que a probabilidade de que isso ocorresse e ao mesmo tempo Kalgash Dois estivesse passando pelo ponto de máxima aproximação devia ser infinitamente pequena.

Seria mesmo?

Não. Não era infinitamente pequena.

Pelo contrário. Olhou de novo para os números na tela. Parecia haver uma pequena possibilidade de convergência. Os cálculos ainda não estavam completos, mas as coisas pareciam caminhar na direção certa à medida que o computador determinava as posições dos sóis no instante de máxima aproximação de Kalgash-Kalgash Dois. Duas conjunções no período de 420O anos de investigação. Cada vez que Kalgash Dois completava uma órbita, chegava às proximidades de Kalgash cada vez mais perto de um dia em que apenas Dovim estaria no céu. Os números continuaram a aparecer, enquanto o computador calculava órbita após órbita.

De repente, ali estava. Os três corpos exatamente alinhados. Kalgash, Kalgash Dois, Dovim!

Sim! Kalgash Dois podia eclipsar totalmente Dovim, quando este era o único sol no céu!

A configuração, porém, era extremamente rara. Dovim tinha que estar sozinho em seu hemisfério e à distância máxima de Kalgash, enquanto Kalgash Dois tinha que estar à distância mínima. Nesse caso, o diâmetro aparente de Kalgash Dois seria sete vezes maior do que o de Dovim. Isso era suficiente para esconder a luz de Dovim por mais de meio dia, de modo que nenhum ponto da superfície do planeta escaparia aos efeitos da Escuridão. De acordo com o computador, aquela combinação muito especial de circunstâncias ocorria uma vez a cada…

Beenay soltou uma exclamação de assombro. Não queria

acreditar.

Voltou-se para Faro. O rosto rechonchudo do estudante estava pálido.

Beenay disse a ele, com voz rouca:

— Muito bem. Terminei. Já tenho o meu resultado, mas primeiro quero ouvir o seu.

— Eclipse de Dovim por Kalgash Dois: periodicidade, 2049 anos.

— Isso mesmo — repetiu Beenay, devagar. — É exatamente o que eu calculei. Uma vez a cada 2049 anos.

Sentiu-se tonto. O universo inteiro parecia estar girando. Uma vez a cada 2049 anos. A duração exata de um Ano de Divindade, segundo os Apóstolos do Fogo. O mesmo número que aparecia no Livro das Revelações.

… os sóis vão todos desaparecer…

… as Estrelas vão despejar fogo do céu negro…

Beenay não sabia o que eram as Estrelas. Entretanto, Siferra descobrira uma colina na península de Sagikan em que cidades tinham sido destruídas por incêndios com uma regularidade impressionante, aproximadamente uma vez a cada dois mil anos. Quando os testes de carbono-14 estivessem prontos, saberiam o intervalo exato entre os cataclismos… seria 2049 anos?

… do céu negro…

Beenay olhou para Faro.

— Quando vai ocorrer o próximo dia em que apenas Dovim estará no céu? — perguntou.

— Daqui a onze meses e quatro dias — respondeu Faro. — Dia 19 de Theptar.

— Já desconfiava — disse Beenay. — É o mesmo dia em que, de acordo com Mondior 71, o céu vai ficar negro e o fogo dos deuses vai destruir a nossa civilização.

17

— Pela primeira vez na vida, chego a rezar para que meus cálculos estejam errados — disse Athor. — Temo, porém, que os deuses não me atendam. A lógica me conduz inexoravelmente a uma terrível conclusão.

Olhou em torno, detendo-se por alguns momentos em cada uma das pessoas que havia chamado para aquela reunião. Beenay 25, é claro. Sheerin 501, do departamento de psicologia. Siferra 89, a arqueóloga.

Custava-lhe um grande esforço dissimular a fadiga que estava sentindo, a desesperança, o impacto esmagador de tudo que descobrira nas últimas semanas. Tentava ocultar todas essas coisas até de si próprio. Nos últimos tempos, dera para surpreender-se pensando que já vivera demais, que talvez tivesse sido melhor se o repouso eterno lhe tivesse sido concedido um ou dois anos antes. Entretanto, procurava tirar da ideia esses pensamentos negativos. Uma vontade férrea e uma grande fortaleza de espírito tinham sido sempre a marca registrada de Athor. Mesmo agora, que o peso da idade começava a se fazer sentir, recusava-se a desistir desses traços de caráter.

Voltando-se para Sheerin, perguntou:

— Seu campo de estudos, pelo que fui informado, é sobre os efeitos da Escuridão?

O psicólogo pareceu achar graça.

— Suponho que é uma forma de descrever o que eu faço. Minha tese de doutorado foi sobre doenças causadas pela Escuridão, mas a pesquisa sobre a Escuridão é apenas uma das facetas do meu trabalho. Eu me interesso por todos os tipos de histeria em massa; pelas respostas irracionais da mente humana a estímulos os mais variados. Toda a gama de loucuras humanas, é isso que me garante o salário no final do mês.

— Muito bem — disse Athor, friamente. — Que seja assim. Beenay 25 disse-me que você é a pessoa que mais entende de Escuridão em toda a universidade. Acaba de ver nossa pequena demonstração de astronomia na tela do computador. Imagino que seja capaz de compreender as implicações daquilo que acabamos de descobrir.

O velho astrônomo parecia ser incapaz de dizer alguma coisa sem assumir um ar superior. Sheerin, porém, não parecia ofendido.

— Acho que compreendo, sim — disse, calmamente. — O senhor está dizendo que existe um misterioso astro invisível, mais ou menos do tamanho do nosso planeta, que gira em órbita em torno de Kalgash, a uma certa distância, e cuja força de atração explica perfeitamente

certos desvios da órbita de Kalgash em relação à teoria, que meu amigo Beenay descobriu faz algum tempo. Estou certo até agora?

— Está — concordou Athor. — É isso mesmo.

— Pois bem — prosseguiu Sheerin. — Acontece que, às vezes, este astro passa entre nós e um dos nossos sóis. Este fenômeno é chamado de eclipse. Apenas um dos sóis pode sofrer eclipses, esse sol é Dovim. O eclipse ocorre apenas quando — Sheerin franziu a testa — quando Dovim é o único sol no céu, e tanto ele quanto o chamado Kalgash Dois estão alinhados de tal forma que Kalgash Dois cobre totalmente o disco de Dovim, fazendo com que nenhuma luz chegue até nós. Que tal?

Athor fez que sim com a cabeça.

— Acho que compreendeu perfeitamente o problema. É pena. Tinha esperança de ter entendido errado. Fale agora dos efeitos do eclipse — ordenou Athor. Sheerin respirou fundo.

— OK. O eclipse, que ocorre apenas uma vez a cada 2049 anos, graças a Deus!, resulta em total Escuridão na superfície de Kalgash. Em consequência do movimento de rotação de nosso planeta, todos os continentes ficam nas trevas por um período que pode variar… o que foi que o senhor disse?… que pode variar de nove a quatorze horas, dependendo da latitude.

— Muito bem. Agora me responda, por favor — disse Athor. — Em sua opinião, como psicólogo, qual será o efeito dessa Escuridão sobre os seres humanos?

— O efeito será a loucura — respondeu Sheerin, sem hesitar.

De repente, todos ficaram muito quietos. Afinal, Athor perguntou:

— Loucura universal? É isso que está prevendo?

— Exatamente. Escuridão universal, loucura universal. Tenho a impressão de que as pessoas serão afetadas de várias formas e em vários graus. Algumas ficarão apenas deprimidas e desorientadas; outras sofrerão uma destruição completa e permanente das faculdades mentais. Naturalmente, quanto maior a estabilidade psicológica do indivíduo, menor a probabilidade de que a ausência de luz produza danos irreversíveis. Na minha opinião, porém, ninguém será totalmente poupado.

— Não compreendo — disse Beenay. — Por que a Escuridão faria as pessoas perderem o juízo?

Sheerin sorriu.

— Simplesmente não estamos preparados para a ausência de luz. Imagine, se puder, um mundo com apenas um sol. Se esse mundo girasse em torno de si próprio, cada hemisfério ficaria iluminado metade do tempo e passaria a outra metade do tempo totalmente às escuras.

Beenay fez um gesto involuntário de medo.

— Está vendo? — exclamou Sheerin. — Você não pode nem ouvir falar nisso! Mas os habitantes desse planeta assim estariam acostumados a uma dose diária de Escuridão. Provavelmente, achariam as horas em que o sol estivesse no céu mais agradáveis, mas considerariam a Escuridão como uma coisa normal. Simplesmente iriam dormir e esperariam que o sol voltasse a aparecer. Nós, porém, somos diferentes. Nossa espécie se desenvolveu à luz dos sóis, o tempo todo, o ano inteiro. Quando Onos não está no céu, temos Tano, Sitha e Dovim, ou Patru e Trey, e assim por diante. Nossa mente e até o nosso corpo estão acostumados a uma iluminação constante. Não concebemos sequer um breve momento sem ela. Você dorme com uma luz acesa no quarto, não dorme?

— É claro — disse Beenay.

— É claro? Por que "é claro"?

— Porque… ? Ora, todo mundo dorme com uma luz acesa no quarto!

— É o que estou querendo mostrar. Diga-me uma coisa: já experimentou a Escuridão, meu caro Beenay?

Beenay encostou-se na parede, ao lado da janela panorâmica, e pensou um pouco.

— Não. Acho que não. Mas sei como é. Apenas… hum… — fez um gesto vago, mas de repente sua fisionomia se iluminou. — Apenas a falta de luz. Como no interior de uma caverna.

— Já entrou em uma caverna?

— Em uma caverna? Claro que nunca entrei em uma caverna!

— Eu já desconfiava. Pois eu já entrei em uma caverna, há muito tempo, quando estava começando a estudar as doenças produzidas pela Escuridão. Mas não fiquei muito tempo lá dentro. Entrei até a boca da caverna se reduzir a uma pequena mancha luminosa. O resto estava totalmente negro. Sheerin deu uma risada. — Nunca pensei que uma pessoa gorda como eu pudesse correr tanto!

— Pois acho que, se fosse eu, não teria corrido — declarou Beenay, em tom desafiador.

O psicólogo sorriu para o rapaz.

— Bravo! Admiro sua coragem, amigo.

Voltando-se para Athor, Sheerin disse:

— O senhor me permite realizar uma pequena experiência de psicologia?

— Como quiser.

— Obrigado.

Sheerin olhou de novo para Beenay.

— Incomoda-se de fechar a cortina, Beenay?

Beenay parecia surpreso.

— Para quê?

— Faça o que estou pedindo. Depois, venha cá e sente-se ao meu lado.

— Já que insiste…

A janela tinha grossas cortinas vermelhas. Athor não se lembrava de vê-las fechadas, e aquela sala tinha sido seu escritório nos últimos quarenta anos. Beenay deu de ombros e puxou a cortina. Ela deslizou no trilho. Por um momento, a luz avermelhada de Dovim ainda podia ser vista. Depois, só restaram sombras, e mesmo as sombras ficaram indistintas.

Os passos de Beenay ressoaram quando ele se dirigiu para a mesa, mas ele parou no meio do caminho.

— Não posso vê-lo — sussurrou, em tom queixoso.

— Continue assim mesmo — ordenou Sheerin, com voz tensa.

— Mas não consigo vê-lo! — insistiu o jovem astrônomo, ofegante. — Não consigo ver nada!

— Que esperava? A Escuridão é assim mesmo. — Sheerin esperou alguns instantes. — Vamos! Você pode chegar aqui mesmo sem enxergar. Venha cá e sente-se.

Os passos soaram novamente, hesitantes. Ouviu-se o ruído de alguém puxando uma cadeira. Afinal, Beenay falou, baixinho:

— Estou aqui.

— Como se sente?

— Estou… gulp… estou bem.

— Gostou da sensação?

Um longo silêncio.

— Não.

— Não gostou, Beenay?

— Detestei. É horrível. E como se as paredes… — fez outra pausa… — é como se as paredes estivessem se fechando em torno de mim. Sinto vontade de empurrá-las para longe. Mas não estou perdendo o juízo. Na verdade, acho que estou começando a me acostumar.

— Muito bem. E você, Siferra?

— Um pouco de Escuridão não me incomoda. Na minha profissão, de vez em quando tenho que usar passagens subterrâneas. Mas não posso dizer que seja agradável.

— Dr. Athor?

— Acho que sobrevivi ileso. Mas o senhor provou que estava certo, Dr. Sheerin — disse o diretor do Observatório, com mordacidade.

— Muito bem. Beenay, pode abrir a cortina.

Ouviram-se passos cautelosos no escuro, o roçar do corpo de Beenay na cortina enquanto ele procurava a corda, e depois o barulho triunfante da cortina sendo aberta. A luz vermelha de Dovim inundou

a sala, e Beenay olhou para o menor dos seis sóis com um grito de alegria. Sheerin enxugou o suor da testa com as costas da mão e disse, com voz trêmula:

— E foram apenas alguns minutos em um quarto escuro.

— A sensação é suportável — afirmou Beenay.

— Pode ser, no caso de um quarto escuro. Pelo menos, por um tempo limitado. Mas você sabe o que aconteceu na Exposição do Centenário de Jonglor, não sabe? Lembra-se do escândalo do Túnel do Mistério? Beenay, eu lhe contei a história uma noite, no verão passado, no Clube Seis Sóis, quando você estava com aquele jornalista, como é o nome dele? Theremon?

— Ah, sim! Eu me lembro! As pessoas que experimentaram a Escuridão em um brinquedo do parque e perderam o juízo.

— Era um túnel de um quilômetro e meio de comprimento, sem nenhuma iluminação. Você entrava em um pequeno vagão aberto e passava quinze minutos na Escuridão. Algumas pessoas simplesmente morreram de pavor. Outras saíram de lá com a saúde mental comprometida para o resto da vida.

— Por quê? Que foi que as afetou?

— A mesma coisa que fez você se sentir mal quando fechou a cortina e teve a impressão de que as paredes estavam tentando esmagá-lo. Existe um nome na psicologia para o medo instintivo da ausência de luz. Nós o chamamos de "claustrofobia", porque a falta de luz está sempre associada a lugares fechados, de modo que o medo de um é o medo do outro. Entende?

— Está bem, mas por que só algumas pessoas piraram?

— As pessoas que… que "piraram", para usar a sua expressão, foram aqueles infelizes que não tinham uma estrutura psicológica sólida o suficiente para resistir à claustrofobia que as acometeu ao serem submetidas à Escuridão. É uma sensação muito desagradável, acredite. Eu sei, porque estive no Túnel. Você passou dois ou três minutos no escuro e pude ver como ficou nervoso. Imagine quinze minutos!

— Mas eles não se recuperaram depois de saírem do Túnel?

— Alguns, sim. Outros, porém, vão sofrer os efeitos durante anos, ou talvez para toda a vida. Ficaram claustrofóbicos. O medo da Escuridão e de lugares fechados se cristalizou e se tornou, ao que tudo indica, permanente. E ainda houve alguns, como eu já disse, que morreram de choque. Esses, nós temos certeza de que não vão se recuperar, hein? Aí está o que quinze minutos no escuro podem fazer!

— Nem todos são afetados — insistiu Beenay. — Ainda não acredito que os efeitos sejam tão drásticos para a maioria de nós. Certamente não para mim.

Sheerin deu um suspiro de impaciência.

— Imagine a Escuridão… em toda parte. Nenhuma luz. As casas, as árvores, os campos, a terra, o céu… pretos! A não ser pelas Estrelas, se formos nos fiar nas palavras dos Apóstolos. A não ser pelas Estrelas, sejam elas o que forem. Você pode imaginar nosso planeta totalmente às escuras?

— Posso, sim — declarou Beenay, de forma ainda mais truculenta.

— Não! Não, você não pode! — Sheerin deu um soco na mesa, irritado. — Está enganando a si próprio! Você não pode imaginar. Seu cérebro não está em condições de apreender essa ideia, mais do que… escute, Beenay, você estudou matemática, não estudou? O seu cérebro consegue apreender realmente a ideia de infinito? Ou a ideia de eternidade? Você pode somente falar a respeito desses conceitos. Reduzi-los a equações e fazer de conta que os números abstratos são a realidade, quando de fato não passam de marcas no papel. Mas quando se esforça a sério para compreender a noção de infinito, fica tonto bem depressa, estou certo disso. Uma fração da realidade é suficiente para perturbá-lo. O mesmo se pode dizer da pequena amostra de Escuridão que acaba de provar. Quando a Escuridão tomar conta de tudo, você será colocado diante de um fenômeno que está além da sua compreensão. Você vai ficar louco, Beenay. De forma total e irreversível. É isso que, vai acontecer!

Mais uma vez, um silêncio opressivo tomou conta da sala. Afinal, Athor perguntou:

— Então é esta a sua conclusão final, Dr. Sheerin ? Insanidade em massa?

— Pelo menos setenta e cinco por cento da população vão se tornar irracionais. Talvez oitenta e cinco por cento. Talvez mesmo cem por cento.

Athor sacudiu a cabeça.

— É monstruoso. Assustador. Uma calamidade inacreditável. Devo confessar que penso parecido com Beenay: vamos dar um jeito de enfrentar o problema. Os efeitos serão menos cataclísmicos do que suas previsões levam a crer. Velho como sou, não posso deixar de sentir um certo otimismo, uma certa esperança…

— Posso falar, Dr. Athor? — perguntou Siferra.

— Claro. Claro! É para isso que você está aqui.

A arqueóloga se levantou e foi até o centro da sala.

— De certa forma, minha presença aqui é inesperada. Quando discuti pela primeira vez com Beenay minhas descobertas na península de Sagikan, pedi-lhe para guardar segredo. Temia que minha reputação profissional ficasse comprometida, porque sabia que os indícios que encontrara podiam ser facilmente apontados como comprovação das teses defendidas pelo movimento religioso mais

irracional, mais perigoso, mais ameaçador que existe no seio de nossa sociedade. Estou me referindo, é claro, aos Apóstolos do Fogo.

— Mais tarde, porém, quando Beenay me procurou com as suas descobertas, com a notícia de que Dovim estava sujeito a eclipses periódicos, compreendi que não podia manter mais em segredo o que sei. Tenho comigo mapas e fotografias das escavações que fizemos na colina de Thombo, perto do sítio arqueológico de Beklimot, na península de Sagikan. Beenay, você já viu esse material, mas se tiver a bondade de passá-lo ao Dr. Athor e ao Dr. Sheerin…

Siferra esperou até que tivessem visto os mapas e fotografias. Depois, prosseguiu.

— Será mais fácil compreender os mapas se os senhores pensarem na colina de Thombo como um gigantesco bolo em camadas de sítio antigos. Cada cidade foi construída sobre os restos da cidade anterior. A mais recente está no topo, é claro. É uma cidade típica do que chamamos a cultura de Beklimot. Abaixo dela está uma cidade construída pelo mesmo povo, ao que tudo indica, em um estágio mais primitivo de sua civilização. Isso se repete camada após camada, em um total de sete diferentes períodos de colonização, ou talvez até mais. Todos esses períodos, senhores, foram interrompidos bruscamente porque a cidade foi destruída pelo fogo. Podem ver nas fotografias as linhas escuras que separam as camadas. Essas linhas são feitas de restos carbonizados. Minha estimativa inicial, com base no tempo necessário para essas cidades atingirem o tamanho que possuíam na ocasião em que foram queimadas é de aproximadamente dois mil anos. O último deve ter acontecido há cerca de dois mil anos, pouco antes da expansão da cultura de Beklimot, que marca o início do período histórico.

— Entretanto, o carvão se presta muito bem à datação por radiocarbono, que permite determinar a idade de um sitio arqueológico com boa precisão. Desde que o material recolhido em Thombo chegou à Cidade de Saro, o laboratório de nosso departamento vem se dedicando à análise do radiocarbono, e agora os resultados ficaram prontos. Posso citá-los de cor. A mais recente das cidades de Thombo foi destruída pelo fogo há 205O anos, com um erro estatístico de má ou menos vinte anos. O carvão da cidade seguinte tem 410O anos de idade, com um erro de mais ou menos quarenta anos, A terceira foi destruída há 620O anos, com um erro de mais ou menos oitenta anos. A quarta tem 830O anos, com um erro de mais ou menos cem anos. A quinta…

— Minha nossa! — exclamou Sheerin. — Os intervalos são praticamente iguais!

— Exatamente. Os incêndios ocorreram a intervalos de pouco mais de vinte séculos. Se levarmos em conta a pequena imprecisão

que é inevitável nesse tipo de medida, todos os dados são compatíveis com a hipótese de que os incêndios ocorreram com um intervalo de exatamente 2049 anos. O que, segundo Beenay, corresponde precisamente ao intervalo entre os eclipses de Dovim. Além disso — acrescentou Siferra, em tom preocupado -, corresponde ao comprimento do que os Apóstolos do Fogo chamam de Ano de Divindade, no fim do qual a humanidade será destruída pelo fogo.

— Em consequência da loucura coletiva — declarou Sheerin, quase gritando. — Quando a Escuridão chegar, as pessoas vão querer luz. Qualquer tipo de luz. Tochas. Fogueiras. Vão queimar qualquer coisa! Vão queimar os móveis. Vão queimar as casas.

— Não — murmurou Beenay.

— Não se esqueça — disse Sheerin — de que essas pessoas vão estar transtornadas. Vão se comportar como crianças pequenas, mas com a força e algumas das habilidades dos adultos. Vão saber, por exemplo, como se usa um fósforo. Mas não vão se dar conta do perigo de acender fogueiras dentro de casa.

— Não — repetiu Beenay. — Não. Não.

Entretanto, suas palavras não eram mais de dúvida, e, sim, de desesperança.

— A princípio, pensamos que os incêndios de Thombo fossem um fenômeno puramente local, uma estranha coincidência — disse Siferra. — A regularidade é realmente impressionante, mas poderia ser atribuída a algum ritual de limpeza praticado periodicamente pelos habitantes, ou coisa parecida. Como não foram encontradas ruínas tão antigas em outros pontos do planeta, não havia como verificar esta hipótese. Os cálculos de Beenay, porém, mudaram tudo. Agora sabemos que, a cada 2049 anos, nosso planeta mergulha na Escuridão. Como Sheerin explicou, a população vai acender fogueiras. E o fogo vai escapar do controle. As cidades que existiam em outras regiões na época dos incêndios de Thombo devem ter sido também destruídas, e pela mesma razão. Entretanto, Thombo é tudo que nos resta da era pré-histórica. Como dizem os Apóstolos do Fogo, é um lugar sagrado, um lugar onde os deuses se manifestaram à humanidade.

— E talvez estejam se manifestando de novo — disse Athor, em tom sombrio -, mostrando-nos os restos de antigas catástrofes.

Beenay olhou para ele.

— O senhor está começando a acreditar nos ensinamentos dos Apóstolos?

Para Athor, a pergunta de Beenay era extremamente ofensiva. Levou alguns momentos para conseguir responder. Quando o fez, foi com deliberada calma.

— Acreditar neles? Não, acho que não. Mas me interesso por eles, Beenay. Fico horrorizado com a mera necessidade de fazer a seguinte

pergunta: e se os Apóstolos estiverem certos? Temos indicações seguras de que a Escuridão ocorre a intervalos de 2049 anos, exatamente o intervalo citado no Livro das Revelações. O Dr. Sheerin afirma que todos perderiam o juízo se isso acontecesse, e agora Siferra garante-nos que isso realmente aconteceu, que, pelo menos em uma pequena região do mundo, cidades inteiras foram destruídas pelo fogo a intervalos de 2049 anos.

— Que é que o senhor propõe? — perguntou Beenay. Que a gente se junte aos Apóstolos?

Athor teve novamente que se esforçar para se controlar.

— Não, Beenay. Apenas que a gente estude melhor a doutrina deles para ver se encontra alguma coisa aproveitável!

— Aproveitável? — repetiram Sheerin e Siferra, quase ao mesmo tempo.

— Isso mesmo! Aproveitável! — Athor juntou as mãos macilentas e voltou-se para encará-los. — Não compreendem que a sobrevivência da civilização depende unicamente de nós quatro? Tudo se resume a isso, não é mesmo? Pode soar melodramático, mas a verdade é que nós quatro estamos de posse de informações seguras de que o fim do mundo se aproxima. A Escuridão Universal trazendo loucura universal, incêndio universal. As cidades em chamas. A sociedade destruída. Existe, porém, outro grupo que vem prevendo, com base sabe lá em que tipo informações, o mesmo tipo de calamidade. E para um dia específico.

— Dia 19 de Theptar — murmurou Beenay.

— Sim, dia 19 de Theptar. O dia em que apenas Dovim estará no céu. Dia também em que, de acordo com nossos cálculos, Kalgash Dois vai chegar, bloqueando a luz do sol, deixando nosso planeta nas trevas. Nesse dia, de acordo com os Apóstolos, nossas cidades serão devoradas pelo fogo. Como é que eles sabem? É um simples palpite? Uma previsão baseada em antigas lendas?

— Muita coisa que eles dizem não faz o menor sentido — observou Beenay. — Eles afirmam, por exemplo, que as Estrelas vão aparecer no céu. Que são Estrelas? De onde elas vêm?

Athor deu de ombros.

— Não faço a menor ideia. Essa parte da doutrina dos Apóstolos pode não ter nenhuma ligação com a realidade. Seja como for, parece que eles tiveram acesso aos registros de alguns eclipses anteriores e que esta foi a base de suas previsões. Precisamos conhecer melhor esses registros.

— Por que nós? — perguntou Beenay.

— Porque, como cientistas, devemos agir como líderes, figuras de autoridade, na luta para salvar a civilização dos perigos que a aguardam no futuro próximo – respondeu Athor.

— A sociedade só poderá se proteger se conhecer o mais cedo possível a natureza desses perigos. No momento, apenas as pessoas crédulas e ignorantes dão atenção ao que dizem os Apóstolos. A opinião da maioria das pessoas inteligentes e esclarecidas é a mesma que a nossa. Para eles, os Apóstolos são fanáticos, irracionais, talvez mesmo aproveitadores. O que precisamos fazer é convencer os Apóstolos a compartilhar conosco seus dados astronômicos e arqueológicos. Depois, dirigimo-nos ao público em geral. Revelamos nossas descobertas, suplementando-as com o material fornecido pelos Apóstolos. Em suma: fazemos uma aliança com os Apóstolos para salvar a humanidade do desastre que tanto nós quanto eles sabemos que vai se abater sobre este planeta no ano que vem. Dessa forma, poderemos atrair a atenção de todas as camadas da sociedade, desde os mais crédulos até os mais céticos.

— O senhor está nos aconselhando a abandonar a ciência e entrar para a política? — perguntou Siferra. — Não gosto da ideia. Não é o nosso campo. Acho que devemos comunicar nossas descobertas ao governo e deixar que eles…

— O governo! — repetiu Beenay, com um muxoxo.

— Beenay tem razão — disse Sheerin. — Sei como é o pessoal do governo. Vão formar uma comissão, preparar um relatório (não sei depois de quantas reuniões) e arquivar o relatório. Mais tarde, formarão outra comissão para discutir as conclusões do primeiro relatório, que vai se reunir não sei quantas vezes e… não, não há tempo para tudo isso. Temos obrigação de fazer alguma coisa pessoalmente. Sei de primeira mão o que a Escuridão pode fazer com a mente das pessoas, Athor e Beenay, vocês têm provas matemáticas de que a Escuridão vai ocorrer no ano que vem. Você, Siferra, viu o que a Escuridão causou no passado.

— Mas se procurarmos os Apóstolos — objetou Beenay — não estaremos colocando em risco nossa reputação como cientistas?

— É isso mesmo — concordou Siferra. — Não quero que o meu nome seja associado ao deles!

Athor franziu a testa.

— Talvez vocês estejam certos. Posso ter sido ingênuo ao sugerir qualquer forma de associação com aquela gente. Retiro o que disse.

— Espere — protestou Beenay. — Tenho um amigo… você o conhece, Sheerin, é um repórter chamado Theremon… que entrevistou um dos líderes dos Apóstolos. Talvez ele possa conseguir um encontro secreto entre o Dr. Athor e esse líder. O senhor poderia sondar os Apóstolos e verificar se eles sabem de alguma coisa que valha a pena… apenas como forma de obter alguma outra evidência. E podemos negar o encontro, se não houver nenhuma.

— É uma possibilidade — concordou Athor. — Por mais

desagradável que seja, acho que tenho obrigação de tentar extrair deles o máximo que for possível. Nenhum de vocês, então, discorda do meu ponto de vista? Concordam comigo que nós quatro devemos tomar alguma atitude diante do que sabemos?

— Agora eu concordo — disse Beenay, olhando para Sheerin. — Ainda acho que não serei muito afetado pela Escuridão. Entretanto, por tudo que foi dito, estou convencido de que boa parte da humanidade será afetada. Nesse caso, a civilização como um todo estará em perigo… a menos que a gente faça alguma coisa.

Athor fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Fale com seu amigo Theremon, mas com cuidado. Sabe o que penso dos jornalistas; para mim, eles não são muito melhores do que os Apóstolos. Mas diga ao seu amigo Theremon que eu gostaria de me encontrar secretamente com aquele líder dos Apóstolos que ele entrevistou.

— Sim, senhor.

— Dr. Sheerin, gostaria que me emprestasse alguns artigos sobre os efeitos da exposição prolongada à Escuridão.

— Não há problema.

— E você, Siferra… poderia me fornecer um relatório, em termos acessíveis aos leigos, a respeito do que encontrou em Thombo? Inclua todas as provas que puder com relação à periodicidade dos incêndios.

— Ainda não recebi todos os resultados, Dr. Athor. Coisas que nem cheguei a discutir hoje.

Athor franziu a testa.

— O quê, por exemplo?

— Tabuinhas com inscrições. Encontradas no terceiro e quinto níveis a partir de cima. O Dr. Mudrin está tentando traduzi-las. Sua primeira impressão é de que se

trata de textos religiosos, advertindo o povo para um desastre iminente.

— As primeiras edições do Livro das Revelações! — exclamou Beenay.

— É, pode ser que sejam isso mesmo — concordou Siferra. — Seja como for, espero receber em breve a tradução das tabuinhas. Pretendo incluí-la no meu relatório, Dr. Athor.

— Ótimo — disse Athor. — Vamos precisar de tudo que tivermos. Este será o trabalho mais importante de nossas vidas. — Olhou em torno. — Quero que uma coisa fique bem clara logo de saída: minha disposição de aproximar-me dos apóstolos não significa, de forma alguma, que eu pretenda lhes proporcionar uma aura de respeitabilidade. Simplesmente tenho esperança de que nos ajudem a convencer a população de que uma coisa muito séria está para acontecer. Ponto final. Fora isso, quero distância deles. A questão que

nos preocupa não tem nada a ver com misticismo. Não acredito em uma palavra daquelas baboseiras a respeito de castigo dos deuses. Estou interessado, porém, em saber como foi que chegaram à conclusão de que vai haver uma catástrofe no ano que vem. Gostaria que vocês tivessem a mesma cautela ao lidar com os Apóstolos. Estamos entendidos?

— Isto tudo parece um sonho — murmurou Beenay.

— Mais parece um pesadelo — disse Athor. — Gostaria de acreditar que tudo não passa de uma fantasia, que o dia 19 de Theptar vai chegar e passar sem que nada aconteça. Infelizmente, os números estão aqui para provar que não é bem assim. — Olhou pela janela. Onos havia se posto e Dovim era um pontinho no horizonte. Estava na hora do crepúsculo. A única luz visível de verdade era a luz fria de Patru e Trey.

— Não há mais razões para duvidarmos. A Escuridão está próxima. Talvez as Estrelas, sejam o que forem, realmente apareçam. A humanidade vai enlouquecer e atear fogo às cidades.

O fim do mundo como o conhecemos está próximo. O fim do mundo!

O cair da Noite

18

— Tome cuidado — disse Beenay. Sentia-se tenso. A noite estava chegando. A temida noite do eclipse. — Athor está furioso com você, Theremon. Não sei o que veio fazer aqui. Sabe que sua presença no Observatório não é vista com bons olhos. Especialmente esta noite. E não é de admirar, depois das coisas que andou escrevendo a respeito do chefe…

O jornalista riu.

— Já lhe expliquei. Estou aqui para acalmá-lo.

— Não se confie nisso, Theremon. Você insinuou que ele é um velho gagá, em sua coluna, lembra-se? O chefe é normalmente uma pessoa tranquila, mas vira fera quando se sente ofendido na sua capacidade profissional!

— Olhe, Beenay — disse Theremon, encolhendo os ombros -, antes de me tornar um colunista famoso, eu era um repórter especializado em entrevistas impossíveis. E quero dizer impossíveis. Ás vezes, chegava em casa com manchas roxas pelo corpo. Cheguei a quebrar um osso ou dois, mas sempre consegui minha história. A gente adquire uma certa confiança depois de passar anos deixando as pessoas malucas para conseguir uma reportagem. Posso cuidar muito bem do seu chefe.

— Deixando as pessoas malucas? — Beenay olhou significativamente para o calendário na parede do corredor, que anunciava, em caracteres verde luminosos: THEPTAR 19.

O dia dos dias, a data que não saía da cabeça dos funcionários do Observatório, mês após mês. O último dia de sanidade mental para muitos, talvez todos os habitantes de Kalgash.

— Não foi uma expressão muito feliz para você usar no dia de hoje, não acha?

Theremon sorriu.

— Talvez não. Veremos. — Apontou para a porta fechada do escritório de Athor. — Quem está aí dentro?

— O Dr. Athor, é claro. E minha colega Thilanda, Davnit, Simbron, Hikkinan, todos funcionários do Observatório. Acho que é só.

— E Siferra? Ela me disse que viria.

— Pois ainda não chegou.

Uma expressão de surpresa apareceu no rosto de Theremon.

— Verdade? Quando lhe perguntei outro dia se preferia ficar no Abrigo, praticamente riu na minha cara. Estava firmemente disposta a assistir ao eclipse daqui. Não acredito que tenha mudado de ideia. Aquela mulher não tem medo de nada, Beenay. Bem, talvez esteja

resolvendo algumas coisas de última hora no seu escritório.

— É provável.

— E nosso amigo Sheerin? Também não está aqui?

— Não. Sheerin está no Abrigo.

— A coragem não é uma de suas qualidades, hein? Pelo menos ele tem o bom senso de admitir isso. Raissta também está no Abrigo, com Nyilda, a mulher de Athor, e quase todo mundo que eu conheço, exceto os funcionários do Observatório. Se você fosse esperto, também estaria lá, Theremon. Quando a Escuridão chegar, você vai se arrepender de não ter ouvido nossos conselhos.

— Folimun 66, aquele Apóstolo, me disse a mesma coisa há cerca de um ano. Só que o Abrigo que estava me oferecendo era outro. Acontece, amigo, que estou preparado para enfrentar os piores horrores que os deuses tenham reservado para mim. Esta noite, aconteça o que acontecer, vai haver assunto para uma boa reportagem, e eu não poderia fazer uma boa cobertura se estivesse escondido em uma toca debaixo da terra, não é mesmo?

— Não vai haver nenhum jornal amanhã para publicar a sua reportagem, Theremon.

— Você acha mesmo? — Theremon pegou Beenay pelo braço e aproximou-se até que os narizes dos dois quase se tocaram. — Diga-me uma coisa, Beenay. De amigo para amigo. Acha realmente que uma coisa incrível como essa Escuridão vai acontecer daqui a pouco?

— Acho, sim.

— Puxa! Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério em minha vida, Theremon.

— Não consigo acreditar. Você parece tão sensato, Beenay. Tão lógico, tão responsável. No entanto, pega um monte de cálculos astronômicos reconhecidamente especulativos, alguns pedaços de carvão escavados em um deserto a milhares de quilômetros daqui, os loucos devaneios de uma seita de fanáticos, mistura tudo e me saí com o mais absurdo coquetel apocalíptico que eu já tive oportunidade de…

— Não é absurdo — insistiu Beenay, tranquilamente. — Faz muito sentido.

— Quer dizer que o mundo realmente vai terminar esta noite.

— O mundo que nós conhecemos e amamos, sim. Theremon largou o braço de Beenay e levantou os braços, exasperado.

— Puxa! Até você! Beenay, há mais de um ano que estou tentando levar esse negócio a sério, mas não consigo. Simplesmente não consigo. Por mais que vocês falem, você, Athor, Siferra, Folimun 66, Mondior e…

— É só esperar — disse Beenay. — Vai acontecer daqui a algumas horas.

— Você está falando sério! — exclamou Theremon, em tom

incrédulo. — Sabe de uma coisa? Está se revelando um fanático tão grande quanto o próprio Mondior. Bah! É isso que eu digo, Beenay. Bah! Leve-me à presença de Athor, está bem?

— Ele não vai gostar de ver você aqui. Estou avisando.

— Você já me disse isto. Mesmo assim, quero falar com ele.

19

Theremon não esperava nunca uma posição contrária à dos cientistas do Observatório. As coisas simplesmente tinham acontecido daquela forma, nos meses que precederam o dia 19 de Theptar.

Era uma questão de integridade jornalística, disse para si próprio. Beenay era um amigo de longa data o Dr. Athor era, sem dúvida, um grande astrônomo e Siferra era… bem, Siferra era uma mulher atraente e interessante, além de arqueóloga de renome. Theremon não tinha interesse em antagonizar aquelas pessoas. Entretanto, tinha que escrever o que pensava. E o que pensava, sem a menor sombra de dúvida, era que o grupo do Observatório estava sendo tão irresponsável quanto os Apóstolos do Fogo, e tão perigoso quanto eles para a estabilidade da sociedade.

Não havia maneira possível de levar a sério o que afirmavam. Quanto mais tempo passava no Observatório, mas absurda lhe parecia toda a situação.

Um planeta invisível e aparentemente impossível de detectar, vagando no céu em uma órbita tal que se aproximava de Kalgash algumas vezes em cada século? Uma configuração especial dos sóis que deixaria Dovim sozinho no céu na próxima vez em que o planeta invisível se aproximasse? A luz de Dovim bloqueada pelo planeta, fazendo com que Kalgash fosse tomado pela Escuridão? A Escuridão provocando uma loucura coletiva? Não, não, era demais.

Para Theremon, tudo aquilo parecia tão ridículo quanto as bobagens que os Apóstolos do Fogo vinham pregando há muitos anos. A única diferença era que os Apóstolos incluíam na história objetos misteriosos chamados Estrelas. O pessoal do Observatório, pelo menos, tinha o bom senso de admitir que não faziam a menor ideia do que eram as Estrelas. De acordo com os Apóstolos, eram outro tipo de corpos celestes invisíveis, que apareceriam de repente no céu quando o Ano de Divindade terminasse e a ira dos deuses se abatesse sobre Kalgash.

— Nisso eu não acredito — dissera Beenay certa noite, quando os dois tomavam um drinque no Clube Seis Sóis. Faltavam ainda seis meses para o eclipse. — No eclipse e na Escuridão, sim. Nas Estrelas, não. Não há nada no universo a não ser o nosso mundo, os seis sóis, alguns asteroides insignificantes… e Kalgash Dois, é claro. Se as Estrelas existem, por que não podemos perceber sua presença? Por que não perturbam a órbita de nosso planeta, como Kalgash Dois? Não, Theremon, se as Estrelas existissem, teria que haver um erro na Teoria da Gravitação Universal. E sabemos que a teoria está certa.

— Sabemos que a teoria está certa — afirmara Beenay. Mas não

era a mesma coisa que Folimun declarar: “Sabemos que o Livro das Revelações está dizendo a verdade”?

No começo, quando Beenay e Sheerin contaram-lhe que estava para ocorrer um período de Escuridão que seria catastrófico para a humanidade, Theremon, meio céptico, meio impressionado pelas visões apocalípticas dos dois cientistas, fizera o possível para ajudá-los.

— Athor precisa ter uma conversa com Folimun — dissera Beenay. — Ele quer saber se os Apóstolos dispõem de registros astronômicos antigos que possam confirmar nossas teorias. Você pode conseguir uma entrevista para ele?

— É curioso — dissera Theremon. — O velho e intolerante cientista disposto a trocar ideias com o porta-voz das forças da anticiência. Mas verei o que posso fazer.

Na verdade, tinha sido surpreendentemente fácil marcar o encontro. Theremon tinha combinado entrevistar Folimun mais uma vez. O Apóstolo marcou uma audiência para o dia seguinte.

— Athor? — disse Folimun, quando o jornalista comunicou-lhe que Athor compareceria em seu lugar. — O que ele teria para falar comigo?

— Talvez pretenda se tornar um Apóstolo — sugeriu Theremon, em tom de brincadeira.

Folimun riu.

— Acho pouco provável. Pelo que eu conheço dele, preferiria pintar o corpo de roxo e desfilar sem roupa pela Avenida Saro.

— Quem sabe ele se converteu? — disse Theremon. E acrescentou, depois de uma pausa sugestiva: — O que sei é que ele e seu grupo conseguiram alguns dados que apoiam a crença de vocês de que a Escuridão vai destruir o mundo no próximo dia 19 de Theptar.

Folimun se permitiu uma ligeira demonstração de interesse, um quase imperceptível levantar de sobrancelha.

— Seria fascinante, se fosse verdade — disse, calmamente.

— Terá que conversar pessoalmente com ele Para se convencer de que estou falando sério.

— Pode ser que eu faça isso — declarou o Apóstolo.

E de fato fez. Theremon jamais conseguiu descobrir exatamente como tinha sido a conversa entre Folimun e Athor. Não havia testemunhas do encontro, e os dois foram extremamente evasivos. Beenay, a principal ligação de Theremon com o Observatório, pôde oferecer apenas vagos palpites.

— Teve algo a ver com os velhos registros astronômicos que o chefe acredita que estejam de posse dos Apóstolos afirmou Beenay. — Athor desconfia que eles vêm passando essas informações de geração em geração durante vários séculos, talvez mesmo antes do último

eclipse. Alguns trechos do Livro das Revelações foram escritos em uma língua desconhecida, você sabe.

— Quem garante que seja uma língua? Pode ser que não passem de uma série de palavras sem nexo.

— Eu, com certeza, não garanto. Mas alguns filólogos de renome acreditam que as passagens podem ter sido escritas em uma língua antiga — disse Beenay. — E se os Apóstolos souberem traduzir essa língua? Pode ser que eles guardem esse conhecimento em segredo, escondendo assim dos que não estão iniciados os dados astronômicos que podem ter sido registrados no Livro das Revelações. Talvez seja isso que Athor esteja procurando.

Theremon parecia indignado.

— Está querendo dizer que o astrônomo mais famoso do nosso tempo, talvez o mais famoso de todos os tempos, precisa do apoio de um bando de religiosos histéricos para sua teoria científica?

— Tudo que sei, Theremon, é que, como eu e você, Athor não morre de amores pelos Apóstolos e sua doutrina, mas, mesmo assim, gostaria de conversar com seu amigo Folimun.

— Ele não é meu amigo! Minhas relações com ele são puramente profissionais!

— Seja como for… — começou Beenay.

Theremon interrompeu-o. Surpreendeu-se ao se dar conta de que estava realmente ficando irritado.

— Fique sabendo que, na minha opinião, vocês não deviam fazer nenhum tipo de trato com os Apóstolos. Para mim, eles representam a própria Escuridão. São a seita mais reacionária, mais retrógrada, mais obscurantista que conheço. Já basta que psicóticos como eles comecem a espalhar profecias delirantes para perturbar a tranquilidade dos cidadãos comuns. Se um homem com o prestígio de Athor resolver apoiar essas previsões apocalípticas, incorporando parte da doutrina dos Apóstolos a suas teorias científicas, vou começar a encarar com muita suspeita, meu amigo, tudo que sair do seu Observatório daqui em diante.

O rosto de Beenay revelava a sua preocupação.

— Se você soubesse, Theremon, como Athor fala com desprezo dos Apóstolos…

— Nesse caso, por que quer se encontrar com eles?

— Você mesmo não foi falar com Folimun?

— Isso é diferente. Certos ou não, os Apóstolos são notícia. Faz parte do meu trabalho descobrir o que pretendem.

— Pode ser que Athor pense da mesma forma — argumentou Beenay.

Foi nessa altura que decidiram encerrar a discussão. Ela estava ameaçando se transformar em uma briga, coisa que nenhum dos dois

queria. Como Beenay de fato não tinha nenhuma ideia do tipo de entendimento a que Athor e Folimun pudessem ter chegado, Theremon não via nenhuma razão para insistir no assunto.

Mais tarde, porém, Theremon se deu conta de que tinha sido depois daquela conversa com Beenay que sua atitude com relação a Beenay, Sheerin e o resto do pessoal do Observatório começara a mudar. De um espectador simpático e curioso, transformara-se em um crítico impiedoso. Embora ele próprio tivesse ajudado a promover o encontro do diretor do Observatório com o Apóstolo, esse encontro agora lhe parecia uma rendição da pior espécie, uma capitulação ingênua por parte de Athor às forças da ignorância cega.

Embora jamais tivesse realmente chegado a acreditar nas teorias dos cientistas, apesar das supostas "provas" que lhe foram oferecidas, Theremon assumira uma posição neutra na sua coluna quando as primeiras notícias a respeito do eclipse começaram a aparecer na Crônica.

"É uma previsão notável", escrevera ele, "e também assustadora — se verdadeira. Como afirma Athor 77, e com toda razão, uma Escuridão em escala mundial poderia levar a uma catástrofe de dimensões incalculáveis. Esta manhã, porém, do outro lado do mundo, uma voz discordante se fez ouvir. "Com todo o respeito pelo grande Athor 77", declarou Heranian 1104, Astrônomo Real do Observatório Imperial de Kanipilitiniuk, "ainda não existem provas concretas da existência do astro chamado Kalgash Dois e muito menos de que esse astro seja capaz de causar um eclipse como o que foi previsto pelo grupo de Saro. Não devemos nos esquecer de que os sóis, mesmo um sol pequeno como Dovim, são necessariamente muito maiores do que qualquer corpo sem luz própria, como o suposto satélite. Considero extremamente improvável que um satélite possa bloquear por completo a luz de qualquer dos nossos sóis ……

Pouco depois, porém, veio o discurso de Mondior 71, no dia treze de Umilithar, no qual o Sumo Apóstolo declarou com orgulho que o maior astrônomo do mundo havia confirmado as palavras do Livro das Revelações. "A voz da ciência e a voz do céu agora são uma única voz", dissera Mondior. "Em verdade eu vos digo: não depositeis vossa esperança em sonhos e milagres. O que tem que ser, será. Nada pode salvar o mundo da ira dos deuses, nada exceto o desejo sincero de renunciar ao pecado e à maldade e voltar ao caminho do bem e da virtude. "

O pronunciamento bombástico de Mondior pusera fim à neutralidade de Theremon. Em consideração à amizade de Beenay, ele se esforçara para levar a sério a hipótese do eclipse. Agora, porém, começava a vê-la com outros olhos. Parecia que um grupo de cientistas, deixando-se levar pelo próprio entusiasmo e por uma série

de coincidências e provas circunstanciais, estava apoiando a teoria mais absurda e sensacionalista da história da ciência.

No dia seguinte, a coluna de Theremon comentava: "O leitor deve estar se perguntando, como eu: como foi que os Apóstolos do Fogo conseguiram o apoio de Athor 77?

De todas as pessoas do mundo, o velho astrônomo deveria ser a última a concordar com as alegações pouco científicas daqueles fanáticos. Será que algum Apóstolo muito persuasivo conseguiu convencer o mestre com seus argumentos? Ou será simplesmente o caso, como andam cochichando atrás dos muros cobertos de hera da Universidade de Saro, de alguém que continuou na ativa quando já devia ter sido aposentado há algum tempo?

E aquilo foi apenas o começo.

Theremon agora sabia qual era o seu dever. Se as pessoas começassem a levar a sério aquela história de eclipse, os casos de colapso nervoso se multiplicariam, mesmo sem a Escuridão para provocá-los.

Se todos acreditassem que o mundo iria realmente acabar no dia 19 de Theptar, haveria pânico nas ruas muito antes daquela data, histeria universal, um colapso da lei e da ordem, um período prolongado de instabilidade e apreensão generalizada, seguidos por sabe lá que tipo de convulsão social, quando o dia temido passasse sem que nada acontecesse. Ele, como jornalista, tinha o dever de neutralizar o medo do Cair da Noite, da Escuridão, do Fim do Mundo, submetendo-o à lança afiada do ridículo.

Assim, quando Mondior vociferou que a vingança dos deuses estava a caminho, Theremon 762 replicou com imagens bem-humoradas de como seria o mundo se os Apóstolos conseguissem "reformar" a sociedade de acordo com sua doutrina: as pessoas indo à praia com trajes de banho até os tornozelos, longas sessões de oração antes dos eventos esportivos, todos os grandes livros e peças clássicas submetidos ao crivo impiedoso da censura para eliminar as passagens consideradas profanas.

E quando Athor e seu grupo divulgaram diagramas mostrando a órbita do invisível Kalgash Dois a caminho do seu encontro fatídico com a luz vermelha de Dovim, Theremon falou de dragões, gigantes invisíveis e outros monstros mitológicos cabriolando pelo céu.

Quando Mondior mencionou a autoridade científica de Athor 77 como argumento em apoio aos ensinamentos dos Apóstolos, Theremon respondeu perguntando como alguém poderia levar a sério as teorias de Athor 77, agora que o velho astrônomo havia perdido totalmente o juízo.

Quando Athor propôs um programa de emergência para armazenar alimentos, informações técnicas e científicas e tudo mais

que pudesse ser necessário depois que a insanidade se disseminasse, Theremon observou que, em alguns lugares, a insanidade já se havia disseminado, e publicou uma lista de artigos essenciais a serem guardados no porão de todas as residências (“abridores de latas, percevejos, cópias da tabuada de multiplicar, dois baralhos… Escreva o seu nome em uma etiqueta e amarre-o no pulso direito, porque depois da Escuridão pode ser que você não se lembre mais dele… Amarre no pulso esquerdo uma etiqueta com os dizeres: Para saber qual é o seu nome, consulte a etiqueta que está no outro pulso… “)

Depois que Theremon escreveu vários artigos na mesma linha, ficou difícil para os leitores decidir que grupo era mais absurdo: os fanáticos profetas do desastre dos Apóstolos do Fogo ou os crédulos cientistas da Universidade de Saro. Uma coisa, porém, era certa: graças a Theremon, ninguém acreditava que algo fora do comum fosse ocorrer na noite do dia 19 de Theptar.

20

Athor olhou, furioso, para o repórter da Crônica. Conseguiu controlar-se com esforço.

— O senhor aqui? Depois de tudo que disse? É muita audácia!

Theremon havia estendido a mão como se realmente esperasse que Athor a apertasse. Logo, porém, recolheu-a e ficou olhando para o diretor do Observatório com surpreendente despreocupação.

Com a voz trêmula de raiva contida, Athor exclamou:

— Sua presença aqui esta noite é uma afronta!

De um canto do quarto, Beenay, depois de passar a língua nos lábios, interveio nervosamente:

— Professor, apesar de tudo…

— Foi você quem o convidou? Não sabe que proibi expressamente…

— Professor, eu…

— Quem me convidou foi a Dra. Siferra — disse Theremon. — Ela insistiu para que eu viesse.

— Siferra? Siferra? Não acredito. Ela disse-me há pouco tempo que o considerava um tolo irresponsável. Falou do senhor usando termos que eu não gostaria de repetir. – Athor olhou em volta. — A propósito: onde está ela? Devia estar aqui, não devia? — Ninguém disse nada. Voltando-se para Beenay, Athor disse: — Foi você que trouxe este jornalista, Beenay. Seu comportamento é inexplicável. Este não é momento para insubordinações. O Observatório está fechado para repórteres esta noite. E faz muito tempo que está fechado para este repórter em particular. Por favor, mostre-lhe a saída.

— Sr. Diretor — disse Theremon -, se me deixar explicar as razões…

— Nada do que tem a dizer poderia compensar o que escreveu diariamente em sua coluna durante os últimos dois meses. O senhor comandou uma vasta campanha jornalística com o objetivo de impedir que eu e meus colegas preparássemos o mundo para o perigo que teremos que enfrentar daqui a pouco. Fez o que pôde, com seus ataques altamente pessoais, para ridicularizar os funcionários deste Observatório.

Pegou na mesa um exemplar da Crônica e o brandiu, furioso, na direção de Theremon.

— Mesmo uma pessoa com a sua conhecida desfaçatez deveria hesitar antes de vir aqui pedir permissão para cobrir os acontecimentos de hoje para o seu jornal. De todos os repórteres, logo o senhor!

Athor jogou o jornal no chão, aproximou-se da janela e colocou os

braços atrás das costas.

— Beenay, tire-o daqui.

A cabeça de Athor estava latejando. Era importante, ele sabia, manter a raiva sob controle. Não podia permitir que nada distraísse sua atenção do evento cataclísmico que estava para ocorrer. Olhou, pensativo, para a silhueta dos edifícios da cidade de Saro e procurou acalmar-se. Onos estava se pondo. Sua luz já era fraca por causa da proximidade do horizonte.

Athor sabia que jamais tornaria a vê-lo, em seu juízo perfeito.

A luz branca e fria de Sitha também era visível, baixa no céu, muito longe da cidade, no lado oposto do horizonte. Tano, o sol gêmeo de Sitha, já havia se posto.

Estava agora iluminando o céu do outro hemisfério, onde em breve ocorreria o fenômeno extraordinário de um dia de cinco sóis. O próprio Sitha estava para se pôr. Mais alguns momentos e desapareceria.

Atrás dele, ouviu Beenay e Theremon conversando em voz baixa.

— Esse homem ainda está aí? — perguntou, em tom ameaçador.

— Professor, acho que deveria ouvir o que ele tem a dizer — argumentou Beenay.

— Acha mesmo? Acha que eu deveria ouvi-lo? — Athor voltou-se para encarar o assistente. Seus olhos brilhavam de raiva. — Oh, não, Beenay. Não, é ele que vai me escutar! Fez um gesto peremptório para o jornalista, que não havia feito nenhuma menção de se retirar. — Venha cá, rapaz! Vai ter a sua reportagem.

Theremon aproximou-se devagar. Athor apontou para fora.

— Sitha vai se pôr a qualquer momento. Não, já se pôs. Onos também vai desaparecer em breve. Dos seis sóis, vai ficar apenas Dovim. Está vendo Dovim?

A pergunta era desnecessária. O pequeno sol vermelho parecia ainda menor naquela noite. Entretanto, estava quase no zênite, e sua luz rubra inundava a paisagem, produzindo um efeito extraordinário, enquanto os raios brilhantes de Onos desapareciam. O rosto de Athor refletia a luz de Dovim.

— Em pouco menos de quatro horas, a civilização, como a conhecemos, vai desaparecer — disse para o repórter. — Isto porque, como está vendo, Dovim será o único sol no céu. — Olhou para o horizonte com os olhos semicerrados. Os últimos raios amarelos de Onos haviam desaparecido. — Pronto. Dovim está só! Temos quatro horas, apenas, até tudo terminar. Escreva isto! Infelizmente, não haverá ninguém para ler.

— E se as quatro horas se passarem… e outras quatro… e nada acontecer? — perguntou Theremon, tranquilamente.

— Não se preocupe. Vai acontecer muita coisa, eu lhe asseguro.

— Talvez. E se não acontecer?

Athor parecia a ponto de perder a paciência.

— Se não for embora agora, e se Beenay se recusar a tirá-lo daqui, vou chamar os guardas da universidade e… Não. Na última noite de civilização, devemos agir de maneira civilizada. Tem cinco minutos, rapaz, para dizer o que deseja. Depois de ouvi-lo, caberá a mim decidir se pode ficar para ver o eclipse. Se eu decidir que não, irá embora na mesma hora. Entendeu?

Theremon hesitou apenas por um momento.

— É justo.

Athor tirou o relógio do bolso.

— Cinco minutos.

— Ótimo! Primeira coisa: que diferença faria se o senhor me permitisse assistir pessoalmente ao que está para acontecer? Se sua previsão se concretizar, minha presença não causará mal algum, pois, nesse caso, minha coluna jamais será escrita. Por outro lado, se nada acontecer, o senhor será forçosamente exposto ao ridículo ou coisa pior. Seria mais sábio deixar esse ridículo em mãos amigas.

Athor fez um muxoxo.

— Você quer dizer as suas?

— Claro que sim! — respondeu Theremon, sentando-se na cadeira mais confortável da sala e cruzando as pernas. Meus artigos podem ter sido um pouco agressivos, mas, sempre que possível, concedi à sua equipe o benefício da dúvida. Afinal de contas, Beenay é meu amigo. Foi através dele que fiquei sabendo o que estão fazendo aqui. O senhor deve lembrar-se que no começo encarei a pesquisa deste Observatório com muita simpatia. O que não compreendo, Dr. Athor, é como o senhor, um dos maiores cientistas de nossa história, pode voltar as costas ao fato de que o século atual representa o triunfo da razão sobre a superstição, dos fatos sobre as fantasias, do conhecimento sobre o medo. Os Apóstolos do Fogo são um anacronismo absurdo. O Livro das Revelações é um amontoado de bobagens infantis. Todas as pessoas inteligentes, todas as pessoas modernas, sabem disso. Por isso, as pessoas ficam surpresas, e até mesmo irritadas, quando os cientistas mudam de ideia e declaram que o que esses fanáticos estão pregando é verdade. Eles…

— Não me venha com essa — protestou Athor. — Embora parte dos nossos dados tenha sido fornecida pelos Apóstolos, nossas conclusões nada têm a ver com o seu misticismo. Fatos são fatos, e a chamada mitologia dos Apóstolos realmente se baseia em certos fatos. Não pense que esta descoberta nos trouxe prazer. Mas procuramos colocar as coisas nas devidas proporções e fizemos o possível para separar as advertências dos Apóstolos quanto a um desastre iminente, que consideramos legítimas, de seu programa absurdo para

transformar e “reformar” a sociedade. Asseguro-lhe que os Apóstolos me odeiam ainda mais do que o senhor.

— Não odeio o senhor. Estou apenas tentando explicar-lhe que o público está de mau humor. Eles estão zangados.

Athor torceu a boca em um esgar de desdém.

— Que fiquem zangados!

— Está bem, mas e amanhã?

— Não haverá amanhã!

— E se houver? Imagine que haja, só para argumentar. Esse aborrecimento pode se transformar em algo mais sério. Afinal de contas, o senhor sabe, os negócios despencaram nos últimos dois meses. A bolsa de valores quebrou três vezes. Os investidores mais sensíveis não acreditam que o mundo esteja chegando ao fim, pensam que outros investidores podem começar a pensar assim, e os mais espertos vendam antes do pânico ter início… embora eles próprios desencadeiem esse início. Então eles compram de volta para vender de novo tão logo o mercado dê sinais de recuperação, reiniciando assim todo o ciclo. E o que acha que está ocorrendo com os negócios? O público também não acredita no senhor, mas a nova mobília também pode esperar alguns meses, por via das dúvidas. O senhor está vendo onde quero chegar. Assim que tudo estiver terminado, os comerciantes vão querer a sua pele. Vão alegar que se qualquer maluco, com o perdão da palavra, pode pôr em risco a economia da nação na hora que quiser, simplesmente fazendo uma previsão extravagante, está na hora de as autoridades tomarem alguma providência a respeito. A coisa vai ficar feia, diretor.

Athor olhou para o repórter com indiferença. Os cinco minutos estavam quase acabando.

— E o que o senhor propõe para remediar a situação?

— Bem… — Theremon sorriu -…o que tenho em mente é o seguinte: a partir de amanhã, serei o seu relações públicas extraoficial. Em outras palavras, farei o que estiver ao meu alcance para aplacar a ira do público, assim como tenho feito o que posso para aliviar a tensão que tomou conta do nosso povo nos últimos tempos. Se for necessário, cuidarei para que apenas o lado ridículo, o lado do humor apareça. Vai ser difícil de agüentar, reconheço, porque terei que fazer com que vocês todos fiquem parecendo um bando de idiotas, mas se eu conseguir que as pessoas riam, pode ser que esqueçam de ficar zangadas. Tudo que peço em troca é o direito de cobrir com exclusividade o que se passar no Observatório esta noite.

Athor não disse nada. Beenay fez que sim com a cabeça e desabafou:

— Professor, é uma proposta justa. Sei que consideramos todas as possibilidades, mas há sempre uma probabilidade de um em um

milhão, de um em um bilhão, de que haja um erro em nossa teoria ou em nossos cálculos. E se houver…

Houve um murmúrio entre os funcionários reunidos na sala, e Athor teve a impressão de que concordavam com a opinião de Beenay. Será que todo o departamento se havia voltado contra ele? A expressão de Athor foi a de um homem que está com a boca cheia de uma substância amarga e não consegue se livrar dela.

— Deixá-lo ficar para que amanhã nos exponha ao ridículo? Deve estar pensando que fiquei senil, rapaz.

— Já expliquei ao senhor que minha presença aqui não fará a menor diferença — argumentou Theremon. — Se houver um eclipse, se a Escuridão realmente vier, darei a mão à palmatória e farei o que puder para ajudá-los a superar os momentos de crise que na certa se seguirão. E se nada acontecer, sou a pessoa mais indicada para protegê-los da ira popular…

— Por favor, deixe-o ficar, Dr. Athor — disse uma nova voz.

Athor virou a cabeça, surpreso. Siferra havia entrado sem ser notada.

— Desculpe o atraso. Tivemos um probleminha de última hora no departamento de arqueologia e… — Ela e Theremon trocaram olhares. — Por favor, não se ofenda — disse para Athor. — Sei que ele nos atacou de forma impiedosa. Mesmo assim, pedi-lhe para vir aqui esta noite, para constatar pessoalmente que estávamos com a razão. Ele é… ele é meu convidado, Dr. Athor.

Athor fechou os olhos por um momento. Convidado de Siferra! Era demais. Por que não convidar Folimun, também? E por que não, Mondior?

Mas ele tinha perdido a vontade de discutir. O tempo estava passando, e os outros pareciam não se incomodar com a presença de Theremon. Que importava?

Que importava qualquer coisa, agora?

Athor disse para o repórter, em tom resignado:

— Está bem. Fique, se é isso que quer. Fica entendido, porém, que sua presença não deve prejudicar de nenhuma forma nossas atividades normais. Lembre-se também de que sou o diretor deste Observatório, a despeito de sua opinião a meu respeito, que deixou tão clara em seus artigos, espero total cooperação e respeito…

21

Siferra aproximou-se de Theremon e disse:

— Na verdade, não esperava que viesse aqui esta noite.

— Por que não? Estava falando sério quando me convidou, não estava?

— É claro que sim. Mas você nos atacou com tanta veemência em seus artigos… de forma tão… cruel…

— "Irresponsável" foi a palavra que você usou — declarou Theremon.

Siferra enrubesceu.

— Irresponsável, também. Não imaginei que tivesse coragem de encarar o Dr. Athor depois das coisas horríveis que andou dizendo a respeito dele.

— Se as sombrias previsões do diretor se cumprirem, vou fazer mais do que encará-lo. vou ajoelhar-me diante dele e pedir perdão com toda a humildade.

— E se as previsões do Dr. Athor não se cumprirem?

— Nesse caso, ele vai precisar de mim — disse Theremon.

— Vocês todos vão. Este é o lugar certo para mim, esta noite.

Siferra olhou surpresa para o jornalista. Ele estava sempre dizendo coisas inesperadas. Ainda não sabia ao certo o que pensar dele. Não simpatizava com Theremon, é claro… e isto bastava. Sua profissão, sua maneira de falar, as roupas espalhafatosas que usava, tudo lhe parecia superficial e vulgar. Para ela, o repórter era um símbolo do mundo rude, grosseiro, árido, ordinário, repelente que havia do lado de fora dos muros da universidade e que sempre detestara.

No entanto, no entanto…

Havia algumas coisas em Theremon que era forçada a admirar, apesar de tudo. Por exemplo: o jornalista não descansava enquanto não conseguia o que queria. Isso agradava a Siferra. Era sincero a ponto de ser grosseiro, muito diferente dos intelectuais melífluos, hipócritas, sequiosos de poder com os quais estava habituada a conviver no campus. Era inteligente, também, quanto a isso não havia a menor dúvida, embora tivesse aplicado sua inteligência viva, especulativa, a um campo trivial como o jornalismo de escândalo. E respeitava seu vigor físico. Theremon era alto, forte e parecia estar em ótima forma. A arqueóloga jamais apreciara tipos franzinos.

Ela própria sempre praticara exercícios.

Na verdade, tinha que reconhecer (por mais estranho que fosse, por mais que isso a incomodasse) que sentia uma certa atração pelo jornalista. Uma atração de opostos? pensou. Sim, sim, talvez fosse

isso. Mas não inteiramente. Por trás das diferenças superficiais, Siferra sabia que ela e Theremon tinham muita coisa em comum, mais do que estava disposta a admitir. Olhou pela janela, nervosa.

— Está ficando escuro. Não me lembro de um dia tão escuro.

— Está com medo? — perguntou Theremon.

— Medo da Escuridão? Oh, não. Mas estou com medo do que pode acontecer. Você devia estar, também.

— O que vai acontecer é que Onos vai nascer e depois os outros sóis, e tudo voltará a ser como antes.

— Você parece muito confiante.

Theremon riu.

— Onos nasceu em todas as manhãs de minha vida. Por que amanhã seria diferente?

Siferra sacudiu a cabeça. A teimosia do repórter estava começando a irritá-la. Era difícil acreditar que há poucos momentos estava dizendo a si própria que o considerava atraente.

— É claro que Onos vai nascer amanhã — disse, em tom glacial. — E seus raios vão iluminar uma cena de devastação que uma pessoa com sua imaginação limitada é evidentemente incapaz de conceber.

— Tudo em chamas, você quer dizer? E as pessoas babando e murmurando palavras sem nexo enquanto as cidades queimam?

— De acordo com os achados arqueológicos…

— Incêndios, sim. Vários holocaustos. Mas apenas em uma região limitada, a milhares de quilômetros daqui e há milhares de anos atrás. — Os olhos de Theremon brilharam com súbita vitalidade. — E onde estão as provas arqueológicas de que tenha havido uma insanidade coletiva? Está extraindo esta conclusão apenas dos incêndios? Como pode estar certa de que não se tratava de fogueiras rituais, acendidas por homens e mulheres em seu juízo perfeito, na esperança de que expulsassem a Escuridão e trouxessem os sóis de volta? Fogueiras que talvez tenham escapado de controle e causado grandes incêndios, sim, mas sem que isso implicasse em nenhuma perturbação mental dos habitantes…

Siferra olhou-o nos olhos.

— Nós temos as provas arqueológicas que você está reclamando. De que os habitantes sofreram algum tipo de perturbação mental, quero dizer.

— Têm?

— Estão nas tabuinhas. Esta manhã, conseguimos traduzir algumas delas, com o auxílio dos Apóstolos do Fogo, e…

Theremon deu uma gargalhada.

— Com o auxílio dos Apóstolos do Fogo! Excelente! Quer dizer que você também se tornou uma deles! É uma pena, Siferra. Uma

mulher com um corpo como o seu, e de agora em diante terá que se esconder por baixo daquelas vestes horrorosas…

— Theremon! — exclamou a arqueóloga, furiosa. — Você não leva nada a sério, não é? Está tão convencido de que é o dono da verdade que, ao ser confrontado com alguma coisa que não lhe agrada, arranja jeito de fazer uma piada sem graça! Você é mesmo impossível!

Deu-lhe as costas e foi para o outro lado da sala.

— Siferra… Siferra, espere…

Ela o ignorou. Estava tremendo de raiva. Agora compreendia que fora um erro convidar alguém como Theremon para estar com eles na noite do eclipse. Na verdade, fora um erro ter qualquer coisa a ver com o repórter.

A culpa era de Beenay, pensou. Era tudo culpa de Beenay. Afinal, tinha sido Beenay que a apresentara a Theremon, no Clube Universitário, alguns meses antes. Aparentemente, o astrônomo e o jornalista se conheciam há muito tempo, e Theremon consultava Beenay a respeito de questões científicas que se tornavam notícia.

O que estava nas manchetes dos jornais na ocasião era a previsão de Mondior 71 de que o mundo acabaria no dia 19 de Theptar, dali a aproximadamente um ano. É claro que ninguém na universidade sentia a menor simpatia por Mondior e seus Apóstolos, mas tinha sido mais ou menos na mesma ocasião que Beenay observara irregularidades na órbita de Kalgash e Siferra encontrara, na colina de Thombo, indícios de incêndios que ocorriam a intervalos de dois mil anos. As duas descobertas, infelizmente, apoiavam as alegações dos Apóstolos.

Theremon parecia conhecer de perto o trabalho de Siferra em Beklimot. Quando o jornalista entrou no Clube Universitário (Siferra e Beenay já estavam lá, por mera casualidade), Beenay teve apenas que dizer:

— Theremon, esta é minha amiga, a Dra. Siferra, do departamento de arqueologia.

E Theremon respondeu em seguida:

— Sim. A pilha de cidades incendiadas naquela colina.

Siferra sorriu friamente.

— O senhor ouviu falar?

— Fui eu que contei — Beenay apressou-se a explicar. — Sei que prometi não comentar com ele, mas depois que você revelou tudo a Athor, Sheerin e os outros, achei que não havia mal em contar a Theremon, contanto que ele se comprometesse a guardar segredo. Eu confio neste homem, Siferra. Tenho certeza de que…

— Tudo bem, Beenay — disse Siferra, esforçando-se para não demonstrar o aborrecimento que sentia. — Você realmente não devia

ter dito nada. Mas eu perdôo você.

— Não se preocupe — disse Theremon. — Beenay fez-me jurar solenemente que não publicarei uma única palavra respeito. Mas é fascinante! Fascinante! Quantos anos tem cidade mais antiga? Cinquenta mil anos?

— Não mais que quinze mil — corrigiu Siferra. — O que, mesmo assim, é muito, considerando que Beklimot… já ouviu falar de Beklimot, não é? Pois é. Beklimot tem apenas dois mil e poucos anos de idade, e era considerada até agora a cidade mais antiga do planeta. O senhor não está pretendendo escrever uma reportagem a respeito das minhas descobertas, está?

— Na verdade, não estava. Como disse, dei minha palavra a Beenay. Além disso, a questão me parecia um pouco remota para os leitores da Crônica. Agora, porém, acho que talvez valha a pena aprofundar o assunto. Gostaria de me encontrar de novo com a senhora para discutir os detalhes de sua descoberta.

— Isso não será possível — declarou Siferra.

— O quê? Encontrar-se comigo ou discutir os detalhes de sua descoberta?

A observação fez a arqueóloga encarar toda a conversa por um novo prisma. Percebeu, surpresa e levemente irritada, que o repórter se sentia atraído por ela como mulher. E se deu conta de que, nos últimos minutos, Theremon devia estar imaginando se havia alguma coisa entre ela e Beenay, já que estavam juntos quando ele entrara no clube. Devia ter chegado à conclusão de que eram apenas amigos e aproveitara a primeira oportunidade para demonstrar seu interesse.

Ora, o problema era dele, pensou Siferra. Respondeu, em tom deliberadamente neutro:

— Ainda não publiquei minha descoberta em nenhuma revista científica. Até que o faça, não seria ético permitir que ela seja divulgada pela imprensa.

— Compreendo perfeitamente. E se eu prometer que a reportagem só será publicada quando a senhora autorizar? Concordaria em me revelar mais detalhes sobre o que descobriu?

— Bem.

Olhou para Beenay. Não estava acostumada a acreditar em promessas de repórteres.

— Pode confiar em Theremon — assegurou Beenay. — Já lhe disse: é o jornalista mais honrado que conheço.

— O que não quer dizer muita coisa — observou Theremon, com um sorriso. — Mas eu jamais quebraria minha palavra em um caso como este, que envolve a questão de prioridade em uma descoberta científica. Se eu publicasse sua história imediatamente, Beenay faria com que a universidade me colocasse na lista negra. E muitas das

minhas reportagens mais interessantes são conseguidas através dos meus contatos na universidade. Posso, então, contar com uma entrevista com a senhora? Depois de amanhã, digamos?

Foi assim que tudo começou.

Theremon era muito persuasivo. Siferra finalmente concordou em almoçar com ele e, pouco a pouco, sem pressa, ele conseguiu extrair todos os detalhes da descoberta de Thombo. Depois, a moça ficou preocupada — esperava encontrar uma reportagem sensacionalista na Crônica logo no dia seguinte — mas Theremon manteve a palavra e não escreveu uma única linha a respeito. Entretanto, pediu para visitar o laboratório da arqueóloga. Mais uma vez, ela concordou, deixando que o jornalista examinasse os mapas, as fotografias, as amostras de cinzas. Ele fez algumas perguntas inteligentes.

— Você não vai publicar isso amanhã, vai? — perguntou Siferra, preocupada.

— Nós temos um trato, não temos? Não vou publicar nada até você dizer-me que o seu artigo foi aceito por uma revisa científica. Que acha de jantarmos juntos amanhã no Clube Seis Sóis?

— Bem…

— Ou depois de amanhã?

Siferra não costumava frequentar lugares como o Clube Seis Sóis. Detestaria dar a alguém a falsa impressão de que estava interessada em aparecer nas colunas sociais. Entretanto, não era fácil recusar um convite de Theremon com habilidade e persistência, praticamente obrigou-a a concordar em sair com ele, dali a dez dias. E daí?, pensou a arqueóloga. Tinha boa aparência. Estava mesmo precisando se distrair um pouco, depois de tanto trabalho. Encontrou-se com ele no Seis Sóis, onde todos pareciam conhecê-lo. Pediram aperitivos e depois um jantar regado a vinho, um vinho excelente da província de Thamian. Ele conduziu a conversa para cá e para lá, com muita habilidade: um pouco sobre a vida de Siferra, sua paixão pela arqueologia, suas escavações em Beklimot. O repórter descobriu que ela nunca se casara nem pensara em se casar. Falou com ela sobre os Apóstolos, suas fantásticas profecias, a surpreendente relação que havia entre as descobertas de Thombo e as previsões de Mondior. Tudo que ele dizia era razoável, sensato, interessante. Era um homem encantador… e também muito seguro de si, pensou a moça.

No final da noite, perguntou-lhe (com toda a gentileza, elegância e simplicidade) se podia acompanhá-la até em casa. Siferra disse que não.

Ele não pareceu ficar aborrecido, limitou-se a convidá-la para sair de novo.

Tinham saído mais duas ou três vezes, em um período de cerca de dois meses. O formato era sempre o mesmo: jantar em um bom

restaurante, uma conversa agradável e no final, um convite sutil para dormirem juntos. A arqueóloga recusou-se todas as vezes. Aquele assédio bem-humorado estava se tornando um jogo agradável para ela.

Imaginou quanto tempo duraria. Ainda não sentia vontade de ir para a cama com o jornalista, mas o engraçado é que a ideia também não lhe desagradava totalmente.

Há muito tempo que não se sentia assim em relação a um homem.

Foi então que saiu o primeiro da série de artigos em que Theremon. questionava as teorias do Observatório, punha em dúvida a sanidade mental de Athor e comparava a previsão do eclipse às ridículas profecias dos Apóstolos do Fogo.

A princípio, Siferra recusou-se a acreditar. Aquilo seria algum tipo de piada?

O amigo de Beenay, ou por outra, o seu amigo, atacando os cientistas de forma tão impiedosa?

Passaram-se dois meses. Os ataques continuaram. Theremon não voltou a procurá-la. Afinal, não agüentou mais.

Telefonou para ele na redação do jornal.

— Siferra! Que prazer! Acredite ou não, ia telefonar para você esta tarde, para perguntar se estava interessada em ir comigo ao…

— Não estou — disse ela. — Theremon, que é que você está fazendo?

— Fazendo?

— As coisas que anda escrevendo sobre Athor e o Observatório. Houve um silêncio prolongado do outro lado da linha. Afinal, ele disse:

— Ah! Você não gostou!

— Não gostei? Estou revoltada!

— Acha que estou sendo muito agressivo. Escute, Siferra, quando você escreve para um público simplório, tem que colocar as coisas muito claras, ou corre o risco de não ser compreendido. Não posso somente dizer que acho que Athor e Beenay estão errados. Tenho que dizer que eles são malucos. Está me entendendo?

— Desde quando você acha que eles estão errados? Conversou com Beenay a respeito?

— Bem…

— Você está investigando este assunto há vários meses. De repente, dá uma reviravolta de 18O graus. A julgar pelo que você diz, todos no campus são discípulos de Mondior. Se precisava de um bode expiatório para suas brincadeiras, por que não foi procurá-los em outro lugar?

— Isto não é brincadeira, Siferra.

— Você acredita no que vem escrevendo?

— Acredito. Sinceramente. Acho que não vai haver nenhum cataclismo. Para mim, Athor está fazendo soar o alarme contra incêndio em um cinema lotado, sem que haja nenhum perigo que justifique uma medida tão arriscada. Através das minhas piadas, estou tentando mostrar às pessoas que não precisam levá-lo a sério. Minha intenção é evitar o pânico, a perturbação da ordem…

— O quê? Mas o perigo é real, Theremon! Ridicularizando os cientistas, você está pondo por terra nossa única esperança de sobrevivência. Preste atenção: eu vi as cinzas de antigas cidades, com milhares de anos de idade. Eu sei o que vai acontecer. O Fogo vai chegar. Quanto a isto, não há a. menor dúvida. Você mesmo viu as provas. A posição que assumiu é a mais destrutiva possível. Você está sendo cruel, insensato, desumano. E irresponsável, também.

— Siferra…

— Pensei que você fosse um homem inteligente. Compreendo agora que é exatamente como os outros.

— Sifer…

Ela desligou. E se recusou a falar de novo com o repórter, até faltarem poucas semanas para o dia fatídico. No início do mês de Theptar, Theremon tornou a telefonar, e Siferra atendeu sem saber quem era.

— Não desligue! — apressou-se a dizer o repórter. – Dê-me um minuto!

— Não vai adiantar nada.

— Escute, Siferra. Pode me odiar à vontade, mas quero que saiba de uma coisa: não sou insensato e não sou irresponsável.

— Quem disse que era?

— Você mesma, faz alguns meses, na última vez que falou comigo. Mas não é verdade. Tudo que escrevi sobre o eclipse corresponde exatamente ao que eu penso.

— Nesse caso, você é tolo. Ou, pelo menos, estúpido. O que pode ser um pouco diferente, mas não é melhor.

— Examinei as provas. Acho que vocês estão tirando conclusões apressadas.

— Saberemos a verdade no dia 19, não é mesmo? — disse Siferra, friamente.

— Eu gostaria de acreditar em vocês. Afinal, você, Beenay e os outros são pessoas simpáticas, inteligentes, dedicadas, preparadas etc. Infelizmente, não posso. Sou cético por natureza. Sempre fui assim. Não aceito nenhum tipo de dogma que as pessoas tentem me impingir. Talvez seja uma falha de caráter, que me faz parecer uma pessoa frívola. Talvez eu seja frívolo. Mas pelo menos sou honesto. Simplesmente não acredito que vá haver nenhum eclipse, nenhum incêndio, nenhuma loucura coletiva.

— Não se trata de um dogma, Theremon, e sim de uma hipótese.

— Isso não passa de um jogo de palavras. Sinto muito se ficou ofendida com o que eu escrevi, mas é exatamente o que eu penso, Siferra.

A moça ficou em silêncio por um momento. Alguma coisa na voz do repórter mexera com ela. Afinal, disse:

— Dogma, hipótese, seja o que for, ficará tudo esclarecido daqui a algumas semanas. vou passar a noite do dia 19 no Observatório. Vá para lá, também, e ficaremos sabendo quem está com a razão.

— Beenay não lhe contou? Athor me declarou persona non grata no Observatório.

— Ele proibiu a sua entrada?

— Ele se recusa até a falar comigo. Sabe, eu tinha uma proposta para ele. Acho que poderia ajudá-lo a enfrentar a ira da população quando o dia 19 chegar e nada acontecer. Entretanto, Beenay disse-me que o velho não quer nem falar comigo ao telefone, quanto mais permitir que eu esteja presente no dia 19.

— Vá como meu convidado. Como meu acompanhante — disse Siferra, em tom irônico. — Athor vai estar muito ocupado para se importar. Quero que você esteja naquela sala quando o céu ficar escuro e os incêndios começarem. Quero ver a cara que você vai fazer. Quero vê-lo pedir desculpas, Theremon.

22

Isso tinha acontecido três semanas atrás. Afastando-se, zangada, de Theremon, Siferra foi para o outro lado da sala e viu Athor, solitário, consultando uma listagem de computador. Folheava as páginas, muito sério, como se esperasse encontrar uma salvação para o mundo no meio das colunas de números. O diretor levantou os olhos e a viu.

Siferra enrubesceu.

— Dr. Athor, quero pedir desculpas por ter convidado aquele homem para vir aqui esta noite, depois das coisas que escreveu sobre nós, sobre o senhor, sobre… — sacudiu a cabeça. — Pensei realmente que ele poderia aprender alguma coisa. se estivesse conosco quando… quando… mas agora vejo que estava errada. Ele é ainda mais cínico e insensível do que eu imaginava. Jamais deveria tê-lo convidado.

— O que está feito, está feito, não é mesmo? – replicou Athor. — Contanto que não interfira no meu trabalho, não importa que esteja aqui ou não. Daqui a algumas horas, nada mais vai importar. — Apontou para o céu, visível através da janela. — Está tão escuro! Tão escuro! E, no entanto, vai ficar muito mais escuro ainda. Estou sentindo falta de Faro e Yimot. Sabe onde estão? Não? Quando chegou, Dra. Siferra, a senhora disse que tinha havido um problema de última hora no seu departamento. Espero que não tenha sido nada sério.

— As tabuinhas de Thombo desapareceram.

— Desapareceram?

— Estavam no cofre, é claro. Pouco antes de eu sair para vir para cá, o Dr. Mudrin me procurou. Ele estava a caminho do Abrigo, mas queria verificar um último detalhe de sua tradução, uma ideia nova que lhe ocorrera. De modo que abrimos o cofre e… não encontramos nada. Todas as seis tabuinhas tinham sumido. Temos cópias, naturalmente. Mas os originais, os objetos autênticos…

— Como isso pôde acontecer?

— Não é óbvio? — disse Siferra, em tom amargo. — Foram roubados pelos Apóstolos. Provavelmente para serem usados como talismãs, quando a… quando a Escuridão chegar e fizer o seu trabalho.

— Encontraram alguma pista?

— Não sou detetive, Dr. Athor. Não saberia como iniciar uma investigação. Mas só podem ter sido os Apóstolos. Estão interessados nessas tabuinhas desde que souberam que estavam comigo. Oh, por que fui comentar com eles! Eu não devia ter falado a ninguém sobre as tabuinhas!

Athor segurou-lhe as mãos.

— Não precisa ficar tão nervosa, minha filha.

Minha filha! Olhou para ele, surpresa. Fazia muito tempo que ninguém a chamava assim! Procurou disfarçar sua estranheza. Afinal, ele era bem mais velho do que ela e estava apenas procurando ser gentil.

— Deixe para lá, Siferra — disse Athor. — Não faz diferença. Graças àquele homem ali, nada mais faz diferença, não é mesmo?

A arqueóloga deu de ombros.

— Mesmo assim, detesto pensar que algum ladrão vestido de Apóstolo esteve vasculhando meu escritório, remexendo em meu cofre, levando objetos que desenterrei com minhas próprias mãos. É quase como se violassem o meu corpo. O senhor compreende, Dr. Athor? O roubo dessas tabuinhas, para mim, é quase como um estupro.

— Sei como se sente — disse Athor, em um tom que mostrava que ele absolutamente não sabia. — Olhe… olhe só. Como Dovim está brilhante esta noite! Como tudo vai estar escuro daqui a pouco!

Siferra conseguiu responder com um vago sorriso e afastou-se.

Em volta dela, as pessoas estavam indo para cá e para lá, verificando isto, discutindo aquilo, olhando pela janela, apontando, murmurando. De vez em quando, alguém chegava com notícias recentes da cúpula onde se encontrava o telescópio. Sentia-se como uma completa estranha no meio daqueles astrônomos. E totalmente sem esperanças.

O pessimismo de Athor deve ter passado para mim, pensou. Ele estava tão deprimido, tão distante! Nem parecia a mesma pessoa. Teve vontade de lembrar a ele que não era o mundo que estava para acabar naquela noite, mas apenas um ciclo de civilização.

O mundo seria reconstruído. Os sobreviventes começariam tudo de novo, como já acontecera uma dúzia de vezes (ou uma centena, ou um milhão) desde o começo dos tempos.

Entretanto, dizer isso a Athor era o mesmo que o diretor dizer-lhe que não se preocupasse com a perda das tabuinhas. Athor tivera esperanças de que o mundo se preparasse para a catástrofe. Em vez disso, apenas um grupo minúsculo de pessoas dera importância a suas advertências. Apenas os que tinham ido para o Abrigo da universidade e para outros abrigos de que não tinham conhecimento…

Beenay se aproximou.

— É verdade o que Athor me contou? As tabuinhas foram mesmo roubadas?

— Foram, sim. Eu sabia que não devia ter aceito as propostas dos Apóstolos.

Acha que foram eles que roubaram?

— Tenho certeza — disse ela com amargura. — Quando a existência das tabuinhas de Thombo foi divulgada pela imprensa, eles me procuraram, dizendo que possuíam informações que me poderiam ser úteis. Não lhe contei? Não, acho que não. Eles queriam fazer um trato semelhante ao que Athor havia feito com aquele sacerdote, Folimun 66. "Temos um certo conhecimento da linguagem antiga", afirmou Folimun. "A linguagem que era falada no Ano de Divindade anterior ao nosso." E parece que tinham mesmo: alguns textos, dicionários, alfabetos da velha escrita, talvez muito mais.

— E essas informações foram passadas para Athor?

— Algumas, pelo menos. O suficiente para convencer Athor de que os Apóstolos tinham registros astronômicos autênticos do último eclipse. O suficiente para provar que o mundo tinha passado por um cataclismo semelhante pelo menos uma vez.

Athor, explicou a moça a Beenay, tinha emprestado a ela as cópias de alguns textos antigos fornecidos por Folimun. Ela os mostrara a Mudrin, que os considerara de extrema utilidade para a tradução das tabuinhas. Entretanto, Siferra relutara em compartilhar com os Apóstolos as informações contidas nas tabuinhas, pelo menos nas condições propostas por eles. Os Apóstolos alegavam ser capazes de traduzir as tabuinhas mais antigas, e talvez fossem mesmo. Folimun queria, porém, que a arqueóloga lhe cedesse as tabuinhas originais, para que fossem copiadas e traduzidas, em vez de fornecer à moça os dados necessários para a tradução. Ele também não se contentava com transcrições do texto contido nas tabuinhas. Tinham que ser as tabuinhas originais ou nada feito.

— Mas você fez pé firme — disse Beenay.

— É claro. As tabuinhas não podiam sair da universidade. "Forneçam-nos as informações necessárias para a tradução", eu disse para Folimun, "e nós lhes daremos uma transcrição do texto das tabuinhas. Assim, poderemos traduzí-las de forma independente e comparar nossos resultados."

Folimun não concordara com a proposta. Não estava interessado em transcrições, pois não haveria como comprovar sua autenticidade. Quanto a fornecer à arqueóloga os textos que estavam em poder dos Apóstolos, isto estava fora de questão. Esses textos eram sagrados, explicou, e só podiam ser manuseados por Apóstolos. Se entregasse a ele as tabuinhas, poderia mandar fazer uma tradução, mas nenhum estranho teria acesso aos textos que estavam em poder dos Apóstolos.

— Senti-me realmente tentada a juntar-me aos Apóstolos — disse Siferra — apenas para poder pôr as mãos naqueles textos.

— Você? Entrar para os Apóstolos do Fogo?

— Apenas para ter acesso aos textos. Mas não tive coragem. Recusei a proposta de Folimun. E Mudrin teve que traduzir os textos

sem a ajuda dos Apóstolos. Constatou que as tabuinhas de fato falavam de algum castigo terrível que os deuses haviam imposto à humanidade, mas as traduções eram incompletas, claudicantes, insatisfatórias.

Agora parecia que, afinal, os Apóstolos haviam ficado com as tabuinhas. Isso era difícil de aceitar. No caos que os aguardava, estariam exibindo as tabuinhas, as suas tabuinhas, como mais uma prova de sua sabedoria e santidade.

— Sinto muito por suas tabuinhas terem desaparecido, Siferra — disse Beenay -, mas ainda não há provas de que tenham sido os Apóstolos. Talvez elas

tornem a aparecer.

— Não acho provável — disse Siferra, com um sorriso triste, voltando-se para olhar para o céu que escurecia.

O melhor que podia fazer para consolar-se era adotar a postura de Athor: o mundo estava para acabar, de modo que nada mais tinha importância. Tal atitude, porém, não estava de acordo com sua personalidade. Para ela, era importante pensar no dia de amanhã. Pensar em sobrevivência, em reconstrução, em ir à luta. Não estava certo cair em depressão, como acontecera com Athor, aceitar o fim da humanidade, dar de ombros e abandonar toda a esperança.

Uma voz de tenor interrompeu seus pensamentos.

— Olá, pessoal! Olá, olá, olá!

— Sheerin! — exclamou Beenay. — Que está fazendo aqui?

As bochechas gorduchas do recém-chegado se expandiram em um largo sorriso.

— Por que essa atmosfera de cemitério? Ninguém está perdendo a coragem, espero.

Athor olhou para ele, aborrecido, e disse:

— É mesmo, o que está fazendo aqui, Sheerin? Pensei que fosse ficar no Abrigo.

Sheerin riu e deixou cair o corpo atarracado em uma cadeira.

— Abrigo uma ova! Aquele lugar estava me matando de tédio. Prefiro ficar aqui, onde as coisas estão esquentando. Ou acha que também não tenho minha cota de curiosidade? Já estive no Túnel do Mistério. Posso sobreviver a outra dose de Escuridão. E quero ver essas Estrelas de que os Apóstolos tanto falam. — Esfregou as mãos e acrescentou, em tom mais sério: — Lá fora o frio está de rachar. Parece que o vento vai transformar o nariz da gente em picolé. A essa distância, o calor de Dovim não serve para nada, nesta noite.

O idoso diretor rangeu os dentes, exasperado.

— Por que sai do seu caminho para fazer coisas insanas, Sheerin? O que é que você pode fazer de útil aqui?

— Que é que eu posso fazer de útil aqui? — Sheerin abriu os

braços, em cômica resignação. — Um psicólogo não serve para nada lá no Abrigo. Não no momento. Não posso fazer nada por eles. Estão todos calmos e seguros, debaixo da terra, a salvo de tudo.

— E se uma multidão invadir o local durante a Escuridão?

Sheerin riu.

— Duvido que alguém que não saiba onde é a entrada do Abrigo consiga encontrá-la à luz do dia, quanto mais no escuro. Mas se isso acontecer, vão precisar de homens de ação para defendê-los. Eu? Sou muito gordo para isso. Por isso, prefiro ficar aqui.

Siferra se sentiu melhor ao ouvir as palavras de Sheerin. Ela também decidira passar a noite da Escuridão no Observatório, e não no Abrigo. Talvez fosse uma pretensão idiota, um excesso de autoconfiança, mas estava certa de que conseguiria sobreviver ao eclipse (e mesmo à chegada das Estrelas, se aquela parte do mito fosse verdadeira), sem perder a razão. Por isso, estava disposta a não deixar passar a experiência.

Agora parecia que Sheerin, que não era nenhum modelo de coragem, tivera a mesma ideia. O que queria dizer que havia chegado à conclusão de que o impacto da Escuridão não seria tão violento assim, apesar das previsões pessimistas que vinha fazendo há meses. Siferra tinha ouvido falar do Túnel do Mistério e seus efeitos sobre as pessoas, incluindo o próprio Sheerin. Mesmo assim, ali estava ele. Devia achar que, no final, as pessoas se revelariam mais resistentes do que julgara a princípio.

Ou talvez sua presença ali fosse simplesmente um ato de desespero. Talvez preferisse perder a razão naquela mesma noite, pensou Siferra, do que conservar a lucidez e ter que enfrentar os problemas terríveis, talvez insolúveis, que aguardavam a humanidade depois do cataclismo.

Não. Não. Estava se entregando mais uma vez ao pessimismo. Procurou pensar em outra coisa.

— Sheerin ! — Era Theremon, atravessando a sala para cumprimentar o psicólogo. — Lembra-se de mim? Theremon?

— Claro que me lembro, Theremon — disse Sheerin, estendendo a mão. — Puxa, rapaz, você tem sido duro conosco nos últimos tempos! Mas o que passou, passou, não é mesmo?

Theremon apertou a mão de Sheerin .

— Que Abrigo é esse onde você devia estar? Ouvi vocês falarem a respeito dele, mas não tenho a menor ideia do que se trata.

— Bem — disse Sheerin -, conseguimos convencer umas poucas pessoas da validade de nossas previsões de… hum… de uma catástrofe, se quisermos ser sensacionalistas e essas pessoas concordaram em tomar medidas preventivas. Entre essas pessoas estão familiares dos funcionários do Observatório, alguns professores da

Universidade de Saro e uns poucos de fora. Minha companheira Liliath 221 está lá neste exato momento, e eu também deveria estar, se não fosse minha curiosidade infernal. No total, devem ser mais de trezentos.

— Entendo. Eles estão escondidos em um lugar onde a Escuridão e… hum… as Estrelas não podem alcançá-los. Vão ficar lá enquanto o resto do mundo enlouquece.

— Exatamente. Os Apóstolos também dispõem de algum tipo de esconderijo, você sabe. Não sabemos quantas pessoas estão lá. Apenas umas poucas, se tivermos sorte, mas é mais provável que sejam milhares, esperando para sair e tomar conta do mundo depois da Escuridão.

— Quer dizer que o grupo da universidade representa uma tentativa de resistir à conquista do mundo pelos Apóstolos?

Sheerin assentiu.

— Se conseguirem. Não será fácil, com quase toda a humanidade insana, com as grandes cidades em chamas, com um grupo de Apóstolos disposto a impor sua vontade ao que restar da civilização… não, o ambiente não será favorável à sobrevivência. Mas eles dispõem de comida, água, abrigo e armas…

— E não é só isso — interveio Athor. — Eles também estão com todos os nossos registros, exceto os que vamos colher no dia de hoje. Esses registros serão muito importantes para o próximo ciclo. Na verdade, só a eles importam. O resto pode se danar.

Theremon deu um longo assovio.

— Vocês estão certos, mesmo, de que tudo que previram vai realmente acontecer!

— Que outra atitude poderíamos tomar? — disse Siferra, em tom agressivo. — Quando nos convencemos de que o desastre era inevitável…

— É claro — concordou o jornalista. — Vocês tinham que se preparar. Porque estavam de posse da Verdade. Assim como os Apóstolos do Fogo estão de posse da Verdade. Gostaria de ter metade da convicção de vocês. Esta noite pertence aos donos da verdade.

Siferra olhou para ele, furiosa.

— Gostaria de ver você lá fora esta noite, vagando pelas ruas em chamas! Mas não… não, você estará em segurança aqui dentro! É mais do que merece!

— Calma — disse Sheerin, puxando Theremon pelo braço. — Não diga mais nada, amigo. Vamos conversar em outro lugar.

— Boa ideia — concordou Theremon.

Entretanto, não fez nenhuma menção de deixar a sala. Alguns funcionários haviam começado uma partida de xadrez estocástico, e Theremon os observou por alguns momentos, obviamente sem

compreender muita coisa do jogo, enquanto os movimentos eram feitos rapidamente e em silêncio. Parecia admirado com a capacidade dos jogadores de se concentrarem no jogo, em um momento em que o fim do mundo, de acordo com eles próprios, estava para ocorrer dali a algumas horas.

— Vamos — insistiu Sheerin.

— Está bem. Está bem.

Ele e Sheerin saíram para o corredor, seguidos, um instante depois, por Beenay.

Que homem irritante, pensou Siferra.

Olhou para o disco vermelho de Dovim. O céu teria ficado mais escuro nos últimos minutos? Não, não, disse para si própria, isso era impossível. Dovim ainda estava lá. Era apenas sua imaginação. O céu parecia estranho, agora que Dovim estava sozinho. Nunca havia visto uma cor do céu como aquela, de um vermelho escuro, quase roxo. Mas o pequeno sol era suficiente para iluminar a superfície do planeta.

Lembrou-se das tabuinhas perdidas. Era melhor pensar em outra coisa.

Os jogadores de xadrez é que estavam certos. Resolveu sentar-se e relaxar. Se conseguisse.

23

Sheerin se encaminhou para a sala ao lado. Ali havia várias poltronas macias, grossas cortinas vermelhas nas janelas e um tapete castanho no chão. com a estranha luz avermelhada de Dovim entrando pela janela, era como se houvesse sangue coagulado em toda parte.

Ele ficara surpreso ao encontrar Theremon no Observatório, depois das coisas horríveis que escrevera, depois de tudo que havia feito para sabotar as tentativas de Athor de preparar a nação para a catástrofe. Nas últimas semanas, o diretor ficava quase histérico toda vez que o nome de Theremon era mencionado; mesmo assim, permitira que o repórter ficasse ali durante o eclipse.

Aquilo era estranho e um pouco preocupante. Podia significar que a personalidade do velho astrônomo estava começando a se desintegrar diante do desastre iminente. Na verdade, Sheerin também estava surpreso por ele próprio estar no Observatório. Tinha sido uma decisão de última hora, um impulso irresistível do tipo que raras vezes experimentara em sua vida. Liliath tinha ficado muito preocupada.

Ele também. Não se esquecera das aflições que sofrera no Túnel do Mistério. Mesmo assim, chegara à conclusão de que tinha que estar ali, da mesma forma como se sentira obrigado a entrar no Túnel do Mistério. Para os outros, podia não ser mais do que um professor inconsequente e obeso; considerava-se, porém, um cientista. Durante toda a vida profissional, dedicara-se ao estudo da Escuridão. Como, então, poderia encarar a si próprio no futuro, sabendo que durante o episódio mais importante de Escuridão em mais de dois mil anos decidira permanecer na segurança de um abrigo subterrâneo?

Não, tinha que estar ali. Testemunhando o eclipse. Vendo a Escuridão se apossar do mundo. Quando entraram no quarto, Theremon observou, com franqueza inesperada:

— Estou começando a pensar se o meu ceticismo tinha razão de ser, Sheerin.

— E com razão.

— É o que estou dizendo. Quando olho para Dovim e vejo aquela estranha luz vermelha tomando conta de tudo… Sabe de uma coisa? Daria dez créditos por uma dose decente de luz branca. Um Tano Especial. A propósito, gostaria de ver Tano e Sitha no céu, também. Onos seria ainda melhor.

— Onos vai aparecer amanhã de manhã — observou Beenay, que havia acabado de entrar.

— Sim, mas nós ainda estaremos aqui? — perguntou Sheerin. E sorriu no mesmo instante, para amenizar suas palavras. Disse para Beenay: — Nosso amigo jornalista está precisando de um drinque.

— Athor nos proibiu de beber esta noite. Ele quer todo mundo sóbrio.

— Então vamos ter que nos contentar com água? — disse Sheerin.

— Bem…

— Ora, vamos, Beenay. Athor não vai entrar aqui.

— Acho que não.

Dirigindo-se pé ante pé para a janela mais próxima, Beenay agachou-se e pegou em um armário debaixo da janela uma garrafa com um líquido vermelho que borbulhou sugestivamente quando ele sacudiu a garrafa.

— Eu desconfiava que Athor não sabia a respeito desta garrafa — observou, enquanto trotava de volta para a mesa.

— Pronto! Só temos um copo, de modo que, como convidado, pode ficar com ele, Theremon. Sheerin e eu podemos beber da garrafa. — Começou a encher o pequeno copo com todo o cuidado.

Theremon comentou, rindo:

— Quando nos conhecemos, você detestava bebidas alcoólicas, Beenay.

— Isso faz muito tempo. Agora é diferente. Estou aprendendo, Theremon. Um bom drinque pode ser o melhor calmante em momentos como este.

— Tem toda razão — concordou Theremon. Bebeu um gole. Era vinho tinto, forte e pesado, provavelmente um vinho barato produzido em uma das províncias do sul. O tipo de bebida que um neófito como Beenay compraria, por falta total de conhecimento do assunto. Entretanto, era melhor do que nada.

Beenay se serviu e passou a garrafa para Sheerin. O psicólogo tomou um longo gole. Depois, estalou os lábios e disse para Beenay:

— Athor parece estranho esta noite, mesmo levando em conta as circunstâncias. Que foi que houve?

— Deve estar preocupado com Faro e Yimot.

— Quem?

— Dois alunos de pós-graduação. Eles deviam ter chegado há muito tempo. Athor precisa de toda a ajuda disponível, já que a maior parte dos funcionários foi para o Abrigo.

— Você não acha que os dois desertaram, acha? — perguntou Theremon.

— Quem? Faro e Yimot? Claro que não. Eles dariam tudo para estar aqui esta noite, fazendo medidas, quando o eclipse começar. Entretanto, pode ser que tenham ficado presos em algum engarrafamento na cidade de Saro. — Deu de ombros. — Acho que vão aparecer, mais cedo ou mais tarde. Mas se não chegarem logo, os outros funcionários vão ficar sobrecarregados. Talvez seja isso o que está preocupando Athor.

— Não sei, não — disse Sheerin. — É claro que deve estar pensando nos dois, mas há algo mais. Ele parece tão velho, de repente. Cansado. Derrotado. Da última vez que o vi, estava cheio de entusiasmo, falando na reconstrução da sociedade depois do eclipse… era o Athor de verdade, o homem de ferro. Agora, tudo que vejo é um velho triste, esperando pateticamente o fim que se aproxima. O fato de nem mesmo haver tentado expulsar Theremon…

— Ele tentou — corrigiu o repórter. — Foi Beenay que o convenceu a me deixar ficar. Beenay e Siferra.

— Pois é o que estou dizendo. Beenay, você já viu alguém fazer Athor mudar de ideia?… Quer passar o vinho?

— Pode ser minha culpa — disse Theremon. — Por Ter atacado seus planos de construir abrigos em todo o país. Se ele acredita mesmo que em poucas horas nosso planeta será tomado pela Escuridão e quase todos vão ficar loucos…

— É exatamente o que ele pensa — assegurou Beenay.

— Como todos nós, aliás.

— Nesse caso, o fato de o governo não levar a sério as advertências de Athor pode representar para ele uma trágica derrota. E eu me considero o maior responsável. Se as coisas se passarem como vocês previram, jamais me perdoarei.

— Não se superestime, Theremon — disse Sheerin. Mesmo que tivesse escrito cinco artigos por dia defendendo a posição de Athor, o governo não teria feito coisa alguma para ajudá-lo. Afinal, por que levariam a sério um repórter sensacionalista como você?

— Obrigado — disse Theremon. — Sinto-me aliviado… Ainda sobrou um pouco de vinho? — Olhou para Beenay. Naturalmente, Siferra também não gostou dos artigos. Ela acha que sou o homem mais desprezível deste planeta.

— Houve uma época em que ela realmente parecia interessada em você — disse Beenay. — Cheguei a desconfiar que vocês… hum…

— Não — disse Theremon, sorrindo. — Não chegamos a tanto. E agora, não tenho mais esperanças. Mas fomos bons amigos por uns tempos. Ela é uma mulher fascinante. Que acha daquela sua teoria cíclica da pré-história? Tem algum fundo de verdade?

— A julgar pelos outros professores do departamento, tudo não passa de especulação — disse Sheerin. — Eles atacaram a teoria de todas as formas. É bem verdade que estão todos interessados em defender o ponto de vista oficial, que afirma que Beklimot foi o primeiro centro urbano e que antes disso a humanidade vivia em choupanas no meio da selva.

— Mas como podem explicar as cidades cujas ruínas foram encontradas na colina de Thombo? — quis saber Theremon.

— Um cientista que se julga dono da verdade pode explicar

qualquer coisa que contrarie suas crenças — afirmou Sheerin. — Se você examinar de perto um catedrático da velha guarda, verá que, no fundo, se parece muito com um Apóstolo do Fogo. Apenas usa um tipo diferente de veste. — Tirou a garrafa da mão de Theremon e bebeu mais um gole. — Para o inferno com eles. Mesmo um leigo como eu pode ver que as descobertas de Siferra representam uma revolução para a arqueologia. A questão não é saber se houve vários incêndios em um período de milhares de anos. É saber por quê.

— Já ouvi muitas explicações nos últimos tempos, todas mais ou menos fantásticas — afirmou Theremon. — Um professor da Universidade de Kitro declarou que de vez em quando chove fogo do céu. Recebemos uma carta no jornal de um astrônomo amador que afirma ser capaz de "provar" que Kalgash passa por dentro de um dos sóis a cada dois mil anos. Acho que havia ainda sugestões mais estranhas.

— Existe apenas uma ideia que faz sentido — disse Beenay. — Lembre-se da Espada de Thargola. A hipótese mais provável é a mais simples. Não há nenhuma razão para chover fogo do céu, e é obviamente impossível que nosso planeta passe por dentro de um sol. Por outro lado, a hipótese do eclipse é apoiada pelos nossos cálculos da órbita de Kalgash, usando a Teoria da Gravitação Universal.

— A hipótese do eclipse pode ser correta, é claro. Saberemos em breve, não é mesmo? Mas aplique a Espada de Thargola ao que acaba de dizer. Não há nada na teoria dos eclipses que diga que haverá gigantescos incêndios logo depois de cada eclipse.

— É verdade — concordou Sheerin. — Não há nada na teoria que diga isso. Entretanto, é uma questão de bom-senso. O eclipse vai trazer a Escuridão. A Escuridão vai trazer a loucura. E a loucura vai trazer o fogo. Que vai destruir mais dois milênios de civilização. Tudo vai terminar amanhã. Amanhã não haverá uma cidade de pé em nosso planeta.

— Você está falando como os Apóstolos — disse Theremon, irritado. — Folimun 66 me contou uma história parecida, meses atrás. E eu contei para vocês dois, lembro-me bem, no Clube Seis Sóis.

Olhou pela janela para os picos avermelhados dos edifícios da cidade de Saro, que se recortavam no horizonte, do outro lado do bosque. O repórter sentiu a tensão da incerteza crescer dentro de si quando olhou rapidamente para Dovim, que brilhava, sanguinolento, no zênite, como um espírito mau. Theremon insistiu, teimosamente.

— Não consigo aceitar sua linha de raciocínio. Por que eu haveria de pirar só porque não há nenhum sol no céu? E mesmo que eu perca o juízo… está bem, não me esqueci daqueles pobres coitados do Túnel do Mistério. Mesmo assim, mesmo que todos fiquem loucos, em que isso afetará as cidades?

— Eu tinha a mesma dúvida — observou Beenay — antes de parar para pensar. Se você estivesse na Escuridão, o que desejaria mais do que qualquer coisa no mundo? Qual a coisa que todos os seus instintos reclamariam?

— Luz, suponho.

— Claro! — exclamou Sheerin, quase gritando. — Isso mesmo! Luz!

— E daí?

— Como você conseguiria luz?

Theremon apontou para o interruptor na parede.

— Ligaria o interruptor.

— Certo — disse Sheerin, em tom zombeteiro. — E os deuses, em sua infinita bondade, se encarregariam de fornecer a corrente elétrica, porque certamente a companhia de eletricidade não estaria em condições de fazê-lo. Não com os geradores sobrecarregados e todos os operadores fora de ação. Está me acompanhando?

Theremon fez que sim com a cabeça.

— Onde você vai conseguir luz, quando os geradores pararem? Nas lâmpadas de cabeceira? Elas têm baterias de emergência. Mas você pode não ter uma lâmpada de cabeceira à mão. Pode estar na rua, no escuro, e a lâmpada está lá no seu quarto. E você precisa de luz. De modo que você queima alguma coisa, não é, Sr. Theremon? Já viu um incêndio na floresta? Já acampou no mato e cozinhou com lenha? A madeira em chamas não produz apenas calor, você sabe. Ela também produz luz, e as pessoas sabem disso. Quando estiver escuro, elas vão querer luz, e vão fazer tudo para consegui-la.

— Por isso vão queimar madeira? — perguntou Theremon, sem muita convicção.

— Vão queimar o que puderem. Elas vão querer luz. Para isso, terão que queimar alguma coisa, e não existe lenha nas cidades. De modo que vão queimar o que estiver mais próximo. Uma pilha de jornais? Por que não? A Crônica dará uma boa fogueira. Que tal as bancas de jornais? Fogo nelas! As roupas são um bom combustível. Os livros, também. Os telhados das casas. Qualquer coisa. Vão ter a sua luz… mas todas as cidades do planeta serão consumidas pelas chamas! Aí estão os seus incêndios, Sr. Jornalista. Aí está o fim do mundo.

— Se houver o eclipse — observou Theremon, teimosamente.

— E claro — concordou Sheerin. — Se houver o eclipse. Não sou astrônomo. Também não sou Apóstolo. Mas estou apostando no eclipse.

Olhou para Theremon. Os dois se encararam como se aquilo fosse uma questão pessoal, como se estivessem competindo para ver quem tinha mais força de vontade. De repente, Theremon baixou os olhos, vencido. Sua respiração estava ofegante. Levou a mão à testa e

apertou com força. De repente, ouviram um burburinho na sala ao lado.

— Acho que ouvi a voz de Yimot — disse Beenay. — Ele e Faro provavelmente estão de volta. Vamos até lá saber por que se atrasaram.

— Boa ideia — murmurou Theremon. Ele respirou fundo e pareceu recuperar o controle.

O momento de tensão havia passado.

24

A sala estava um pandemônio, com os funcionários reunidos em torno dos dois rapazes, que tentavam tirar os casacos enquanto eram submetidos a uma enxurrada de perguntas.

Athor abriu caminho e se dirigiu, furioso, aos recém chegados.

— Sabem que falta menos de meia hora? Onde estavam?

Faro 24 sentou-se e esfregou as mãos. Seu rosto ainda estava vermelho por causa do frio lá fora. Tinha um sorriso estranho. E parecia curiosamente calmo, quase como se tivesse sido drogado.

— Nunca o vi assim — sussurrou Beenay para Sheerin.

— Ele sempre foi muito tímido, muito respeitoso, como se não passasse de um humilde estudante cercado de grandes astrônomos. Até comigo. Mas agora…

— Psiu! — fez Sheerin. — Vamos escutar o que ele tem a dizer.

— Yimot e eu acabamos de executar uma pequena experiência maluca que nós mesmos inventamos — disse Faro. Queríamos ver se era possível simular a aparência da Escuridão e das Estrelas, para termos uma ideia antecipada de como seria.

Houve um murmúrio confuso entre os ouvintes.

— Estrelas? — repetiu Theremon. — Vocês sabem o que são as Estrelas? Como descobriram?

— Lendo o Livro das Revelações — explicou Faro, com o mesmo sorriso estranho. — O livro explica que as Estrelas são pontos muito brilhantes, parecidos com os sóis, só que menores, que aparecem no céu quando Kalgash entra na Caverna da Escuridão.

— Absurdo! — exclamou alguém.

— Impossível!

— Por que alguém levaria a sério o que diz o Livro das Revelações? É evidente que…

— Silêncio! — ordenou Athor. Havia um súbito olhar de interesse em seus olhos, um toque no velho vigor. — Prossiga, Faro. Como foi essa "experiência" de vocês?

— Eu e Yimot tivemos essa ideia há algum tempo — disse Faro -, e estivemos trabalhando nela em nossas horas de folga. Yimot sabia de uma construção de um andar lá na cidade que tinha um teto em forma de cúpula. Acho que era uma espécie de depósito. Pois nós compramos o imóvel…

— Como? — interrompeu Athor, peremptoriamente. Onde conseguiram o dinheiro?

— Usamos nossas economias — explicou Yimot 70. — Gastamos dois mil créditos. — Prosseguiu, em tom defensivo: — E daí? Amanhã, dois mil créditos não vão valer nada.

— É verdade — concordou Faro. — Compramos a casa e a forramos de veludo negro, de modo a conseguirmos a maior Escuridão possível. Depois, fizemos pequenos furos no teto e no telhado e cobrimos os furos com pequenas placas de metal, que podiam ser removidas todas ao mesmo tempo através de um controle elétrico. Esta parte não fizemos pessoalmente: contratamos um carpinteiro, um eletricista e alguns outros operários. Queríamos que a luz passasse por esses furos no teto, criando um efeito semelhante ao das Estrelas.

— Um efeito semelhante ao que imaginamos que as Estrelas vão criar — corrigiu Yimot.

Ninguém respirou durante a pausa que se seguiu. Athor declarou, em tom formal:

— Vocês não tinham o direito de fazer uma experiência particular sem…

Faro parecia envergonhado.

— Eu sei, professor, mas, francamente, Yimot e eu achamos que a experiência era perigosa. De acordo com o Dr. Sheerin, aqui presente, se o efeito realmente existisse, nós poderíamos muito bem ficar malucos. Decidimos correr o risco sozinhos. Se conservássemos a sanidade, talvez adquiríssemos algum tipo de imunidade. Nesse caso, poderíamos vacinar todos vocês da mesma forma. Mas o resultado foi outro…

— Que aconteceu?

Foi Yimot que respondeu.

— Nós nos trancamos na casa e esperamos até que nossos olhos se acostumassem à falta de luz. É uma sensação muito desagradável, porque a Escuridão total faz com que você tenha a impressão de que as paredes e o teto estão se aproximando para esmagá-lo. Mas superamos este primeiro impacto e acionamos a chave. As placas saíram do lugar e o teto ficou cheio de pequenos pontos de luz.

— E aí?

— Nada aconteceu. Essa é a parte mais estranha. De acordo com o Livro das Revelações, estávamos experimentando o efeito de ver Estrelas contra um fundo de Escuridão. Mas não sentimos nada. Era apenas um teto cheio de furos, e era exatamente assim que parecia. Tentamos várias vezes, foi por isso que nos atrasamos, mas não conseguimos nenhum efeito.

Seguiu-se um silêncio de choque, e todos os olhos se voltaram para Sheerin, que estava sentado, imóvel, com a boca aberta. Theremon foi o primeiro a falar.

— Sabe o que isto significa para a sua teoria, não sabe, Sheerin ? — Ele estava sorrindo de alívio. Mas Sheerin levantou a mão.

— Espere um momento, Theremon. Deixe-me analisar os fatos. Essas “Estrelas” que os rapazes fabricaram… o tempo total que

passaram expostos à Escuridão… — Interrompeu o que estava dizendo. Todos olharam para ele. De repente, estalou os dedos e quando levantou a cabeça, não havia nem surpresa nem indecisão nos seus olhos. — Naturalmente…

Não terminou a frase. Thilanda, que estava no andar superior, na cúpula do Observatório, fotografando o céu a intervalos de 1O segundos, entrou correndo, agitando os braços em movimentos circulares dignos de Yimot.

— Dr. Athor! Dr. Athor!

— Que foi?

— Acabamos de encontrar… ele simplesmente foi entrando na cúpula… o senhor não vai acreditar, Dr. Athor…

— Calma, calma. Que aconteceu? Quem foi que entrou? Ouviu-se um ruído de luta no corredor e depois um forte estrondo. Beenay levantou-se de um salto e correu para a porta, gritando:

— Que diabo!

Davnit e Hikkinan, que deviam estar na cúpula com Thilanda, estavam no corredor. Os dois astrônomos seguravam um terceiro homem, um tipo atlético, de quase quarenta anos, cabelos ruivos encaracolados, rosto anguloso, olhos azuis. Arrastaram-no para dentro da sala, mantendo seus braços firmemente seguros atrás das costas.

O estranho usava a veste negra dos Apóstolos do Fogo.

— Folimun 66! — exclamou Athor.

Theremon repetiu:

— Folimun 66! Em nome da Escuridão, o que está fazendo aqui?

— Não estou aqui em nome da Escuridão, e, sim, em nome da luz — respondeu o Apóstolo, em tom calmo e controlado. Athor olhou para Thilanda.

— Onde encontrou este homem?

— Já lhe disse, Dr. Athor. Estávamos tirando as fotos e ouvimos um ruído. Ele havia entrado e estava de pé atrás de nós. “Onde está Athor?”, perguntou. “Preciso falar com Athor. ”

— Chame os guardas de segurança — ordenou Athor, rubro de raiva. — Esta noite, o Observatório não está aberto ao público. Quero saber como este homem conseguiu passar pelos guardas.

— Provavelmente o senhor tem um Apóstolo ou dois na folha de pagamento — sugeriu Theremon, com um sorriso. — Quando Folimun apareceu e ordenou-lhes que abrissem o portão, tiveram que obedecer.

Athor fuzilou-o com os olhos. Entretanto, sua expressão mostrava que o velho astrônomo reconhecia que talvez o palpite de Theremon tivesse um fundo de verdade.

Os ocupantes da sala tinham formado um círculo em torno de Folimun. Todos olhavam para ele, surpresos: Siferra, Theremon, Beenay, Athor e os demais. Folimun declarou, com toda a calma:

— Meu nome é Folimun 66. Sou assessor especial de Sua Serenidade Mondior 71. Vim aqui esta noite, não como um criminoso, mas como um enviado de Sua Serenidade. Quer pedir a esses seus dois assistentes para me largarem, Athor?

— Soltem-no — ordenou Athor, com um gesto impaciente.

— Obrigado — disse Folimun. Esfregou os braços e ajeitou a veste. Depois, fez uma mesura de agradecimento (ou estaria sendo irônico?) para Athor.

O ar em torno do Apóstolo parecia estar eletrizado.

— Que está fazendo aqui? — perguntou Athor. — Que deseja?

— Nada que esteja disposto a me dar voluntariamente.

— Provavelmente tem razão.

— Quando você e eu nos conhecemos, faz alguns meses, Athor, nosso encontro foi muito tenso, um encontro de dois homens que podiam se considerar como representantes de grupos antagônicos. Para você, eu era um perigoso fanático. Para mim, você era o chefe de um bando de pecadores ateus. Entretanto, estávamos de acordo em um ponto, você deve se lembrar. Ambos sabíamos que na noite do dia 19 de Theptar, a Escuridão desceria sobre Kalgash e permaneceria por muitas horas.

Athor fez um muxoxo.

— Diga logo o que quer, Folimun. Não nos resta muito tempo, e a Escuridão está prestes a chegar.

— Para mim — prosseguiu Folimun -, a Escuridão era uma manifestação da vontade dos deuses. Para você, não passava de um efeito do movimento dos astros no céu. Muito bem: embora nossas interpretações fossem diferentes, chegamos a um entendimento. Forneci-lhe certos dados que estavam de posse dos Apóstolos desde o último Ano de Divindade, como tabelas com os movimentos dos sóis e algumas informações ainda mais obscuras. Em troca, você prometeu que provaria o dogma fundamental de nossa fé e divulgaria a verdade para a população.

— Foi exatamente o que fiz — declarou Athor, olhando para o relógio. — Que é que o seu mestre deseja de mim agora? Cumpri minha parte no trato.

Folimun esboçou um sorriso, mas não disse nada. Houve um murmúrio geral de inquietação.

— Pedi a ele alguns dados astronômicos, sim — disse Athor, olhando em torno. — Dados que apenas os Apóstolos possuíam. E recebi esses dados. Sou grato a ele por isto. Em troca, concordei em tornar pública minha confirmação matemática da profecia dos Apóstolos de que a Escuridão desceria sobre Kalgash no dia 19 de Theptar.

— Não havia necessidade de confirmação — declarou Folimun,

com orgulho. — As provas estão todas no Livro das Revelações.

— Apenas para os que acreditam cegamente no livro protestou Athor. — Não distorça minhas palavras. Eu me propus a fornecer provas científicas para os dogmas de vocês e cumpri minha promessa!

Os olhos do Apóstolo se estreitaram, zangados.

— Cumpriu, sim, mas da forma errada. A sua suposta explicação apoia os nossos dogmas, mas ao mesmo tempo os torna desnecessários. Você transformou a Escuridão e as Estrelas em fenômenos naturais, despojou-os de todo o significado místico. Isto é uma blasfêmia!

— Se é, a culpa não é minha. Os fatos existem. Como posso deixar de divulgá-los?

— Os seus "fatos" são uma fraude e uma ilusão.

— Como é que você sabe?

A resposta traduzia a certeza de uma fé absoluta.

— Eu sei!

O diretor ficou ainda mais vermelho. Beenay fez menção de se aproximar, mas Athor deteve-o com um gesto.

— E o que é que Mondior 71 quer que a gente faça? Ele ainda pensa, suponho, que ao tentar avisar ao mundo para que tome medidas contra a loucura que se aproxima, estamos interferindo de alguma forma em sua tentativa de assumir o poder depois do eclipse. Pois para seu governo, muito poucas pessoas nos levaram a sério! Espero que isto o faça feliz!

— A tentativa em si já causou mal suficiente. E o que estão tentando fazer aqui esta noite tornará as coisas ainda piores!

— Como sabe o que estamos tentando fazer aqui esta noite? — perguntou Athor.

Suavemente, Folimun disse:

— Sabemos que ainda não desistiu de influenciar a população. Como não conseguiu fazê-lo antes da Escuridão e do Fogo, pretende sair daqui, depois que tudo acabar, munido de fotografias da transição da luz do dia para a Escuridão. Você pretende oferecer aos sobreviventes uma explicação racional do que aconteceu e guardar em lugar seguro as supostas provas de suas teorias, de modo que no final do próximo Ano de Divindade seus sucessores no Observatório convençam a humanidade de que é possível resistir à Escuridão.

— Alguém deu com a língua nos dentes — sussurrou Beenay.

— Tudo isso, é claro, interfere com os nossos propósitos. Mondior 71 é um profeta apontado pelos deuses, o homem destinado a guiar a humanidade durante os tempos difíceis que nos aguardam.

— Vá logo ao que interessa — disse Athor, secamente. Folimun fez que sim com a cabeça.

— A questão é simplesmente a seguinte: a tentativa mal

intencionada e sacrílega de conseguir informações através de instrumentos diabólicos deve ser evitada a qualquer custo. Lamento não ter tido a oportunidade de destruir seus aparelhos infernais com minhas próprias mãos.

— Era isso que você pretendia? Não teria adiantado muita coisa. Todos os nossos dados, exceto os que pretendemos colher nos próximos minutos, já estão guardados em lugar seguro.

— Precisa destruí-los.

— O quê?

— Apague todos os dados. Destrua todos os instrumentos. Em troca, prometo proteger todos vocês do caos que certamente tomará conta do país quando a Escuridão chegar.

Alguns começaram a rir.

— Ele é louco — disse uma voz. — Completamente louco.

— Está enganado — protestou Folimun. — Devotado, sim. Dedicado a uma causa que está além de sua compreensão, sim. Mas não sou maluco. Aquele homem ali — apontou para Theremon — é testemunha disso. E olhem que se trata de alguém conhecido pelo seu ceticismo. Mas coloco minha causa acima de tudo. Esta noite é crucial para a história do mundo. Quando o dia nascer, a Divindade deve triunfar. O que lhes trago é um ultimato. Desistam da tentativa sacrílega de encontrar explicações racionais para a chegada da Escuridão e aceitem Sua Serenidade Mondior 71 como o representante legítimo da vontade dos deuses. Quando a luz voltar, trabalhem para divulgar sua mensagem e não voltem a falar em eclipses, órbitas e outras tolices.

— E se nos recusarmos? — disse Athor, que parecia estar achando graça na pretensão de Folimun.

— Nesse caso — disse o Apóstolo, friamente -, um grupo de homens de bem, liderados pelos Apóstolos do Fogo, subirá esta colina e destruirá o Observatório e tudo que contém.

— Agora chega! — exclamou Athor. — Chamem a Segurança. Quero ver este homem fora aqui!

— Vocês têm exatamente uma hora — disse Folimun, imperturbável. — Quando esse prazo expirar, o Exército Sagrado atacará.

— Ele está blefando — disse Sheerin. Athor repetiu, como se não tivesse ouvido:

— Segurança! Quero este homem fora daqui!

— Bolas, Athor, que é que há com você? — exclamou Sheerin. — Se deixar que ele vá, estará criando mais problemas para nós. Não compreende que esses Apóstolos vivem do caos? Folimun é um mestre na arte de arranjar confusão!

— Que é que você sugere?

— Vamos mantê-lo prisioneiro — disse Sheerin. — Por que não o trancamos em um armário até a Escuridão passar? Para ele, é a pior coisa que podemos fazer. Se estiver trancado, não verá a Escuridão nem as Estrelas. Não é preciso conhecer muito da doutrina dos Apóstolos para saber que, para eles, deixar de ver as Estrelas quando elas aparecem significará a perda da alma imortal. Mande prendê-lo, Athor. Não só é mais seguro para nós, mas também é o que ele merece.

— E depois — protestou Folimun -, quando todos ficarem loucos, não vai haver ninguém para me libertar! Esta é uma sentença de morte. Sei tão bem quanto você o que significa a chegada das Estrelas. Na verdade, sei melhor do que você. Todos vão enlouquecer, nem se lembrarão de que eu existo. Querem que eu morra sufocado ou de inanição? É bem o que se poderia esperar de um grupo de… de cientistas. — Ele fez a palavra soar obscena. — Mas não vai dar certo. Tomei a precaução de instruir meus seguidores para atacarem o Observatório daqui a uma hora, a menos que eu volte e cancele minha ordem. Assim, não terão nada a ganhar me mantendo prisioneiro. Estarão apenas decretando a destruição do Observatório. Daqui a uma hora, meus companheiros me libertarão e assistiremos juntos à chegada das Estrelas. — Uma veia pulsou na têmpora de Folimun. — Amanhã, quando vocês todos estiverem reduzidos a pobres dementes, condenados pelos seus pecados, começaremos a construção de um novo mundo.

Sheerin olhou inquisitivo para Athor. O diretor, porém, também parecia em dúvida. Beenay, ao lado de Theremon, murmurou:

— Que é que você acha? Ele está blefando?

O jornalista não respondeu. Estava lívido.

— Vejam!

O dedo que ele apontou para o céu estava trêmulo, e sua voz soou seca e esganiçada.

Houve uma exclamação em uníssono quando todos acompanharam o dedo com os olhos e, por um momento, prenderam a respiração.

Estava faltando um pedaço de Dovim!

25

A mancha escura tinha talvez a largura de uma unha, mas para os observadores assustados era como um buraco imenso.

Em Theremon, a visão daquele pequeno arco de escuridão teve um efeito devastador. O repórter fechou os olhos, levou a mão à cabeça e deu as costas para a janela.

O pequeno pedaço que faltava no lado de Dovim havia abalado a estrutura do seu ser. Theremon, o cético. Theremon, o gozador. Theremon, o cronista das fraquezas e das tolices humanas… Céus! Como eu estava errado!

Quando reabriu os olhos, deparou com Siferra. Estava do outro lado da sala, olhando para ele. Havia desprezo naqueles olhos… ou seria piedade? Forçou-se a encará-la e sacudiu a cabeça tristemente, como que para traduzir todo o seu arrependimento. Estraguei tudo. Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito.

Julgou detectar um leve sorriso no rosto da arqueóloga. Talvez ela tivesse entendido o que ele estava tentando dizer. Depois, houve uma confusão de gritos que deu lugar a uma atividade organizada, com cada homem se dirigindo a seu posto, alguns correndo para a cúpula, para observar o eclipse nos telescópios, outros se dirigindo para os computadores, alguns usando instrumentos portáteis para registrar as mudanças no disco de Dovim. Naquele momento crucial, não havia lugar para emoções. Os homens eram simplesmente cientistas com um trabalho a ser feito. Theremon, sozinho no meio daquilo tudo, olhou em torno à procura de Beenay e, afinal, conseguiu localizá-lo, sentado diante de um teclado, trabalhando furiosamente em algum tipo de problema. Athor havia desaparecido.

Sheerin apareceu ao lado de Theremon e comentou, prosaicamente:

— O primeiro contato deve ter ocorrido há cinco ou dez minutos. Um pouquinho antes do previsto, mas nossos resultados não fora nada maus, se levarmos em conta as incertezas envolvidas. — Ele sorriu. — É melhor você sair de perto dessa janela.

— Por quê? — quis saber Theremon, que tinha se aproximado da janela de novo para olhar Dovim.

— Athor está furioso — sussurrou. — Perdeu o primeiro contato por causa da confusão causada por Folimun. Você está em um lugar perigoso. Se Athor entrar aqui, é capaz de jogá-lo pela janela.

Theremon fez que sim com a cabeça e sentou-se. Sheerin olhou para ele, surpreso.

— Que diabo, homem! — exclamou. — Você está tremendo!

— Hein? — Theremon passou a língua nos lábios secos e tentou

sorrir. — Não estou me sentindo muito bem.

Os olhos do psicólogo o encararam com frieza.

— Não está perdendo a coragem, está?

— Não! — gritou Theremon, indignado. — Dê-me um tempo, está bem? Sabe, Sheerin, eu bem que tentei acreditar nessa história de eclipse. Sinceramente. Mas não consegui. Para mim, tudo não passava de uma fantasia dos cientistas. Eu queria acreditar por causa de Beenay, por causa de Siferra… até mesmo por causa de Athor. Mas não consegui. Não, até um minuto atrás. Dê-me um tempo para me acostumar à ideia, está bem? Você teve meses para se preparar.

— Tem razão — replicou Sheerin, pensativo. — Escute, você tem família? Pais, mulher, filhos?

Theremon sacudiu a cabeça.

— Não. Tenho uma irmã, mas ela está a mais de três mil quilômetros de distância. Não falo com ela há anos.

— Está bem, mas quanto a você?

— Que quer dizer?

— Poderia tentar chegar ao nosso Abrigo. Não seria difícil arranjar um lugar para você. Ainda há tempo. Posso telefonar e avisar que está a caminho, e eles abrirão o portão para você.

— Acha que estou apavorado, não acha?

— Você mesmo disse que não estava se sentindo bem.

— E é verdade. Mas sou jornalista e estou aqui para fazer uma reportagem. Pretendo fazê-la até o fim.

Havia um leve sorriso no rosto do psicólogo.

— Entendo. Orgulho profissional, não é?

— Pode chamar assim, se quiser — Theremon olhou para o outro com ar cansado. — Além disso, fiz o que pude para sabotar os planos de Athor, não foi? Acha que eu teria cara agora para me refugiar no mesmo Abrigo que ridicularizei durante tanto tempo?

— Não tinha pensado nisso.

— Será que existe outra garrafa daquele vinho horroroso escondida em algum lugar? Nunca precisei tanto de um drinque…

— Psiu! — fez Sheerin. Deu uma cotovelada em Theremon, fazendo-o calar-se. — Está ouvindo? Preste atenção! Theremon acompanhou o olhar do outro e se deu conta da presença de Folimun 66, que, alheio a tudo, estava de frente para a janela, com uma expressão de êxtase no rosto, recitando alguma coisa em tom monótono. O repórter sentiu um arrepio.

— Que é que ele está dizendo? — sussurrou.

— Está repetindo um trecho do capítulo cinco do Livro das Revelações — respondeu Sheerin. — Fique quieto e preste atenção!

A voz do Apóstolo havia aumentado de volume, em um surto súbito de fervor:

— “E aconteceu que, naqueles dias, a vigia solitária do sol Dovim durava mais tempo a cada revolução, até que, por meia revolução, ele foi o único a brilhar, fraco e encolhido, sobre a superfície da Kalgash. E os homens se reuniram nas praças públicas e nas estradas, para discutir e se maravilhar com a visão, pois uma estranha depressão os acometera. Suas mentes estavam perturbadas e suas palavras eram confusas, porque as almas dos homens aguardavam a chegada das Estrelas. E na cidade de Trigon, ao meio-dia, Vendret se adiantou e disse aos homens de Trigon: “Arrependam-se, pecadores! Chegou a hora da justiça. A Caverna está se aproximando para engolir Kalgash e tudo que ele contém.” E enquanto falava, a boca da Caverna da Escuridão passou pela borda de Dovim, de modo que o sol ficou escondido das vistas de todos os habitantes de Kalgash. Muitos foram os gritos dos homens quando ele desapareceu, e um grande medo se apossou de todos.

— A Escuridão da Caverna se abateu sobre Kalgash, e não havia nenhuma luz em toda a superfície do mundo. Os homens se sentiam como se estivessem cegos. Ninguém podia ver o seu vizinho, embora sentisse a sua respiração. E nesta escuridão apareceram as Estrelas, em números incontáveis, e seu brilho era como o brilho de todos os deuses reunidos. E com as estrelas veio também uma música de tal beleza que as próprias folhas das árvores entoaram louvores. E nesse momento as almas dos homens se foram, e seus corpos abandonados se transformaram em animais selvagens; sim, em feras irracionais, que vagavam pelas ruas escuras de Kalgash dando gritos inumanos.

— Das Estrelas desceu então o Fogo Celestial, que era o portador da vontade dos deuses; e onde ele tocava, as cidades de Kalgash eram consumidas pelas chamas, de modo que nada restou do homem e das obras do homem. Foi então…

Houve uma mudança sutil no tom que Folimun estava usando. Seus olhos continuavam fixos no espaço, mas de alguma forma percebera que os outros dois estavam prestando atenção em suas palavras. Sem nenhum esforço, sem ao menos parar para respirar, o timbre de sua voz mudou, e as sílabas se tornaram mais suaves.

Theremon, pego de surpresa, franziu a testa. As palavras pareciam vagamente familiares. Tinha havido uma mudança indefinida no sotaque, uma pequena alteração no som das vogais. Nada mais… e, no entanto, agora era totalmente impossível compreender o que Folimun estava dizendo.

— Talvez Siferra consiga entendê-lo — disse Sheerin. Deve estar falando na língua litúrgica, a língua do Ano de Divindade anterior, da qual o Livro das Revelações foi supostamente traduzido.

Theremon olhou desconfiado para o psicólogo.

— Você está bem-informado, hein? Que é que ele está dizendo,

então?

— Quem disse que eu sei? Andei lendo alguma coisa sobre a religião dos Apóstolos, é verdade, mas não o suficiente para traduzir uma língua antiga. Ei, nós não íamos trancá-lo no armário?

— Deixe-o onde está — disse Theremon. — Que diferença faz? É o grande momento da vida dele. Deixe-o aproveitar.

— Chegou a cadeira para trás e passou os dedos pelos cabelos. As mãos não estavam mais tremendo. — Engraçado observou. — Agora que tudo começou, não estou mais nervoso.

— Não?

— Por que estaria? — disse Theremon. Um toque de irreverência havia voltado a sua voz. — Não há nada que eu possa fazer para mudar as coisas. O jeito é relaxar… Acha que as Estrelas vão mesmo aparecer?

— Sei lá. Talvez Beenay possa nos dizer alguma coisa.

— Ou Athor.

— É melhor deixar Athor de fora — aconselhou o psicólogo, rindo. — Ele acabou de passar na porta e olhou para você com cara de poucos amigos.

Theremon fez uma careta.

— Eu ainda vou ter muito que ouvir depois que isto passar. Que é que você acha, Sheerin? É seguro ir lá fora apreciar o eclipse?

— Quando a Escuridão for total…

— Não estou falando da Escuridão. Não tenho medo da Escuridão. Estou falando das Estrelas.

— Das Estrelas? — repetiu Sheerin, com impaciência. Eu já disse-lhe que não sei nada sobre as Estrelas.

— Provavelmente não são tão assustadoras como o Livro das Revelações parece insinuar. Se aquela experiência que os dois estudantes fizeram com os furinhos no teto significa alguma coisa… — Ele virou as palmas das mãos para cima, como se a resposta pudesse estar nelas. — Diga-me, Sheerin, que é que você acha? Algumas pessoas não podem ser imunes à Escuridão e às Estrelas?

O psicólogo deu de ombros e apontou para o piso. Dovim já havia passado pelo zênite e o quadrado de luz vermelha que se projetava da janela para dentro da sala se deslocara para o centro do aposento, onde parecia a marca de algum crime hediondo. Theremon contemplou, pensativo, a mancha colorida e depois abaixou-se para olhar diretamente para o sol.

A sombra havia aumentado para cobrir um terço de Dovim. O repórter estremeceu. Um dia, de brincadeira, conversara com Beenay sobre dragões no céu. Agora parecia que o dragão havia chegado, já engolira cinco dos sóis e estava devorando rapidamente o último que restava.

— Existem provavelmente dois milhões de pessoas na cidade de Saro que estão todas tentando se juntar aos Apóstolos ao mesmo tempo — observou Sheerin. — Aposto como neste momento estão realizando uma gigantesca cerimônia de iniciação na sede do culto… se eu acho que algumas pessoas podem ser imunes aos efeitos da Escuridão? Ora, daqui a pouco vamos saber ao certo, não vamos?

— Tem que haver. Caso contrário, como foi que os Apóstolos conseguiram fazer passar o Livro das Revelações de ciclo para ciclo? Como conseguiram escrevê-lo, em primeiro lugar? Alguns devem ser imunes, porque se todos ficassem loucos, quem restaria para escrever o livro?

— Provavelmente, os membros de algumas organizações secretas se esconderam em abrigos até tudo terminar, como alguns dos nossos estão fazendo esta noite — sugeriu Sheerin.

— Não é o bastante. Acontece que o aparecimento das estrelas é relatado no Livro das Revelações. Não, alguns foram expostos à Escuridão… e conseguiram sobreviver.

— Bem — disse o psicólogo -, existem três tipos de pessoas que seriam pouco afetadas. Em primeiro lugar, os poucos que são incapazes de ver as Estrelas: os cegos; os seriamente retardados e aqueles que bebem até perder a consciência no início do eclipse e permanecem nesse estado até o final.

— Esses não contam. Não podem testemunhar nada.

— Concordo com você. Também existem as crianças pequenas, para quem o mundo como um todo é muito novo e estranho para que se assustem com as Estrelas e a Escuridão. Elas seriam apenas mais um fenômeno em um mundo já surpreendente. Você entende isso, não é? O outro fez que sim, um pouco contrafeito.

— Acho que entendo.

— Finalmente, existem aqueles cuja mente não é suficientemente sofisticada para sofrer um impacto muito grande. Os simplórios seriam pouco afetados. Eles se limitariam a dar de ombros e esperar que Onos nascesse no dia seguinte.

— Está querendo dizer que o Livro das Revelações foi escrito por simplórios? — perguntou Theremon, rindo.

— Claro que não. Deve ter sido escrito por algumas das pessoas mais inteligentes do novo ciclo, mas com base nas vagas memórias das crianças, combinadas com as histórias confusas e incoerentes dos débeis mentais e, por que não, com as lendas contadas pelos analfabetos.

— É melhor não deixar Folimon escutar isto.

— Naturalmente, o texto deve ter sido editado e reeditado várias vezes. E mesmo passado adiante, talvez, de ciclo para ciclo, da mesma forma que Athor pretende passar adiante o segredo da gravitação. Mas

o ponto onde eu queria chegar é que o livro não pode deixar de ser um amontoado de distorções, mesmo que se baseie em fatos. Vamos tomar, por exemplo, a experiência que Faro e Yimot fizeram com buracos no teto. Aquela que não deu certo.

— Que é que tem?

— Sabe por que não fun… — Sheerin interrompeu o que estava dizendo e levantou-se, assustado. — Chiii…

— Que houve? — perguntou Theremon.

— Athor está vindo para cá, com cara de poucos amigos! Theremon olhou na direção indicada.

O velho astrônomo se aproximou do dois, como se fosse algum espírito maligno saído de um mito medieval. Estava branco como cera. Seu rosto era uma máscara de consternação. Lançou um olhar furioso para Folimun, que estava sozinho no canto da sala, e outro para Theremon. Disse para Sheerin:

— Passei os últimos quinze minutos no comunicador. Falei com o Abrigo, com o pessoal da Segurança e com o centro da cidade de Saro.

— Que tal?

— Nosso repórter aqui fez um bom trabalho. O caos na cidade é total. Tumultos em toda parte, saques, multidões em pânico…

— E o Abrigo? — perguntou Sheerin, ansioso.

— No Abrigo, está tudo bem. Eles se trancaram há alguns momentos, de acordo com os planos, e vão permanecer isolados de tudo até clarear. Estão seguros. Mas é a cidade, Sheerin. Você não faz ideia… — Estava com dificuldade de falar.

— Professor, se o senhor soubesse como me arrependo do que fiz… — começou Theremon.

— Não há tempo para isto agora — interrompeu Sheerin, com impaciência. Segurou Athor pelo braço. — E o senhor? Está bem, Dr. Athor?

— E isto importa? — O diretor debruçou-se na janela, como se pudesse ver os tumultos dali. — No momento em que o eclipse começou, todos perceberam que tudo mais iria ocorrer de acordo com o que havíamos previsto… nós, e os Apóstolos. E a histeria tomou conta da população. Os incêndios devem começar a qualquer momento. E suponho que o bando de Folimun vai nos atacar, também. Que vamos fazer, Sheerin? Você tem alguma ideia?

Sheerin baixou a cabeça e ficou olhando para os próprios sapatos, em profunda meditação. Coçou o queixo. Afinal, olhou para o diretor e disse:

— Fazer? Que há para fazer? Trancar os portões e torcer para que tudo acabe bem.

— E se disséssemos a eles que mataremos Folimun se tentarem invadir o Observatório?

— O senhor faria isso? — perguntou Sheerin.

Athor arregalou os olhos, surpreso.

— Ora… Acho que…

— Não — afirmou Sheerin. — Claro que não.

— Podíamos pelo menos ameaçar…

— Não. Não. Eles são fanáticos, Athor. Sabem que ele é nosso refém. Provavelmente esperam que ele seja morto no momento em que invadirem o Observatório. Isso não os assusta. E você sabe que não poderia cumprir a ameaça.

— É verdade.

— Nesse caso, deixe as coisas como estão. Quanto tempo falta para a totalidade?

— Menos de uma hora.

— Vamos ter que correr o risco. Os Apóstolos levarão algum tempo para reunir uma multidão. Não vai ser apenas um grupo de Apóstolos, aposto, mas um bando de pessoas comuns, levadas ao pânico por um punhado de Apóstolos, que prometerão a eles o perdão dos pecados, a entrada imediata no céu, qualquer coisa… E levarão mais tempo ainda para chegar aqui. Estamos a quase dez quilômetros da cidade…

Sheerin olhou pela janela. Theremon, ao lado dele, olhou também. Lá embaixo, na base da colina, os campos cultivados davam lugar às casas brancas dos subúrbios.

A metrópole, mais além, era uma mancha no horizonte, quase invisível à luz mortiça de Dovim. Uma luz lúgubre de pesadelo banhava a paisagem. Sheerin repetiu, sem se virar:

— Sim, eles vão levar algum tempo. O jeito é manter as portas trancadas, continuar trabalhando e rezar para que a totalidade chegue primeiro. Quando as Estrelas aparecerem, duvido que até mesmo os Apóstolos consigam manter a multidão sob controle.

Dovim estava reduzido à metade; a linha divisória introduzia uma ligeira concavidade na parte ainda visível do sol vermelho. Era como se uma gigantesca pálpebra estivesse se fechando inexoravelmente sobre a luz de um mundo.

Theremon ficou olhando, fascinado. Os ruídos na sala em que se encontrava desapareceram, e ele podia sentir apenas o silêncio pesado dos campos lá fora. Os próprios insetos pareciam mudos de medo. E tudo estava ficando mais escuro. Aquela estranha luminosidade avermelhada tomava conta de tudo.

— Não fique olhando muito tempo — Sheerin murmurou em seu ouvido.

— Para o sol?

— Para a cidade. Para o céu. Não estou preocupado com os seus olhos. Estou preocupado com a sua mente, Theremon.

— Minha mente está bem.

— Quero que continue assim. Como se sente?

— Bem… — Theremon semicerrou os olhos. Estava com a garganta um pouco seca. Enfiou o dedo no espaço entre a garganta e o colarinho. O colarinho parecia mais justo do que o normal. Como se uma mão estivesse apertando sua garganta. Virou a cabeça para um lado e para o outro, mas não sentiu nenhum alívio. — Estou com um pouco de dificuldade para respirar.

— Dificuldade para respirar é um dos primeiros sintomas de um ataque de claustrofobia — disse Sheerin . — Quando sentir um aperto no peito, é melhor afastar-se da janela.

— Quero ver o que está acontecendo.

— Está bem, está bem, faça como quiser.

Theremon abriu bem os olhos e respirou fundo duas ou três vezes.

— Você acha que eu não vou agüentar, não é?

— Eu não acho mais nada, Theremon — disse Sheerin, com ar cansado. — As coisas estão mudando de momento para momento, não é mesmo? Ei, aí vem Beenay.

26

O astrônomo se colocara entre os dois e a luz. Sheerin olhou para ele, ansioso.

— Olá, Beenay.

— Incomodam-se se eu me juntar a vocês? — perguntou. — Acabei de ajustar os aparelhos e não tenho nada para fazer até a totalidade. — Fez uma pausa e olhou para o Apóstolo, que tinha tirado do bolso um livro pequeno, encadernado, e não parara de ler desde então.

— Vocês não iam trancá-lo em um armário?

— Mudamos de ideia — disse Theremon. — Sabe onde está Siferra, Beenay? Eu a vi há pouco, mas ela não parece estar aqui agora.

— Lá em cima, na cúpula. Queria dar uma olhada no telescópio maior. Não que haja alguma coisa que não possa ser vista a olho nu.

— E Kalgash Dois? — perguntou Theremon.

— Que há para ver? Escuridão é Escuridão. Podemos ver os efeitos de sua passagem diante de Dovim. Kalgash Dois em si, porém, é apenas um pedaço de noite no céu noturno.

— Noite… — cismou Sheerin. — Que palavra estranha!

— Já deixou de ser estranha — disse Theremon. — Quer dizer que não é possível ver o tal satélite, mesmo com o auxílio do grande telescópio?

Beenay pareceu envergonhado.

— Nossos telescópios não são na verdade muito sensíveis, você sabe. Servem para observar os sóis, mas quando a luz é escassa… — Sacudiu a cabeça. Endireitou o corpo, e seu rosto se contraiu com o esforço para respirar normalmente.

— Mas Kalgash Dois existe. A estranha zona de Escuridão que está passando entre nós e Dovim… isso é Kalgash Dois.

— Está sentindo dificuldade para respirar, Beenay? perguntou Sheerin.

Beenay aspirou o ar.

— Um pouco. Acho que vou ficar resfriado.

— É mais provável que sejam os primeiros sintomas de claustrofobia.

— Você acha?

— Acho. Alguém mais está se sentindo estranho?

— Tenho a impressão de que meus olhos estão falhando — disse Beenay. — As coisas ficaram fora de foco. Estou com frio, também.

— Oh, está frio, não há dúvida. Isso não é nenhuma ilusão. — Theremon fez uma careta. — É como se meus pés estivessem numa

geladeira.

— O que precisamos — observou Sheerin — é distrair a cabeça com outros assuntos. Há pouco eu estava explicando-lhe, Theremon, por que a experiência de Faro com os furos no teto fracassou.

— Estava começando a explicar — disse o repórter. Ele abraçou as pernas dobradas e apoiou o queixo nos joelhos.

O que eu devia fazer, pensou, era ir lá em cima procurar Siferra, porque falta muito pouco para a totalidade. Entretanto, estava se sentindo estranhamente apático. Ou seria simplesmente o medo de encará-la?

— Como eu comecei a dizer, o erro que cometeram foi tomar ao pé da letra o que está escrito no Livro das Revelações. Ao que tudo indica, as Estrelas não têm existência real. Pode ser, você sabe, que na presença da Escuridão total, a mente sinta uma necessidade vital de criar algum tipo de luz As Estrelas podem ser simplesmente essa ilusão de luz.

— Você está querendo dizer que as Estrelas são consequência da loucura, e não uma de suas causas – interrompeu Theremon. — Nesse caso, de que servirão as fotografias que os astrônomos estão tirando esta noite?

— Servirão para provar que as Estrelas não passam de uma ilusão. Mas pode ser que eu esteja errado. Pode ser…

Beenay arrastara sua cadeira para mais perto, e havia uma expressão súbita de entusiasmo em seu rosto.

— Que bom que vocês dois puxaram o assunto. — Seus olhos se estreitaram, e ele começou: — Estive pensando nessas Estrelas e tive uma ideia que me pareceu muito interessante. Naturalmente, não disponho de provas concretas, de modo que tudo não passa de mera especulação. Querem ouvir assim mesmo?

-Por que não? — disse Sheerin, recostando-se na cadeira.

Beenay parecia meio relutante. Mas Sheerin sorriu e com timidez prosseguiu:

— Suponhamos que existam outros sóis no universo.

Theremon começou a rir.

— Você disse que era uma especulação, mas mesmo assim…

— Não, não é tão fantástico como parece. Não me refiro a sóis tão próximos quanto os que já conhecemos, que por alguma razão misteriosa não conseguimos ver. Estou falando de sóis tão distantes que não possam ser vistos em condições normais. Se estivessem próximos, seriam tão brilhantes quanto Onos, talvez, ou Tano e Sitha. Mas como estão muito mais afastados, sua luz é para nós como pequenos pontos luminosos, que o brilho constante dos nossos seis sóis se encarrega de ocultar.

— Não está se esquecendo da Lei da Gravitação Universal? —

objetou Sheerin. — Se esses sóis existissem, sua presença não se manifestaria através de forças atrativas, como ocorre com Kalgash Dois?

— Não, se eles estivessem suficientemente distantes explicou Beenay. — Realmente distantes… quatro anos-luz, ou mais. Nesse caso, as perturbações seriam pequenas demais para serem detectadas.

— Quantos anos tem um ano-luz? — perguntou Theremon.

— Sua pergunta não faz sentido. O ano-luz é uma unidade de comprimento. Corresponde à distância que a luz percorre em um ano. O que, em quilômetros, é um número imenso, já que a luz viaja muito depressa. De acordo com nossas estimativas mais recentes, a velocidade da luz é da ordem de 25O mil quilômetros por segundo, mas os dados não são muito precisos. Acho que se tivéssemos instrumentos melhores, descobriríamos que a velocidade da luz é ainda um pouco maior que este valor. Entretanto, mesmo tomando a velocidade da luz como sendo de 25O mil quilômetros por segundo, podemos calcular que Onos está a cerca de dez minutos-luz daqui, Tano e Sitha estão a uma distância onze vezes maior, e assim por diante. Nesse caso, um sol situado a alguns anos-luz de distância estaria muito, muito longe de Kalgash. Tão longe que jamais poderíamos detectar as perturbações causadas na órbita do nosso planeta, porque elas seriam insignificantes. Muito bem: vamos supor que existam muitos sóis no universo, a uma distância de quatro a oito anos-luz de Kalgash. Uma ou duas dúzias desses sóis, talvez.

Theremon deu um assovio.

— Que grande ideia para um suplemento dominical! Duas dúzias de sóis, em um universo com um raio de mais de oito anos-luz! Puxa vida! Isso reduziria nosso universo a uma insignificância! Imagine… Kalgash e seus sóis ocupando apenas um cantinho do universo real. E nós pensando que éramos importantes, que nós e nossos seis sóis estávamos sozinhos no cosmo!

— É apenas uma ideia — disse Beenay, com um sorriso mas vocês percebem aonde quero chegar. Durante um eclipse, esses sóis ficariam visíveis, porque a luz dos sóis de verdade não estaria presente para ofuscá-los. Como estão muito distantes, pareceriam pequenos, como pontinhos luminosos no céu. Mas ali estariam elas: as Estrelas. Os pontos de luz que os Apóstolos nos prometeram.

— Os Apóstolos falam de um “número incontável” de Estrelas — observou Sheerin. — Isso é muito diferente de uma ou duas dúzias, não acha? É mais como alguns milhões, hein?

— Exagero poético — argumentou Beenay. — Simplesmente não haveria lugar no universo para milhões de estrelas… a menos que estivessem empilhadas uma contra as outras, de modo que se tocassem.

— Além do mais — interveio Theremon -, depois que passamos de uma ou duas dúzias, será que é possível realmente apreender o conceito de número? Aposto que duas dúzias poderiam parecer aos antigos Apóstolos um número "incontável"… especialmente se houvesse um eclipse acontecendo e estivessem todos perturbados por causa da Escuridão. Sabe de uma coisa? Algumas tribos primitivas têm apenas três palavras para os números: "um", "dois" e "muitos". Somos um pouco mais sofisticados do que isso, talvez. De modo que, para nós, uma dúzia ou duas ainda fazem sentido. Um número maior, porém, ainda nos parece como "incontável". — O repórter parecia entusiasmado. — Uma dúzia de sóis, assim de repente! Imagine!

— Tive outra ideia — afirmou Beenay. — Já imaginaram como seria fácil resolver o problema da gravitação em um sistema mais simples do que o nosso? Imagine um universo em que haja um planeta com um único sol. A trajetória do planeta seria uma elipse perfeita e a natureza exata da força gravitacional seria tão evidente que ela poderia ser aceita como um axioma. Os astrônomos de um planeta assim resolveriam o problema da gravidade antes mesmo de inventarem o telescópio. As observações a olho nu seriam suficientes.

— Esse sistema seria dinamicamente estável? — perguntou Sheerin.

— Claro! É o chamado caso de "um-e-um". Já foi analisado matematicamente, mas é nas implicações filosóficas que estou interessado.

— É uma abstração — admitiu Sheerin. — Um caso limite. Algo como o gás perfeito ou o zero absoluto.

— Naturalmente — prosseguiu Beenay -, a vida seria impossível em um planeta assim. Não haveria calor nem luz suficiente, e se o planeta girasse em torno de si mesmo, qualquer ponto na superfície passaria metade do tempo em total Escuridão. Foi esse tipo de planeta que uma vez você me pediu para imaginar, lembra-se, Sheerin? Um planeta cujos habitantes estivessem habituados a períodos alternados de luz e Escuridão? Mas estive pensando no assunto. Não haveria habitantes. Não podemos esperar que a vida, que depende fundamentalmente da luz, se desenvolva em tais condições. Metade do tempo na escuridão! Não, nenhuma criatura poderia viver em tais condições. Mas completando o meu raciocínio, um sistema "um-e-um" teria…

— Um momento — interrompeu Sheerin. — Está sendo precipitado ao afirmar que a vida não se desenvolveria nesse planeta. Como é que você sabe? Que há de fundamentalmente impossível em a vida se desenvolver em um lugar onde não há luz o tempo todo?

— Já expliquei, Sheerin. A vida depende de luz. Assim, em um planeta onde…

— A vida depende de luz aqui em Kalgash. Que é que isso tem a ver com um planeta que…

— A vida depende de luz em qualquer lugar, Sheerin!

— Não sei por quê! Nós só conhecemos as formas de vida que existem em Kalgash! Como podemos saber como seria a vida em um planeta totalmente…

Theremon teve um acesso de riso. Sheerin e Beenay olharam para ele, indignados.

— Qual foi a graça? — perguntou Beenay.

— Vocês dois! Um astrônomo e um psicólogo discutindo furiosamente uma questão de biologia. Este deve ser o famoso diálogo interdisciplinar, o fermento intelectual de que esta universidade tanto se orgulha. — O jornalista se pôs de pé. Estava se sentindo inquieto, e a longa exposição de Beenay só contribuíra para deixá-lo ainda mais agitado. — Vocês me dão licença? Preciso esticar as pernas.

— Falta pouco tempo para a totalidade — observou Beenay. — Talvez não seja seguro você estar sozinho quando ela acontecer.

— Vou só dar uma voltinha. Não demoro — disse Theremon.

Antes que tivesse dado cinco passos, Beenay e Sheerin reiniciaram a discussão. Theremon sorriu. Era uma forma de aliviar a tensão, disse para si próprio. Todos estavam sob grande pressão. Afinal de contas, a cada batida do relógio estavam mais perto da Escuridão… mais perto…

Das Estrelas? Da Loucura?

Da Hora do Fogo Celestial?

Theremon deu de ombros. Passara por uma centena de mudanças de humor nas últimas horas, mas agora se sentia estranhamente calmo, quase fatalista. Sempre se considerara senhor do próprio destino, sempre se julgara capaz de traçar o curso da própria vida; era assim que conseguira manter-se à frente dos outros repórteres. Agora, porém, tudo fugia ao seu controle, e sabia disso. A Escuridão, as Estrelas, o Fogo chegariam sem lhe pedir licença. Não adiantava sofrer por antecipação. Melhor relaxar, sentar-se, esperar, assistir ao que estava para acontecer. E depois… depois tentar sobreviver ao caos resultante.

— Está indo para a cúpula? — perguntou uma voz. Piscou os olhos na penumbra. Era aquele aluno gorducho… o nome era Faro?

— Estou — respondeu Theremon, embora na verdade estivesse passeando sem destino.

— Eu também. Siga-me. Eu o levo lá.

Uma escada metálica em espiral conduzia ao piso superior do grande edifício. Faro subiu a escada, ofegante, seguido de perto por Theremon. Ele já havia estado uma vez na cúpula do Observatório, fazia alguns anos, para ver alguma coisa que Beenay queria lhe

mostrar. Entretanto, não se lembrava muito bem do lugar.

Faro abriu uma grande porta de correr e os dois entraram.

— Veio ver as Estrelas de perto? — perguntou Siferra.

A arqueóloga estava de pé, perto da entrada, vendo os astrônomos trabalharem. Theremon ficou sem graça. A última pessoa que queria encontrar naquele momento era Siferra. Lembrou-se, tarde demais, que Beenay lhe havia dito que ela fora para a cúpula. Apesar do sorriso ambíguo que ela lhe lançara no início do eclipse, temia que ainda estivesse sentida com ele por causa das críticas que fizera em público ao grupo do Observatório.

Entretanto, Siferra recebeu-o com naturalidade. Talvez, agora que o mundo estava mergulhando de cabeça na Caverna da Escuridão, ela pensasse que tudo que acontecera antes do eclipse era irrelevante, que a catástrofe iminente cancelava todos os erros, todas as disputas, todos os pecados.

— Um lugar e tanto! — observou Theremon.

— Não é fantástico? Não que eu saiba exatamente o que está acontecendo aqui. Eles estão com o grande solarscópio apontado para Dovim… pelo que me disseram, é mais uma câmara do que um telescópio; não se pode usá-lo para observar diretamente o céu… e focalizaram aqueles telescópios menores para mais longe, na esperança de observar as Estrelas…

— Já apareceu alguma?

— Não que eu saiba.

Theremon assentiu e olhou em volta. Estava no coração do Observatório, no lugar onde realmente esquadrinhavam os céus. Era o lugar mais escuro onde jamais estivera.

Não estava totalmente às escuras, é claro; havia uma fileira dupla de candelabros de bronze ao longo da parede curva, mas a luz das lâmpadas era fraca e superficial.

No lusco-fusco, viu um grande tubo metálico, que subia em diagonal e desaparecia por um painel aberto no teto do edifício, através do qual também podia ver uma nesga do céu, que no momento estava com uma desagradável cor arroxeada. O diminuto pedaço que restava de Dovim também estava visível, mas o pequeno sol parecia ter recuado para uma enorme distância.

— Tudo parece muito estranho — murmurou o repórter. — O céu tem uma textura diferente. Parece um cobertor.

— Um cobertor que vai nos sufocar a todos.

— Está com medo? — perguntou ele.

— Claro que estou — respondeu Siferra. — E você?

— Sim e não — respondeu Theremon. — Não estou tentando bancar o herói, acredite. Sinto-me muito mais calmo, porém, do que há uma hora ou duas horas. É quase como se eu estivesse anestesiado.

— Acho que sei o que quer dizer.

— Athor disse que os tumultos na cidade já começaram.

— E apenas o começo — observou a arqueóloga. — Theremon, não consigo tirar aquelas cinzas do pensamento. As cinzas da cidade de Thombo. Aqueles grandes blocos de pedra, as fundações da cidade ciclópica… e cinzas por toda parte em suas bases.

— Com cinzas mais antigas por baixo, e assim por diante.

— Isso mesmo — disse ela.

Theremon se deu conta de que a moça tinha chegado um pouco mais perto. Percebeu também que a animosidade que sentira em relação a ele nos últimos meses parecia ter desaparecido totalmente, e (seria possível?) Siferra estava correspondendo à atração que um dia sentira por ela. Reconhecia os sintomas. Era um homem experiente demais para deixar de reconhecê-los.

Formidável, pensou Theremon. O mundo está acabando, e agora, de repente, Siferra resolve quebrar o gelo. Uma silhueta estranha, desengonçada, incrivelmente alta, se aproximou deles.

— Nenhum sinal das Estrelas, ainda — disse Yimot, o outro aluno de pós-graduação. — Talvez elas não existam. Talvez não aconteça nada, como na experiência que Faro e eu montamos naquele depósito abandonado.

— Ainda dá para ver uma boa parte de Dovim — observou Theremon. — Falta muito para a Escuridão total.

— Você parece quase ansioso para que ela chegue — disse Siferra.

O repórter voltou-se para ela.

— Não agüento mais esperar.

— Ei! — gritou alguém. — Meu computador parou!

— As luzes! — gritou outra voz.

— Que está acontecendo? — perguntou Siferra.

— Falta de energia — disse Theremon. — Como Sheerin previu. A usina de força deve estar com problemas. A primeira onda de tresloucados, quebrando tudo na cidade.

Realmente, alguma coisa estava errada com as lâmpadas dos candelabros. De repente, a luz aumentou muito de intensidade, como se um último surto de corrente tivesse atravessado os circuitos; depois, as lâmpadas quase se apagaram; em seguida, acenderam de novo, mas com uma intensidade menor do que antes; finalmente, apagaram-se de vez. Siferra segurou com força o braço de Theremon.

— Estamos sem luz! — exclamou alguém.

— E sem computadores! Ligue a força de emergência, alguém! Ei! A força de emergência!

— Rápido! O solarscópio parou de rastrear! O obturador da câmara não funciona!

— Por que eles não se prepararam para um corte de energia? —

disse Theremon.

Aparentemente, eles haviam se preparado. Houve um zumbido em algum lugar nas profundezas do edifício e as telas dos computadores se acenderam. As lâmpadas nos candelabros, porém, continuaram quase apagadas. Evidentemente, estavam em outro circuito, e o gerador de emergência no porão não podia fazê-las voltar a funcionar.

O Observatório estava praticamente às escuras.

A mão de Siferra ainda segurava o pulso de Theremon. Ele pensou em colocar o braço no ombro da moça para tranquilizá-la. Nesse momento, ouviram a voz de Athor:

— Alguém me ajude aqui! Vai ficar tudo bem!

— Que foi? — perguntou Theremon.

— Athor trouxe as varas — respondeu Yimot. Theremon voltou-se para a direção de onde viera a voz. Era difícil ver alguma coisa com tão pouca iluminação, mas em mais alguns momentos seus olhos se habituaram. Athor levava nos braços meia-dúzia de varas de trinta centímetros de comprimento por três de diâmetro. Procurou os assistentes com os olhos.

— Faro! Yimot! Venham me ajudar!

Os rapazes correram para o lado do diretor. Uma por uma, Yimot segurou as varas, enquanto Faro, em absoluto silêncio, acendia um fósforo grande e primitivo, como se estivesse executando a parte mais sagrada de um ritual religioso. Quando encostou a chama na parte superior da vara, a pequena labareda hesitou por um momento e depois uma forte luz amarela iluminou o rosto de Athor. Todos bateram palmas. Acima da vara, havia agora uma chama tremeluzente de quinze centímetros de altura!

— Fogo? — admirou-se Theremon. — Aqui? Por que não usam lanternas ou coisa parecida?

— Discutimos o assunto — disse Siferra. — A luz das lanternas é muito fraca. Não daria para iluminar um lugar deste tamanho…

— E no andar de baixo? Também estão acendendo tochas?

— Acho que sim. Theremon sacudiu a cabeça.

— Não é de admirar que ocorram incêndios na cidade esta noite. Se até cientistas como vocês estão recorrendo ao fogo para afastar a Escuridão…

A luz era fraca, mais fraca do que a luz de Dovim. As chamas oscilavam loucamente, projetando sombras caóticas e bêbadas nas paredes. As tochas produziam muita fumaça e cheiravam como um acidente culinário. Mas emitiam luz amarela.

Havia algo de muito desejável na luz amarela, pensou Theremon. Especialmente depois de quatro horas de Dovim. Siferra esquentou as mãos na tocha mais próxima, sem se importar com a fuligem que nelas

se acumulou, sob a for--ma de um pó acinzentado, e murmurou consigo mesma:

— Lindo! Lindo! Nunca havia reparado na beleza do amarelo!

Mas Theremon olhava desconfiado para as tochas. Torceu o nariz para o cheiro rançoso e perguntou:

— De que são feitas essas coisas?

— De madeira — respondeu Siferra.

— Oh, não, não pode ser. Não estão queimando. A parte de cima ficou apenas chamuscada, e a chama parece brotar do nada.

— E a beleza dela. Trata-se na verdade de um mecanismo de iluminação artificial. Fizemos algumas centenas delas, mas a maioria está no Abrigo, é claro. vou lhe explicar.

Ela se voltou e limpou com um lenço as mãos enegrecidas.

— Você toma o caule de um junco aquático, seca-o bem e coloca-o de molho em gordura animal. Quando ele é aceso, a gordura queima lentamente. Essas tochas vão durar mais de meia hora, sem apagar. Não é engenhoso?

— Sensacional — disse o repórter, mecanicamente. — Moderníssimo. Estou realmente impressionado.

Mas não agüentava mais ficar ali. Estava sentindo a mesma inquietação que o fizera subir para a cúpula. Não bastasse o cheiro das tochas, havia também uma corrente gelada de ar entrando pelo buraco do teto, como se fosse o dedo frio da noite. Sentiu um arrepio. Ele, Sheerin e Beenay não deviam ter acabado tão depressa com aquela garrafa de vinho.

— Vou descer — disse para Siferra. — Não há nada para ver aqui se você não é um astrônomo.

— Tem razão. Eu vou com você.

À luz bruxuleante e amarela das tochas, pôde ver um sorriso no rosto da moça, um sorriso que desta vez não deixava margem a dúvidas.

27

Desceram a estreita escada em espiral até o andar de baixo. As pessoas ali também haviam acendido tochas. Beenay trabalhava com três computadores ao mesmo tempo, processando os dados colhidos pelos telescópios. Outros astrônomos estavam fazendo outras coisas, todas incompreensíveis para Theremon. Sheerin andava para cá e para lá, sem ter o que fazer; parecia uma alma perdida. Folimun colocara a cadeira bem debaixo de uma das tochas e continuara a leitura, os lábios se movendo no ritmo monótono do recital de invocações das Estrelas.

Frases soltas cruzaram a mente de Theremon, trechos de um artigo que pretendia escrever para a Crônica do dia seguinte. Várias vezes, naquela noite, a máquina de escrever que havia no seu cérebro começara a funcionar, em um processo totalmente automático, totalmente inconsciente, e, ele sabia muito bem, totalmente inútil. Seria ridículo imaginar que a Crônica fosse sair no dia seguinte.

Trocou olhares com Siferra.

— Veja o céu — murmurou a moça.

— Estou vendo.

O céu havia mudado novamente de tom. Agora estava ainda mais escuro, quase roxo, uma cor monstruosa, como se de alguma ferida no céu estivessem jorrando torrentes de sangue.

O ar parecia ter ficado mais denso. A escuridão, como uma entidade palpável, entrou no aposento, e o círculo dançante de luz amarela em torno das tochas se destacou cada vez mais do cinzento do ambiente. O cheiro de fumaça ali era tão enjoativo quanto na cúpula. Theremon descobriu que tudo o incomodava: a fumaça, o leve crepitar das chamas, o ruído dos passos de Sheerin, que andava sem parar em volta da mesa, no meio da sala. Com tochas ou sem tochas, estava ficando mais difícil enxergar.

Está chegando, pensou Theremon. A hora da Escuridão total. A hora das Estrelas. Por um instante, pensou que talvez fosse melhor procurar algum armário aconchegante e trancar-se lá dentro até tudo terminar. Ficar fora do caminho, evitar a visão das Estrelas, esconder-se e esperar que as coisas voltassem ao normal. Bastou um momento de reflexão, porém, para se convencer de que era uma péssima ideia. Um armário, ou qualquer outro lugar fechado, também estaria escuro. Em vez de um refúgio seguro, poderia tomar-se uma câmara de horrores muito pior do que os aposentos do Observatório.

Além disso, se algo importante estava para acontecer, algo capaz de mudar a história do mundo, Theremon não queria se manter à margem. Seria uma atitude tola e covarde, algo que provavelmente se

arrependeria pelo resto da vida. Nunca tinha sido homem de fugir do perigo, se achava que havia assunto para uma reportagem. Além do mais, tinha confiança suficiente em si mesmo para achar que sobreviveria ao que estava para acontecer… e um resto de cinismo que o fazia imaginar se realmente estaria para acontecer alguma coisa.

Ficou em silêncio, escutando a respiração pesada de alguém tentando recuperar a compostura em um mundo que se dissolvia aos poucos nas sombras. Foi então que ouviu outro ruído. Era uma vaga impressão de som, que teria passado despercebida, se não fosse o silêncio mortal que tomara conta do aposento e a tensão que se apossara de Theremon com a aproximação da totalidade. O repórter prendeu a respiração e escutou; depois, foi até a janela e olhou para fora. O silêncio foi quebrado pelo seu grito assustado:

— Sheerin!

Houve um tumulto na sala. Estavam todos olhando para ele, apontando, perguntando.

O psicólogo correu para o lado de Theremon. Siferra juntou-se a ele. Até mesmo Beenay, sentado diante dos computadores, virou a cabeça para olhar.

Lá fora, Dovim era uma pequena lasca vermelha, dando uma última olhada desesperada para Kalgash. O horizonte a leste, na direção da cidade, estava perdido na Escuridão, e a estrada que ligava a cidade de Saro ao Observatório era uma linha avermelhada, ladeada de árvores, que pareciam haver perdido sua individualidade, transformando-se em uma massa sombria.

Mas era a estrada que atraía a atenção, porque no meio dela havia outra massa sombria, infinitamente mais perigosa, movendo-se na direção do Observatório, como uma fera gigantesca.

— Vejam! — gritou Theremon, com voz rouca. — Precisamos avisar a Athor! São os loucos da cidade! Os homens de Folimun! Estão chegando!

— Quanto tempo falta para a totalidade? — perguntou Sheerin.

— Faltam quinze minutos — informou Beenay. — Mas eles vão chegar aqui em cinco — disse Sheerin . Sua voz era firme, controlada, autoritária, como se tivesse conseguido encontrar um reservatório secreto de energia interior naquele momento crítico. — Eles não vão conseguir entrar. Este lugar parece uma fortaleza. Siferra, vá lá em cima contar a Athor o que está acontecendo. Beenay, não tire os olhos de Folimun. Jogue-o no chão e sente em cima dele se for preciso, mas mantenha-o onde está. Theremon, venha comigo.

Sheerin estava na porta, e Theremon nos seus calcanhares. A escada descia em espiral e desaparecia nas sombras. O impulso da corrida os fez descer uns quinze metros, de modo que a luz trêmula e amarelada que saía pela porta da sala desapareceu totalmente e eles se

viram imersos na escuridão.

Sheerin parou e levou ao peito a mão rechonchuda. Os olhos se arregalaram e a voz se tomou uma tosse seca. Todo o seu corpo tremia de medo. A energia que demonstrara há poucos momentos parecia ter se esgotado.

— Não posso… respirar… Desça… sozinho. Feche todas as portas…

Theremon desceu mais alguns degraus e parou.

— Espere! Pode agüentar um minuto? — Ele também respirava com dificuldade. O ar entrava e saía dos pulmões como se fosse pegajoso, e sentiu uma ponta de medo quando pensou em fazer sozinho o caminho naquela Escuridão misteriosa.

E se os guardas tivessem deixado o portão aberto? Não era a multidão que o assustava. Era… A Escuridão.

Theremon compreendeu que, no final das contas, também tinha medo do escuro!

— Fique aqui — disse, desnecessariamente, para Sheerin, que estava encolhido na escada, no mesmo lugar em que Theremon o deixara. — Volto num segundo.

Subiu a escada de dois em dois degraus, com o coração aos pulos, não só pelo exercício, entrou na sala principal e arrancou uma das tochas do suporte. Siferra olhou para ele, surpresa.

— Quer que eu vá com você? — perguntou.

— Quero. Não. Não!

Saiu de novo da sala. A tocha tinha um cheiro desagradável, e a fumaça quase o cegou, mas agarrou a tocha como se quisesse beijá-la de alegria e desceu as escadas correndo.

Sheerin ainda estava no mesmo lugar. Ele abriu os olhos e gemeu quando Theremon se agachou a seu lado. O repórter o sacudiu.

— Tente controlar-se, está bem? Eu trouxe uma tocha. Levantou a tocha bem alto e segurando o cambaleante psicólogo pelo cotovelo, começou a descer as escadas, no centro do círculo protetor de luz.

No andar térreo, estava tudo escuro. Theremon sentiu de novo uma onda de medo, mas a tocha abriu uma brecha na Escuridão.

— Os guardas da segurança… — murmurou Sheerin . Onde estavam? Teriam fugido? Parecia que sim. Não, ali estavam dois dos guardas que Athor havia destacado, encolhidos em um canto do saguão, os olhos sem expressão, a língua de fora, tremendo como geleia. Dos outros, nem sinal.

— Segure — disse o jornalista, passando a tocha para Sheerin. — Já se pode ouvi-los lá fora.

Era verdade. Gritos roucos, abafados.

Mas Sheerin estava certo; o Observatório parecia uma fortaleza. Construído no século anterior, quando o estilo neogavotiano de

arquitetura estava no apogeu, tinha sido projetado tendo em vista a estabilidade e durabilidade, e não a beleza.

As janelas eram protegidas por grossas barras de ferro enterradas bem fundo nos parapeitos de concreto. As grossas paredes não poderiam ser abaladas por um terremoto, e a porta principal era de carvalho maciço, reforçado com cintas metálicas em pontos estratégicos. Theremon verificou os ferrolhos. Ainda estavam no lugar.

— Pelo menos, não podem ir entrando, como Folimun fez — disse, ofegante. — Mas escute só! Estão do lado de fora!

— Temos que fazer alguma coisa.

— Tem toda razão — disse Theremon. — Não fique aí parado! Ajude-me a arrastar esses caixotes e colocá-los contra a porta… e mantenha essa tocha longe dos meus olhos. A fumaça está me matando.

Os caixotes estavam cheios de livros, instrumentos científicos, objetos variados, todo um museu de astronomia. Só os deuses sabiam quanto pesavam, mas alguma força sobrenatural se apossara de Theremon naquele momento de crise e ele conseguiu deslocá-los, como se fossem travesseiros, com a ajuda, não muito eficiente, de Sheerin.

Os pequenos telescópios e outros aparelhos chocalharam, enquanto ele transportava os caixotes. Ouviu um barulho de vidro quebrado. Beenay vai me matar, pensou Theremon. Ele adora essas quinquilharias.

Mas não estava na hora de ser delicado. Amontoou os caixotes contra a porta e, em poucos minutos, havia erguido uma barricada que, com sorte, seria capaz de conter os invasores se eles conseguissem arrombar o portão.

Podiam ouvir, com se viesse de muito longe, o som de punhos cerrados batendo na porta. Gritos… gemidos… Era como um terrível pesadelo.

A multidão partira de Saro com apenas duas coisas na mente: a vontade de destruir o Observatório e assim conseguir a absolvição prometida pelos Apóstolos, e um medo irracional que quase os deixava paralisados. Não houvera tempo para pensar em veículos, em armas, em líderes, nem mesmo em organização. Tinham se dirigido para o Observatório a pé e tentavam invadi-lo com mãos nuas.

E agora que estavam ali, o último lampejo de Dovim, a última gota de fogo escarlate tremeluziu por um instante sobre uma humanidade, à qual restava apenas um medo rígido e universal.

— Vamos subir — murmurou Theremon.

A sala do primeiro andar agora estava vazia. Tinham todos ido para o segundo andar, onde ficavam os telescópios. Quando entrou na cúpula, Theremon ficou surpreso com a calma que parecia haver se

apossado de todos. Era como um quadro vivo. Yimot estava sentado no pequeno assento reclinável, operando o gigantesco solarscópio como se aquela fosse uma observação astronômica de rotina. Os outros se aglomeravam em torno dos telescópios menores, e Beenay dava instruções com voz tensa e desigual.

— Prestem atenção, todos vocês. Temos que fotografar Dovim um segundo antes da totalidade e mudar o filme. Ei, você… você… um para cada câmera. É melhor duplicar o trabalho para termos certeza de que não vamos perder nada. Vocês sabem quais são os tempos de exposição.

Os assistentes murmuraram que sim. Beenay passou a mão pelos olhos.

— As tochas ainda estão acesas? Claro que sim. Posso vê-las! — Apoiou-se nas costas de uma cadeira. – Lembrem-se, não façam tentativas exóticas. Não percam tempo tentando pegar duas estrelas de uma vez. Uma é suficiente. E… e se sentirem que estão perdendo o juízo, afastem-se da câmera. Da porta, Sheerin sussurrou para Theremon:

— Leve-me a Athor. Não consigo vê-lo.

O repórter não respondeu logo. As formas vagas dos astrônomos oscilavam e confundiam-se, e as tochas haviam se transformado em manchas amarelas. A cúpula estava fria como a morte. Theremon sentiu a mão de Siferra tocar a sua por um momento, apenas por um momento, mas não viu a arqueóloga.

— Está escuro — gemeu. Sheerin estendeu a mão.

— Athor. — Cambaleou para a frente. — Athor! Theremon se aproximou e segurou-o pelo braço.

— Espere. Vou levar você.

Atravessou o aposento com esforço, fechando os olhos para se proteger da Escuridão e proteger a mente do caos esmagador que crescia dentro dele. Ninguém lhes deu atenção. Sheerin apoiou-se na parede.

— Athor!

— É você, Sheerin?

— Sou eu, sou eu. Athor?

— Que é, Sheerin? — Era a voz de Athor, sem dúvida.

— Eu só queria lhe dizer… para não se preocupar com a multidão… eles não vão conseguir arrombar a porta…

— Está bem. Obrigado — murmurou Athor.

A voz de Athor, pensou Theremon, soava como se ele estivesse a quilômetros de distância. A anos-luz de distância.

De repente, outro vulto estava no meio deles, agitando os braços. Theremon achou que podia ser Yimot ou mesmo Beenay, mas depois sentiu o tecido grosseiro de uma veste de Apóstolo e compreendeu que

só podia ser Folimun.

— As Estrelas! — gritou Folimun. — As Estrelas estão chegando! Saiam do meu caminho!

Ele está tentando chegar até onde está Beenay, pensou Theremon. Para destruir as câmeras sacrílegas.

— Cuidado! — gritou Theremon.

Mas Beenay continuava sentado em frente aos computadores que controlavam as câmeras. Theremon segurou a veste de Folimun e deu um puxão. De repente, sentiu alguém apertar-lhe o pescoço. Cambaleou. Não havia nada à sua frente além de sombras, o próprio chão debaixo dos seus pés parecia ter perdido substância.

O impacto de um joelho no abdome o fez dobrar-se de dor; quase caiu.

Após um momento de agonia, porém, suas forças voltaram. Segurou Folimun pelos ombros, sacudiu-o, deu-lhe uma gravata. Nesse momento, ouviu Beenay exclamar:

— Chegou a hora! Todos para suas câmeras! Theremon tomou consciência de várias coisas ao mesmo tempo. O mundo inteiro estava passando pela sua mente conturbada… e tudo era caos, tudo era medo.

Percebeu que o último raio de sol tinha ficado para trás. Ao mesmo tempo, ouviu um gemido sufocado de Folimun, um grito de espanto de Beenay, uma gargalhada histérica de Sheerin, que terminou abruptamente… e um súbito silêncio, um silêncio estranho e mortal do lado de fora.

Sentiu o corpo de Folimun relaxar. Examinou os olhos do Apóstolo e pôde ver que apenas a parte branca refletia a luz tênue das tochas. Os cantos dos lábios do Apóstolo se encheram de espuma e ele deixou escapar um rugido animal. Com a lenta fascinação do medo, levantou a cabeça para o negrume arrepiante do céu.

Lá fora, estavam as Estrelas!

Não uma ou duas dúzias, como imaginava Beenay. Havia milhares delas, brilhando com incrível nitidez, uma ao lado da outra, uma infinita parede de estrelas, formando um ofuscante escudo de espantosa luz que enchia todo o céu. Milhares de poderosos sóis tremeluziam no céu, em um esplendor que era mais assustadoramente frio em sua serena indiferença do que o vento cortante que castigava aquele mundo gélido e escuro.

Elas abalavam as raízes do seu ser. Martelavam o seu cérebro. Sua monstruosa luz gélida era como um milhão de gongos gigantescos sendo tocados ao mesmo tempo.

Meu Deus, pensou. Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Mas não podia desviar os olhos daquela visão diabólica. Ficou olhando pela abertura da cúpula, todos os músculos do corpo enrijecidos,

contemplando, com uma mistura de fascínio e terror, aquela cortina cintilante que cobria o céu. Sentiu a mente encolher-se diante daquele espetáculo grandioso até ficar reduzida a um pequeno ponto gelado. Seu cérebro não era maior do que uma bola de gude, chocalhando na cabaça oca que era o seu crânio. Seus pulmões se recusavam a funcionar. Seu sangue corria em sentido oposto nas veias.

Afinal, conseguiu fechar os olhos. Ficou algum tempo ajoelhado, ofegante, lutando para recuperar o controle. Depois, Theremon se pôs de pé com esforço, a garganta contraída a ponto de impedir-lhe a respiração, todos os músculos do corpo agonizando em uma tensão de terror e um medo absoluto além da compreensão. Sabia vagamente que Siferra estava por perto, mas teve que lutar para lembrar quem ela era. Teve que se esforçar para se lembrar quem ele era. Do andar térreo, veio um temível ruído de batidas ininterruptas na porta, como se uma selvagem fera estranha, de mil cabeças, estivesse lutando para entrar…

Não tinha importância.

Nada mais tinha importância.

Estava ficando louco e sabia disso. Em algum lugar do seu íntimo, o que lhe restava de sanidade estava protestando, lutando para não ceder à avalanche irresistível de puro pavor. Era horrível enlouquecer e ter consciência disto, saber que em poucos instantes estaria ali fisicamente, mas toda a essência do seu ser estaria morta, afogada pela escuridão. Porque aquilo era a Escuridão. A Escuridão, o Frio e o Medo. As paredes luminosas do universo tinham sido estilhaçadas e seus horríveis fragmentos negros estavam caindo para esmagá-lo e obliterá-lo.

Tropeçou em alguém que engatinhava pelo chão, mas conseguiu manter o equilíbrio. com as mãos apertando a garganta seca, cambaleou em direção às tochas que enchiam sua visão transtornada.

— Luz! — berrou, com voz rouca.

Athor, em algum lugar, chorava, soluçando sem parar, como uma criança terrivelmente assustada.

— As Estrelas… Todas as estrelas… Não sabíamos de nada! Pensávamos que seis estrelas eram muita coisa! A Escuridão não vai passar! As paredes estão se fechando e não sabíamos de nada, não podíamos saber e qualquer coisa…

Alguém tentou arrancar uma tocha do suporte, mas ela caiu no chão e se apagou. Nesse instante, o esplendor terrível das indiferentes Estrelas pareceu aproximar-se ainda mais.

Do andar térreo, veio o som de gritos e o barulho de vidro quebrado. A multidão enlouquecida conseguira entrar no Observatório. Theremon olhou em torno. À luz fria das Estrelas, viu as silhuetas dos cientistas encolhidos nos cantos, trêmulos de pavor. Foi

para o corredor. Uma rajada de vento gelado entrou por uma janela atingindo-o no rosto. Ficou ali parado, rindo.

— Theremon? — chamou uma voz. — Theremon?

— Continuou a rir.

— Olhe — disse, depois de algum tempo. — Ali estão as Estrelas. Ali está o Fogo do céu.

No horizonte, na direção da cidade de Saro, um clarão vermelho começou a se espalhar e a aumentar de intensidade, um clarão que não era o brilho de um sol.

A longa noite havia começado de novo.

Amanhecer [1]

28

A primeira coisa de que Theremon tomou consciência, depois de um longo tempo sem ter consciência de nada, foi que havia uma coisa grande e amarela no céu.

Era uma imensa bola dourada, tão brilhante que era impossível olhar para ela por mais que uma fração de segundo. Um calor abrasador emanava da bola em ondas pulsantes.

Agachou-se, baixou a cabeça e colocou as mãos na frente dos olhos para se proteger da luz e do calor. Não sei o que a mantém lá em cima, pensou. Por que simplesmente não cai? Se cair, pensou, vai cair em cima de mim.

Onde posso me esconder? Como posso me proteger? Ficou onde estava por alguns momentos, sem coragem de pensar. Depois, com muito cuidado, abriu ligeiramente os olhos.

A bola gigantesca ainda estava no céu. Não havia se movido nem um milímetro. Não estava caindo em cima dele. Começou a tremer, apesar do calor. Sentiu um cheiro acre de fumaça. Havia alguma coisa queimando, não muito longe dali.

Era o céu, pensou. O céu estava queimando. A coisa dourada está incendiando o mundo. Não. Não. Havia outro motivo para a fumaça. Iria se lembrar da razão assim que sua mente se desanuviasse um pouco. A coisa dourada não havia provocado os incêndios.

Ela não estava no céu quando os incêndios começaram. Tinham sido aquelas outras coisas, aqueles pontinhos brilhantes que enchiam o céu de ponta a ponta… foram elas que mandaram o Fogo…

Como se chamavam? Estrelas. Isto mesmo, pensou. As Estrelas.

Começou a recordar, pouco a pouco, e estremeceu de novo, um tremor convulsivo. Lembrou-se do momento em que as Estrelas apareceram, seu cérebro se tornara uma bola de gude, seus pulmões se recusaram a funcionar e sua alma gritara no mais profundo terror…

Agora, porém, as Estrelas não estavam mais no céu. Tinham sido substituídas por uma coisa dourada.

Uma coisa dourada?

Onos. Era esse o nome da coisa dourada. Onos, o sol.

O sol principal. Um dos… um dos seis sóis. Isto mesmo. Theremon sorriu. As coisas estavam começando de novo a fazer sentido.

O lugar de Onos era no céu. O das Estrelas, não. O sol, o bondoso sol, o velho e tépido Onos. Onos estava de volta. Isto queria dizer que estava tudo bem com o mundo, mesmo que parte do mundo parecesse estar em chamas.

Seis sóis? Nesse caso, onde estariam os outros cinco? Ele ainda

lembrava dos nomes. Dovim, Trey, Patru, Tano, Sitha. com Onos, eram seis. Podia ver Onos… estava bem acima dele, parecia ocupar metade do céu. E os outros? Levantou-se, trêmulo, ainda um pouco assustado com a coisa dourada lá em cima, imaginando que se esticasse um pouco poderia encostar nela e queimar-se. Não, não, isto não fazia sentido. Onos era bom. Onos era gentil. Sorriu.

Olhou em torno. Mais algum sol?

Havia um. Muito distante, muito pequeno. Nada assustador, aquele sol… como as Estrelas foram, como este sol no céu não era. Apenas um pontinho branco no céu, nada mais. Pequeno o suficiente para guardar no bolso, se pudesse alcançá-lo.

Trey, pensou. Aquele é Trey. Nesse caso, a irmã Patru deve estar por perto…

Sim. Sim, lá está ela. Lá em baixo, no canto do céu, à esquerda de Trey. A menos que aquele seja Trey e esta seja Patru.

Ora, pensou, os nomes não importam. Não interessa quem é quem. Os dois são Trey e Patru. E o grandão é Onos. E os outros três sóis devem estar em outro lugar, porque não consigo vê-los. E meu nome é…

Theremon. Isto mesmo. Meu nome é Theremon.

Há um número, também. Franziu a testa, tentando lembrar-se. O número da família, era isso. Um número muito conhecido. Qual era mesmo? Qual… era… mesmo? 762. Isso mesmo.

Meu nome é Theremon 762.

Outro pensamento, mais complexo, logo se seguiu: sou Theremon 762, da Crônica, e moro na cidade de Saro.

A lembrança o fez sentir-se melhor, embora não soubesse bem por quê.

Cidade de Saro? A Crônica?

Ele quase sabia o que essas palavras significavam. Quase. Repetiu-as várias vezes. Cidade cidade cidade. Saro saro saro. Crônica crônica crônica. Crônica cidade de Saro.

Acho melhor eu andar um pouco, pensou. Deu um passo tímido, depois outro e mais outro. Estava um pouco trôpego. Olhando em volta, verificou que se encontrava na encosta de uma colina, fora da cidade. Viu uma estrada, arbustos, árvores, um lago distante, à esquerda. Algumas das árvores e arbustos pareciam ter sido arrancados e quebrados, com galhos pendendo em ângulos estranhos ou caídos no solo, como se tivessem acabado de ser pisoteados por gigantes.

Atrás dele, havia um grande edifício de teto arredondado, do qual saía uma coluna de fumaça por um furo no teto.

O lado de fora da construção estava enegrecido; a impressão era de que tinha sido envolvido pelas chamas, embora as paredes de pedra

tivessem resistido bem ao fogo. Viu algumas pessoas deitadas nas escadas do prédio, em posições grotescas, como se fossem bonecos descartáveis. Havia outras caídas no meio dos arbustos e ainda outras na estrada que descia a colina. Algumas se mexiam levemente, mas a maioria estava imóvel.

Olhou na direção oposta. No horizonte apareciam as torres de uma grande cidade, coberta por uma espessa nuvem de fumaça. Quando semicerrou os olhos, julgou ver línguas de fogo saindo das janelas dos edifícios mais altos, embora o que lhe restava de razão dizia-lhe que era impossível ver detalhes a uma distância tão grande. A cidade tinha que estar a quilômetros de distância.

A cidade de Saro, pensou subitamente. Onde a Crônica é publicada.

Onde eu trabalho. Onde eu moro.

E meu nome é Theremon. Isto mesmo. Theremon 762. Trabalho na Crônica e moro na cidade de Saro.

Sacudiu a cabeça lentamente de um lado para outro, como teria feito um animal ferido, tentando afastar a confusão e o torpor. Era horrível não poder pensar direito, não poder consultar à vontade as próprias memórias. A luz cintilante das Estrelas estendia-se como uma cortina dentro do seu cérebro, isolando-o das próprias recordações.

Mas as coisas estavam começando a transpor a barreira. Fragmentos coloridos do passado, muito nítidos, vibrantes de energia, serpenteavam em sua mente. Fez força para que ficassem quietos tempo suficiente para que pudesse analisá-los.

Entreviu a imagem de um aposento. A sua sala, cheia de papéis, revistas, dois terminais de computador, uma caixa de cartas para serem respondidas. Outro aposento: uma cama. A pequena cozinha que raramente usava. Este, pensou, é o apartamento de Theremon 762, um conhecido colunista da Crônica. Theremon não está em casa no momento, senhoras e senhores. Neste exato momento, Theremon está do lado de fora das ruínas do Observatório da Universidade de Saro, tentando compreender…

As ruínas…

O Observatório da Universidade de Saro…

— Siferra? — chamou. — Siferra, onde é que você está Nenhuma resposta. Imaginou quem seria Siferra. Alguém que conhecera antes de as ruínas serem ruínas, provavelmente.

O nome lhe ocorrera de repente, surgido das profundezas de sua mente perturbada. Deu mais alguns passos incertos. Havia um homem deitado à sombra de um arbusto, na encosta da colina. Theremon aproximou-se. Os olhos do homem estavam fechados.

Segurava na mão uma tocha apagada. Sua veste estava rasgada.

Adormecido? Ou estaria morto? Theremon cutucou-o com o pé.

Sim, estava morto. Era estranho, todos aqueles cadáveres em volta. Não era comum ver gente morta por toda parte, era? E aquele carro ali, de pernas para o ar… também parecia morto, com o chassi pateticamente à mostra, espirais de fumaça saindo lentamente do interior.

— Siferra? — chamou, novamente.

Alguma coisa terrível acontecera. Isso era uma das poucas coisas que estavam claras em sua mente. Agachou-se mais uma vez e colocou a cabeça entre as mãos. Os fragmentos de memória agora estavam se movendo mais devagar, não mais envolvidos em uma dança frenética; tinham começado a flutuar majestosamente, como se fossem icebergs à deriva no Grande Oceano do Sul. Se ao menos pudesse juntar esses fragmentos… formar com eles uma imagem que fizesse sentido…

Repassou mentalmente o que já conseguira reconstituir. Seu nome. O nome da cidade.

O nome dos seis sóis. O jornal. Seu apartamento.

A noite passada … As Estrelas…

Siferra… Beenay … Sheerin… Athor… nomes…

De repente, as coisas começaram a se ligar em sua mente. Os fragmentos de memória do seu passado imediato tinham finalmente começado a se juntar. A princípio, porém, nada fazia sentido, porque cada pequeno aglomerado de memórias tinha existência independente e ele não conseguia ordená-los em um todo coerente. Quanto mais se esforçava, mais confusas as coisas se tornavam. Depois que compreendeu esse fato, desistiu da ideia de tentar forçar alguma coisa.

Vá com calma, disse Theremon para si próprio. Deixe acontecer naturalmente.

Era óbvio que sua mente sofrera um grande traumatismo. Embora não tivesse nenhum hematoma, nenhum galo na cabeça, sabia que havia sido ferido de alguma forma. Suas memórias tinham sido partidas em mil pedaços, e esses pedaços tinham sido misturados ao acaso, como as peças de um quebra-cabeça. Mas parecia estar se recuperando rapidamente. A cada momento, seu cérebro, o cérebro da entidade que era Theremon 762, que trabalhava na Crônica e morava na cidade de Saro, parecia mais íntegro.

Fique calmo. Espere. Deixe acontecer naturalmente. Inspirou profundamente, prendeu a respiração, soltou o ar devagar. Inspirou de novo. Prendeu o ar, soltou. Inspirou, prendeu, soltou. Inspirou, prendeu, soltou.

A imagem do interior do Observatório lhe veio à mente. Estava se lembrando agora. Era noite. Apenas o pequeno sol vermelho estava no céu.

O nome do sol era Dovim. Uma mulher alta: Siferra. Aquele homem gordo era Sheerin. O rapaz magro e sério era Beenay. O velho

austero de cabelos brancos, com ar de patriarca, era um astrônomo famoso, o diretor do Observatório… Ithor? Uthor? Athor! Isso mesmo. Athor.

Estava quase na hora do eclipse. Da Escuridão. Das Estrelas.

Isso mesmo. Isso mesmo. As coisas estavam começando a fazer sentido. As memórias estavam voltando. A multidão do lado de fora do Observatório, liderada por fanáticos usando vestes negras: os Apóstolos do Fogo. Era assim que se chamavam. E um dos fanáticos estava dentro do Observatório. O nome dele era Folimun. Folimun 66. Ele se lembrava.

O momento da totalidade. O cair da noite. A entrada na Caverna da Escuridão.

As Estrelas… loucura… os gritos… a multidão… recordação fez Theremon estremecer. As hordas de pessoas assustadas, enlouquecidas, derrubando as pesadas portas, invadindo o Observatório, pisoteando umas às outras no afã de destruir os instrumentos científicos sacrílegos e os cientistas sacrílegos que negavam a realidade dos deuses…

Quase preferia que sua memória não tivesse voltado. O choque que sentira ao ver a luz fria das Estrelas pela primeira vez… a dor que irrompera no interior do seu crânio… os estranhos surtos de energia atravessando o seu campo visual. E depois a chegada da multidão… aquele momento de pavor… a luta para escapar… Siferra a seu lado, Bennay logo atrás, e depois a multidão caindo sobre eles como um rio caudaloso, separando-os, empurrando-os em,direções opostas…

Teve um último lampejo do velho Athor, com os olhos brilhantes e uma expressão tresloucada no rosto, de pé em uma cadeira, ordenando furiosamente que os intrusos se retirassem, como se não fosse apenas o diretor do Observatório, mas o seu rei. E Beenay ao lado de Athor, puxando-o pelo braço, implorando que fugisse enquanto podia. De repente, a cena se dissolveu. Não estava mais na sala, e sim em um corredor, correndo para a escada, olhando em volta à procura de Siferra, à procura de algum conhecido…

O Apóstolo, o fanático, Folimun 66, apareceu à sua frente, barrando-lhe a passagem no meio do caos. Rindo, estendendo a mão para ele em um gesto de falsa amizade.

Depois, Folimun desapareceu também e Theremon continuou sua fuga frenética, descendo a escada em espiral, cambaleando e tropeçando, pisando nos invasores, que estavam tão aglomerados no andar térreo que não conseguiam se mover. Saindo pela porta arrombada. Sentindo o frio da noite. Olhando, trêmulo, para a Escuridão que não era mais Escuridão, porque tudo estava iluminado pela luz fria, hedionda, implacável das milhares e milhares de Estrelas que enchiam o céu.

Não havia como se esconder das Estrelas. Mesmo de olhos fechados, continuava a vê-las. A simples Escuridão não era nada comparada com a pressão implacável daquela muralha gigantesca de luz, uma luz tão forte que ressoava no céu como um trovão.

Theremon se lembrou da impressão de que o céu, com Estrelas e tudo, estava prestes a desabar sobre ele. Ajoelhara-se e cobrira a cabeça com as mãos, por mais inútil que fosse o gesto. Lembrou-se, também, do terror à sua volta, as pessoas correndo sem rumo, chorando e gritando. Do horizonte iluminado pela cidade em chamas. Acima de tudo, das ondas opressivas de medo descendo do céu, das Estrelas impiedosas invadindo seu mundo.

Aquilo era tudo. Tudo, depois disso, era um vazio, totalmente vazio, até o momento em que acordara, descobrira que Onos estava de volta no céu e começara a pôr em ordem os fragmentos que lhe povoavam o cérebro.

Meu nome é Theremon 762, repetiu para si próprio. Moro na cidade de Saro e trabalho em um jornal.

Não havia mais cidade de Saro. Não havia mais jornal. O mundo havia terminado. Mas ele ainda estava vivo, e sua sanidade estava voltando. Pelo menos, era o que parecia. E agora? O que fazer? Para onde ir?

— Siferra? — chamou.

Não houve resposta. Começou a descer a colina, passando pelas árvores caídas, pelos carros incendiados, pelos cadáveres espalhados por toda parte. Se a coisa está assim aqui, pensou, como estará na cidade?

Muito pior, sem dúvida.

Que foi que os deuses fizeram conosco?

29

Às vezes, ser covarde tem as suas vantagens, disse Sheerin para si próprio, ao sair do quartinho de depósito, no porão do Observatório, no qual passara todo o período de Escuridão. Ainda estava um pouco abalado, mas sentia-se perfeitamente lúcido. Pelo menos, tão lúcido quanto antes do eclipse.

As coisas pareciam calmas do lado de fora. Embora o quartinho não tivesse janelas, a luz que entrava por uma abertura de ventilação era suficiente para mostrar que a manhã havia chegado, que os sóis estavam de novo no céu. Talvez a loucura desta vez tivesse poupado os habitantes do planeta. Talvez fosse seguro sair do esconderijo.

Colocou a cabeça do lado de fora e olhou com cautela para o corredor.

O cheiro de fumaça foi a primeira coisa que percebeu. Mas era um cheiro rançoso, úmido, desagradável, o cheiro de um fogo que já se apagou. Não só o Observatório tinha paredes de pedra, mas também contava com um sistema muito eficiente de sprinkIers, que deve ter entrado em ação automaticamente no momento em que a multidão tentara incendiar o prédio.

A multidão! A lembrança fez Sheerin estremecer.

O rotundo psicólogo jamais se esqueceria do momento em que a multidão invadiu o Observatório. Seria perseguido por aquela visão enquanto vivesse: aqueles rostos contorcidos, aqueles olhos esbugalhados, aqueles gritos insanos. Eram pessoas que haviam perdido o frágil contato que mantinham com a realidade antes mesmo de o eclipse se tornar total. A proximidade da Escuridão tinha sido suficiente para fazê-los perder o juízo. Isso, e a doutrinação hábil dos Apóstolos de Fogo, radiantes por verem suas profecias se concretizarem. Assim, a multidão tinha ido até o Observatório, com a intenção de atacar os cientistas em seu covil; e ali estavam, brandindo tochas, pedaços de pau, vassouras, tudo que pudessem usar para quebrar, esmagar, destruir.

Paradoxalmente, a chegada da multidão fizera bem a Sheerin. Ele passara por um mau momento, na ocasião em que ele e Theremon desceram para reforçar as portas. Sentia-se bem, até estranhamente eufórico, ao iniciar a aventura. Logo depois, entretanto, a realidade da Escuridão o atingira, como um sopro de gás venenoso, e ele sucumbira por completo. Ficara ali sentado, no meio da escada, gelado de medo, lembrando-se da viagem ao Túnel do Mistério e sabendo muito bem que daquela vez a viagem não iria durar apenas alguns minutos, e sim várias horas.

Theremon viera em seu socorro, e Sheerin recuperara um pouco

do autocontrole enquanto subiam para a cúpula. Logo depois, porém, viera a totalidade… acompanhada pelas Estrelas. Embora Sheerin tivesse virado a cabeça quando aquela luz fria e diabólica começou a entrar pelo buraco no teto do Observatório, não conseguira evitar totalmente a visão. Por um instante, sentira a sua sanidade mental sendo minada…

Nesse momento, chegara a multidão, e Sheerin percebera que não era a sua sanidade mental que estava em jogo, mas sua própria vida. Para sobreviver àquela noite, teria que encontrar algum lugar para se esconder. O plano ingênuo de observar o fenômeno da Escuridão como o cientista frio e distante que fingia ser era coisa do passado. Que outros observassem o fenômeno da Escuridão. Para ele, a única saída possível era se esconder.

Assim, de alguma forma, conseguira chegar ao porão, àquele simpático quartinho, com uma lâmpada alimentada por baterias, que produzia uma luz fraca mas reconfortante.

Trancara a porta e ficara esperando. Chegara mesmo a cochilar.

Agora, era de manhã. Ou de tarde, talvez. Uma coisa, porém, era certa: a noite terrível havia passado e estava tudo calmo, pelo menos nas vizinhanças do Observatório.

Sheerin saiu do quartinho, pé ante pé, parou, escutou, começou a subir a escada. Silêncio, por toda parte. Poças de água suja, dos sprinklers. Cheiro de fumaça velha.

Interrompeu a subida para pegar um machado de incêndio que estava pendurado na parede. Era muito pouco provável que tivesse coragem de golpear outro ser humano com um machado, mesmo assim, precisava de alguma coisa que impusesse respeito, se as condições do lado de fora fossem tão caóticas como imaginava.

Chegando ao térreo, Sheerin abriu a porta de acesso ao porão, a mesma que usara para chegar ao esconderijo, depois de descer correndo as escadas na noite anterior, e olhou para fora.

A cena que viu era aterrorizante.

O grande saguão do Observatório estava cheio de gente, gente espalhada pelo chão, como se houvessem perdido os sentidos depois de uma gigantesca orgia. Entretanto, aquelas pessoas não estavam bêbadas. Muitas jaziam contorcidas em ângulos impossíveis, posturas apropriadas somente para um cadáver. Outras estavam de bruços, empilhadas como tapetes velhos, em pilhas de até três pessoas de altura. Essas também pareciam mortas ou moribundas. Outras, ainda, conservavam sinais de vida, mas se limitavam a gemer e soluçar como crianças.

Os instrumentos científicos, os retratos dos grandes astrônomos do passado, os mapas astronômicos elaborados, todas as peças, enfim, que estavam em exibição no saguão principal do Observatório, tinham

sido empilhadas e queimadas ou simplesmente reduzidas a pedaços pela multidão enfurecida. Sheerin podia ver os restos quebrados e calcinados misturados aqui e ali com os corpos.

A porta principal estava aberta. Os raios tépidos e confortadores do sol entravam por ela. Com cuidado, Sheerin dirigiu-se para a saída, caminhando pelo meio dos cadáveres.

— Dr. Sheerin? — chamou uma voz, inesperadamente.

O psicólogo se voltou, brandindo o machado de forma tão decidida que teve que rir da própria beligerância.

— Quem está aí?

— Eu. Yimot.

— Quem?

— Yimot. Sabe quem eu sou, não sabe?

— Yimot… sim, eu sei. — O jovem estudante de astronomia, vindo de uma província do interior. Agora Sheerin podia ver o rapaz, meio escondido em uma alcova. Tinha o rosto sujo de fuligem e as roupas rasgadas, parecia atordoado, mas aparentemente não havia sofrido nada de sério. Na verdade, quando se aproximou, seu jeito de andar era menos cômico do que de costume; os maneirismos estavam ausentes. Nada de movimentos súbitos dos braços ou meneares espasmódicos da cabeça. O medo faz coisas estranhas com as pessoas, pensou Sheerin. — Passou a noite inteira escondido aqui?

— Tentei sair do edifício quando as Estrelas chegaram, mas não consegui. Sabe onde está Faro, Dr. Sheerin?

— O seu amigo? Não. Não sei. Não vi ninguém.

— Estávamos juntos, mas com tanto tumulto, tantos empurrões, tanta confusão… — Yimot deu um sorriso esquisito. — Achei que eles iam incendiar o prédio. De repente, os sprinklers começaram a funcionar. — Fez um gesto circular.

— Acha que estão todos mortos?

— Alguns estão apenas loucos. Eles viram as Estrelas.

— Eu também vi, por um momento — declarou Yimot. — Apenas por um momento.

— Como eram elas? — perguntou Sheerin.

— O senhor não chegou a vê-las, Dr. Sheerin? Ou não se lembra?

— Eu estava no porão. Em toda a segurança.

Yimot olhou para cima, como se as Estrelas ainda estivessem brilhando no teto do saguão.

— Elas são… apavorantes — murmurou. — Sei que isso não explica nada, mas é a única palavra que as descreve. Depois de vê-las durante dois segundos, talvez três, minha cabeça começou a girar. Senti que estava perdendo a razão e desviei os olhos. Não sou muito valente, Dr. Sheerin.

— Nem eu.

— Mas não me arrependi de haver olhado durante aqueles dois ou três segundos. As Estrelas podem ser assustadoras, mas também são bonitas. Pelo menos, para um astrônomo. Não se parecem em nada com os ridículos pontinhos de luz que eu e Faro criamos naquela experiência na cidade. Devemos estar bem no meio de um gigantesco aglomerado de Estrelas. Existem seis sóis nas proximidades do nosso planeta, e, um pouco mais longe, a cinco ou dez anos-luz de distância, existe uma imensa esfera de Estrelas, que são sóis, milhares de sóis, um monstruoso globo de sóis que nos envolve totalmente, mas que não podemos ver em condições normais por causa da luz de nossos sóis. Exatamente como Beenay suspeitava. Beenay é um astrônomo de primeira, o senhor sabe. Um dia, vai ser ainda mais famoso do que o Dr. Athor… Quer dizer que o senhor não viu as Estrelas?

— Só um pouquinho — disse Sheerin, em tom pesaroso. — Depois, saí correndo e me escondi… Escute, rapaz, temos que sair daqui.

— Primeiro, preciso tentar encontrar Faro.

— Se ele sobreviveu, já deu o fora daqui. Se não, não há nada que você possa fazer.

— E se estiver debaixo de uma dessas pilhas de corpos?

— Não pense nisso — disse Sheerin. — Você não pode sair por aí remexendo as pessoas. As que estão vivas ainda estão atordoadas, mas se você provocá-las é impossível adivinhar o que farão. O mais seguro é sair daqui o mais depressa possível. Vou tentar chegar ao Abrigo. Se você for esperto, virá comigo.

— Mas Faro…

— Está bem — disse Sheerin, com um suspiro. — Vamos procurar Faro. Vamos procurar também Beenay, Athor, Theremon e os outros.

Mas era inútil. Durante dez minutos, examinaram as pessoas mortas, inconscientes e semiconscientes que se amontoavam no saguão; nenhuma delas, porém, tinha qualquer ligação com a universidade. Quase todas tinham as feições horrivelmente distorcidas pelo medo e pela loucura. Algumas davam sinais de vida quando eram tocadas e começavam a babar e revirar os olhos. Uma tentou agarrar o machado de Sheerin, o psicólogo teve que empurrá-la com o cabo para livrar-se. Era impossível subir a escada para examinar o primeiro andar; a escada estava bloqueada pelos corpos inertes, e havia pedaços de reboco em toda parte.

O chão estava cheio de poças de água lamacenta. O cheiro de fumaça era insuportável.

— O senhor tinha razão — disse Yimot, afinal. — Vamos embora.

Sheerin foi o primeiro a sair do prédio, para a luz do sol. Depois de tudo que havia passado, o dourado Onos era a visão mais linda do universo, embora os olhos do psicólogo não estivessem preparados

para tanta luz depois de passarem horas na Escuridão. Teve que parar e esperar que seus olhos se acomodassem. Depois de algum tempo, sua visão voltou, e o que viu o deixou perplexo.

— É horrível! — exclamou Yimot, a seu lado.

Mais cadáveres. Loucos vagando em círculos, murmurando palavras desconexas. Veículos queimados e abandonados no acostamento da estrada. Árvores e arbustos arrancados. Ao longe, uma grossa nuvem de fumaça marrom pairando sobre as torres da cidade de Saro.

Caos, caos, caos.

— Então é assim que é o fim do mundo! — disse Sheerin. — E aqui estamos, eu e você. Sobreviventes. — Começou a rir com amargura. — Formamos uma bela dupla! Eu, com cinquenta quilos a mais, você, com cinquenta quilos a menos. Mas ainda estamos vivos. Será que Theremon também escapou? Se eu tivesse que apostar em alguém para sobreviver, apostaria nele, e não em mim ou em você. O Abrigo fica a meio caminho entre o Observatório e a cidade de Saro. Se não houver nenhum problema no caminho, poderemos chegar lá, a pé, em menos de meia hora. Tome, leve isto corri você.

Pegou um grosso porrete que estava no chão, ao lado de um dos cadáveres, e jogou-o para Yimot, que o segurou meio sem jeito e ficou olhando para ele, como se não soubesse o que era.

— Que espera que eu faça com isso? — perguntou, afinal.

— Finja que vai usá-lo no crânio de qualquer um que nos tente assaltar. Assim como estou fingindo que usaria este machado para me defender. Sabe de uma coisa? Usarei, se for preciso. O mundo mudou, Yimot. Venha comigo. E tenha cuidado.

30

A Escuridão ainda envolvia o mundo, as Estrelas ainda inundavam Kalgash com seus diabólicos raios de luz quando Siferra 89 saiu, cambaleante, do devastado prédio do Observatório. Entretanto, uma leve luminosidade cor-de-rosa começava a aparecer, a leste, no horizonte; o primeiro sinal esperançoso de que os sóis estavam voltando ao céu.

Ficou parada no jardim do Observatório, com as pernas bem afastadas, a cabeça jogada para trás, respirando fundo. Sentia-se confusa. Não fazia ideia de quantas horas tinham se passado desde que o céu ficara escuro e as Estrelas nele irromperam, como uma salva de um milhão de clarins. Vagara a noite inteira pelos corredores do Observatório, sem conseguir encontrar a saída, tropeçando nos malucos que apareciam de todos os lados. Não parara para pensar que talvez também tivesse perdido o juízo. Estava preocupada apenas em sobreviver, em desvencilhar-se das mãos que tentavam agarrá-la, em defender-se de golpes de porrete com um porrete que arrancara das mãos de um homem caído, em esquivar-se do tropel de maníacos que atravessavam os corredores em grupos de seis ou oito, derrubando tudo que encontravam no caminho.

Tinha a impressão de que havia mais de um milhão de estranhos à solta no interior do Observatório. Para qualquer lugar que olhasse, via rostos contorcidos, olhos esbugalhados, bocas abertas, mãos crispadas de monstruosas garras.

Estavam quebrando tudo. Não fazia ideia de onde estava Beenay, de onde estava Theremon. Lembrava-se vagamente de ter visto Athor no meio de dez ou vinte histéricos encapuzados, sua vasta cabeleira branca acima deles. Depois, o diretor fora derrubado no chão e ela o perdera de vista.

Fora isso, Siferra não se lembrava mais de nada com clareza. Durante o resto do eclipse, correra para cá e para lá pelos corredores, como um rato em um labirinto. Não conhecia bem o interior do Observatório, mas mesmo assim teria saído do edifício sem muita dificuldade, se estivesse normal. Naquele momento, porém, com as Estrelas espreitando sem piedade em cada janela, era como se uma picareta tivesse sido cravada em seu cérebro. Não conseguia pensar. Não conseguia pensar. Não conseguia pensar.

Tudo que podia fazer era correr sem destino, abrindo caminho entre os invasores tresloucados, em uma busca inútil e desesperada de uma das saídas principais. Isso se prolongou por várias horas, como se estivesse sendo vítima de um pesadelo interminável.

Agora, finalmente, estava do lado de fora. Não sabia como havia

chegado lá. De repente, estava diante de uma porta, em um corredor que, com certeza, havia explorado mil vezes nas últimas horas. Empurrou a porta, a porta cedeu, uma brisa de ar fresco acariciou a sua pele, e ela saiu do prédio, cambaleante.

A cidade estava em chamas. Podia ver o fogo à distância, uma furiosa mancha vermelha no horizonte.

Ouviu gritos, soluços, risos histéricos, vindo de todos os lados.

Um pouco abaixo de onde se encontrava, na encosta da colina, alguns homens estavam derrubando uma árvore, puxando-a pelos galhos, arrancando as raízes do solo. Não via nenhum motivo para aquele ato de destruição. Provavelmente nem eles sabiam por que estavam fazendo aquilo.

No estacionamento do Observatório, outros intrusos estavam virando os carros de rodas para o ar. Siferra imaginou se algum daqueles carros seria o dela. Não se lembrava. Não se lembrava de muita coisa. Até para se lembrar do próprio nome, tinha que se concentrar.

— Siferra — disse, em voz alta. — Siferra 89. Siferra 89. Gostou do som. Era um nome bonito. Tinha sido o nome da mãe… ou o nome da avó, talvez. Não tinha certeza.

— Siferra 89 — repetiu. — Meu nome é Siferra 89. Tentou lembrar-se do endereço de sua residência. Nada feito. Um monte de números sem sentido.

— Olhe para as Estrelas! — gritou uma mulher que passou correndo. — Olhe para as Estrelas e morra!

— Não — respondeu Siferra, calmamente. — Não quero morrer.

Assim mesmo, olhou para as Estrelas. Estava quase se acostumando com elas. Eram como luzes intensas, muito intensas, tão próximas no céu que pareciam se misturar, formando uma massa brilhante, uma espécie de manto prateado que ia de horizonte a horizonte. Quando olhava por mais que um segundo ou dois, conseguia ver alguns pontos luminosos, mais fortes do que os outros, pulsando com estranho vigor. Mas o melhor que conseguia era observá-las por cinco ou seis segundos; depois, a força de toda aquela luz pulsante a subjugava, fazendo seu cabelo ficar em pé e o sangue lhe subir ao rosto. Era então forçada a baixar os olhos e esfregar com força o ponto dolorido entre os olhos.

Atravessou o estacionamento, ignorando o que se passava em torno, e foi sair do outro lado, onde uma estrada pavimentada se afastava do Observatório. De alguma região remota de sua mente chegou a informação de que aquela estrada ligava o Observatório ao campus da universidade. Alguns dos edifícios mais altos eram visíveis dali.

Havia chamas nos tetos de alguns deles. O campanário, o cinema

e o edifício da administração estavam pegando fogo. Você deve salvar as tabuinhas, disse uma voz que ela reconheceu como sendo a sua.

Tabuinhas? Que tabuinhas? As tabuinhas de Thombo.

Oh! Sim, é claro. Ela era uma arqueóloga, não era? Sim. Sim. E o que os arqueólogos faziam era procurar objetos antigos. Estivera cavando em um lugar muito distante.

Sagimot? Beklikan? Um nome assim. Encontrara tabuinhas, textos pré-históricos. Coisas antigas e valiosas. Em um lugar chamado Thombo. Como estou me saindo? perguntou a si mesma. Muito bem, foi a resposta.

Siferra sorriu. Estava se sentindo melhor a cada momento que passava. Era o clarão rosado do alvorecer que a estava curando, pensou. A manhã chegava: Onos, o sol, começava a aparecer no céu. Com o nascer de Onos, as Estrelas ficaram menos brilhantes, menos assustadoras. Estavam se apagando depressa. As que ficavam a leste já tinham sido ofuscadas pela luz de Onos. Mesmo na extremidade oposta do céu, onde ainda reinava a Escuridão e as Estrelas cintilavam como peixinhos em um aquário, a intensidade do seu brilho não era mais a mesma. Já podia olhar para o céu por mais de um minuto sem sentir dor de cabeça. Além disso, estava se sentindo menos confusa. Já sabia onde morava, onde trabalhava, o que havia feito na noite anterior.

Na noite anterior, estava no Observatório, com os amigos, os astrônomos que haviam previsto o eclipse.

O eclipse…

Era isso que estava fazendo na noite anterior, pensou. Esperando o eclipse. Esperando a Escuridão. Esperando as Estrelas.

Esperando o Fogo, pensou Siferra. E o fogo havia chegado. Tudo acontecera de acordo com as previsões.

O mundo estava queimando, como havia queimado várias vezes no passado, incendiado não pela mão dos deuses, não pelo poder das Estrelas, mas por pessoas comuns, enlouquecidas pelas estrelas, dispostas a qualquer coisa para restaurar a luz do dia.

A despeito do caos que a cercava, porém, permaneceu calma. Sua mente traumatizada, entorpecida, quase insensibilizada, era incapaz de assimilar o cataclismo trazido pela Escuridão. Continuou a caminhar pela estrada e chegou à praça principal do campus, passando por cenas de terrível devastação e destruição, sem sentir nenhum choque, nenhuma pena pelo que tinha sido perdido, nem temor pelos tempos difíceis que estavam por vir. Ainda não estava preparada para tais emoções. Era uma mera observadora, tranquila, indiferente.

O edifício em chamas à sua frente, sabia muito bem, era a nova biblioteca da universidade, que ajudara a planejar. Entretanto, a visão

não lhe trouxe nenhuma emoção.

Era como se estivesse passando pelas ruínas de uma construção abandonada há milhares de anos. Nunca lhe ocorreria chorar por uma ruína milenar. Não lhe ocorria chorar agora, quando a universidade era consumida pelas chamas, à sua volta.

Estava no meio do campus, percorrendo caminhos familiares. Alguns dos edifícios estavam em chamas, mas nem todos. Caminhando como uma sonâmbula, dobrou à esquerda depois de passar pelo edifício da administração, à direita antes de chegar ao ginásio, à esquerda de novo antes de chegar à Matemática e passou entre a Geologia e a Antropologia para chegar ao seu escritório, que ficava no edifício da Arqueologia. A porta da frente do edifício estava escancarada. Entrou.

O prédio parecia quase intacto. Algumas vitrines no saguão estavam quebradas, mas não por saqueadores, pois nenhum artefato tinha sido roubado. A porta do elevador tinha sido arrancada das dobradiças. O quadro de avisos, ao lado da escada, estava no chão. Fora isso, estava tudo no lugar.

O silêncio era completo. Não havia ninguém à vista.

O escritório de Siferra ficava no segundo andar. Enquanto subia as escadas, encontrou um velho deitado de costas, no primeiro piso.

— Acho que conheço você — disse Siferra. — Como se chama? — Não houve resposta. — Você está morto? Responda: sim ou não? — Os olhos do velho estavam abertos, mas não havia neles nenhuma luz. Siferra encostou o dedo no rosto dele. — Mudrin. Você se chama Mudrin. Ou se chamava. Não importa; já estava na hora mesmo de você morrer.

Deu de ombros e continuou a subir.

A porta do escritório estava destrancada. No interior, havia um homem.

Siferra também conhecia este homem. Ao contrário de Mudrin, ainda estava vivo, agachado em um canto, atrás de um armário de aço. Era um homem corpulento, musculoso, de peito largo e rosto redondo. Sua testa estava coberta de suor, e os olhos tinham um brilho febril.

— Siferra? Você aqui?

— Vim buscar as tabuinhas — explicou. — As tabuinhas são muito importantes. Preciso salvá-las.

O homem se levantou e se aproximou da arqueóloga com passos incertos.

— As tabuinhas? As tabuinhas não estão mais aqui, Siferra! Foram roubadas pelos Apóstolos, lembra-se?

— Roubadas?

— Roubadas. Como a sua mente. Sua mente foi roubada, não foi?

Seu rosto está sem expressão. Não há ninguém por trás dos seus olhos. Posso ver isso. Você nem ao menos sabe quem eu sou.

— Você é Balik — disse a arqueóloga, sem hesitação.

— Então você ainda se lembra.

— Balik. Isto mesmo. E Mudrin está na escada. Mudrin está morto, você sabia?

Balik deu de ombros.

— Não me admiro. Estaremos todos mortos em pouco tempo. O mundo inteiro lá fora enlouqueceu. Mas por que me dou ao trabalho de lhe dizer isso? Você enlouqueceu, também. — Seus lábios tremiam. Suas mãos tremiam. Começou a rir, um riso histérico, e rangeu os dentes, como se estivesse tentando se controlar. — Estou aqui desde que começou a Escuridão. Estava trabalhando até tarde, e de repente as luzes se apagaram… meu Deus! As Estrelas, as Estrelas. Uma olhada rápida foi o bastante. Escondi-me debaixo da mesa e fiquei lá até poucos momentos atrás. — Foi até a janela. — Mas agora Onos está nascendo. O pior deve ter passado. Lá fora está tudo em chamas, Siferra?

— Vim buscar as tabuinhas — repetiu a arqueóloga.

— Elas não estão aqui — ele soletrou a palavra para ela.

— Não entende? Foram roubadas.

— Então vou levar os mapas que fizemos — disse Siferra. — Preciso proteger o conhecimento.

— Você está totalmente louca! Onde estava, no Observatório? Deu para ver bem as Estrelas? — Ele riu de novo e atravessou o escritório em diagonal, aproximando-se da arqueóloga. Siferra fez uma careta. Agora podia sentir o cheiro de suor, acre e desagradável. Ele estava fedendo, como se não tomasse banho há uma semana. Sua aparência era a de quem não dormia há um mês.

— Venha cá — disse, quando a moça recuou. — Não vou machucar você.

— Preciso dos mapas, Balik.

— Está bem. Eu lhe dou os mapas. As fotografias, também. O que quiser. Mas antes vou lhe dar outra coisa. Venha cá, Siferra.

Segurou-a e abraçou-a. Siferra sentiu as mãos de Balik nos seus seios e a aspereza do rosto dele de encontro ao seu. O cheiro era insuportável. Ficou furiosa. Como ousava tratá-la daquela forma? Empurrou-o com violência.

— Ei, não faça isso, Siferra. Seja boazinha! Pelo que sabemos, somos os únicos sobreviventes. Eu e você. Vamos viver na floresta, caçar pequenos animais, colher sementes e frutas. Mais tarde, inventaremos a agricultura. — Ele riu. Seus olhos pareciam amarelos, naquela luz estranha. Sua pele também. Abraçou-a de novo, com sofreguidão, uma das mãos empalmando-lhe o seio, a outra

escorregando pelas costas até a base da espinha. Encostou o nariz no pescoço da arqueóloga e começou a fungar como se fosse um animal. Seus quadris se moviam de encontro ao corpo da moça, de modo repugnante. Ao mesmo tempo, começou a empurrá-la para um canto do escritório.

De repente, Siferra lembrou-se do porrete que havia apanhado na noite anterior, em algum lugar do Observatório. Ainda o segurava frouxamente. Levantou-o, com um movimento rápido, atingindo com força a ponta do queixo de Balik. A cabeça dele foi jogada para cima e para trás. Ele a largou e recuou alguns passos, os olhos arregalados de surpresa e dor.

O lábio estava partido no lugar onde o mordera, e um filete de sangue escorria pelo canto da boca.

— Ei, sua cadela! Por que me bateu?

— Você me agarrou.

— Claro que agarrei! Já era tempo. — Ele esfregou o queixo. — Escute, Siferra, largue esse pedaço de pau e pare de olhar para mim desse jeito. Sou seu amigo. Seu aliado. O mundo se transformou em uma selva. Só restamos nós dois. Precisamos um do outro. Não é seguro andar por aí sozinha. Não deve se arriscar.

De novo, ele se aproximou de Siferra, as mãos levantadas, e segurou-a.

Ela o golpeou de novo.

Desta vez, fez um movimento circular e atingiu-o em cheio no rosto. Houve um ruído de ossos quebrados e a força do impacto fez Balik cambalear. Entretanto, ele continuou de pé. Siferra golpeou-o uma terceira vez, acima do ouvido, com toda a força. Quando ele caiu, atingiu-o de novo, no mesmo lugar, e sentiu o crânio se partir. Ele fechou os olhos e fez um ruído estranho, como um balão inflado, deixando o ar escapar. Ficou sentado no chão, com as costas apoiadas na parede, a cabeça para um lado, os ombros para o outro.

— Nunca mais me agarre desse jeito — disse Siferra, cutucando-o com a ponta do porrete. Balik não respondeu. Também não se mexeu.

A arqueóloga não precisava mais se preocupar com Balik. Agora vou pegar as tabuinhas, pensou, sentindo uma calma deslumbrante.

Não. As tabuinhas tinham sido roubadas, dissera Balik. Era verdade. Agora se lembrava. Tinham desaparecido pouco antes do eclipse. Muito bem, nesse caso vamos pegar os mapas. Todos aqueles desenhos da colina de Thombo. As paredes de pedra, as cinzas deixadas pelos sucessivos incêndios. Incêndios como aqueles que estavam consumindo a cidade de Saro naquele exato momento.

Onde estariam?

Oh. Ali. No armário de mapas, que era o seu lugar. Siferra abriu a porta do armário, pegou um maço de mapas, enrolou-os, colocou-os

debaixo do braço. De repente, lembrou-se do homem caído e olhou para ele. Balik continuava imóvel e parecia que assim ia permanecer.

Saiu do escritório e desceu as escadas. Mudrin continuava no mesmo lugar, esparramado nos degraus. Siferra passou por cima dele e continuou a descida.

Lá fora, Onos brilhava no céu e as Estrelas quase haviam desaparecido.

O ar parecia mais fresco e mais limpo, embora o cheiro de fumaça ainda fosse forte. Um bando de homens estava quebrando as janelas do edifício da Matemática. Eles a viram e gritaram para ela palavras ásperas, incoerentes. Alguns correram em sua direção.

O seio doía no lugar onde Balik havia apertado. Não queria que mais ninguém a tocasse. Siferra fez meia-volta e contornou o edifício da Arqueologia, passou a cerca viva que ladeava o caminho, atravessou um gramado em diagonal e se viu em frente a um prédio cinzento, que reconheceu como o da Botânica. Havia um pequeno jardim botânico nos fundos, e um arvoredo experimental na colina ao lado, na orla da floresta que envolvia o campus.

Olhando para trás, Siferra teve a impressão de que os homens ainda a perseguiam. Passou correndo pelo edifício da Botânica e pulou a cerca que dava para o jardim botânico.

Um homem que dirigia uma máquina de cortar grama acenou para ela. Usava o uniforme verde-oliva dos jardineiros da universidade e estava cortando metodicamente os arbustos, abrindo uma trilha de destruição no meio do jardim, rindo baixinho enquanto trabalhava.

Siferra desviou-se dele. Logo depois, chegou ao arvoredo. Será que ainda a perseguiam? Não queria perder tempo olhando para trás. Era melhor correr, correr, correr.

As pernas compridas a conduziam com facilidade por entre as filas de árvores plantadas. Sentia-se bem, correndo assim. Correndo. Correndo.

De repente, chegou a uma parte mais cerrada do arvoredo, toda cipós e espinhos. Siferra continuou em frente, sabendo que ninguém a seguiria. Os galhos arranharam-lhe o rosto, rasgaram-lhe a roupa. Enquanto usava os braços para abrir caminho em uma densa moita, deixou cair o rolo de mapas, e emergiu sem eles do outro lado.

Não tem importância, pensou. Eles não significam mais nada para ninguém.

Mas agora tinha que descansar. Ofegante, tossindo de exaustão, atravessou um pequeno regato na extremidade do arvoredo e deixou-se cair em uma clareira coberta de musgo. Ninguém a seguira. Estava só.

Olhou para cima, para além da copa das árvores. A luz dourada de Onos inundava o céu. As Estrelas haviam desaparecido. A noite

finalmente chegara ao fim, e com ela o pesadelo.

Não, pensou. O pesadelo está apenas começando. Ondas de choque e náusea a fizeram estremecer.

O estranho torpor que dela se apossara durante toda a noite começava a se dissipar. Depois de várias horas de dissociação mental, era de novo capaz de juntar as coisas, de observar vários eventos e compreender o que significavam.

Pensou no campus em ruínas e nas chamas que envolviam a cidade distante. Pensou nos loucos que vagavam pelas ruas, no caos, na devastação.

Balik. O sorriso lúbrico no seu rosto quando tentou agarrá-la. O seu olhar de surpresa quando o golpeou com o porrete.

Hoje matei um homem, pensou Siferra, consternada. Eu. Como pude fazer uma coisa dessas?

Começou a soluçar. A memória terrível queimava-lhe a mente como ferro em brasa. O som que o porrete havia feito quando o atingira, o modo como Balik cambaleara para trás, os outros golpes, o sangue, o ângulo pouco natural de sua cabeça.

O homem com quem trabalhara durante um ano e meio, escavando pacientemente as ruínas de Beklimot, caindo como uma fera abatida sob os seus golpes mortais. E a calma com que se aproximara dele, depois.

O alívio que sentira ao constatar que ele não a molestaria nunca mais. Aquela era talvez a parte mais chocante. Siferra disse a si mesma que o homem que matara não era Balik, mas um louco que se apossara do corpo de Balik e tentava violentá-la. Assim como ela não era Siferra no momento em que brandira o porrete, mas uma Siferra-fantasma, uma Siferra-pesadelo, uma sonâmbula que vagava pelos horrores da alvorada.

Agora, porém, a sanidade estava voltando. Agora, começava a sentir o impacto dos acontecimentos da noite. Não apenas da morte de Balik (recusava-se a se sentir culpada por isso), mas da morte de toda uma civilização.

Ouviu vozes à distância, vindas da direção do campus. Vozes roucas, bestiais, vozes de pessoas cujas mentes tinham sido destruídas pelas Estrelas. Procurou pelo porrete. Será que o deixara cair, também, durante a fuga? Não, não, ali estava. Apanhou-o e levantou-se.

A floresta parecia chamá-la. Internou-se no meio das árvores e decidiu correr enquanto seu fôlego agüentasse. Que mais havia a fazer? Correr. Correr.

31

Era o entardecer do terceiro dia depois do eclipse. Beenay desceu, mancando, a estrada secundária que levava ao Abrigo, caminhando devagar, cautelosamente, olhando em todas as direções. Havia três sóis brilhando no céu, e as Estrelas tinham voltado há muito tempo à sua obscuridade milenar.

Entretanto, o mundo havia mudado muito naqueles três dias. E Beenay, também.

Menos de um dia se havia passado desde que o jovem astrônomo recuperara as faculdades mentais. Não se recordava com clareza do que acontecera nos dois dias anteriores.

Aquele período para ele era apenas uma vaga lembrança, pontuada pelo nascimento e ocaso de Onos, com outros sóis passando pelo céu de vez em quando. Se alguém lhe dissesse que aquele era o quarto dia depois da catástrofe, ou o quinto ou o sexto, Beenay não poderia discordar.

Suas costas estavam doloridas, a perna esquerda estava toda arranhada, e o lado do rosto estava coberto de sangue coagulado. A dor generalizada que sentira nas primeiras horas dera lugar a dores localizadas que se irradiavam de uma dúzia de lugares diferentes no seu corpo.

Que acontecera? Onde estivera?

Lembrava-se da batalha no Observatório. Gostaria de poder esquecer. Aquela horda de indivíduos tresloucados, arrombando a porta… havia alguns Apóstolos com eles, mas a maioria eram pessoas normais, gente simples e generosa, que havia passado a vida fazendo as coisas simples e generosas, que mantinham a civilização funcionando. Agora, de repente, a civilização deixara de funcionar e todas aquelas pessoas comuns se haviam transformado, em um piscar de olhos, em maníacos homicidas.

O momento em que invadiram o Observatório tinha sido horrível. Destruíram as câmaras que acabavam de registrar o eclipse, arrancaram o tubo do grande solarscópio do teto do edifício, jogaram no chão os terminais de computador…

Athor subiu em uma cadeira, como um semideus, e ordenou-lhes que se retirassem! Era como tentar deter as vagas do oceano.

Beenay lembrava de implorar a Athor que fosse com ele, que fugisse enquanto ainda era possível. “ Largue-me, rapaz!”, dissera Athor, como se mal o conhecesse. “Tire as mãos de mim! “ Foi então que Beenay se deu conta de que o diretor perdera a razão, e que a pequena parte da mente de Athor que ainda funcionava racionalmente ansiava pela morte. O que restava de Athor havia perdido toda a

vontade de sobreviver, de entrar no mundo inóspito do barbarismo pós-eclipse. Era o mais trágico de tudo, pensou Beenay: a destruição da vontade de viver de Athor, a rendição do grande astrônomo diante do holocausto da civilização.

Em seguida, a fuga do Observatório. Era a última coisa de que Beenay se lembrava claramente. Depois de ver Athor desaparecer no meio de um bando de invasores, ganhara o corredor, conseguira chegar à saída de emergência, chegara ao estacionamento nos fundos do prédio… Onde as Estrelas esperavam por ele com toda a sua terrível majestade. com extrema inocência, ou talvez uma autoconfiança que beirava a arrogância, Beenay havia subestimado totalmente o poder das Estrelas. No momento em que apareceram, estava ocupado demais com seus instrumentos para se deixar afetar, limitara-se a registrá-las como um fenômeno notável, a ser examinado com detalhes quando as circunstâncias permitissem, e continuara a fazer o que estava fazendo. Ali, porém, ao ar livre, a visão das Estrelas o atingiu com todo o seu impacto.

Ficou boquiaberto. A luz fria e implacável daqueles milhares de sóis desceu sobre ele, fazendo-o cair de joelhos. Arrastou-se pelo chão, trêmulo de medo, respirando com dificuldade. As mãos se crisparam, o coração começou a palpitar, o rosto afogueado ficou coberto de suor. Quando algum vestígio do cientista que havia sido o compeliu a voltar a cabeça para a colossal massa prateada, para que pudesse examiná-la, analisá-la e registrá-la, não conseguiu manter os olhos abertos por mais que um ou dois segundos.

Lembrava-se do esforço que fizera para observar as Estrelas, e também da derrota que sofrera. Depois disso, era tudo muito vago. Passara um dia ou dois vagando na floresta. Vozes à distância, risos, gente cantando. Um clarão avermelhado no horizonte, o cheiro de fumaça em toda parte. Ajoelhara-se para lavar o rosto em um regato. Lembrava-se do contato da água fria com a pele. Tinha sido cercado por um bando de pequenos animais. Não deviam ser selvagens, e, sim, animais de estimação que haviam fugido da cidade. Rugiam para ele como se quisessem fazê-lo em pedaços.

Arrancara frutinhas silvestres de um arbusto. Subira em uma árvore para colher frutos dourados, mas perdera o equilíbrio e desabara no chão, com um baque desastroso.

Levara algumas horas para se levantar.

Uma briga inesperada, na parte mais escura da floresta: punhos cerrados, cotovelos ossudos, pontapés a esmo, gritos bestiais, o rosto de um homem muito próximo do seu, os olhos vermelhos, os dois rolando pelo chão. Suas mãos encontrando uma pedra providencial, desferindo um único e certeiro golpe.

Horas. Dias. Um torpor febril.

Depois, na manhã do terceiro dia, a memória de quem ele era, do que acontecera. A preocupação com Raissta, sua companheira oficial. A lembrança de que prometera procurá-la no Abrigo logo que terminasse o trabalho no Observatório.

O Abrigo… onde ficava o Abrigo?

A mente de Beenay já estava recuperada o bastante para que ele se lembrasse de que o refúgio dos funcionários da universidade ficava a meio caminho entre o campus e a cidade de Saro, em uma região descampada. O velho acelerador de partículas do departamento de física ficava ali, em uma grande câmara subterrânea, que tinha sido abandonada alguns anos antes, quando construíram o novo centro de pesquisa em outro local. Não tinha sido difícil adaptar as instalações para que servissem de habitação temporária para algumas centenas de pessoas. Como o prédio do acelerador era todo fechado, por razões de segurança, não havia perigo de que fosse invadido por habitantes da cidade enlouquecidos por causa do eclipse.

Entretanto, para poder chegar ao Abrigo, Beenay tinha que descobrir primeiro onde ele estava. Fazia mais ou menos dois dias que vagava sem rumo, talvez mais. Podia estar em qualquer lugar.

Algum tempo depois, encontrou a saída da floresta, quase por acidente, e se viu no que havia sido um elegante bairro residencial. Estava deserto agora, mas os sinais de tumulto eram evidentes: carros abandonados no meio da rua, corpos estirados no chão, cercados por enxames de moscas. Não havia nenhum sinal de vida.

Passou a manhã caminhando por uma comprida rua de subúrbio, ladeada por casas enegrecidas e abandonadas, sem descobrir nenhum indício que revelasse a sua localização.

Ao meio-dia, quando Trey e Patru nasceram, entrou em uma casa que estava com a porta escancarada e se serviu da comida que ainda não havia estragado. Não saía água da torneira da cozinha, mas encontrou garrafas de água mineral no porão e bebeu à vontade. Usou a água que sobrou para se lavar.

À tarde, subiu por uma rua tortuosa até uma colina coberta por mansões, todas elas queimadas até os alicerces. Não restava nada da casa que ficava no alto da colina, a não ser uma varanda decorada com lajotas azuis e cor-de-rosa, que na certa devia ter sido muito bonita, mas agora estava cheia de detritos negros espalhados por sua superfície lustrosa. Chegou com dificuldade ao parapeito da varanda e olhou para o vale lá embaixo.

O ar estava parado. Não havia aviões no céu, nem automóveis nas ruas. Um silêncio sepulcral tomara conta de tudo. De repente, Beenay percebeu onde estava, e tudo começou a fazer sentido.

A universidade estava visível à esquerda, um aglomerado de construções de tijolo aparente, muitas delas agora manchadas de preto

e algumas também destruídas. Mais além, em um promontório, ficava o Observatório. Beenay olhou para ele rapidamente e desviou os olhos, grato pelo fato de os estragos não serem visíveis àquela distância.

À direita, ao longe, estava a cidade de Saro, brilhando à luz do sol. A olho nu, parecia quase intacta. Beenay sabia, porém, que se dispusesse de um par de binóculos, poderia ver as janelas quebradas, as casas incendiadas, os destroços ainda fumegantes, todas as cicatrizes da conflagração provocada pelo Cair da Noite.

Bem abaixo de onde se encontrava, entre a cidade e o campus, estava a floresta na qual vagara durante os dois dias de delírio. O Abrigo ficava exatamente na outra extremidade da floresta, talvez tivesse passado, sem saber, quase pela porta.

A ideia de atravessar de novo a floresta não lhe agradava nem um pouco. com certeza, ainda estava cheia de loucos furiosos, animais famintos e outros perigos. Dali de cima, porém, podia ver a estrada que cortava a floresta e as ruas que levavam à estrada. Não saia das ruas pavimentadas, disse para si mesmo, e tudo estará bem.

Tinha razão. Onos ainda estava no céu quando Beenay acabou de atravessar a floresta e entrou na pequena estrada que levava ao Abrigo. Sombras da tarde começavam a aparecer. Chegou ao portão externo. Dali, uma estrada de terra levava ao segundo portão, que ficava a uma curta distância de um par de construções baixas e da entrada do Abrigo subterrâneo.

O portão externo, feito de tela, estava aberto quando ele chegou. Era uma visão inesperada e nada animadora. Será que a multidão tinha estado ali, também?

Entretanto, não havia nenhum sinal de destruição. Estava tudo no lugar. A única coisa estranha era o portão aberto. Atravessou-o e caminhou pela estrada de terra. O segundo portão, pelo menos, estava fechado.

— Beenay 25 — disse, diante do portão. Nada aconteceu. A câmara de televisão parecia estar funcionando (ele podia vê-la girar de um lado para outro), mas talvez os computadores que a operavam estivessem com defeito. Esperou mais um pouco. — Beenay 25 — repetiu, afinal. — Estou autorizado a entrar aqui.

De repente, lembrou-se de que não bastava dar o nome; havia também uma senha.

Qual era a senha? Uma sensação de pânico o invadiu. Não se lembrava da senha. Que absurdo! Chegar onde chegara e não poder entrar por causa de uma senha!

Qual era a senha?

Tinha alguma coisa a ver com a catástrofe, era isso.

— Eclipse? — Não, não era isso. Sua cabeça estava começando a

doer. — Kalgash Dois? — Não, não soava bem. Dovim? Onos? Estrelas? Estava chegando perto. De repente, lembrou-se.

— Noite — disse, triunfante.

De novo, nada aconteceu, pelo menos pelo que lhe pareceu um longo tempo. Depois, o portão se abriu para admiti-lo.

Passou pelos prédios e se viu diante da porta oval de metal que dava para o Abrigo. A porta fazia um ângulo de 45 graus com a superfície. Outra câmara de televisão o examinava. Teria que se identificar de novo? Claro que sim.

— Beenay 25 — disse, preparando-se para outra longa demora.

Entretanto, a porta se abriu na mesma hora. Olhou para a antessala do Abrigo. Raissta 717 estava ali, à sua espera, a menos de dez metros de distância.

— Beenay! — exclamou, correndo em sua direção. — Oh, Beenay, Beenay…

Desde que haviam se tornado companheiros oficiais, há dois anos, nunca haviam passado mais que dezoito horas separados. Agora, não se viam há vários dias. Abraçou com força o corpo esguio da moça. Levou algum tempo para se dar conta de que estavam na entrada do Abrigo, que continuava aberta.

— Não devemos entrar e fechar a porta? — perguntou. — Pode ser que eu tenha sido seguido. Acho que não, mas…

— Não importa. Não há mais ninguém aqui.

— O quê?

— Foram todos embora ontem — explicou Raissta. Assim que Onos nasceu. Queriam que eu fosse também, mas eu disse que preferia ficar aqui à sua espera, e foi o que fiz.

Beenay olhou para ela, sem compreender. Percebia agora que a moça estava magra, pálida e abatida. O cabelo, antes lustroso, estava sujo e desgrenhado, o rosto estava muito pálido, os olhos vermelhos e inchados. Parecia ter envelhecido cinco ou dez anos.

— Raissta, há quanto tempo foi o eclipse?

— Hoje é o terceiro dia.

— Três dias. É mais ou menos o que eu calculava. — Sua voz ecoava estranhamente. Olhou para o Abrigo deserto atrás da moça. A grande câmara subterrânea era iluminada por lâmpadas no teto. Não viu ninguém até onde a vista podia alcançar. Não esperava por aquilo, em absoluto. O plano era que todos permanecessem escondidos até que o perigo passasse.

— Para onde eles foram? — perguntou à moça.

— Para Aragando — respondeu Raissta.

— Para o Parque Nacional de Aragando? Mas ele fica a centenas de quilômetros daqui! Que loucura foi essa? Por que saíram do Abrigo no segundo dia? Por que foram para um lugar que fica do outro lado

do país? Você faz ideia de como estão as coisas lá fora, Raissta?

O Parque de Aragando era uma reserva natural, situada no sul do país, um lugar onde havia animais selvagens, um lugar onde as plantas nativas eram protegidas por lei. Beenay tinha visitado o parque uma vez, com o pai, quando era criança. Não dispunha de instalações modernas, mas apenas de picadas abertas no mato.

— Acharam que seria mais seguro se fossem logo para lá — disse ela.

— Mais seguro?

— Ficamos sabendo que todas as pessoas que não enlouqueceram, todas as pessoas que querem participar da reconstrução da sociedade, estão se reunindo em Aragando. Parece que milhares de pessoas estão indo para lá. Gente de outras universidades. Gente do governo, também.

— Muito bonito! Um bando de professores e políticos se reunindo no parque. Já que tudo mais neste planeta foi estragado, por que não estragar também nossa maior reserva natural?

— Isso não importa, Beenay. O importante é que o Parque Aragando está nas mãos de pessoas sérias, é um enclave de civilização no meio da loucura geral. E eles souberam a nosso respeito e pediram que nos juntássemos a eles. Houve uma votação, e uma maioria de dois para um foi a favor da partida imediata.

— Uma maioria de dois para um — repetiu Beenay, em tom sombrio. — Vocês não viram as Estrelas, mas mesmo assim ficaram loucos! Imagine! Deixar a segurança do Abrigo para um passeio de quinhentos quilômetros… ou são oitocentos?… no meio do caos que reina lá fora. Por que não esperaram um mês, ou seis meses, ou o que fosse? Vocês tinham comida e água para um ano.

— Dissemos a mesma coisa — explicou Raissta. — Mas o que eles nos disseram, os organizadores de Aragando, foi que era agora ou nunca mais. Se esperássemos algumas semanas, os bandos de loucos que existem lá fora se transformariam em exércitos organizados, comandados por líderes locais, e teríamos que enfrentá-los quando saíssemos. E se esperássemos mais que algumas semanas, os Apóstolos do Fogo provavelmente já teriam estabelecido um novo governo, com uma polícia e um exército, e seriamos presos no momento em que deixássemos o Abrigo. É agora ou nunca, disseram os organizadores de Aragando. Melhor enfrentar loucos isolados do que exércitos inteiros. De modo que resolvemos partir.

— Todos, menos você.

— Eu tinha que esperar você.

Beenay segurou a mão da moça.

— Como sabia que eu viria?

— Você disse que viria. Assim que acabasse de fotografar o

eclipse. Você sempre cumpre o que promete, Beenay.

— E verdade — concordou Beenay, distraído. Ainda não se recuperara do choque de encontrar o Abrigo vazio. Seu plano era ficar ali por algum tempo, descansando, até que seu corpo machucado recuperasse as forças e sua mente abalada pela visão das Estrelas voltasse totalmente ao normal. Que deveriam fazer agora? Ficar ali, sozinhos, naquela imensa câmara de concreto? Ou tentar chegar a Aragando? A decisão de deixar o Abrigo fazia um certo sentido, pensou Beenay. Se realmente pretendiam se reunir aos outros em Aragando, era melhor fazê-lo já, enquanto o país se encontrava em total desordem, do que esperar até que novas organizações políticas, como os Apóstolos ou piratas locais, tornassem as viagens impossíveis. Mas estava frustrado por não encontrar os amigos, por não poder repousar por alguns dias na companhia de gente de confiança. Afinal, disse para a moça: — Você faz ideia do que está acontecendo lá fora, Raissta?

— Acompanhamos os acontecimentos pelo rádio, até as estações saírem do ar. Soubemos que a cidade foi totalmente destruída pelo fogo e a universidade também sofreu grandes danos. É verdade, não é?

Beenay assentiu.

— É, sim. Escapei do Observatório no momento em que foi invadido por uma multidão. Athor foi assassinado, tenho quase certeza. Todo o equipamento foi destruído… todas as nossas observações do eclipse foram perdidas…

— Oh, Beenay! Que pena!

— Consegui escapar pela porta dos fundos. No momento em que pus os pés do lado de fora, as Estrelas caíram sobre mim como uma pilha de tijolos. Não faz ideia de como é ver as Estrelas, Raissta. Ainda bem que não faz ideia. Passei dois dias fora de mim, vagando pela floresta. Não existem mais leis. É cada um por si. Posso ter matado um homem numa briga. Os animais domésticos estão soltos nas ruas, atacando as pessoas. Parece que também foram afetados pelas Estrelas. É assustador.

— Beenay, Beenay…

— Todas as casas foram queimadas. Esta manhã, estive em um bairro de luxo na colina ao sul da floresta… Ponto Onos, é este o nome?… e a destruição era indescritível. Não vi viva alma. Carros capotados, corpos nas ruas, as casas em ruínas… meu Deus, Raissta, que noite de loucura! E a loucura continua!

— Você parece bem — disse Raissta. — Um pouco abalado, mas não está…

— Louco? Não, mas estive. Desde o momento em que saí do Observatório até hoje de manhã. De repente, as coisas voltaram ao lugar dentro da minha cabeça. Acho que para a maioria das pessoas

foi muito pior. Aquelas que não estavam preparadas emocionalmente, que simplesmente olharam para cima e… bam! Os sóis haviam sumido, as Estrelas estavam brilhando. Como disse o seu tio Sheerin, vai haver uma grande variedade de sintomas, desde a desorientação momentânea até a insanidade permanente.

— Sheerin estava com você no Observatório, não estava? — perguntou Raissta.

— Estava.

— E depois?

— Não sei. Estava ocupado supervisionando as observações do eclipse. Não sei o que foi feito dele. Não estava à vista quando o Observatório foi invadido.

— Talvez tenha escapado na confusão — sugeriu Raissta, com um leve sorriso. — O titio é assim… pode correr muito depressa, quando há algum problema. Eu ficaria muito triste se alguma coisa acontecesse com ele.

— Raissta, alguma coisa ruim aconteceu com o mundo inteiro. Talvez Athor estivesse certo. Melhor morrer de uma vez do que ter que conviver com o caos.

— Não deve falar assim, Beenay.

— Não. Não, não devo. — Ele se aproximou da moça e abraçou-a. — Raissta, que vamos fazer?

— Acabo de ter uma boa ideia.

Apesar de tudo, ele riu.

— Depois, quero dizer.

— Depois nós pensamos nisso — propôs Raissta.

32

Theremon jamais gostara muito do campo. Sempre se considerara um homem da cidade. Mato, árvores, ar fresco, espaços abertos… essas coisas não o incomodavam, propriamente, mas também não tinham nenhum atrativo especial para ele. Há muitos anos que sua vida orbitava em torno de três lugares: um pequeno apartamento de solteiro, o escritório da Crônica e o Clube Seis Sóis.

Agora, de repente, tinha que viver em uma floresta. O engraçado era que estava quase gostando da experiência. O que os moradores da cidade de Saro chamavam de "floresta" era, na verdade, um bosque que começava a sudeste da cidade e se estendia por uns vinte quilômetros ao longo da margem do rio Seppitan. No passado, a zona arborizada tinha sido muito maior, cortando a província em diagonal e chegando quase até a costa, mas a maior parte cedera lugar a agricultura, outra parte tinha sido loteada e transformada em distritos urbanos residenciais, e a universidade ficara com um bom quinhão, cinquenta anos antes, para a construção do novo campus. Com medo de ser engolida pela especulação imobiliária, a universidade começara então uma campanha para preservar o que restara da mata. E como há muitos anos a cidade de Saro costumava atender a todos os desejos da universidade, aquele trecho tinha sido transformado em um parque. Era ali que Theremon estava vivendo.

Os primeiros dois dias tinham sido muito desagradáveis. Seu cérebro ainda estava sofrendo os efeitos da visão das Estrelas, e não conseguiu formular nenhum plano coerente. O importante era permanecer vivo.

A cidade estava em chamas. Havia fumaça em toda parte, o ar estava insuportavelmente quente, do alto dava para ver o fogo nos telhados. De modo que voltar para a cidade estava fora de questão. Terminado o eclipse, quando o caos em sua mente começara a melhorar um pouco, o repórter simplesmente continuara a descer a colina até chegar à floresta.

Era óbvio que muitas outras pessoas tinham feito a mesma coisa. Alguns pareciam funcionários da universidade, outros deviam ser remanescentes do grupo que invadira o Observatório na noite do eclipse, e o resto, pensou Theremon, era provavelmente moradores dos subúrbios, expulsos de suas casas pelo fogo.

Todas as pessoas que via pareciam tão perturbadas mentalmente quanto ele. A maioria estava em muito pior estado, algumas totalmente insanas.

Ainda não haviam se organizado. Quase todos vagavam, solitários, pelas trilhas da floresta, ou formavam grupos de duas ou

três pessoas; o maior bando que Theremon viu tinha oito pessoas, que, pela aparência e modo de vestir, deviam pertencer a mesma família.

Era horrível encontrar os que estavam realmente loucos, olhar para aqueles olhos vazios, aqueles rostos inexpressivos, aquelas roupas sujas de excrementos. Caminhavam pela floresta como zumbis, falando consigo mesmos, cantando, ajoelhando-se de vez em quando para arrancar tufos de capim e colocá-los na boca. Estavam por toda parte. O lugar se transformara em um grande asilo de loucos, pensou o repórter. Provavelmente, a mesma coisa tinha acontecido no mundo inteiro.

Os que tinham sido mais afetados pela visão das Estrelas eram os mais inofensivos, pelo menos para os outros. Estavam desligados demais da realidade para serem violentos, e sua coordenação motora tinha sido tão prejudicada que não poderiam machucar ninguém, mesmo que quisessem.

Havia outros, porém, que não estavam tão loucos, que à primeira vista poderiam passar até por pessoas normais, e que por isso mesmo eram muito mais perigosos.

Estes, como Theremon logo percebeu, podiam ser divididos em duas categorias. Na primeira, estavam aqueles que não queriam mal a ninguém, mas estavam apavorados com a possibilidade de que a Escuridão voltasse, e com ela as Estrelas. Eram eles que provocavam os incêndios.

Provavelmente, eram pessoas que tinham uma vida pacata, organizada, antes da catástrofe: gente de família, trabalhadora, simpática. Enquanto Onos estava no céu, sentiam-se muito bem, mas no momento em que o sol principal começava a se pôr, o medo da Escuridão era mais forte e olhavam em torno em busca de alguma coisa para queimar. Qualquer coisa. Dois ou três dos outros sóis podiam estar no céu, mas a luz desses sóis menores parecia não ser suficiente para aplacar o medo da Escuridão que essas pessoas sentiam.

Estas pessoas tinham sido as responsáveis pela destruição da cidade de Saro. Tinham sido elas que, em desespero, haviam queimado livros, papéis, móveis, os telhados das casas. Agora, expulsas para a floresta pelo holocausto na cidade, estavam tentando queimá-la também. Isso, porém, era bem mais difícil. A floresta era densa e úmida, cortada por vários regatos que desaguavam em um rio que passava nas proximidades. Os galhos verdes não pegavam fogo com facilidade. Quanto aos galhos secos e folhas caídas que forravam o solo, tinham sido encharcados pelos recentes temporais. Os poucos materiais combustíveis foram usados para fazer pequenas fogueiras, mas, no segundo dia, o suprimento desses materiais já começava a escassear.

Assim, os incendiários, prejudicados pelas condições da floresta e pelo estado de confusão em que se encontravam, não tinham conseguido fazer muita coisa até o momento.

Mesmo assim, haviam ateado alguns incêndios de bom tamanho na floresta, que, felizmente, haviam se extinguido em poucas horas por falta de combustível. Mas se houvesse alguns dias de tempo quente e sem chuva, eles poderiam queimar a floresta inteira, como haviam feito com a cidade de Saro.

Para Theremon, o segundo grupo de pessoas levemente desequilibradas que vagavam na floresta constituía uma ameaça bem mais urgente. Eram aqueles que se haviam libertado de todas as barreiras sociais. Eram os bandidos, os assaltantes, os psicopatas, os maníacos homicidas: aqueles que se esgueiravam com facas desembainhadas pelas veredas silenciosas da floresta, atacando quando sentiam vontade, roubando o que queriam, matando os que tinham a desventura de irritá-los.

Como todos estavam com um brilho estranho nos olhos, fosse de cansaço, de tristeza ou de loucura, era difícil avaliar, apenas olhando para uma pessoa, se ela era perigosa ou não. Ao cruzar com alguém, não havia meio de saber se ela pertencia à classe dos loucos deprimidos ou abobalhados e, portanto, inofensivos, ou do tipo que estava possuído por uma fúria assassina e, portanto, seria capaz de atacar, sem nenhuma razão, a primeira pessoa que encontrasse.

Assim, era preciso tomar cuidado com encontros fortuitos na floresta. Qualquer estranho podia ser uma ameaça. Você podia estar conversando amigavelmente com alguém sobre o que ambos haviam sentido na noite do eclipse, e, de repente, ele se ofendia com algum comentário inocente, se interessava por uma peça do seu vestuário ou simplesmente chegava à conclusão de que não ia com a sua cara… e, soltando um rugido animal, pulava no seu pescoço, com uma fúria insana.

Alguns desses indivíduos, com certeza, já eram criminosos antes do eclipse. O colapso da sociedade apenas os deixara livres para agir. Outros, porém, pensava o jornalista, deviam ter sido cidadãos pacatos até suas mentes serem afetadas pelas Estrelas. Então, de repente, perderam todas as inibições da vida civilizada. Esqueceram as próprias regras que tomavam possível a vida civilizada. Eram como crianças pequenas de novo, egoístas, preocupadas apenas com as próprias necessidades… mas com a força de adultos e a persistência dos insanos.

A única saída era evitar todas as pessoas suspeitas. A única saída era rezar para que os maníacos homicidas se aniquilassem mutuamente nos primeiros dias, deixando o mundo seguro para os menos predatórios.

Theremon teve três encontros com os loucos desta segunda terrível categoria nos primeiros dois dias. O primeiro, um homem alto e magro, com um sorriso diabólico, que estava parado na margem de um regato que Theremon pretendia atravessar, exigiu que o jornalista pagasse pedágio.

— Seus sapatos, digamos. Ou que tal o relógio?

— Que tal você sair da frente? — sugeriu Theremon. Foi o suficiente para deixar o homem possesso.

Brandindo um porrete que Theremon não havia notado até o momento, ele soltou uma espécie de grito de guerra e investiu sobre o repórter. Não havia tempo para recuar, tudo que Theremon pôde fazer foi se abaixar no momento em que o homem desferia um golpe violentíssimo na direção de sua cabeça.

Theremon ouviu o porrete passar zunindo a milímetros de sua cabeça. A arma se chocou com uma árvore. O impacto foi tão forte que machucou o braço do atacante, e ele ofegou em pânico, enquanto o porrete escapava de seus dedos nervosos.

Antes que o homem tivesse tempo de se recuperar, o jornalista torceu-lhe o braço machucado com toda a força, fazendo-o cair de joelhos, gemendo. Theremon empurrou a cabeça do homem até mergulhá-la no regato e esperou. Esperou. Esperou.

Como seria simples, pensou Theremon, admirado, manter a cabeça do homem debaixo d'água até que ele se afogasse. Na verdade, uma parte do seu ser era francamente a favor da ideia. Ele teria matado você sem pestanejar. Livre-se dele. Que vai fazer, se o soltar? Brigar com ele de novo? E se ele começar a segui-lo para tentar vingar-se?

Acabe o serviço, Theremon. Acabe o serviço.

Era uma forte tentação. Entretanto, apenas uma parte de Theremon se havia adaptado à nova moralidade da selva.

A outra parte se sentia repugnada com a ideia. Afinal, ele soltou o homem e recuou. Apanhou o porrete e ficou esperando. O homem, porém, parecia ter desistido totalmente da briga. Endireitou o corpo, tossindo, com a água escorrendo da boca e das narinas, e sentou-se, trêmulo, na margem do córrego, lutando para respirar. Olhou para o repórter com uma mistura de raiva e medo, mas não fez menção de se levantar, e muito menos de atacá-lo.

Theremon atravessou o regato e se internou na floresta, andando rápido, sem olhar para trás.

Os efeitos do que quase havia feito levaram quase dez minutos para se manifestar. De repente, parou, suando frio, e foi sacudido por um ataque de vômitos tão violento que levou muito tempo para seguir caminho.

Naquela mesma tarde, descobriu que suas andanças o tinham

levado à orla da floresta. Quando olhou por entre as árvores, viu uma estrada, totalmente sem movimento, e, do outro lado da estrada, as ruínas de uma construção de tijolo, no meio de uma praça.

Reconheceu o edifício. Era o Panteão, a Catedral de Todos os Deuses.

Não havia restado muita coisa. Atravessou a estrada e ficou olhando para os destroços, admirado. Parecia que o incêndio tinha começado no coração do edifício (que é que eles haviam feito, posto fogo nos bancos da igreja?) e subido pela torre estreita que ficava acima do altar, consumindo as vigas de madeira. A torre havia desabado, levando com ela as paredes. Os tijolos estavam espalhados por toda a praça. Theremon viu alguns cadáveres no meio dos escombros.

O repórter nunca tinha sido um homem religioso. Como todo mundo, às vezes dizia coisas como "Meu Deus" ou "Céus!" ou "Deus do céu!", mas a ideia de que pudesse haver um deus, ou vários deuses, sempre lhe parecera totalmente irrelevante. A religião, para ele, era uma coisa arcaica. Uma vez ou outra, entrava em uma igreja para assistir ao casamento de um amigo (tão incrédulo quanto ele, é claro) ou para fazer a cobertura de algum rito oficial para a Crônica, mas não entrava em uma igreja para rezar desde a sua crisma, quando tinha dez anos de idade.

Mesmo assim, a visão da catedral destruída o deixou profundamente abalado. Estivera presente à inauguração da igreja, fazia uns doze anos, quando era um repórter novato. Sabia quantos milhões de créditos custara aquele edifício, conhecia as admiráveis obras de arte que abrigava; a execução do Hino aos Deuses, de Ghissimal, naquela majestosa nave, o deixara arrepiado. Embora não acreditasse no sobrenatural, tinha que admitir que se havia um lugar em Kalgash que os deuses frequentariam, este lugar era a catedral.

E os deuses haviam deixado que aquele lugar fosse destruído! Os deuses haviam enviado as Estrelas, sabendo que a loucura provocada por elas causaria a destruição do Panteão!

O que significava aquilo? Que era impossível compreender os desígnios dos deuses… supondo, é claro, que eles existissem?

— Socorro — chamou uma voz.

O débil apelo interrompeu a meditação de Theremon. Ele olhou em torno.

— Aqui. Aqui.

À esquerda. Isso mesmo. Theremon viu um homem da veste dourada, iluminada pelo sol. Um homem meio enterrado nos escombros, perto da lateral da igreja. Um dos sacerdotes, a julgar pelos trajes. Estava preso pela cintura por uma pesada viga e gesticulava para o repórter com visível esforço, Theremon caminhou

naquela direção. Antes, porém, que tivesse tempo de dar mais do que uma dúzia de passos, uma segunda pessoa apareceu nos fundos da igreja e se aproximou. Era um homem magro, que pulava por cima dos tijolos com muita agilidade e corria na direção do padre.

Ótimo, pensou Theremon. Juntos, talvez consigamos levantar aquela viga.

Entretanto, quando o repórter chegou a uns dez metros de distância, parou, horrorizado. O homenzinho ágil tinha alcançado primeiro o local onde estava o sacerdote.

Curvando-se, cortou-lhe a garganta com uma pequena faca, tão casualmente como se estivesse abrindo um envelope, depois, começou a cortar as cordas que seguravam a rica veste no lugar.

Levantou os olhos para encarar Theremon. Seus olhos eram coléricos e medonhos.

— É minha! — rugiu, como um animal selvagem. — Minha! — repetiu, mostrando a faca.

O jornalista estremeceu. Ficou parado onde estava por alguns momentos, observando, fascinado, a forma eficiente como o saqueador estava despindo o corpo do sacerdote.

Depois, com tristeza, deu meia-volta e se encaminhou para a estrada. Não havia mais nada a fazer.

Naquela noite, quando Tano, Sitha e Dovim iluminaram o céu com sua luz melancólica, Theremon se permitiu umas poucas horas de sono em uma moita, entretanto, acordou várias vezes, imaginando que algum maníaco com uma faca estava se aproximando furtivamente para lhe roubar os sapatos. Perdeu o sono muito antes de Onos nascer. Sentiu-se quase surpreso por ainda estar vivo quando a manhã finalmente chegou.

Era meio-dia quando teve seu terceiro encontro com um membro da nova classe de assassinos. Desta vez, estava atravessando um descampado, perto de um dos braços do rio, quando viu dois homens sentados à beira da trilha, jogando dados. Pareciam calmos e tranquilos. Quando Theremon chegou mais perto, porém, percebeu que havia começado uma discussão. De repente, um dos homens pegou uma faca que estava sobre o cobertor a seu lado e cravou-a no peito do outro homem, ferindo-o mortalmente. Depois, olhou para Theremon e sorriu.

— Ele estava roubando. Sabe como é. Isso me deixa furioso. Detesto quando alguém tenta me roubar no jogo. Parecia que não havia feito nada de mais. Sacudiu os dados e perguntou: — Quer jogar comigo?

— Desculpe — disse Theremon, no tom mais casual que conseguiu. — Estou procurando minha namorada. Continuou a andar.

— Ora, você pode procurar depois! Vamos jogar!

— Acho que ela está logo ali — disse o repórter, afastando-se sem olhar para trás.

Depois disso, passou a tomar mais cuidado em suas andanças pela floresta. Encontrou um recanto protegido em uma clareira aparentemente deserta e construiu um pequeno abrigo. Havia um arbusto próximo carregado de frutinhas vermelhas, comestíveis, e quando sacudia a árvore ao lado do abrigo, caíam nozes amarelas, arredondadas, que continham sementes escuras muito saborosas.

Examinou um regato que passava logo adiante, na esperança de encontrar algum animal aquático que pudesse comer; entretanto, não havia nada a não ser peixinhos minúsculos, e Theremon se deu conta que mesmo que conseguisse capturá-los, teria que comê-los crus, já que não dispunha nem de combustível nem de fósforos para acender uma fogueira.

Viver de sementes e frutinhas não era a ideia que o jornalista fazia de uma boa vida, mas poderia sobreviver por alguns dias com este regime. A sua cintura já estava visivelmente mais estreita, talvez fosse o único efeito favorável de toda aquela calamidade. Era melhor continuar escondido ali até que as coisas se acalmassem um pouco.

Estava razoavelmente seguro de que as coisas iriam se acalmar. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas recobrariam a razão. Pelo menos, era o que Theremon esperava.

Sabia que ele próprio levara algum tempo para se refazer do choque causado pela visão das Estrelas.

A cada dia que passava, sentia-se mais estável, mais seguro. Tinha a impressão de que era quase o mesmo de antes, ainda um pouco abalado, talvez, um pouco nervoso, mas isso era natural. Pelo menos, sentia-se mentalmente são. Sabia que provavelmente tinha sido menos afetado do que a maioria durante o eclipse, por ser uma pessoa mais adaptável, mais equilibrada, mais capaz de suportar o terrível impacto daquela experiência devastadora. Entretanto, talvez os outros também acabassem voltando ao normal, mesmo àqueles que tinham sido mais profundamente afetados. Depois disso, seria seguro sair do esconderijo e ver o que era possível fazer para reconstruir o mundo.

O melhor, no momento, disse para si mesmo, é ficar onde estou, para não ser morto por um daqueles psicopatas que estão vagando pela floresta. Eles que se matem. Daqui a alguns dias, posso dar uma olhada por aí, com muito cuidado, para ver o que está acontecendo. Não era um plano particularmente corajoso, mas parecia ser o mais sensato.

Imaginou o que teria acontecido aos outros que estavam no Observatório com ele no momento do eclipse. Beenay, Sheerin, Athor. Siferra.

Especialmente Siferra.

De tempos em tempos, Theremon pensava em sair à procura da arqueóloga. A ideia lhe agradava muito. Durante as longas horas de solidão, pensava em como seria bom encontrá-la em algum lugar da floresta. Pensava nos dois, viajando juntos naquele mundo transformado e assustador, formando uma aliança para proteção mútua…

Sentira-se atraído por ela desde o primeiro dia, é claro. Não que isso adiantasse alguma coisa. Bonita e elegante como era, parecia ser uma mulher autossuficiente, sem necessidade de companhia masculina ou feminina. Conseguira sair com ela algumas vezes, mas ela sempre o mantivera a uma distância segura, de forma muito tranquila e eficiente.

Theremon tinha experiência suficiente com o sexo oposto para saber que não havia lábia capaz de romper uma barreira mantida com tanta determinação. Há muito tempo chegara à conclusão de que nenhuma mulher que valesse a pena se deixava seduzir; você podia acenar com a possibilidade, mas a sedução, em última análise, ficava por conta da mulher, e se ela não estivesse afim, não havia nada que se pudesse fazer. No caso de Siferra, as coisas há muito tempo estavam caminhando na direção errada. Ela se voltara contra ele (e com certa razão, tinha que admitir) depois que começara a ridicularizar as previsões de Athor e seus companheiros.

Nos últimos dias antes do eclipse, tivera a impressão de que Siferra estava fraquejando, de que apesar de tudo ainda se sentia atraída por ele. Se não fosse assim, por que o convidaria, desobedecendo às ordens expressas de Athor, para comparecer ao Observatório na noite do eclipse? Naquela noite, por alguns momentos, chegara a parecer que alguma coisa entre eles estava para desabrochar.

Então vieram a Escuridão, as Estrelas, a multidão, o caos. Uma confusão total. Mas se conseguisse encontrá-la, quem sabe se…

Nós faremos uma boa dupla, pensou. Somos ambos teimosos, competentes, vencedores. Seja qual for o tipo de civilização que está para surgir, haverá um lugar para nós.

E se houve uma pequena barreira psicológica nos separando no passado, certamente ela agora perdeu toda a importância. Estamos em um novo mundo, no qual novas atitudes são necessárias para a sobrevivência.

Mas como encontrar Siferra? Pelo que ele sabia, não havia nenhum circuito de comunicações funcionando. A arqueóloga era uma entre milhões de pessoas vagando nas vizinhanças da cidade. Só a floresta devia abrigar no momento uma população de milhares de pessoas; entretanto, não tinha nenhuma razão para acreditar que Siferra estivesse na floresta. Ela podia estar a cem quilômetros dali.

Podia estar morta. Era inútil procurar por Siferra; pior do que tentar encontrar a proverbial agulha no palheiro. Aquele palheiro era do tamanho de vários municípios, e a agulha podia estar se afastando dali naquele exato momento. Apenas por uma incrível coincidência voltaria a ver Siferra ou qualquer outra pessoa conhecida.

Quanto mais Theremon pensava a respeito da probabilidade de encontrar a moça, porém, menos impossível lhe parecia a tarefa. Depois de algum tempo, começou a achar que talvez não fosse tão difícil assim.

Talvez esse otimismo fosse consequência de sua vida reclusa. Não tinha nada a fazer, a não ser passar horas sentado à beira do regato, olhando os peixes passarem… e pensando. E à medida que analisava os fatos, a busca de Siferra foi passando de inútil para difícil, de difícil para complexa, de complexa para trabalhosa e de trabalhosa para relativamente simples.

Tudo que tinha a fazer, disse para si mesmo, era voltar para a floresta e solicitar a ajuda dos que não tinham sido muito afetados pela Escuridão. Dizer a eles quem estava tentando encontrar, fornecer-lhes uma descrição da moça. Espalhar a notícia. Usar os seus dotes jornalísticos. "Meu nome é Theremon 762" diria. "Vocês sabem, o repórter da Crônica. Ajudem-me e serão bem recompensados. Querem aparecer no jornal? Querem ficar famosos? Posso ajudá-los. O jornal não está sendo publicado no momento, mas isso não importa. Mais cedo ou mais tarde, ele vai sair de novo, e eu vou ter minha coluna de volta, e vocês vão aparecer na primeira página. Palavra de honra. É só me ajudarem a localizar a mulher que estou procurando e…"

— Theremon?

Uma voz familiar, aguda, alegre. Parou onde estava, semicerrou os olhos para se proteger da claridade do sol do meio-dia, que se filtrava através das árvores, e olhou em todas as direções, tentando localizar quem havia falado.

Estava andando há duas horas, à procura de pessoas que se dispusessem a ajudar o famoso Theremon 762, repórter da Crônica. Até o momento, porém, encontrara apenas seis pessoas. Duas delas saíram correndo no momento em que o viram. A terceira ficou sentada onde estava, cantando baixinho e olhando para os dedões dos pés descalços.

Outra, agachada na forquilha de uma árvore, esfregava metodicamente duas facas de cozinha. As outras duas se limitaram a olhar para ele enquanto explicava o que queria, uma pareceu não haver compreendido absolutamente nada, e a outra começou a rir às gargalhadas. Era inútil esperar ajuda de qualquer uma delas. Agora, parecia que alguém o havia encontrado.

— Theremon? Estou aqui. Estou aqui, Theremon. Aqui. Não está

me vendo, homem? Aqui!

33

Theremon olhou para a esquerda, onde havia uma moita de arbustos com folhas em forma de guarda-chuva. A princípio, não viu nada. De repente, as folhas se separaram e um homem gorducho apareceu.

— Sheerin? — exclamou, surpreso.

— Estou vendo que, pelo menos, você não esqueceu o meu nome.

O psicólogo estava um pouco mais magro e se vestia de forma incongruente, com um macacão e um suéter rasgado. Uma machadinha com a lâmina rachada pendia casualmente de sua mão esquerda. Aquilo era talvez a coisa mais incongruente de todas: Sheerin carregando uma machadinha. Não ficaria mais admirado se o visse com duas cabeças ou com dois pares de braços.

— Como tem passado, Theremon? — disse Sheerin. — Puxa, você está parecendo um mendigo, e não faz nem uma semana! Mas acho que o meu aspecto também não deve estar essas coisas. — Olhou para o próprio abdome. — Já me viu tão magro? É o que uma dieta de folhas e frutinhas pode fazer!

— Ainda falta muito para alguém chamar você de magro — disse Theremon. — Mas que perdeu peso, perdeu. Como foi que me encontrou?

— Deixando de procurá-lo. É a única maneira, já que o caos é total. Estive no Abrigo, mas não havia ninguém lá. Agora, vou para o Parque Aragando. Comecei a atravessar a floresta e deparei com você. — O psicólogo se aproximou, estendendo a mão. — Puxa, Theremon, é uma alegria ver um rosto amigo! Você continua meu amigo, não é? Ou se transformou em um maníaco homicida?

— Acho que não.

— Nesta cidade existem mais malucos por metro quadrado do que em qualquer manicômio. — Sheerin sacudiu a cabeça e suspirou. — Céus! Nunca sonhei que seria tão ruim. Mesmo com toda a minha experiência profissional. Pensei que seria ruim, sim, muito ruim, mas não tão ruim.

— Você previu a loucura universal — lembrou Theremon. — Eu estava lá. Ouvi o que você disse. Você previu o colapso total da civilização.

— Uma coisa é prever um fenômeno, Theremon, outra é estar bem no meio dele. É uma coisa chocante, para um acadêmico como eu, ver uma teoria abstrata se transformar em realidade. Minha atitude era tão superior, tão despreocupada… "Amanhã, não haverá uma única cidade intacta em Kalgash", eu disse, e, para mim, eram apenas palavras. Sério. Era um simples exercício filosófico. Algo

totalmente abstrato. “O fim do mundo como o conhecemos.” — Sheerin estremeceu. — Tudo aconteceu exatamente como eu havia previsto. Mas acho que eu mesmo não acreditava nas minhas previsões, até que o mundo desabou em minha volta.

— Foram as Estrelas — disse Theremon. — Você não contava com as Estrelas. Foram elas que causaram o maior estrago. Talvez tivéssemos suportado a Escuridão, a maioria de nós, sem ficarmos totalmente loucos. Um pouco abalados, talvez. Mas as Estrelas… as Estrelas…

— Como foi o efeito sobre você?

— No princípio, senti-me desnorteado. Agora estou melhor. E você?

— Fiquei escondido no porão do Observatório durante todo o eclipse. Praticamente não fui afetado. Quando saí, no dia seguinte, o Observatório estava de pernas para o ar. Você nem imagina.

— Maldito Folimun! — exclamou Theremon. — Os Apóstolos…

— Eles despejaram gasolina no fogo, é verdade. Mas o fogo estava lá…

— E o pessoal do Observatório? Athor, Beenay e os outros? Siferra?

— Não vi nenhum deles. Mas os corpos deles também não estavam lá. Talvez tenham escapado. A única pessoa que encontrei foi Yimot. Lembra-se dele? Um dos alunos, aquele que era muito alto e desajeitado? Ele também se escondeu.

— O rosto de Sheerin assumiu uma expressão de tristeza. Depois do eclipse, passamos alguns dias juntos… até que ele foi assassinado.

— Assassinado?

— Por uma garotinha de dez, doze anos no máximo com uma faca. Uma menina muito simpática. Aproximou-se dele, rindo, e esfaqueou-o de surpresa. Depois, foi embora, rindo mais ainda.

— Deuses!

— Os deuses não estão mais nos ouvindo, Theremon. Se é que um dia nos ouviram.

— Acho que tem razão. Onde passou os últimos dias, Sheerin?

Seu olhar era vago.

— Aqui. Ali. Primeiro fui ao meu apartamento, mas todo o conjunto residencial tinha sido incendiado. Não sobrou nada. Aquela noite, dormi ali mesmo, no meio das ruínas. Yimot estava comigo. No dia seguinte, resolvemos ir até o Abrigo, mas não havia meio de chegar lá. A estrada estava bloqueada. Havia incêndios em toda parte.

Nos lugares onde o fogo já havia apagado, havia montanhas intransponíveis de destroços. Parecia uma zona de guerra. Assim, viemos para a floresta, com a intenção de pegar a Estrada do Arvoredo e tentar chegar ao Abrigo desta forma. Foi então que a menina matou

Yimot. Muitos loucos devem ter vindo para cá.

— Loucos e não loucos — disse Theremon. — A floresta é mais difícil de pegar fogo do que a cidade. Eu ouvi você dizer que quando finalmente chegou ao Abrigo não encontrou ninguém?

— Isso mesmo. Cheguei lá ontem à tarde. O portão de fora e o portão de dentro estavam escancarados. A porta do Abrigo estava destrancada. Não havia ninguém no interior. Entretanto, havia um bilhete de Beenay pregado na porta.

— De Beenay! Então ele conseguiu chegar ao Abrigo!

— Parece que sim. Um dia ou dois antes de mim, provavelmente. O bilhete dizia que todos tinham decidido deixar o Abrigo e ir para o Parque Aragando, onde algumas pessoas dos distritos do sul estavam tentando formar um governo temporário. Quando ele chegou ao Abrigo, só encontrou minha sobrinha Raissta, que devia estar à sua espera. Agora eles foram para Aragando. Vou para lá, também. Minha amiga Liliath estava no Abrigo, você sabe. Deve estar a caminho de Aragando, com os outros.

— Parece loucura — disse Theremon. — Eles estavam seguros no Abrigo. Por que haveriam de enfrentar o caos aqui de fora e uma marcha de centenas de quilômetros para chegar a Aragando?

— Não sei. Devem ter tido um bom motivo. Seja como for, nós não temos muita escolha, não é? Todo mundo que não perdeu a razão está indo para lá. Podemos ficar aqui e esperar que algum maluco faça conosco o que aquela garotinha fez com Yimot, ou podemos tentar chegar a Aragando. Se ficarmos aqui, estaremos perdidos, mais cedo ou mais tarde. Se chegarmos a Aragando, talvez fique tudo bem.

— Tem alguma notícia de Siferra? — perguntou Theremon.

— Não. Por quê?

— Gostaria de encontrá-la.

— Deve ter ido para Aragando, também. Se ela se encontrou com Beenay, ele contou a ela para onde todos estão indo e…

— Tem alguma razão para pensar que isso aconteceu?

— É apenas um palpite.

— Pois o meu palpite é que ela ainda está aqui. Vou tentar encontrá-la.

— Vai ser muito difícil…

— Você me encontrou, não encontrou?

— Totalmente por acaso. A probabilidade de que você consiga localizá-la da mesma forma…

— É relativamente alta — disse Theremon. — Ou pelo menos é o que eu gostaria de acreditar. Seja como for, estou disposto a tentar. Posso ir para Aragando mais tarde, com Siferra.

Sheerin olhou para ele com uma expressão engraçada, mas não disse nada.

— Acha que estou maluco? — perguntou Theremon. — Talvez eu esteja mesmo.

— Eu não disse isso. Só acho que está arriscando o pescoço por nada. Este lugar está se transformando em uma selva pré-histórica. Pelo que vi, as coisas só tendem a piorar. Vamos juntos para o sul, Theremon. Podemos estar fora da cidade em duas ou três horas, e a estrada para Aragando é…

— Primeiro vou procurar Siferra — declarou Theremon, com obstinação.

— Esqueça Siferra.

— Não posso. Vou ficar aqui e procurá-la.

Sheerin deu de ombros.

— Pois fique. Eu vou dar o fora. Vi aquela menininha matar Yimot diante dos meus olhos, a menos de duzentos metros daqui. Este lugar é perigoso demais para o meu gosto.

— E acha que fazer uma viagem a pé de quinhentos ou seiscentos quilômetros não é perigoso?

O psicólogo sopesou a machadinha.

— Pelo menos, tenho isto para me defender. Theremon teve que fazer força para não rir. Sheerin era uma pessoa tão absurdamente pacífica, que era impossível imaginá-lo usando uma arma como aquela, mesmo que em legítima defesa. Depois de um momento, disse:

— Desejo-lhe boa sorte.

— Vai mesmo ficar?

— Até encontrar Siferra.

Sheerin olhou para ele com uma expressão triste.

— Neste caso, fique com a boa sorte que acaba de me oferecer. Acho que vai precisar mais dela do que eu.

Deu as costas e afastou-se sem dizer mais nada.

34

Durante três dias (ou talvez quatro; era difícil calcular direito a passagem do tempo), Siferra caminhou pela floresta em direção ao sul. Não tinha nenhum plano em mente, a não ser se manter viva.

Não adiantava tentar chegar ao apartamento. A cidade ainda estava em chamas. Uma grossa nuvem de fumaça cobria os edifícios, e, de vez em quando, uma língua sinuosa de fogo subia na direção do céu. Tinha a impressão de que novos focos de incêndio estavam surgindo a cada dia, o que queria dizer que muitos continuavam loucos.

Ela própria sentia que estava voltando gradualmente ao normal. Seus pensamentos ficavam mais claros a cada momento, como se estivesse despertando de alguma febre terrível. Tinha consciência de que ainda não era totalmente ela mesma; encontrava ainda alguma dificuldade para organizar as ideias. Mas que estava melhorando, disso não havia a menor dúvida.

Aparentemente, muitos dos outros moradores da floresta não estavam melhorando nem um pouco. Embora Siferra tentasse se manter afastada, encontrava pessoas de tempos em tempos, e quase todas pareciam em péssimo estado: desgrenhadas, soluçando, gemendo, rindo loucamente, rolando no chão. Se Sheerin estava certo, algumas haviam sofrido um trauma irreversível por ocasião do eclipse. Uma boa parcela da população parecia ter revertido ao barbarismo ou pior, pensou Siferra. Deviam estar pondo fogo nas coisas só para se divertir. Ou matando pessoas pela mesma razão.

Por isso, caminhava com cuidado. Sem nenhum destino em particular, atravessou a floresta mais ou menos de norte para sul, acampando sempre que encontrava água para beber.

O porrete que havia pego na noite do eclipse estava sempre ao alcance da mão. Comia qualquer coisa que não lhe parecesse venenosa: sementes, frutinhas, até mesmo folhas e casca de árvore. Não era uma dieta muito nutritiva. Sabia que era forte o suficiente para resistir a uma semana ou duas de privações, mas depois disso começaria a sofrer. Já podia sentir as reservas de gordura serem consumidas e a resistência física diminuir. E o suprimento de frutas também estava diminuindo rapidamente, à medida que eram colhidas pelos milhares de novos habitantes da floresta.

Então, no que acreditava ser o quarto dia, Siferra lembrou-se do Abrigo.

Enrubesceu ao se dar conta de que não precisava ter passado a semana inteira como se fosse uma mulher das cavernas. Naturalmente! Como pudera ser tão estúpida? A poucos quilômetros dali, naquele

exato momento, centenas de universitários estavam alojados com toda a segurança no velho edifício do acelerador de partículas, bebendo água mineral e comendo comida enlatada que eles haviam estocado nos últimos meses. Como era ridículo ficar vagando por aquela floresta cheia de malucos, de estômago vazio, olhando, com a boca cheia d'água, para as pequenas criaturas da floresta que cabriolavam, fora do seu alcance, nos galhos das árvores!

Iria para o Abrigo. Teriam que deixá-la entrar. Só podia ser culpa da desorientação causada pelas estrelas, disse para si mesma, o fato de ter levado tanto tempo para se lembrar do Abrigo.

Era uma pena, pensou, a ideia não ter lhe ocorrido antes. Agora percebia que havia passado os últimos dias viajando exatamente na direção errada.

Bem à sua frente, estavam as colinas que demarcavam a extremidade sul da floresta. Levantando os olhos, podia ver os restos calcinados do luxuoso bairro de Ponto Onos, no alto de uma das colinas. O Abrigo, se a memória não lhe falhava, ficava do lado oposto, a meio caminho entre o campus e a cidade de Saro, na estrada que contornava o lado norte da floresta.

Levou um dia e meio para chegar à extremidade norte da floresta. Durante a viagem, teve que usar o porrete duas vezes para se defender. Além disso, por três vezes sustentou os olhares de rapazes que avaliavam se valia a pena atacá-la ou não. E uma vez surpreendeu um grupo de cinco homens muito magros, de olhos esgazeados, armados com facas, que espreitavam uns aos outros em um círculo, como dançarinos envolvidos em um estranho ritual arcaico. Saiu dali o mais depressa que pôde.

Finalmente, deparou com a larga via expressa que era a Estrada da Universidade, bem à sua frente, logo além do limite da floresta. Era dessa estrada que saía a discreta estrada secundária que levava ao Abrigo.

Sim, ali estava. Escondida, insignificante, com os dois acostamentos tomados por moitas de capim.

Era fim de tarde. Onos estava quase se pondo, e a luz fantasmagórica de Tano e Sitha projetava sombras na terra que davam ao dia uma aparência de inverno, embora a temperatura estivesse amena. O pequeno ponto vermelho que era Dovim estava alto no céu, muito distante.

Siferra imaginou por onde andaria o invisível Kalgash Dois. Depois de fazer o seu trabalho de destruição, seguira caminho e devia estar a milhões de quilômetros dali, em um ponto qualquer da órbita alongada, que só o traria de volta depois de passados 2049 anos. Melhor seria, pensou Siferra, se ele não voltasse nunca mais.

Um cartaz apareceu na estrada, à sua frente:

PROPRIEDADE PARTICULAR
ENTRADA PROIBIDA UNIVERSIDADE DE SARO

Depois, um segundo cartaz, em letras vermelhas:

PERIGO !!!
LABORATÓRIO DE ALTAS ENERGIAS
NÃO ENTRE

Ótimo. Devia estar no caminho certo.

Siferra nunca estivera no Abrigo, mesmo na época em que era um laboratório de física, mas sabia o que esperar: uma série de portões e depois uma espécie de posto de guarda para controlar a passagem das pessoas que chegassem até aquele ponto. Minutos depois, chegou ao primeiro portão. Era feito de tela, tinha talvez o dobro da sua altura, e de um lado e do outro havia uma respeitável cerca de arame farpado, que se estendia até perder de vista.

O portão estava aberto.

A arqueóloga examinou-o, surpresa. Uma ilusão de ótica? Um engano de sua mente confusa? Não. Não, o portão estava mesmo aberto. E era o portão que estava procurando.

Podia ver o logotipo da Universidade de Saro. Mas por que estaria aberto? Não havia nenhum sinal de que tivesse sido arrombado.

Siferra continuou em frente, mas preocupada.

Do lado de dentro do portão, a estrada estava em péssimo estado, toda esburacada e tomada pelo mato. Siferra caminhou pelo acostamento e pouco depois encontrou outra barreira, não uma simples cerca de arame farpado, mas um muro de concreto, sólido, inexpugnável, interrompido apenas por um enorme portão de metal, acima do qual havia uma câmara de televisão.

Este segundo portão também estava aberto.

Cada vez mais estranho! Onde estavam todas as supostas medidas de proteção que deveriam ter isolado o Abrigo do mundo exterior, protegendo-o contra a loucura que tomaria conta do mundo depois do eclipse?

Atravessou o segundo portão. Não havia nenhum sinal de vida. Bem à frente, viu algumas construções de madeira, que pareciam celeiros e depósitos. Talvez a entrada do Abrigo (a boca de um túnel subterrâneo, Siferra sabia) ficasse logo adiante. A arqueóloga contornou as construções.

Sim, ali estava a entrada do Abrigo, uma porta oval no chão, que dava para um corredor estreito.

E havia pessoas, também, mais ou menos uma dúzia, reunidas do lado de fora da entrada, observando-a com uma curiosidade gélida, desagradável. Todas tinham uma tira de pano verde amarrada no

pescoço, como se fosse um lenço. Não reconheceu ninguém. Não pareciam ser professores ou alunos da universidade.

Uma pequena fogueira tinha sido acesa à esquerda da porta. Ao lado, havia uma pilha de lenha, arrumada com capricho, cada pedaço de madeira posicionado de acordo com o seu comprimento e espessura, com admirável precisão e meticulosidade. Parecia mais um modelo arquitetônico do que uma pilha de combustível para a fogueira.

Siferra sentiu um arrepio. Que lugar era aquele? Seria mesmo o Abrigo? Quem eram aquelas pessoas?

— Fique onde está — disse o homem que estava à frente do grupo. Falava sem gritar, mas em tom extremamente autoritário. — Levante as mãos.

Tinha na mão direita uma pequena pistola. A pistola estava apontada para o estômago de Siferra. A arqueóloga obedeceu sem dizer uma palavra.

O homem parecia ter uns cinquenta anos de idade. Era forte e bem-apessoado. Devia ser o líder do grupo. Suas roupas pareciam dispendiosas e tinha uma atitude calma e confiante. O lenço verde que usava no pescoço era de seda pura.

— Quem é você? — perguntou, mantendo a arma apontada para a moça.

— Siferra 89, professora de arqueologia da Universidade de Saro.

— Que ótimo! Pretende fazer alguma pesquisa arqueológica nestas vizinhanças, professora?

Os outros começaram a rir, como se ele tivesse dito alguma coisa muito engraçada.

— Estou tentando encontrar o Abrigo da universidade — explicou Siferra. — Sabe onde fica?

— Acho que ficava aqui mesmo — respondeu o homem.

— O pessoal da universidade foi todo embora faz alguns dias. Agora aqui é o quartel-general do Corpo de Bombeiros. Está carregando algum objeto proibido, professora?

— Como assim?

— Fósforos, isqueiro, um gerador de bolso, qualquer coisa que possa ser usada para começar um incêndio.

Siferra sacudiu a cabeça.

— Nenhuma dessas coisas.

— Esses objetos são proibidos de acordo com o artigo primeiro do Código de Emergência. As infrações ao artigo primeiro são punidas severamente.

Siferra ficou olhando para ele, espantada. Que significava toda aquela conversa? Um homem muito magro, de rosto encovado, que estava ao lado do líder, observou:

— Não confio nela, Altinol. Foram os professores que começaram toda esta confusão. Aposto que tem alguma coisa escondida nas roupas, fora de vista.

— Já disse que não tenho fósforos, isqueiro, nem nada parecido! — protestou Siferra, com irritação.

Altinol fez que sim com a cabeça.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Não podemos correr o risco, professora. Dispa-se.

A arqueóloga olhou para ele, surpresa.

— Que foi que disse?

— Dispa-se. Tire a roupa. Mostre que não carrega nenhum objeto proibido.

Siferra sopesou o porrete, passando a mão no cabo, nervosamente. Disse para o homem:

— Espere aí. Você não pode estar falando sério.

— Artigo segundo do Código de Emergência. O Corpo de Bombeiros pode tomar as providências que considerar necessárias para impedir que novos incêndios sejam iniciados. Artigo terceiro, essas providências podem incluir a execução sumária de qualquer um que desobedeça às ordens de um membro do Corpo de Bombeiros. Tire a roupa, professora. Já.

Fez um gesto com a pistola. Um gesto de quem não hesitaria em puxar o gatilho. Siferra, porém, continuou olhando para ele, sem fazer menção de se despir.

— Quem é você? Que história é essa de Corpo de Bombeiros?

— Defesa civil, professora. Estamos tentando restaurar a lei e a ordem à cidade de Saro depois da Catástrofe. A cidade foi quase toda destruída, você sabe. Ou talvez não saiba. Os incêndios continuam, e o Corpo de Bombeiros oficial deixou de existir. Talvez você não tenha notado, mas a província inteira está cheia de gente maluca que acha que a situação ainda não está suficientemente ruim, de modo que trata de começar novos incêndios. Isso não pode continuar. Pretendemos deter os incendiários, custe o que custar. Suspeitamos de que esteja carregando fósforos. A acusação foi feita e você tem sessenta segundos para provar sua inocência. Se eu fosse você, começaria a tirar a roupa, professora.

Siferra pôde ver que ele havia começado a contar os segundos.

Despir-se, na frente de uma dúzia de estranhos? Sentiu o sangue subir-lhe à cabeça quando pensou no desaforo. A maioria daquelas pessoas eram homens. Não estavam se dando nem ao trabalho de esconder sua impaciência. Aquilo não era uma precaução de rotina, apesar de Altinol haver citado solenemente um Código de Emergência. Eles queriam mesmo era ver o seu corpo e estavam em posição de obrigá-la a submeter-se. Era intolerável.

De repente, porém, sua indignação desapareceu como que por encanto.

Pensando melhor, que importava? O mundo havia acabado. O recato era um luxo a que apenas as pessoas civilizadas podiam se permitir, e a civilização era um conceito obsoleto.

Além do mais, havia recebido uma ordem expressa, reforçada pelo cano de uma pistola. Estava em um lugar isolado. Ninguém apareceria para socorrê-la. O tempo estava passando. Altinol não parecia estar blefando.

Não valia a pena morrer apenas para impedir que aqueles homens vissem o seu corpo. Jogou o porrete no chão.

Depois, com o coração aos pulos, mas sem nenhuma demonstração visível de raiva, começou a despir-se metodicamente, jogando no chão as peças do vestuário.

— A roupa de baixo, também? — perguntou, em tom sardônico.

— Tudo.

— Já não dá para ver que não tenho nenhum isqueiro?

— Restam apenas vinte segundos, professora.

Siferra amarrou a cara e tirou a roupa de baixo sem dizer mais nada.

Era surpreendentemente fácil, agora que tomara a decisão, ficar nua na frente daqueles estranhos. Ela não se importava. Isso era uma consequência interessante do fim do mundo, pensou. Ela não se importava. Ficou ali parada, em uma postura altiva, quase desafiadora, esperando para ver o que fariam em seguida. Os olhos de Altinol percorreram o seu corpo sem nenhuma pressa. Mesmo assim, Siferra não se importou. Uma espécie de indiferença dolorosa tomara conta do seu ser.

— Muito bonito, professora — disse Altinol, afinal.

— Obrigada. Posso me vestir agora? — perguntou Siferra, em tom gélido.

— Claro, claro — disse Altinol, com um gesto condescendente. — Desculpe o incômodo. É que não podemos correr nenhum risco. — Enfiou a pistola em uma faixa que trazia amarrada na cintura, cruzou os braços e ficou olhando a arqueóloga se vestir. — Deve estar achando que veio parar no meio de selvagens, não é, professora?

— Está mesmo interessado em saber o que eu penso?

— Deve ter reparado que nenhum de nós ficou babando ou sujou as calças enquanto você estava… hum… mostrando que não tinha nenhum isqueiro escondido. Além disso, ninguém tentou molestá-la.

— Fico grata por isso.

— Estou chamando sua atenção para essas coisas, embora tenha consciência de que não fazem muita diferença para você no momento, já que está zangada conosco, porque quero que saiba que somos talvez

o último bastião de civilização neste planeta abandonado pelos deuses. Não sei onde foram parar nossos queridos governantes e certamente não considero os Apóstolos do Fogo como gente civilizada, e os seus amigos da universidade, que estavam escondidos aqui, arrumaram suas coisas e foram embora. Os outros, pelo que sei, estão completamente loucos. Isto é, exceto nós e você, professora.

— Está sendo gentil em me incluir.

— Estou sendo objetivo. Você parece ter resistido melhor à Escuridão e às Estrelas do que a maioria. O que quero saber é se está interessada em ficar e se juntar ao nosso grupo. Precisamos de pessoas como você.

— Para fazer o quê? Cozinhar? Esfregar o chão?

Altinol parecia imune ao sarcasmo.

— Para ajudar a manter viva a civilização, professora. Temos diante de nós uma missão sagrada. Dia após dia, estamos tentando administrar aquela casa de loucos lá fora, desarmando os irresponsáveis, impedindo que iniciem novos incêndios. Esta é a nossa missão, professora. Estamos tentando recuperar o controle do fogo. É o primeiro passo para fazer o mundo voltar à normalidade. Quer se juntar a nós, professora? Ou prefere tentar a sorte lá na floresta?

35

A manhã era fria e nevoenta. Grossos rolos de neblina pairavam sobre as ruas devastadas, uma neblina tão espessa que Sheerin não poderia dizer quais os sóis que estavam no céu. Um deles era Onos, certamente. Entretanto, sua luz dourada estava quase totalmente escondida pela névoa. E aquela claridade a sudoeste provavelmente indicava a presença de um dos pares de sóis gêmeos, mas era impossível dizer se tratava de Sitha e Tano ou de Patru e Trey.

O psicólogo estava muito cansado. Estava ficando cada vez mais óbvio que aquela ideia de transpor sozinho, a pé, as centenas de quilômetros que separavam a cidade de Saro do Parque Nacional de Aragando era uma fantasia impossível.

Maldito Theremon! Juntos, pelo menos, talvez tivessem uma chance. Mas o repórter se mantivera inabalável em sua decisão de procurar Siferra na floresta. Aquilo é que era fantasia!

Sheerin olhou para a frente, procurando enxergar através da neblina. Precisava de um lugar para descansar um pouco. Precisava encontrar alguma coisa para comer.

Gostaria de trocar de roupa, ou pelo menos tomar um banho. Nunca se sentira tão sujo em toda a sua vida. Ou tão faminto. Ou tão cansado. Ou tão desanimado.

Durante todo o longo episódio da chegada da Escuridão, desde o primeiro momento em que ouvira de Beenay e Athor que um acontecimento daqueles era provável, Sheerin havia oscilado entre as duas extremidades do espectro psicológico, passando do pessimismo para o otimismo e de volta para o pessimismo, da esperança para o desânimo e de volta para a esperança. A sua inteligência e experiência lhe diziam uma coisa, sua personalidade naturalmente flexível lhe dizia outra.

Talvez Beenay e Athor estejam enganados e o cataclismo astronômico não passe de uma especulação sem fundamento. Não, o cataclismo certamente vai acontecer.

A despeito de seus próprios distúrbios causados pela sua experiência com a Escuridão, no Túnel do Mistério, dois anos atrás, talvez os efeitos da Escuridão não sejam tão sérios assim.

Errado.

A Escuridão vai produzir uma loucura coletiva.

A loucura será apenas temporária, um breve período de desorientação.

A loucura será permanente, para a maioria das pessoas.

O mundo sofrerá um abalo temporário, mas logo as coisas voltarão ao normal. O mundo será destruído no caos produzido pelo

eclipse. Para lá e para cá, para cima e para baixo. Dois Sheerin diferentes, envolvidos em uma disputa interminável.

Agora, porém, tinha chegado ao fundo do poço e parecia ter parado ali, sentindo-se cansado e deprimido. As coisas que vira nos últimos dias tinham feito seu otimismo desaparecer. Seriam necessárias várias décadas, talvez mais de um século, para que as coisas voltassem ao normal. As cicatrizes produzidas pelo trauma mental era muito fundas, o abalo sofrido pela estrutura social tinha sido muito violento. O mundo que ele havia amado fora tragado pela Escuridão e não havia retorno possível.

Aquela era a sua opinião profissional e não via razão para duvidar dela.

Aquele era o terceiro dia desde que Sheerin se separara de Theremon na floresta e iniciara, lepidamente, a jornada em direção a Aragando. Era difícil agora recapturar o clima jovial do início da viagem. Conseguira sair inteiro da floresta, embora para isso tivesse que exibir algumas vezes a machadinha, com ar ameaçador, um blefe completo de sua parte, mas que dera certo. Fazia mais ou menos um dia que estava atravessando os bairros elegantes ao sul da cidade.

Por ali, estava tudo queimado. Quarteirões inteiros tinham sido destruídos e abandonados. Muitos dos edifícios ainda estavam queimando.

A estrada principal que levava às províncias do sul começava a poucos quilômetros do parque. De carro, levaria alguns minutos para chegar lá. Acontece que não estava de carro. Depois de sair da floresta, tivera que subir a pé a colina de Ponto Onos, pelo meio do mato. Levara quase um dia inteiro para chegar ao cume.

Quando terminou a escalada, Sheerin constatou que a colina era mais um platô, que se estendia interminavelmente à sua frente. Por mais que andasse, não chegava à estrada. Seria aquela a direção certa?

Sim. Sim, de vez em quando via uma placa em uma esquina que dizia que aquele era o caminho para a Grande Estrada do Sul. Faltava muito para chegar? As placas não diziam. A cada dez ou doze quarteirões havia uma placa, e era tudo. Continuou a andar. Não tinha escolha.

Encontrar a estrada, porém, era apenas o primeiro passo para chegar a Aragando. Na prática, ainda estaria na cidade de Saro. Que fazer, então? Continuar a pé? E havia outra opção? Seria impossível pegar uma carona. Não havia nenhum veículo circulando. O estoque dos postos de gasolina que não tinham sido incendiados já devia ter se esgotado há muito tempo. Quanto tempo levaria para chegar a Aragando viajando a pé? Semanas? Meses? Não… levaria o resto da vida. Morreria de fome muito antes de completar a jornada.

Mesmo assim, tinha que continuar. Precisava de uma razão

concreta para continuar lutando pela sobrevivência, e sabia disso.

Havia se passado uma semana depois do eclipse, talvez mais, Estava começando a perder a noção do tempo. Não comia nem dormia regularmente, o que era contra os seus hábitos. Os sóis iam e vinham no céu; o ar ficava mais quente e mais frio, o tempo passava; entretanto, sem a progressão de café da manhã, almoço, jantar, sono, Sheerin não fazia ideia de como o tempo estava passando. Sabia apenas que estava perdendo rapidamente as forças.

Não fazia uma refeição decente desde a chegada da Escuridão. Daquele momento em diante, vivera de migalhas, nada mais… frutinhas, sementes, folhas, qualquer coisa.

Felizmente, não comera nada que lhe fizesse mal, mas se sentia muito fraco. O valor nutritivo da sua dieta atual era próximo de zero. As roupas, em frangalhos, pendiam do seu corpo como uma mortalha. Não tinha coragem de olhar debaixo delas. Imaginava que sua pele devia estar se derramando em pregas sobre os ossos. Sentia a garganta seca, a língua inchada, a cabeça pesada. E aquela sensação de vazio no estômago era muito desagradável.

Nos momentos de descontração, dizia a si mesmo que estava descobrindo agora por que razão dedicara tantos anos de sua vida a acumular uma respeitável camada de gordura.

Os momentos de descontração, porém, se tornavam mais raros a cada dia que passava. A fome estava minando o seu otimismo. Não podia continuar vivendo daquele jeito. Seu corpo era grande, estava acostumado a refeições regulares e substanciais, as reservas estavam se esgotando.

Talvez fosse mais simples deitar-se debaixo de um arbusto e descansar… descansar… descansar…

Tinha que encontrar comida de verdade. Depressa.

O bairro que estava atravessando no momento, embora deserto como os outros, parecia ter sofrido menos do que os que deixara para trás. Tinha havido incêndios, também, mas algumas casas pareciam ter sido poupadas. Sheerin experimentou, com paciência, as portas de todas as casas que ainda estavam de pé. Trancadas. Todas trancadas.

Que gente organizada!, pensou. Que presença de espírito! O mundo está mergulhado no caos; eles estão abandonando suas residências, aterrorizados, fugindo para a floresta, para o campus, para a cidade, para deus sabe onde… e se dão ao trabalho de trancar a porta antes de sair! Como se tivessem a intenção de passar alguns dias fora, até passar o caos, e depois voltar para seus livros, seus armários cheios de roupas bonitas, seus jardins. Será que não haviam percebido que o caos não iria passar?

Talvez, pensou Sheerin, eles não tenham fugido. Talvez estejam escondidos atrás dessas portas fechadas, encolhidos no porão,

esperando que as coisas voltem ao normal.

Ou então olhando para mim da janela do segundo andar, torcendo para que eu vá embora logo. Experimentou outra porta. Outra. Outra. Todas trancadas. Nenhuma resposta.

— Ei! Alguém em casa? Deixe-me entrar!

Silêncio.

Ficou olhando para a grossa porta de madeira à sua frente, a imaginar os tesouros que esconderia, os alimentos à espera de serem comidos, a banheira, a cama macia.

E ali estava ele, do lado de fora, sem poder entrar. Sentia-se um pouco como o garotinho da fábula, que recebera a chave mágica para o jardim dos deuses, onde havia árvores de jujuba e fontes de mel, mas era pequeno demais para enfiá-la na fechadura. Teve vontade de chorar.

Lembrou-se, então, de que estava carregando uma machadinha. Começou a rir. A fome devia tê-lo deixado de miolo mole! O garotinho da história insiste, oferecendo as luvas, as botas e o gorro a vários animais que passam, para que o ajudem. Eles sobem nas costas uns dos outros, o menino trepa nas costas do último e, finalmente, consegue alcançar a fechadura. E ali está Sheerin, já bem grandinho, olhando para uma porta trancada, com uma machadinha na mão!

Arrombar a porta? Simplesmente arrombar a porta? Era totalmente contra os princípios que Sheerin sempre havia defendido. Olhou para a machadinha como se esta tivesse se transformado em uma serpente em sua mão. Arrombar a porta… não, isso era ilegal! Como podia ele, Sheerin 501, professor de psicologia da Universidade de Saro, derrubar uma porta a machadadas, invadir a casa de um cidadão honesto e servir-se à vontade do que encontrasse lá dentro?

Com toda a facilidade, disse para si mesmo, rindo. Os tempos são outros.

Levantou a machadinha.

Entretanto, não era tão fácil assim. Os músculos enfraquecidos pela fome protestaram. Ainda era capaz de levantar a machadinha, é claro, mas o golpe lhe pareceu pateticamente fraco e sentiu uma dor aguda nos braços quando a lâmina fez contato com a resistente porta de madeira. Tinha conseguido rachar a porta? Não. Tirar uma lasca? Talvez. Uma lasca pequena. Tentou de novo, com mais força. É isso aí, Sheerin. Você está pegando o jeito. Mais forte! Mais forte!

Depois de algumas tentativas, parou de sentir dor. Fechou os olhos, respirou fundo, levantou de novo a machadinha. A porta estava começando a rachar. Havia uma fenda perceptível. Mais um golpe. Mais um. Com mais uns cinco ou seis golpes bem aplicados, ela se racharia ao meio.

Comida. Banho. Cama. Força! Força!

De repente, a porta se abriu. Sheerin ficou tão surpreso que quase perdeu o equilíbrio. Cambaleou para frente, apoiou-se no umbral da porta com o cabo do machado e olhou para dentro.

Meia dúzia de pessoas o encaravam com olhos esgazeados.

— O senhor bateu? — disse um homem, fazendo os outros rirem histericamente.

Agarraram-no pelos braços e puxaram-no para dentro.

— Não vai precisar disto — disse alguém, arrancando a machadinha com facilidade das mãos de Sheerin. — Estas coisas podem machucar, sabia?

Mais risos. Empurraram-no para o centro da sala e fizeram um círculo à sua volta.

Havia sete, oito, talvez nove deles. Homens, mulheres e um adolescente. Sheerin pôde ver de um relance que não eram os legítimos donos da casa, que devia ter sido limpa e bem arrumada. Agora havia manchas na parede, metade dos móveis estava de pernas para o ar, havia uma poça de alguma coisa (vinho?) no tapete.

Sabia quem eram aquelas pessoas. Eram invasores, invasores sujos e maltrapilhos. Tinham chegado e ocupado a casa depois da fuga dos donos. Um dos homens estava usando apenas uma camisa. Uma das mulheres, pouco mais que uma menina, vestia apenas shorts. Tinham todos um cheiro acre, desagradável. Os olhos apresentavam a mesma expressão vaga, distante, que observara em milhares de pessoas nos últimos dias. Não era preciso ser um especialista para saber que estavam todos loucos.

Misturado ao fedor dos corpos dos invasores, porém, havia um outro cheiro, muito mais agradável, que quase fez Sheerin também perder o juízo: o cheiro de comida no fogo. Estavam preparando uma refeição na cozinha. Sopa? Ensopado? Alguma coisa estava fervendo lá dentro. A fome e a esperança súbita de saciá-la o fizeram cambalear.

— Não sabia que a casa estava ocupada — disse, com todo o tato. — Se me deixarem ficar esta noite, irei embora amanhã de manhã.

— Você é bombeiro? — perguntou, desconfiado, um homem barbudo, que parecia ser o líder.

— Bombeiro? Não, não sou bombeiro — respondeu Sheerin. — Meu nome é Sheerin 501, e trabalho na…

— Bombeiro! Bombeiro! Bombeiro! — começaram todos a gritar.

— …Universidade de Saro — concluiu o psicólogo. Foi como se tivesse dito uma palavra mágica. Eles pararam de gritar e ficaram olhando, assustados, para Sheerin.

— Está dizendo que trabalha na universidade? — perguntou o líder, afinal, em tom estranho.

— Isso mesmo. No departamento de psicologia. Dou aulas e

também trabalho no hospital. Escute, não quero atrapalhar a vida de vocês. Só estou pedindo um lugar para descansar algumas horas e um pouco de comida, se não for fazer falta. Só um pouquinho. Não como desde…

— Universidade! — gritou uma mulher. Do jeito que falou, parecia um nome feio, quase uma blasfêmia. Sheerin tinha ouvido Folimun 66 falar da mesma forma na noite do eclipse, referindo-se aos cientistas. Era de dar medo.

— Universidade! Universidade! Universidade! Começaram a circular de novo em torno dele, cantando, apontando para ele, fazendo estranhos sinais com os dedos. Ele não podia mais compreender o que diziam. Era uma estranha ladainha de sílabas sem sentido.

Será que aquelas pessoas pertenciam a uma filial dos Apóstolos do Fogo e estavam reunidas ali para praticar algum ritual secreto? Não, era pouco provável. Estavam muito sujas, eram muito desorganizadas. Os Apóstolos, pelo menos os poucos que conhecia, tinham sempre uma aparência impecável. Além do mais, todos os Apóstolos pareciam haver desaparecido depois do eclipse. Sheerin desconfiava que tinham se retirado para um abrigo, para comemorar em particular a confirmação de suas previsões.

Aquelas pessoas, pensou, eram apenas malucos comuns. E Sheerin teve a impressão de ver a morte nos olhos deles.

— Escutem — disse, em tom cauteloso -, se interrompi alguma cerimônia de vocês, peço desculpas. Se quiserem que eu vá embora agora mesmo, não há problema. Só tentei entrar aqui porque pensei que a casa estivesse desocupada e estava com muita fome. Não tinha intenção de…

— Universidade! Universidade!

Nunca tinha visto olhares de ódio tão intensos como os que aquelas pessoas estavam lhe lançando. Mas havia medo naqueles olhos, também. Eles se mantinham à distância, tensos, trêmulos, como se temessem que ele lhes fizesse mal.

Sheerin levantou as mãos, suplicante. Se ao menos parassem de dançar e de cantar, nem que fosse por um momento! O cheiro de comida na cozinha o estava deixando desesperado.

Agarrou uma das mulheres pelo braço, com a intenção de lhe pedir um pedaço de pão, um prato de sopa, qualquer coisa. Mas ela se desvencilhou, gemendo como se Sheerin a tivesse queimado com o seu toque, e esfregou o lugar onde os dedos do psicólogo haviam repousado por um instante.

— Por favor — disse Sheerin. — Não tive intenção de machucá-la. Sou perfeitamente inofensivo, acredite.

— Inofensivo! — exclamou o líder, fazendo cara de nojo. — Você? Você, da universidade? É pior do que os bombeiros. Os

bombeiros só incomodam a gente um pouco. Mas vocês destruíram o mundo.

— Nós fizemos o quê?

— Tome cuidado, Tasibar — disse uma mulher. — É melhor tirá-lo daqui antes que faça uma mágica contra nós.

— Uma mágica? Eu? — disse Sheerin.

Estavam apontando de novo para ele, gesticulando com veemência. Alguns começaram a cantar baixinho, um canto monótono que parecia o ruído de um motor ganhando velocidade e prestes a sair de controle. A garota que usava apenas shorts disse:

— Foi a universidade que trouxe a Escuridão.

— E as Estrelas — acrescentou o homem que vestia apenas uma camisa. — Eles trouxeram as Estrelas.

— E este aqui pode trazê-las de volta — disse a mulher que havia falado antes. — Tire-o daqui! Tire-o daqui! Sheerin olhou para ela, incrédulo. Entretanto, não era de todo inesperado. Os sobreviventes da noite de terror deviam compartilhar de uma desconfiança mórbida de todos os cientistas, de todas as pessoas cultas, uma fobia sem razão, que agora crescia como um vírus entre os sobreviventes daquela noite de terror.

— Acha que posso chamar as Estrelas de volta com um estalar de dedos? E isso que você teme?

— Você é da universidade — disse o homem chamado Tasibar. — Você conhecia os segredos. Foi a universidade que trouxe a Escuridão. Foi a universidade que trouxe as Estrelas, Foi a universidade que trouxe o desastre.

Era demais.

Já bastava ser arrastado para dentro daquela casa e forçado a inalar o perfume inebriante da comida sem ter permissão para prová-la. Mas ser responsabilizado pela catástrofe?

Ser considerado por essas pessoas como uma espécie de bruxo malvado? Alguma coisa cedeu dentro de Sheerin .

— E isso que vocês pensam? — gritou, descontrolado. — Seus idiotas! Seus tolos supersticiosos! A culpa é da universidade? Fomos nós que trouxemos a Escuridão? Pelos deuses, quanta estupidez! Tudo que fizemos foi tentar avisá-los!

Cerrou os punhos vigorosamente, em um gesto de irritação.

— Ele está chamando a Escuridão, Tasibar! Faça-o parar! Faça-o parar!

Estavam se aproximando, tentando agarrá-lo.

Sheerin levantou os braços e ficou quieto. Estava arrependido por haver insultado aquela gente, não porque isso colocara sua vida em risco (provavelmente nem haviam prestado atenção no que ele dissera), mas porque sabia que não eram culpados por estarem

procedendo daquela forma. Se havia algum culpado, era ele, por não ter se esforçado o suficiente para protegê-los da Escuridão iminente. Aqueles artigos de Theremon haviam causado um mal irreparável. Se tivesse falado com o repórter…

Se tivesse pedido a ele para parar de ridicularizar o pessoal do Observatório…

Sim, estava arrependido agora.

Estava arrependido de muitas coisas que havia feito e de muitas coisas que deixara de fazer. Mas era tarde demais. Alguém o esmurrou. Deu um grito de surpresa e dor.

— Liliath! — teve tempo de exclamar, antes que o derrubassem no chão.

36

Havia quatro sóis no céu: Onos, Dovim, Patru e Trey. Os dias de quatro sóis eram considerados dias de sorte, lembrou-se Theremon. Aquele dia era com certeza um dia de sorte.

Carne! Carne de verdade, finalmente! Que visão gloriosa!

Era comida que ele conseguira por mero acaso, mas não tinha importância. Os recém-descobertos atrativos da vida ao ar livre tinham ficado cada vez menos interessantes à medida que sua fome aumentava. Àquela altura, aceitaria com prazer um pedaço de carne, fosse qual fosse a sua origem.

A floresta estava cheia de animais selvagens de todos os tipos, a maioria pequenos, muito poucos deles perigosos, e todos impossíveis de pegar, pelo menos à unha.

E Theremon não sabia fazer armadilhas; mesmo que soubesse, não dispunha nem de ferramentas nem de matéria-prima.

Aquelas histórias para crianças sobre pessoas perdidas na selva que logo se adaptavam à vida ao ar livre, transformando-se instantaneamente em caçadores e construtores de abrigos, eram apenas isso: histórias. Theremon se considerava um homem de razoável competência, para um morador da cidade, entretanto, sabia que a probabilidade de caçar um animal da floresta era a mesma que fazer funcionar de novo os geradores da usina de eletricidade. Quanto a construir um abrigo, o melhor que conseguira fazer tinha sido uma cobertura simples de galhos e folhas, que pelo menos o mantinha razoavelmente seco nos dias de chuva.

Agora, porém, o tempo havia melhorado, e ele tinha carne de verdade para o jantar. O único problema era cozinhá-la. Nem lhe passava pela cabeça comê-la crua.

Era irônico que em uma cidade que acabara de ser quase toda destruída pelo fogo estivesse pensando agora em como iria cozinhar um pedaço de carne. Entretanto, àquela altura, os incêndios maiores já haviam consumido todo o combustível, e a chuva fizera o resto do serviço. E embora nos primeiros dias depois da catástrofe tivesse a impressão de que novos incêndios estavam sendo iniciados, aquilo parecia ter acabado.

Preciso dar um jeito, pensou Theremon. Esfregar dois pauzinhos? Bater em uma pedra com um pedaço de metal, para produzir fagulhas?

Alguns meninos na outra margem do lago, perto do lugar onde estava acampado, tinham matado o animal para ele. Naturalmente, não sabiam que estavam lhe fazendo um favor. Era provável que pretendessem comê-lo eles mesmos, a menos que estivessem tão

loucos que estavam perseguindo a criatura apenas por esporte. Theremon não achava que esta explicação fizesse sentido. Haviam perseguido a presa com uma perseverança que só a fome poderia explicar.

O animal era um graben, uma daquelas feias criaturas peludas, de focinho comprido e cauda fina e pelada, que às vezes revolviam as latas de lixo das casas depois que Onos se punha. No momento, a beleza era o que menos importava. Os garotos haviam expulsado o graben da toca onde este se escondia durante o dia e encurralado o pobre animalzinho em uma pequena ravina.

Enquanto Theremon observava do outro lado do lago, com uma mistura de nojo e inveja, eles o seguiam incansáveis para cima e para baixo, bombardeando-o com uma chuva de pedras. O animal revelou uma agilidade surpreendente, correndo para cá e para lá, em uma tentativa desesperada de escapar aos atacantes. Afinal, porém, uma pedrada certeira atingiu-o na cabeça, matando-o na mesma hora.

O repórter pensou que fossem comê-lo no ato. Naquele momento, porém, uma figura desgrenhada apareceu acima deles, na parte superior da ravina, e começou a descer em direção ao lago.

— Corram! É Garpik, o Estripador! — gritou um dos meninos. — Garpik! Garpik!

Em um instante, os meninos se espalharam, deixando o graben morto para trás.

Theremon, ainda olhando, se escondera nas sombras do outro lado do lago. Ele também conhecia aquele Garpik, embora não de nome. Era um dos mais temidos moradores da floresta, um homem atarracado, quase um gorila, que não usava nada a não ser um cinturão cheio de facas de todos os tamanhos. Era um assassino sem motivo, um psicopata irresponsável, um puro predador.

Garpik ficou por alguns instantes na boca da ravina, cantarolando baixinho e acariciando uma de suas facas. Se viu o animal morto, não se importou. Talvez estivesse esperando os meninos voltarem. Era óbvio, porém, que eles não tinham a menor intenção de fazer isso, e depois de algum tempo Garpik deu de ombros e voltou para a floresta, provavelmente em busca de algo interessante para fazer com suas facas.

Theremon resolveu esperar até ter certeza de que Garpik não pretendia voltar e surpreendê-lo.

Quando não agüentou mais a visão do graben estirado ali à margem do lago, onde outro predador poderia chegar a qualquer momento para pegá-lo, Theremon correu, deu a volta no lago, agarrou o animal e carregou-o para o seu esconderijo.

Ele pesava tanto quanto uma criança pequena. Seria suficiente para duas ou três refeições… ou mais, se conseguisse controlar sua

fome e a carne não se estragasse muito depressa.

A fome fazia sua cabeça girar. Há vários dias que não comia nada, a não ser frutas e sementes. Seu corpo era pele e osso, as pequenas reservas de gordura tinham sido absorvidas há muito tempo, e agora ele estava consumindo os próprios músculos na luta para permanecer vivo. Naquela noite, porém, teria um banquete.

Churrasco de graben! Que delícia!, pensou, com ironia. Depois, pensou: não seja ingrato, Theremon.

Antes, porém, tinha que acender uma fogueira… Primeiro, o combustível. Atrás de seu abrigo havia uma grande pedra com uma rachadura onde cresciam plantinhas. Quase todas estavam mortas há muito tempo e haviam secado desde a última chuva. Theremon percorreu rapidamente a parede de pedra, arrancando as folhas e caules amarelados e fazendo um pequeno monte de material semelhante a palha, que pegaria fogo com facilidade.

Agora precisava de galhos secos. Foram mais difíceis de encontrar, mas ele explorou as vizinhanças à procura de arbustos mortos ou pelo menos arbustos com galhos mortos. Quando conseguiu juntar lenha suficiente, a tarde já estava adiantada. Dovim havia desaparecido do céu, e Trey e Patru, que estavam nascendo no momento em que os meninos caçaram o graben, já haviam chegado ao zênite e pareciam um par de olhos, observando a tragédia que se desenrolava em Kalgash. Com todo o cuidado, Theremon arrumou os galhos secos por cima das plantinhas, montando uma fogueira como imaginava que um profissional faria, com os galhos maiores na parte externa e os galhos mais finos entrelaçados no meio, com alguma dificuldade, trespassou o graben com um espeto que havia improvisado a partir de um galho reto e posicionou-o acima da pilha.

Até aqui, tudo bem. Só falta uma coisa. Fogo!

Evitara pensar no problema enquanto preparava a fogueira, na esperança de que a solução aparecesse de repente. Agora, porém, tinha que fazer alguma coisa. Precisava de uma fagulha. Theremon tinha certeza de que o velho truque que aparecia nos livros, de esfregar dois pauzinhos, não passava de um mito. Tinha lido que algumas tribos primitivas acendiam o fogo fazendo girar um pedaço de pau em uma tábua com um pequeno furo, mas desconfiava de que o processo não era simples, que provavelmente exigia grande destreza e um bocado de paciência. Provavelmente, os indígenas aprendiam a técnica ainda crianças, com os mais velhos.

E se usasse duas pedras? Conseguiria produzir uma fagulha esfregando uma pedra na outra?

Não acreditava que funcionasse. Mesmo assim, decidiu tentar, à falta de uma ideia melhor. Havia uma pedra chata no chão, e depois de procurar um pouco encontrou uma outra pedra, de forma

triangular, que cabia confortavelmente na palma da sua mão. Ajoelhou-se ao lado da pequena fogueira e começou a golpear metodicamente a pedra chata na pontuda.

Nada aconteceu.

Uma sensação de impotência começou a tomar conta de seu ser. Aqui estou eu, pensou, um homem adulto, que sabe ler e escrever, que sabe dirigir automóvel, que sabe até mesmo operar um computador, mais ou menos. Sou capaz de escrever em duas horas uma coluna que todo mundo vai ter vontade de ler e posso fazê-lo todos os dias, faça chuva ou faça sol, por vinte anos. Entretanto, não sou capaz de acender uma maldita fogueira.

Por outro lado, pensou, eu não vou comer este graben cru, a menos que não haja outro jeito. Não vou. Não vou. Não. Não. Não!

Esfregou de novo as pedras, furioso.

Vamos! Acenda! Queime! Cozinhe este maldito animal para mim!

De novo. De novo. De novo.

— Que está tentando fazer? — perguntou uma voz pouco amistosa, de um ponto logo atrás do seu ombro direito.

Theremon levantou a cabeça, assustado, recriminando a si mesmo. A primeira regra de sobrevivência na floresta dizia que você jamais devia se distrair com alguma coisa, a ponto de permitir que estranhos se aproximassem sem serem vistos.

Eles eram cinco. Homens, mais ou menos de sua idade. Estavam tão desgrenhados quanto os outros habitantes da floresta. Não pareciam especialmente loucos, não tanto quanto a maioria: os olhos estavam em foco, as bocas não babavam, os rostos tinham uma expressão séria, determinada. Aparentemente, as únicas armas que levavam eram porretes, mas sua atitude era decididamente hostil.

Cinco contra um. Muito bem, pensou, fiquem com o maldito graben e morram entalados. Não faria a tolice de tentar resistir.

— Eu perguntei: “Que está tentando fazer?” — repetiu o primeiro homem, mais friamente do que antes. Theremon olhou para ele de cara feia.

— Que é que você acha? Estou tentando acender uma fogueira.

— Foi isto mesmo que pensei.

O estranho deu um passo à frente. De forma fria, deliberada, deu um pontapé na pequena fogueira. Os galhos tão penosamente reunidos saíram voando em todas as direções e o graben caiu no chão.

— Ei, espere um momento…

— Nada de fogueiras, moço. É a lei — disse o homem, com firmeza. — É proibido carregar e utilizar material combustível. Esta madeira iria ser usada em uma fogueira. Isto é óbvio. Além do mais, você admitiu sua culpa.

— Culpa? — repetiu Theremon, em tom incrédulo.

— Você disse que estava tentando acender uma fogueira. Pretendia usar estas pedras, certo? Pois a lei é clara. É proibido.

A um sinal dos líderes, dois dos outros se aproximaram. Um deles agarrou Theremon pelo pescoço e pelo peito, o outro arrancou-lhe das mãos as pedras e jogou-as no lago. Theremon, vendo-as desaparecer, sentiu-se da mesma forma como imaginava que Beenay tinha se sentido quando seus telescópios foram destruídos pela multidão.

— Larguem-me! — murmurou Theremon, debatendo-se.

— Podem largá-lo — disse o líder. Ele enfiou o pé mais uma vez na fogueira de Theremon, misturando as plantinhas com a terra. — As fogueiras não são mais permitidas — disse para Theremon. — Chega de fogo. O risco é muito grande, você não compreende? Se tentar acender outra fogueira, vamos voltar e quebrar a sua cabeça, está me entendendo?

— Foi o fogo que acabou com o mundo — disse um dos outros.

— Foi o fogo que nos fez sair de casa.

— O fogo é o inimigo. O fogo é proibido. O fogo é mau.

Theremon. olhou para ele, surpreso. Fogo mau? Fogo proibido? Então eles eram malucos, no final das contas!

— A pena por acender uma fogueira, da primeira vez, é uma multa — disse o líder. — Vamos ficar com este animal. Isto lhe ensinará a não colocar em perigo a vida de pessoas inocentes. Pegue-o, Listigon. É uma boa lição para ele. Da próxima vez que pegar alguma coisa, se lembrará de que não deve tentar conjurar o inimigo só porque está com vontade de comer carne assada.

— Não! — gritou Theremon, com voz estrangulada, quando Listigon se curvou para pegar o graben. — Ele é meu, seus débeis mentais! Meu! Meu!

Avançou contra eles às cegas, louco de raiva e frustração. Alguém lhe deu um soco no estômago, com toda a força. Ele deixou o ar escapar e se dobrou em dois, segurando o abdome com as duas mãos. Outro dos estranhos golpeou-o nas costas, fazendo-o cambalear. Desta vez, porém, ele teve tempo de dar uma cotovelada no atacante e ouviu, satisfeito, um grito de dor.

Fazia muito anos que não se envolvia em uma briga. Além disso, tinha certeza de que nunca lutara contra cinco homens ao mesmo tempo. Não havia, porém, alternativa.

O que tinha a fazer, disse para si mesmo, era se manter de pé e procurar chegar à parede de pedra, onde pelo menos não poderiam atacá-lo pela retaguarda. Em seguida, trataria de mantê-los à distância, chutando, socando e mordendo, se necessário, até que resolvessem deixá-lo em paz.

Uma voz dentro dele disse: Estão todos completamente malucos. É bem possível que não desistam até matá-lo de pancada. Entretanto,

não havia nada que pudesse fazer além de tentar mantê-los à distância, agora.

Manteve a cabeça baixa e se defendeu com os braços, tentando ao mesmo tempo aproximar-se da pedra. Eles o cercaram, golpeando-o de todos os lados. Mesmo assim, ele não caiu. A vantagem numérica não era tão esmagadora quanto esperava. Naquele espaço limitado, os cinco não conseguiam atacá-lo ao mesmo tempo, e Theremon podia tirar proveito da confusão, esquivando-se dos socos e mudando de posição enquanto eles paravam os golpes no ar com medo de atingir os próprios companheiros.

Mesmo assim, sabia que não poderia resistir por muito tempo. O lábio estava sangrando, um dos olhos começou a inchar e sentiu que estava perdendo o fôlego. Mais um soco bem dado e desabaria no chão. Manteve um dos braços na frente do rosto e atacou com o outro, continuando a recuar na direção da parede de pedra. Deu um pontapé em alguém e ouviu uma praga. Alguém o chutou de volta. Theremon sentiu uma dor aguda na coxa.

Cambaleou. Lutou desesperadamente para respirar. Era difícil saber o que estava acontecendo. Estavam todos em cima dele agora, socando-o sem parar. Não conseguiria chegar à pedra. Não conseguiria continuar de pé por muito tempo. Quando caísse, seria pisoteado. Seria o fim…

Seria a morte…

De repente, percebeu que havia uma confusão dentro da confusão. Gritos de vozes diferentes, caras novas se misturando com as antigas, um exército de pessoas por toda a parte. Só faltava esta, pensou. Um outro bando de malucos para se divertir comigo. Mas talvez eu consiga escapar enquanto os dois bandos se estranham…

— Parem, em nome do Corpo de Bombeiros! — gritou alto uma mulher, em tom autoritário. — É uma ordem! Parem, todos vocês! Afastem-se dele! Já!

Theremon piscou os olhos e esfregou a testa. Olhou em torno, surpreso.

Havia quatro recém-chegados na clareira. Pareciam limpos e descansados, e estavam usando roupas em bom estado. Todos tinham lenços verdes amarrados no pescoço. Estavam armados com pistolas.

A mulher, que parecia ser a chefe, fez um gesto rápido com a arma e os cinco homens que haviam atacado Theremon se afastaram dele e se colocaram em forma.

— Que aconteceu aqui? — perguntou a mulher ao líder dos cinco homens, em tom glacial.

— Ele estava acendendo uma fogueira. Pretendia assar um animal, mas nós chegamos a tempo…

— Está certo. Não vejo nenhum fogo aqui. As leis foram

respeitadas. Podem ir.

O homem fez que sim com a cabeça. Curvou-se para pegar o graben.

— Ei! Isto é meu! — protestou Theremon.

— Não — disse o outro. — Vamos levá-lo como multa por você ter infringido a lei.

— Deixe o castigo por minha conta — disse a mulher. — Largue o animal e vá embora! Já!

— Mas…

— Vão embora, ou vou pedir a Altinol para punir vocês. Vamos! Andem!

Os cinco homens se afastaram com relutância. Theremon continuou onde estava. A mulher de lenço verde no pescoço se aproximou dele:

— Acho que cheguei bem na hora, não é, Theremon?

— Siferra! — exclamou o repórter. — Siferra!

37

Seu corpo doía em centenas de lugares. Provavelmente estava com alguns ossos quebrados. O olho, de tão inchado, estava quase fechado. Mesmo assim, percebeu que iria sobreviver. Encostou-se na parede de pedra, esperando que a dor diminuísse um pouco.

— Temos uma garrafa de conhaque de Jonglor no quartel-general — disse Siferra. — Posso autorizá-lo a tomar um drinque, suponho. Como remédio, é claro.

— Conhaque? Quartel-general? Que quartel-general? De que está falando, Siferra? Você está mesmo aqui?

— Acha que sou uma alucinação? — Ela riu e segurou-lhe o braço de leve. — Acha que isto é uma alucinação?

O repórter fez uma careta de dor.

— Vá com calma. Estou todo dolorido. Você simplesmente caiu do céu?

— Estava passando pela floresta, a serviço do Corpo de Bombeiros, quando ouvi o barulho de luta. Resolvemos investigar. Eu não fazia ideia de que você estava envolvido até chegar aqui. Estamos tentando restabelecer a ordem.

— Estamos?

— Agora faço parte do Corpo de Bombeiros. É o novo governo local. O quartel-general fica no Abrigo da universidade, e o chefão é um homem chamado Altinol, que era uma espécie de executivo antes do eclipse. Sou um dos seus auxiliares diretos. Na verdade, trata-se de um grupo particular, que defende a tese de que o uso do fogo deve ser controlado e apenas os membros do Corpo de Bombeiros têm o privilégio de…

Theremon levantou a mão.

— Calma, Siferra. Mais devagar, está bem? Está dizendo que os funcionários da universidade que estavam no Abrigo formaram um grupo particular? Que eles saíram por aí apagando incêndios? Como isso é possível? Sheerin contou-me que eles todos tinham ido embora, que estavam a caminho do Parque Nacional de Aragando.

— Sheerin? Ele está aqui?

— Estava. Resolveu ir também para Aragando. Eu… eu preferi continuar aqui por mais alguns dias. — Teve vergonha de dizer a ela que havia ficado para se dedicar à tarefa impossível de localizá-la.

Siferra assentiu.

— O que Sheerin lhe contou é verdade. Todo o pessoal da universidade deixou o Abrigo um dia depois do eclipse. Devem estar em Aragando, mas ainda não tive notícias deles. Deixaram o Abrigo aberto, e Altinol e seu bando o estão usando como quartel-general. O

Corpo de Bombeiros tem quinze ou vinte membros, todos mentalmente sãos. Conseguiram fazer valer sua autoridade sobre mais ou menos metade da floresta e parte da cidade, onde algumas pessoas ainda estão morando.

— E você? — quis saber Theremon. — Como se envolveu com eles?

— Logo que as Estrelas desapareceram, fui para a floresta. Entretanto, ela me pareceu muito perigosa, e foi então que me lembrei do Abrigo. Fui até lá. Descobri que estava ocupado por Altinol e seus homens. Eles me convidaram para juntar-me a eles. — Siferra sorriu ironicamente. — Na verdade, não foi bem um convite. Eles não primam pela delicadeza.

— A época não é favorável para delicadezas.

— Tem razão. De modo que eu disse para mim mesma: melhor com eles do que sozinha. Eles me deram este lenço verde, que todo mundo por aqui aprendeu a respeitar. Ganhei também uma pistola. É uma coisa que as pessoas também respeitam.

— Quer dizer que você entrou para o Corpo de Bombeiros — disse Theremon, em tom de admiração. — Não sabia que você dava para esse tipo de coisa.

— Nem eu.

— Mas você acha mesmo que esse Altinol e seu bando são gente decente, trabalhando para restabelecer a lei e a ordem?

A arqueóloga sorriu de novo, e novamente não foi uma expressão de alegria.

— Gente decente? Eles acham que são.

— E você, não acha?

Siferra deu de ombros.

— Eles se colocam acima dos outros, quanto a isso não há dúvida. No momento, existe um vácuo de poder, e eles querem preenchê-lo. Mas talvez não sejam as piores pessoas para termos no governo. Pelo menos, são mais razoáveis do que algumas outras organizações que conheço.

— Como os Apóstolos do Fogo? Eles também estão tentando formar um governo?

— É provável que sim. Não sei o que foi feito deles depois do eclipse. Altinol acha que ainda estão escondidos em algum abrigo subterrâneo ou que Mondior os levou para algum lugar do interior, onde vão fundar uma nova nação. Mas temos alguns novos grupos de fanáticos que são umas gracinhas, Theremon. Você acaba de se defrontar com um deles, e, como sabe, teve muita sorte em escapar vivo. Eles acreditam que a única salvação para a humanidade é renunciar totalmente ao uso do fogo, já que o fogo foi a ruína do mundo. Por isso, saem por aí destruindo fósforos e isqueiros e

matando as pessoas acusadas de acenderem fogueiras.

— Eu estava só tentando assar um pedaço de carne disse Theremon, de cara feia.

— Para eles, não interessa se você estava cozinhando ou bancando o incendiário. Fogo é fogo, e eles o abominam. Sua sorte foi eu ter chegado a tempo. Eles aceitam a autoridade do Corpo de Bombeiros. Somos a elite, os únicos que têm permissão para usar o fogo sem serem punidos.

— O únicos que têm pistolas — observou Theremon. É por isso que respeitam vocês. — Esfregou um ponto dolorido no braço e olhou em torno, com ar pensativo. – Você disse que existem outros grupos de fanáticos?

— Existem os que acreditam que foram os astrônomos que fizeram as Estrelas aparecerem. Eles colocam a culpa do que aconteceu em Athor, Beenay & Cia. É o velho ódio pelos intelectuais, que se manifesta sempre que as emoções primitivas são liberadas.

— Céus! E existe muita gente que pensa assim?

— Até demais. Só os deuses sabem o que eles fariam se encontrassem o pessoal da universidade que ainda não chegou a Aragando. Provavelmente, tratariam de enforcá-los no poste mais próximo.

— E eu seria o responsável — declarou Theremon, lentamente.

— Você?

— Tudo que aconteceu é minha culpa, Siferra. Não é culpa de Athor, nem de Folimun, nem dos deuses. É minha. Aquela vez que você me chamou de irresponsável, estava sendo muito benevolente. Não fui apenas irresponsável. Fui criminosamente negligente.

— Pare, Theremon. Que adianta…

O repórter não lhe deu ouvidos.

— Eu devia ter escrito artigos diários prevenindo a população a respeito do que estava para acontecer, defendendo um programa de emergência para a construção de abrigos, para a instalação de geradores de emergência, para o tratamento dos desequilibrados mentais, para fazer mil outras coisas… Em vez disso, que foi que fiz? Levei tudo na brincadeira. Ridicularizei os astrônomos em sua torre de marfim! Tornei politicamente impossível alguém do governo levar a sério as advertências de Athor.

— Theremon…

— Você devia ter deixado aqueles malucos me espancarem até a morte, Siferra.

Os olhos da arqueóloga encontraram os seus. Ela parecia zangada.

— Não seja tolo. Todo o planejamento do mundo não teria feito a menor diferença. Eu também gostaria que você não tivesse escrito aqueles artigos, Theremon. Sabe que eles me deixaram furiosa. Mas

que importa isso agora? Você estava sendo sincero quando os escreveu. Podia estar errado, mas foi sincero. De qualquer maneira, não adianta especular agora sobre o que poderia ter acontecido. A situação é esta, e está acabado. — Acrescentou, em tom mais suave: — Agora chega de conversa. Você está em condições de andar? Quero que vá comigo para o Abrigo. Que acha de um banho, uma muda de roupa, uma refeição decente…

— Refeição?

— O pessoal da universidade deixou a maior parte das provisões.

Theremon riu e apontou para o graben.

— Quer dizer que eu não vou ter que comer isso, afinal?

— Não, a menos que faça questão. Por que não oferece essa carcaça a alguém mais necessitado, quando estivermos saindo da floresta?

— Boa ideia.

Ele se pôs de pé, devagar, gemendo. Deuses, o corpo todo estava dolorido! Deu um passo, com todo cuidado: nada mau, nada mau. Parecia que, no final das contas, não tinha quebrado nenhum osso. A ideia de um banho quente e uma refeição nutritiva já o fazia sentir-se melhor.

Deu uma última olhada no seu pequeno abrigo, seu regato, seus arbustos. Seu lar, nos últimos dias. Não sentiria falta daquele lugar, mas também não se esqueceria dele tão cedo. Pegou o graben e colocou-o no ombro.

— Mostre o caminho — disse para Siferra.

Não tinham andado mais do que 10O metros, quando Theremon viu um grupo de meninos à espreita atrás das árvores. Eram os mesmos que haviam tirado o graben da toca e o abatido a pedradas. Com certeza haviam voltado para procurá-lo. Agora, observavam-no de longe, certamente frustrados com o fato de Theremon estar indo embora com sua presa. O respeito que sentiam pelos lenços verdes do Corpo de Bombeiros (ou, talvez, pelas pistolas) os impedia de tentar recuperar o animal.

— Ei! — gritou Theremon. — Isto é de vocês, não é? Jogou a carcaça do graben na direção dos meninos. Ela foi cair bem perto do lugar onde estavam, e eles recuaram, assustados. Era evidente que estavam ansiosos para pegar o animal, mas ao mesmo tempo não tinham coragem de se adiantar.

— Assim é a vida da era pós-eclipse — observou o repórter, em tom penalizado. — Estão famintos, mas o medo é mais forte. Acham que pode ser uma armadilha. Pensam que se saírem de trás daquelas árvores, nós vamos atirar neles só para nos divertirmos.

— Quem pode culpá-los? — disse Siferra. — Hoje em dia, todo mundo tem medo de todo mundo. Vamos andando. Quando eles

tiverem certeza de que fomos embora, perderão o medo.

A arqueóloga foi na frente e Theremon a seguiu, mancando.

Siferra e os outros membros do Corpo de Bombeiros se deslocavam com confiança pela floresta, como se fossem imunes aos perigos que espreitavam em toda parte. E, na verdade, não houve nenhum incidente enquanto o grupo se dirigia, tão rapidamente quanto os ferimentos de Theremon permitiam, para a estrada que cruzava a floresta.

Era interessante, pensou o jornalista, o modo como a sociedade estava começando a se reconstituir. Em apenas alguns dias, uma organização irregular como aquele Corpo de Bombeiros tinha começado a assumir uma espécie de autoridade governamental. A menos que fossem apenas as pistolas e o ar de segurança que mantinham os loucos à distância.

Finalmente, chegaram à orla da floresta. A temperatura estava caindo e o dia havia ficado desagradavelmente escuro, agora que Patru e Trey eram os únicos sóis no céu. No passado, Theremon jamais se preocupara com o nível relativamente baixo de iluminação que era típico das ocasiões em que apenas um dos pares de sóis se encontrava no céu. Desde o eclipse, porém, as noites de dois sóis o deixavam com a impressão (que sabia ser falsa) de que a Escuridão poderia voltar a qualquer momento. As feridas psíquicas do Cair da Noite levariam muito tempo para sarar, mesmo para os indivíduos mais equilibrados do planeta.

— O Abrigo fica logo no final desta estrada — disse Siferra. — Como está se sentindo?

— Mais ou menos — disse Theremon. — Eles não conseguiram me aleijar.

Mesmo assim, era preciso um esforço considerável para fazer as pernas machucadas funcionarem. Sentiu um imenso alívio quando finalmente chegaram à entrada do Abrigo.

O lugar parecia um grande labirinto. Cavernas e corredores se espalhavam em todas as direções. À distância, viu os tubos e fios de equipamentos científicos, misteriosos e indecifráveis, correndo ao longo das paredes e do teto. Lembrou-se de que ali havia funcionado o acelerador de partículas da universidade até ser inaugurado o novo laboratório. Aparentemente, os físicos haviam deixado para trás as máquinas obsoletas.

Um homem alto apareceu, irradiando autoridade.

— É Altinol 111 — disse Siferra. — Altinol, quero lhe apresentar Theremon 762.

— O jornalista da Crônica? — disse Altinol. Ele não parecia surpreso nem impressionado, parecia apenas estar registrando o fato.

— Ex-jornalista — disse Theremon.

Os dois se encararam friamente. Altinol parecia um osso duro de roer, pensou Theremon. Era um homem de meia-idade, em excelente forma física. Estava bem vestido e tinha o ar de uma pessoa que está acostumada a ser obedecida. Depois de examinar sua fisionomia por alguns instantes, Theremon vasculhou os escaninhos da memória, e, de repente, seu rosto se iluminou.

— Indústrias Morthaine? O mesmo Altinol?

Um lampejo de… interesse — seria aborrecimento? apareceu nos olhos de Altinol.

— O mesmo Altinol.

— Os jornais diziam que seu sonho era ser o Primeiro Executivo. Agora parece que conseguiu o que queria. Pelo menos, para o que restou da cidade de Saro, se não para a República Federal.

— Uma coisa de cada vez — disse Altinol, com voz contida. — Primeiro, vamos tentar sair da anarquia. Depois, será a hora de colocar o país de novo em ordem e decidir quem vai ser o novo Primeiro Executivo. Temos o problema dos Apóstolos, por exemplo, que assumiram o controle de toda a parte norte da cidade e terrenos vizinhos. Não vai ser fácil tirá-los de lá. — Altinol sorriu friamente. — Uma coisa de cada vez, meu amigo.

— Quanto a Theremon — interveio Siferra — a primeira coisa de que ele precisa é de um banho. Depois, uma refeição decente. Ele está vivendo na floresta desde o Cair da Noite. Venha comigo — disse para o repórter.

Haviam levantado tabiques ao longo do túnel do acelerador de partículas, dividindo-o em uma série de cubículos. Siferra levou-o até um deles, no qual canos de cobre montados no teto levavam água para um tanque de porcelana.

— A água não vai estar muito quente — preveniu a arqueóloga. — Só ligamos a caldeira alguma horas por dia, para economizar combustível. Mas deve ser melhor do que tomar banho em um rio gelado da floresta. Que é que você sabe a respeito de Altinol?

— Ele é presidente das Indústrias Morthaine, uma grande companhia de transportes. O nome dele esteve nas manchetes faz uns dois anos, por causa de um contrato supostamente irregular para desenvolver um grande projeto imobiliário em terras do governo, na província de Nibro.

— Que é que uma companhia de transportes tem a ver com projetos imobiliários? — perguntou Siferra.

— E exatamente essa a questão. Nada a ver. Ele foi acusado de tentar manipular os congressistas. Se não me engano, ofereceu passagens de graça em seus navios para os senadores, se eles aprovassem o projeto. — Theremon deu de ombros. — Na verdade, nada disso importa. A companhia deixou de existir. O projeto

imobiliário não tem mais razão de ser. Não existem mais senadores para serem subornados. Provavelmente, ele não gostou de ter sido reconhecido.

— Provavelmente, ele não se importou nem um pouco. No momento, a única coisa que lhe interessa é dirigir o Corpo de Bombeiros.

— Por enquanto — declarou Theremon. — Hoje o Corpo de Bombeiros da cidade de Saro, amanhã o mundo. Viu como ele falou em tirar os Apóstolos da parte norte da cidade. Mas acho que alguém tem que fazer essas coisas. E ele é o tipo de pessoa que gosta de mandar nos outros.

Siferra saiu. Theremon entrou no tanque de porcelana. Não era uma instalação luxuosa, mas depois de tudo que havia passado recentemente, sentiu-se no paraíso. Deitou-se, fechou os olhos e relaxou o corpo.

Depois do banho, Siferra levou-o ao refeitório do Abrigo, um aposento simples, com teto de metal, e o deixou sozinho, alegando que tinha que fazer o relatório do dia para Altinol. Havia uma refeição à espera do repórter, uma das bandejas de comida congelada que tinham sido armazenadas ali nos meses que precederam o eclipse.

Carne com legumes. Como complemento, um refrigerante verde. Para Theremon, estava tudo delicioso.

Forçou-se a comer devagar, sabendo que, depois de tanto tempo na floresta, seu corpo não estava mais acostumado a comida de verdade. Seu primeiro impulso era engolir tudo de uma vez e pedir mais, mas mastigou cada bocado.

Depois de terminar a refeição, Theremon ficou olhando para as feias paredes de metal. Não estava mais com fome, e seu estado de espírito estava começando a mudar para pior. Apesar do banho, apesar da comida, apesar da tranquilidade de saber que estava em segurança naquele Abrigo bem defendido, surpreendeu-se ao se ver envolvido pela mais profunda depressão.

Sentia-se cansado, sem esperanças e cheio de melancolia. Tinha sido um bom mundo, pensou. Não um mundo perfeito, longe disso, mas um mundo agradável. As pessoas eram razoavelmente felizes. Estavam fazendo progresso em todas as frentes. O conhecimento científico aumentava a cada dia, a distribuição de renda estava se tornando mais justa, as disputas entre os países eram resolvidas cada vez mais através da negociação. As guerras estavam praticamente ultrapassadas, e os preconceitos religiosos eram coisa do passado.

Agora, estava tudo terminado. Em questão de horas, a Escuridão se encarregara de destruir toda uma civilização. Um novo mundo nasceria das cinzas do antigo, é claro.

Era sempre assim, como as escavações de Siferra haviam

demonstrado.

Mas que tipo de mundo seria?, pensou Theremon. A resposta estava diante dos seus olhos. Seria um mundo no qual as pessoas eram capazes de matar por um pedaço de carne, porque alguém havia violado uma superstição a respeito do fogo, ou apenas porque matar parecia ser uma coisa divertida. Um mundo no qual pessoas como Altinol se aproveitavam do caos para chegar ao poder. O mundo no qual pessoas como Folimun e Mondior estavam se preparando para se tornar ditadores do pensamento, provavelmente com a cumplicidade de pessoas como Altinol. Um mundo no qual…

Não. Sacudiu a cabeça. Que adiantava ficar se lamentando daquele jeito?

Siferra estava certa, disse para si próprio. Não era hora de ficar especulando sobre o que poderia ter acontecido. Pelo menos, estava vivo, seu cérebro estava funcionando de novo, e tinha escapado da aventura na floresta com apenas alguns arranhões que logo estariam curados. A depressão era uma emoção inútil; pior do que isso, era um luxo a que não podia se permitir, da mesma forma que Siferra não podia se permitir o luxo de continuar zangada com ele por causa dos artigos que escrevera.

O que estava feito, estava feito. Agora, era hora de continuar em frente, reagrupar, reconstruir, começar de novo. Olhar para trás era tolice. Olhar para a frente, com pessimismo e desesperança, era covardia.

— Terminou? — perguntou Siferra, entrando no refeitório. — Sei que a comida não é nenhuma maravilha, mas é melhor do que comer graben.

— Eu não posso julgar. Nunca comi graben.

— Pois não perdeu grande coisa. Venha. Vou mostrar o seu quarto.

Era um cubículo com o teto muito baixo e com mobília escassa: uma cama, uma pia, uma lâmpada no teto e outra no chão. Espalhados no chão, em um canto do quarto, estavam alguns livros e jornais, deixados pela pessoa que ocupara o aposento na noite do eclipse. Theremon viu um exemplar da Crônica aberto na página de sua coluna e fez uma careta. Era um dos seus últimos trabalhos, um artigo particularmente virulento contra Athor e seu grupo. Enrubesceu e empurrou o jornal com o pé para baixo da cama.

— Que é que você vai fazer agora, Theremon? — perguntou Siferra.

— Fazer?

— Depois que você descansar um pouco, quero dizer.

— Ainda não tive tempo de pensar no assunto. Por quê?

— Altinol quer saber se você pretende fazer parte do Corpo de

Bombeiros.

— Isto é um convite?

— Ele concordaria em aceitá-lo. Você é o tipo de homem que pode ser útil para ele, um homem forte, acostumado a lidar com as pessoas.

— Pode ser — disse Theremon. — Eu faria bem aqui, não faria.

— Apenas uma coisa o preocupa. Só há lugar para um chefe no Corpo de Bombeiros, e este chefe é Altinol. Se você juntar-se a nós, terá que compreender logo de saída que o que Altinol decide deve ser aceito sem discussão. Ele não tem certeza de que você seja capaz de cumprir ordens.

— Disso nem eu tenho certeza — declarou Theremon. — Mas posso compreender o ponto de vista de Altinol.

— Concorda, então, em juntar-se a nós? Sei que nossa organização tem muitos defeitos, mas ao menos estamos defendendo a ordem, que é uma coisa de extrema necessidade nos dias de hoje. Altinol pode ser muito autoritário, mas ele está bem-intencionado. Tenho certeza disso. Ele simplesmente acha que a situação exige uma liderança firme e medidas de emergência. Que ele é capaz de tomar.

— Não tenho dúvida disso.

— Pense no assunto esta noite — disse Siferra. — Se quiser entrar para o Corpo de Bombeiros, fale com ele amanhã. Seja franco com ele. Ele vai ser franco com você, pode ter certeza. Contanto que você consiga convencê-lo de que não é uma ameaça direta à sua autoridade, vocês dois vão se dar…

— Não! — exclamou Theremon, de repente.

— Não o quê?

O repórter ficou em silêncio por alguns instantes. Depois, disse:

— Não preciso passar a noite inteira pensando no assunto. Acho que já sei qual vai ser a minha resposta.

Siferra olhou para ele, curiosa.

— Não quero competir com Altinol — explicou Theremon. — Sei o tipo de homem que ele é e não sou capaz de conviver por muito tempo com pessoas assim. Também sei que, a curto prazo, organizações como o Corpo de Bombeiros podem ser necessárias, mas, a longo prazo, elas tendem a fazer mais mal do que bem, e depois que se consolidam é muito difícil a sociedade livrar-se delas. Pessoas como Altinol não abrem mão do poder espontaneamente. Os pequenos ditadores jamais o fazem. E não quero que a ideia de que ajudei a colocá-lo no poder venha a me atormentar durante o resto da minha vida. Reinventar o sistema feudal não me parece a solução ideal para os problemas que estamos enfrentando no momento. De modo que a resposta é não, Siferra. Não vou usar o lenço verde de Altinol. Não há futuro para mim aqui.

— Que vai fazer, então?

— Sheerin disse-me que há um governo provisório de verdade sendo formado no parque Aragando. Gente da universidade, talvez alguns membros do governo antigo, líderes de todo o país pretendem se reunir lá. Assim que me sentir forte o suficiente para viajar, pretendo ir para Aragando.

Siferra ficou olhando para ele, sem dizer nada. Theremon respirou fundo. Depois, disse, em tom de súplica:

— Venha comigo, Siferra. — Estendeu a mão para ela. — Fique comigo esta noite, neste humilde cubículo. Amanhã de manhã, vamos juntos para o sul. Seu lugar não é aqui. Além disso, temos muito mais chance de chegar a Aragando se viajarmos juntos.

Siferra não disse nada. Theremon não retirou a mão.

— Então. Que é que você acha?

O repórter viu que Siferra estava sendo assaltada por emoções contraditórias. Era evidente que travava uma luta consigo mesma. De repente, porém, a luta chegou ao fim.

— Está bem. Está bem. Vamos fazer isso, Theremon. Tomou a mão do jornalista e apagou a luz do teto, deixando acesa apenas a lâmpada que estava no chão, ao lado da cama.

38

— Sabe em que bairro estamos? — perguntou Siferra. Estava olhando, consternada, para o cenário de desolação: casas em ruínas, veículos abandonados. Passava um pouco do meio-dia. Fazia três dias que haviam deixado o Abrigo. A. luz implacável de Onos iluminava cada parede enegrecida, cada janela estilhaçada.

Theremon sacudiu a cabeça.

— Tinha um nome bobo, disso você pode ter certeza. Jardim Primavera, Terra do Sol, alguma coisa assim. Mas o nome não importa. Isto aqui não é mais um bairro, Siferra. Está a caminho de tornar-se um sítio arqueológico. Um dos Subúrbios Perdidos de Saro.

Tinham chegado a um ponto bem ao sul da floresta, quase no perímetro urbano da cidade de Saro. Mais além, ficavam as plantações, pequenas cidades e, longe muito longe, o Parque Nacional de Aragando.

A travessia da floresta levara dois dias. Tinham passado a primeira noite no abrigo improvisado de Theremon e a segunda na encosta da colina de Ponto Onos. Durante todo esse tempo, não houvera nenhuma indicação de que o Corpo de Bombeiros estivesse no seu encalço. Aparentemente, Altinol não tentara segui-los, embora tivessem levado com eles armas e duas mochilas cheias de provisões. Agora, pensou Siferra, o perigo havia passado. Ela disse para o repórter:

— A estrada para Aragando começa aqui perto, não é?

— Daqui a quatro ou cinco quilômetros. Se tivermos sorte, não haverá nenhum incêndio para bloquear o nosso caminho.

— Vamos ter sorte. Pode contar com isso.

Ele riu.

— Sempre otimista, não é?

— Não custa mais do que ser pessimista — disse ela. De uma forma ou de outra, vamos passar.

— Certo. De uma forma ou de outra.

Estavam conseguindo manter um bom ritmo. Theremon parecia quase recuperado da surra que recebera na floresta e dos dias que passara praticamente sem comer. Forte como era, Siferra tinha dificuldade para acompanhar seu passo. A arqueóloga estava se esforçando para não cair em depressão. Desde o momento da partida, procurara mostrar-se confiante, afirmando constantemente que chegariam a Aragando e encontrariam pessoas como eles já ocupadas no planejamento da reconstrução do mundo.

Na verdade, porém, Siferra não se sentia tão segura. E quanto mais ela e Theremon se internavam naqueles bairros outrora

elegantes, mais difícil se tornava resistir ao horror, ao choque, ao desespero, a uma sensação de derrota total. Era um mundo de pesadelo.

Não havia como negar a gravidade do que acontecera. Para qualquer lugar que olhasse, só via destruição.

Veja!, pensou. Veja! A desolação… as cicatrizes… os edifícios em ruínas, com as paredes já tomadas pelas primeiras plantas, já ocupados pelas primeiras levas de lagartos. Em toda parte, as marcas daquela noite terrível em que os deuses haviam mais uma vez amaldiçoado o planeta. O cheiro acre da fumaça negra que subia dos restos dos incêndios que as chuvas recentes haviam apagado… a outra fumaça, branca e penetrante, que saía dos porões ainda em chamas… a fuligem que cobria tudo… os corpos nas ruas, retorcidos em sua agonia final… a expressão de loucura nos rostos das poucas pessoas que de vez em quando espreitavam dos escombros de suas casas…

O fim de toda a glória. O colapso de toda a grandeza. Tudo em ruínas, tudo… , como se o oceano tivesse se levantado, pensou Siferra, e varrido todas as nossas realizações. Siferra estava acostumada com ruínas. Passara toda a vida profissional escavando ruínas. Entretanto, as ruínas que costumava escavar eram antigas, misteriosas e românticas. O que via ali era real demais, próximo demais, e não tinha nada de romântico. Tinha sido fácil para ela conviver com a queda das civilizações do passado, já que não estava envolvida emocionalmente. Agora, porém, sua própria época tinha sido varrida para a lata de lixo da história, e isso era difícil de aceitar.

Por que isso tinha que acontecer?, perguntou-se a arqueóloga. Por quê? Por quê? Por quê?

Será que fomos tão maus assim? Será que nos desviamos tanto do caminho dos deuses que tivemos que ser punidos desta forma?

Não. Não! Não existem deuses; não existiu punição.

Não, sobre isso Siferra estava certa. Ela não tinha dúvida que o que acontecera fora simplesmente um fenômeno natural, causado pelos movimentos impessoais de astros inanimados e abandonados, que a cada dois mil anos assumiam uma configuração particularmente funesta.

Isso era tudo. Um acidente.

Um acidente que Kalgash fora forçado a suportar várias vezes durante sua história. De tempos em tempos, as Estrelas apareciam com toda a sua assustadora majestade e em uma agonia desesperada, alimentada pelo terror, o homem se voltava contra suas próprias obras. Enlouquecido pela Escuridão, enlouquecido pela luz fria das Estrelas. Era um ciclo interminável. As cinzas de Thombo haviam contado toda a história.

Agora, estava começando tudo de novo. Como Theremon dissera:

Este lugar está a caminho de se tornar um sítio arqueológico. Exatamente.

O mundo que haviam conhecido não existia mais. Mas ainda estamos aqui, pensou Siferra.

Que vamos fazer? Que vamos fazer?

O único consolo que conseguia encontrar no meio da desolação era a lembrança daquela primeira noite com Theremon, no Abrigo: tão súbita, tão inesperada, tão maravilhosa.

De vez em quando, revivia a cena em sua memória. O sorriso tímido de Theremon quando lhe pedira para passar a noite com ele… não era um matreiro truque de sedução. O seu olhar.

O toque dos seus dedos em sua pele. Seu abraço. A respiração dele se misturando à sua…

Há quanto tempo não estava com um homem! Quase se havia esquecido de como era… quase. E sempre, nas outras vezes, tinha havido aquela sensação de que estava cometendo um engano, de que havia escolhido o caminho errado, de que não devia ter iniciado aquela viagem. Com Theremon, havia sido diferente: simplesmente uma queda das barreiras, dos temores e das aparências, uma rendição, uma admissão, afinal, de que não estava mais sozinha naquele mundo hostil, de que estava disposta a formar uma aliança, de que Theremon, um homem direto, decidido, até mesmo um pouco grosseiro, forte, determinado e confiável, era o aliado que ela queria.

E Siferra se entregara afinal, sem hesitação e sem arrependimento. Que ironia, pensou. Foi necessário o fim do mundo para eu me apaixonar! Mas pelo menos tinha aquele amor. Podia ter perdido muita coisa, mas pelo menos tinha aquele amor.

— Olhe ali — disse ela, apontando. — Uma placa. Era uma placa de metal verde, pendurada meio torta em um poste de luz, com a superfície enegrecida em vários pontos.

Estava furada em três ou quadro lugares; pareciam buracos de bala. Entretanto, as letras amarelas ainda estavam bem legíveis: GRANDE ESTRADA DO SUL. Logo abaixo, uma seta mandava seguir em frente.

— Não pode ficar a mais de dois ou três quilômetros daqui — disse Theremon. — Devemos chegar lá em… Houve um zumbido súbito no ar e depois um ruído seco e penetrante. Siferra cobriu os ouvidos com as mãos. Theremon segurou-a pelo braço e fez com que se abaixasse.

— Fique abaixada! — sussurrou. — Alguém está atirando em nós!

— Quem? Onde?

O repórter já estava com a pistola na mão. Siferra também sacou a sua arma. Olhando para cima, viu que o projétil atingira a placa: havia um novo furo entre as primeiras duas palavras, obliterando

algumas letras.

Theremon estava correndo, agachado, na direção do edifício mais próximo. Siferra o seguiu, sentindo-se vergonhosamente exposta. Aquilo era pior do que ficar nua na frente de Altinol e seus asseclas. Mil vezes pior. O tiro seguinte podia ser disparado a qualquer momento, de qualquer direção, e ela não tinha como se proteger. Mesmo quando dobrou a esquina e se encolheu ao lado de Theremon na sombra do beco, ofegante, o coração aos pulos, não se sentiu segura.

O jornalista fez um gesto com a cabeça em direção a um grupo de casas incendiadas do outro lado da rua. Duas ou três delas estavam intactas, perto da esquina oposta.

Agora, a moça podia ver rostos mal-encarados olhando por uma janela do segundo andar da casa mais afastada.

— Tem gente ali. Invasores, aposto. Malucos.

— Estou vendo.

— Não têm medo dos nossos lenços verdes. Talvez não conheçam o Corpo de Bombeiros, deste lado da cidade. Ou talvez estejam atirando em nós por causa dos lenços.

— Será possível?

— Tudo é possível. — Theremon chegou um pouco para a frente. — Minha dúvida é a seguinte: será que estavam tentando nos acertar e têm uma péssima pontaria, ou apenas queriam nos assustar? Se tentaram atirar em nós e acertaram na placa, então podemos tentar sair correndo. Mas se foi apenas uma advertência…

— Acredito mais na segunda possibilidade. Seria muita coincidência um tiro perdido acertar a placa.

— Tem razão — disse Theremon. Ele fez uma careta. Acho que vou mostrar a eles que estamos armados. Só para desencorajá-los de mandar alguém contornar as casas e nos atacar pela retaguarda.

Ajustou a pistola para o feixe mais largo e a máxima distância, levantou-a e disparou um único tiro. Uma bola de luz vermelha atravessou o ar e atingiu o chão bem à frente do edifício onde estavam os atacantes. Uma feia mancha negra apareceu no gramado, acompanhada por uma pequena nuvem de fumaça.

— Acha que eles viram? — perguntou Siferra.

— Acho que sim, a menos que estejam tão loucos que são incapazes de prestar atenção nas coisas. Mas tenho impressão de que viram, sim, e não gostaram nem um pouco.

Os rostos estavam de volta à janela.

— Continue abaixada — advertiu Theremon. — Eles têm uma espécie de rifle de caça. Estou vendo o cano.

Houve um novo zumbido, seguido por um estrondo ensurdecedor. A placa caiu no chão, despedaçada.

— Podem ser malucos — observou Siferra -, mas têm uma pontaria e tanto!

— É verdade. Estavam apenas brincando conosco quando deram o primeiro tiro. Rindo de nós. Estão nos avisando que se pusermos o nariz de fora, ficaremos sem ele. Estamos encurralados, e isso os diverte.

— Não podemos sair daqui pela outra extremidade do beco?

— Ali atrás está tudo bloqueado por destroços. E pode haver outros invasores do outro lado.

— Então que vamos fazer?

— Incendiar aquela casa — disse Theremon. – Obrigá-los a sair. E matá-los, se não quiserem se render.

Siferra arregalou os olhos.

— Matá-los?

— Se não nos deixarem outra opção. Quer chegar a Aragando ou passar o resto da vida escondida neste beco?

— Mas não se pode matar as pessoas, mesmo que você… mesmo que elas…

Interrompeu o que estava dizendo. Não sabia exatamente o que estava tentando dizer.

— Mesmo que elas estejam tentando matar você, Siferra? Mesmo que achem divertido atirar em você?

A moça não respondeu. Chegara a pensar que estava começando a compreender como as coisas funcionavam no monstruoso novo mundo que começara a existir depois do eclipse. Agora, porém, percebia que não compreendia nada, absolutamente nada.

Theremon tinha chegado mais um pouco para a frente. Estava fazendo pontaria com a pistola.

A bola incandescente atingiu a fachada branca da casa. Na mesma hora, a madeira começou a ficar preta. Pequenas chamas apareceram. Ele desenhou uma linha de fogo na frente da casa, parou por um momento, atirou de novo, traçando uma nova linha sobre a primeira.

— Passe a sua pistola para cá — disse para Siferra. A minha está ficando superaquecida.

A moça entregou-lhe a arma. Theremon ajustou-a e disparou pela terceira vez. Uma boa parte da frente da casa já estava em chamas. O feixe já começava a penetrar no interior dos aposentos.

Não fazia muito tempo, pensou Siferra, aquela casa branca de madeira tinha pertencido a alguém. Pessoas moravam ali, uma família, orgulhosa de sua casa, do seu bairro… cuidando do gramado, regando as plantas, brincando com os cachorros, recebendo os amigos para jantar, bebendo drinques na varanda enquanto viam os sóis se porem.

Agora, nada disso significava mais nada. Agora Theremon estava

deitado de bruços em um beco cheio de detritos, incendiando, de forma eficiente e sistemática, uma casa branca de madeira. Porque era a única maneira de poder sair dali e continuar a viagem para o Parque de Aragando.

Um mundo de pesadelo, sim.

Uma grossa coluna de fumaça estava saindo da casa. Todo o lado esquerdo da fachada estava em chamas.

E os ocupantes estavam pulando da janela do segundo andar.

Três, quatro, cinco deles, tossindo, lutando para respirar. Duas mulheres e três homens. Caíram no jardim e ficaram parados por um momento, como se estivessem tontos.

As roupas estavam em farrapos, os cabelos desgrenhados. Malucos. Tinham sido alguma coisa diferente, antes do Cair da Noite, mas agora eram parte daquela grande horda de infelizes, cujas mentes tinham sido perturbadas, talvez para sempre, pela súbita rajada de luz fria que as Estrelas haviam submetido seus sentidos despreparados.

— Levantem-se! — gritou Theremon. — Mãos para cima! Já! Vamos, levantem as mãos!

Levantou-se, com uma pistola em cada mão, e atravessou a rua. Siferra acompanhou-o. A casa agora estava envolvida pela fumaça, e dentro daquele manto negro grandes labaredas lambiam todos os lados da estrutura, como se fossem flâmulas escarlates. Será que ainda havia pessoas lá dentro? Que importava?

— Façam fila! — ordenou Theremon. — Isso mesmo! Virados para a esquerda! — Eles ficaram em posição de sentido. Um dos homens parecia um pouco relutante, e Theremon atirou por cima da sua cabeça para apressá-lo. — Agora comecem a correr. Pelo meio da rua! Mais depressa! Mais depressa!

Um dos lados da casa desabou, com um grande estrondo, deixando à vista os quartos, os armários, a mobília, como uma grande casa de bonecas. Estava tudo em chamas.

Os invasores já tinham chegado à esquina. Theremon continuou a gritar e a ameaçá-los, atirando de vez em quando. Depois, voltou-se para Siferra.

— Tudo bem. Vamos dar o fora daqui!

Colocaram as pistolas nos coldres e saíram correndo na direção oposta, à procura da Grande Estrada do Sul.

— E se eles tivessem saído atirando? — perguntou Siferra mais tarde, quando já podiam ver à distância o começo da estrada. — Teria coragem de matá-los, Theremon?

O jornalista olhou para ela, muito sério.

— Se fosse a única maneira de sairmos daquele beco? Acho que já respondi a esta pergunta. Claro que teria coragem. Que mais poderia fazer?

— Nada, suponho — observou Siferra, com um fio de voz.

A imagem da casa em chamas ainda estava bem viva na sua memória. E a visão daquelas pessoas esfarrapadas, correndo pela rua. Eles haviam atirado primeiro, disse para si mesma. A culpa era deles. Era impossível dizer de que seriam capazes, se Theremon não tivesse tido a ideia de incendiar a casa… casa… a casa de alguém… casa de ninguém, corrigiu.

— Ali está — disse Theremon. — A Grande Estrada do Sul. Daqui até Aragando, são cinco horas de carro. Poderíamos chegar lá na hora do jantar.

— Se tivéssemos um carro — disse Siferra.

— Se tivéssemos um carro.

39

Mesmo depois de tudo que havia visto no caminho, o estado da Grande Estrada do Sul pegou Theremon de surpresa. Era como se o pior pesadelo de um engenheiro de estradas se transformasse em realidade.

Enquanto estavam atravessando os subúrbios ao sul da cidade, Theremon e Siferra haviam encontrado muitos veículos abandonados nas ruas. Era evidente que muitos motoristas, tomados pelo pânico no momento do eclipse, haviam saltado dos carros e fugido a pé, na esperança de encontrar algum lugar para se esconderem do brilho aterrorizante das Estrelas.

Entretanto, os carros abandonados nas ruas dos bairros residenciais pelos quais ele e Siferra haviam passado estavam espalhados de forma mais ou menos esparsa, aqui e ali, com grandes espaços vazios entre eles. Naqueles bairros, o tráfego na hora do eclipse, depois do final do expediente, deve ter sido relativamente leve.

A Grande Estrada do Sul, porém, que àquela hora ainda estava com o tráfego pesado dos motoristas que voltavam para casa do trabalho, deve ter se transformado instantaneamente em um hospício no momento em que a catástrofe se abateu sobre o planeta.

— Olhe para isso! — sussurrou Theremon, horrorizado. — Olhe para isso, Siferra!

A arqueóloga sacudiu a cabeça.

— É incrível. Incrível!

Havia carros em toda parte, nas mais estranhas posições, alguns empilhados por cima dos outros. A estrada de várias pistas estava quase totalmente bloqueada pelos veículos, que formavam uma parede de destroços. Estavam voltados em todas as direções. Alguns estavam de rodas para cima. Muitos não passavam de esqueletos calcinados.

Poças de gasolina derramada brilhavam como lagos cristalinos. Trilhas de cacos de vidro faziam o piso cintilar. Carros mortos. Motoristas mortos.

Era a pior cena que os dois já haviam visto. Um enorme exército de cadáveres se estendia diante deles. Havia corpos ao volante dos carros, corpos imprensados entre os veículos que haviam colidido, corpos debaixo das rodas dos carros. E centenas de corpos simplesmente espalhados como bonecas velhas ao longo do acostamento da estrada, os membros congelados nas posições grotescas da morte.

— Provavelmente alguns motoristas pararam logo que as Estrelas apareceram — disse Siferra. — Outros, porém, aceleraram, tentando

chegar em casa, e se chocaram com os que haviam parado. Outros, ainda, ficaram tão assustados que não conseguiram mais controlar os seus carros. Olhe, um deles saiu da estrada bem ali, e aquele deve ter dado meia-volta e tentado voltar pela contramão…

Theremon estremeceu.

— Um engavetamento colossal. Carros chegando de todos os lados ao mesmo tempo. Girando sobre si mesmos, capotando, passando para a outra pista. As pessoas saltando, correndo sem destino, sendo atropeladas por outros carros que ainda não haviam parado. Todos perdendo a razão de mil maneiras diferentes.

O jornalista começou a rir com amargura.

— Como você tem coragem de achar graça de uma coisa dessas?

— Estou rindo da minha inocência — explicou Theremon. — Sabe, Siferra, há uma hora, quando estávamos nos aproximando da estrada, pensei que, com um pouco de sorte, poderíamos encontrar um carro abandonado com um pouco de combustível no tanque e simplesmente dirigir até Aragando. Seria muito conveniente, não acha? Só que não parei para pensar que a estrada estaria totalmente bloqueada, que mesmo que tivéssemos a sorte de achar um carro em bom estado, não conseguiríamos andar nem cem metros com ele…

— No estado em que está a estrada, até a pé vai ser difícil.

— É verdade. Mas não existe outro caminho. Sombrios, começaram a longa jornada para o sul. Iluminados pela luz quentes de Onos, caminharam pelo acostamento da rodovia, desviando-se dos carros amassados, tentando ignorar os corpos calcinados e mutilados, as poças de sangue seco, o cheiro de morte, o horror daquilo tudo.

Theremon percebeu que estava ficando rapidamente insensível a tudo aquilo. Talvez fosse esta a maior tragédia de todas. Depois de algum tempo, simplesmente deixou de notar o sangue coagulado, os olhos arregalados dos cadáveres, a imensidão do desastre que havia ocorrido ali.

O trabalho de escalar as pilhas de metal retorcido e se esgueirar por entre os veículos acidentados era tão difícil que exigia toda a sua concentração, e logo ele deixou de prestar atenção às vítimas da tragédia. Já sabia que era inútil procurar sobreviventes. Qualquer um que tivesse passado tanto tempo preso nos escombros com certeza já teria morrido de sede e de fome.

Siferra também parecia ter se adaptado rapidamente ao pesadelo que era a Grande Estrada do Sul. Praticamente em silêncio, procurava o melhor caminho por entre os obstáculos, ora se detendo para apontar uma passagem no meio dos destroços, ora se agachando para passar por baixo de uma massa de metais retorcidos.

Havia muito poucas pessoas usando a estrada. Uma vez ou outra, viam outros viajantes rumando para o sul ou cruzavam com pedestres

que se dirigiam para a cidade de Saro. Em todos os casos, os caminhantes tratavam de se esconder no meio dos destroços ou saíam correndo até desaparecerem. De que tinham medo?, pensou Theremon.

De serem atacados por nós. Agora é todo mundo contra todo mundo…

Uma vez, cerca de uma hora depois que começaram a caminhar, viram um homem imundo indo de carro em carro, parando para remexer nos bolsos dos mortos. Levava um grande saco nas costas, tão pesado que o fazia cambalear. Theremon praguejou e sacou a pistola.

— Olhe para esse sujeito! Olhe para ele!

— Não, Theremon!

Siferra empurrou o braço do repórter no momento em que este puxou o gatilho. O tiro acertou em um carro próximo ao saqueador, fazendo-o brilhar por um momento com a energia refletida.

— Por que fez isso? — perguntou Theremon. — Eu só estava querendo assustá-lo.

— Pensei… que você…

Theremon sacudiu a cabeça.

— Não. Ainda não. Veja… veja como ele corre!

O ruído do tiro fizera o saqueador se voltar, olhando espantado para Theremon e Siferra. Seus olhos estavam esgazeados, um filete de saliva escorria do canto dos seus lábios. De repente, largou o saco no chão e saiu correndo por cima dos carros, até desaparecer na distância.

Seguiram caminho.

A marcha era lenta e penosa. As placas indicadoras pareciam zombar do seu progresso, revelando que haviam coberto uma distância ridiculamente pequena desde o início da jornada. Quando Onos se pôs, tinham andado apenas dois quilômetros e meio.

— Desse jeito — disse Theremon, desanimado — vamos levar mais de um ano para chegar a Aragando.

— Depois de pegarmos o jeito, vamos andar mais depressa — observou Siferra, sem muita convicção.

Se ao menos pudessem usar uma rua paralela à estrada, em vez de andarem pelo acostamento, tudo seria bem mais fácil. Entretanto, isso era impossível. Boa parte da Grande Estrada do Sul era um elevado que passava por cima de florestas, pântanos e uma ou outra zona industrial. Havia também pontes sobre minas abandonadas, rios e lagos. Assim, em grande parte da distância, seriam forçados a usar a própria estrada, apesar dos obstáculos infinitos.

Permaneciam no acostamento sempre que possível, já que a concentração de veículos acidentados era menor do que no meio da estrada. Olhando para as cidades por onde passavam, podiam ver os

sinais do desastre contínuo.

Casas incendiadas. Fogos ainda acesos depois de tanto tempo, estendendo-se até o horizonte. Pequenos bandos de refugiados, movendo-se rapidamente pelas ruas cobertas de escombros, em uma migração inútil, desesperada. Às vezes, um grupo maior, de mil pessoas ou mais, acampado em algum lugar aberto, as pessoas encolhidas, paralisadas, apáticas.

Siferra apontou para uma igreja incendiada no alto de uma colina, à beira da estrada. Um pequeno grupo de maltrapilhos estava trabalhando nas paredes, removendo os blocos de pedra com pés de cabra e espalhando-os no pátio da igreja.

— Parece que estão demolindo a igreja — observou. Para que fariam isso?

— Estão fazendo isso porque odeiam os deuses — explicou Theremon. — Eles acham que os deuses são responsáveis por tudo o que aconteceu. Conhece o Panteão, a grande Catedral de Todos os Deuses, na beira da floresta, com os famosos murais Thamilandi? Estive lá alguns dias depois do eclipse. Tinha sido incendiada. Reduzida a escombros. Ainda havia um padre no meio dos tijolos. Agora percebo que o incêndio não foi nenhum acidente. O incêndio foi proposital. E o padre… o padre foi morto por um louco diante dos meus olhos. Pensei que ele estivesse querendo roubar a roupa do padre. Talvez não tenha sido essa a verdadeira razão. Talvez a verdadeira razão tenha sido o ódio.

— Mas os padres não tiveram culpa…

— Já se esqueceu dos Apóstolos? Mondior, afirmando durante meses a fio que o que estava para acontecer era uma vingança dos deuses? Os sacerdotes são a voz dos deuses, não é verdade, Siferra? E se trilhamos o caminho do mal, a ponto de sermos punidos, os próprios padres devem ser os responsáveis pela chegada das Estrelas. Pelo menos, é o que as pessoas devem pensar.

— Os Apóstolos! — exclamou Siferra, com ar contrariado. — Gostaria de poder esquecê-los. Que acha que estão fazendo no momento?

— Devem ter escapado dos efeitos da Escuridão em sua torre.

— É verdade. Estavam preparados para tudo. Que foi que Altinoi disse? Que já estavam organizando um governo provisório ao norte da cidade de Saro?

Theremon olhou para a igreja na colina e disse, em tom desanimado:

— Posso imaginar que tipo de governo vai ser. Virtude por decreto. Mondior anunciando um novo mandamento por dia, Todas as formas de prazer proibidas por lei. Os pecadores executados em público. — Cuspiu no chão. — Pela Escuridão! Pensar que tive

Folimun em minhas mãos aquela noite e o deixei escapar, quando podia esganá-lo com toda a facilidade…

— Theremon!

— Eu sei. De que adiantaria? Um Apóstolo a mais ou a menos? Melhor deixá-lo viver. Melhor deixá-los organizar um governo, e dizer aos infelizes que moram ao norte da cidade de Saro o que devem fazer e o que devem pensar. Que é que nós temos com isso? Estamos indo para o sul, não estamos? O que os Apóstolos fizerem não nos afetará. Eles vão ser apenas um entre cinquenta governos rivais, quando as coisas se acalmarem. Um entre cinco mil, talvez. Cada distrito terá o seu ditador, o seu imperador. — A voz de Theremon assumiu um tom sombrio. — Oh, Siferra, Siferra…

A arqueóloga segurou-lhe a mão. Em tom suave, perguntou:

— Está se culpando de novo, não está?

— Como é que você sabe?

— Sua expressão não deixa margem a dúvidas. Theremon, convença-se de que não tem culpa de nada! Isto teria acontecido mesmo que você não escrevesse nada no jornal. Um homem sozinho não poderia mudar o que aconteceu. Era o destino do nosso mundo, algo que não podia ser evitado, algo que…

— Destino? — repetiu o repórter. — Que palavra estranha para você usar! A vingança dos deuses, é isso que quer dizer?

— Não falei em deuses. Quis dizer apenas que Kalgash Dois estava destinado a aparecer, não por causa dos deuses, mas das leis da astronomia, e que o eclipse estava destinado a acontecer, e o Cair da Noite, e as Estrelas…

— Acho que tem razão — disse Theremon, com indiferença.

Continuaram a caminhar, passando por um trecho da estrada onde havia poucos carros abandonados. Onos já havia se posto e os sóis da noite, Sitha, Tano e Dovim, estavam no céu. Um vento gelado soprava do oeste. Theremon estava começando a ficar com fome. Tinham passado o dia inteiro sem comer. Resolveram acampar entre dois carros e abrir um dos pacotes de comida que tinham trazido do Abrigo.

Entretanto, embora estivesse com fome, Theremon descobriu que não tinha apetite e teve que se forçar a engolir a comida. Os rostos rígidos dos mortos o encaravam dos carros próximos. Enquanto estava em movimento, conseguira ignorá-los, agora, porém, sentado ali, no que havia sido a melhor rodovia da província de Saro, não podia tirá-los da cabeça. Havia momentos em que tinha a impressão de que os havia assassinado pessoalmente.

Fizeram uma cama com assentos de automóveis acidentados e dormiram juntos, um sono leve, entrecortado, que não teria sido muito pior se tentassem dormir no piso duro de concreto da estrada.

Durante a noite, ouviram gritos, risos, o som distante de vozes cantando. Theremon acordou uma vez e olhou por cima da cerca da rodovia elevada. Havia várias fogueiras espalhadas no campo, a uns vinte minutos de marcha na direção leste. Será que ninguém mais dormia dentro de casa? O impacto das Estrelas tinha sido tão universal, pensou, que a população só se sentia segura ao ar livre, à luz familiar dos sóis eternos?

De madrugada, finalmente conseguiu cochilar. Mal conciliara o sono, porém, quando Onos nasceu, a luz dourada do sol arrancando-o dos seus pesadelos. Siferra já estava acordada. Seu rosto estava pálido, os olhos vermelhos e inchados.

Theremon forçou-se a sorrir.

— Você está linda — disse para a moça.

— Oh, isto não é nada. Precisava me ver quando passei duas semanas sem tomar banho.

— O que eu queria dizer era…

— Sei o que você queria dizer. Obrigada.

Naquele dia, conseguiram progredir seis quilômetros e meio, com muito esforço.

— Precisamos de água — disse Siferra, quando o vento da tarde começou a soprar. — Vamos pegar a próxima rampa de saída e procurar uma fonte.

— Acho que não temos escolha — disse o repórter. Theremon não gostava da ideia de deixar a estrada. Desde o começo da viagem, a rodovia tinha sido quase que exclusivamente deles, àquela altura, começava a se sentir quase em casa, no meio dos veículos despedaçados. Lá em baixo, nos campos, onde os bandos de refugiados estavam vagando (É estranho, pensou, eu chamá-los de refugiados, como se eu mesmo estivesse em viagem de férias), poderiam se envolver em todo o tipo de problemas.

Mas Siferra estava certa. Precisavam de água. O suprimento que levavam estava quase se esgotando. E, talvez, passar algum tempo longe dos carros e dos cadáveres, antes de retomar a marcha para Aragando, fizesse bem a eles.

Apontou para uma placa bem à frente:

— Há uma saída a um quilômetro e meio daqui.

— Chegaremos lá em mais ou menos uma hora.

— Menos — disse Theremon. — A estrada está menos congestionada neste trecho. Vamos sair da estrada, fazer o que temos de fazer o mais depressa que pudermos e voltar para dormir aqui em cima. É mais seguro descansar no meio dos carros do que em campo aberto.

Siferra concordou. Naquele pedaço relativamente vazio da rodovia, a marcha foi bem mais rápida do que haviam previsto. Em

um piscar de olhos, estavam diante de outra placa, segundo a qual faltavam apenas quinhentos metros para a saída.

De repente, porém, tudo mudou. Descobriram que naquele ponto a estrada estava bloqueada por um engavetamento de proporções tão grandes, que Theremon receou por um momento que não pudessem passar.

Devia ter havido uma série monstruosa de choques neste ponto da estrada, uma coisa assustadora mesmo diante de tudo que ele e Siferra já haviam visto. Dois grandes caminhões pareciam estar no centro de tudo, com as cabines esmagadas uma contra a outra, como duas feras em combate; e parecia que dezenas de carros de passeio tinham se chocado com eles, virando de lado, capotando, formando uma gigantesca barreira que ocupava toda a largura da estrada e mais os acostamentos. Portas e para-choques retorcidos, afiados como navalhas, se projetavam dos destroços, e o vidro quebrado retinia sinistramente quando era agitado pelo vento.

— Ali — disse Theremon. — Acho que estou vendo uma passagem. Por dentro desta abertura, depois por cima do caminhão da esquerda… não, não, não vai dar certo, teremos que passar por baixo do…

Siferra aproximou-se. O repórter mostrou-lhe a causa do problema, um aglomerado de carros batidos que estava à espera deles do outro lado, e ela fez que sim com a cabeça. Tiveram que passar por baixo dos veículos acidentados, rastejando por entre os cacos de vidro e as poças de gasolina. Pararam uma vez para descansar, a meio caminho. Afinal, chegaram ao final do engavetamento. Theremon foi o primeiro a emergir.

— Deuses! — murmurou, olhando, surpreso, para a cena diante dos seus olhos. — Que é isso?

Do outro lado da pilha de destroços, a estrada estava desimpedida por uns vinte metros. Depois desse espaço vazio, havia um segundo obstáculo, que atravessava a estrada de lado a lado. Ao contrário do primeiro, porém, este bloqueio era proposital: uma barricada de portas e rodas de automóveis, empilhadas até uma altura de três ou quatro metros.

Ã frente da barricada, Theremon viu umas trinta pessoas, que haviam acampado na rodovia. Tinha estado tão preocupado em atravessar o primeiro bloqueio que não ouvira os ruídos do outro lado. Siferra apareceu atrás dele. O repórter ouviu sua exclamação de surpresa e medo.

— Fique com a mão na pistola — disse Theremon, em voz baixa. — Mas mantenha-a no coldre e nem pense em usá-la. Eles são muitos.

Alguns dos estranhos estavam passeando na estrada, perto de

onde eles estavam. Eram seis ou sete homens musculosos. Theremon esperou, imóvel, que se aproximassem.

Sabia que não havia como evitar o confronto, nenhuma esperança de escapar através do perigoso labirinto que acabavam de transpor. Ele e Siferra estavam presos naquela clareira entre os dois bloqueios. Tudo que podiam fazer era esperar para ver o que acontecia e torcer para que aquelas pessoas não tivessem perdido o juízo.

Um homem alto, de ombros caídos e olhos gelados, se aproximou sem pressa de Theremon. Quando os dois estavam a quase um palmo de distância, disse:

— Muito bem, amigo, Este é um posto de Busca. — Ele disse a palavra Busca de um jeito todo especial.

— Posto de busca? — repetiu Theremon. — Que é que vocês estão procurando?

— Não se meta a engraçadinho ou será pior. Sabe muito bem o que estamos procurando. Não crie problemas para você. Chamou os outros com um gesto. Eles se aproximaram e começaram a apalpar as roupas de Theremon e Siferra. Theremon empurrou, irritado, as mãos que o revistavam.

— Deixe-nos passar! — disse tenso.

— Ninguém passa por aqui sem ser revistado.

— Por ordem de quem?

— Por minha ordem. Vai ficar quieto por bem, ou vamos ter que obrigá-lo?

— Theremon… — sussurrou Siferra, preocupada.

Ele não lhe deu ouvidos. Sentiu o sangue subir à cabeça. A razão lhe dizia que era tolice tentar resistir, que eles eram muitos, que o homem falava sério quando dizia que seria pior se ele não se submetesse à busca. Essas pessoas não pareciam exatamente bandidos. Havia alguma coisa de oficial nas palavras do homem alto, como se ali fosse uma espécie de fronteira, um posto de alfândega, talvez. O que procuravam? Comida? Armas? Será que aqueles homens tomariam as pistolas que estavam carregando? Melhor entregar a eles tudo que levavam, disse Theremon para si mesmo, do que serem mortos em uma tentativa heroica e inútil de defender o seu direito de passagem.

Mesmo assim… ser humilhado daquela forma… ser forçado a se submeter a uma revista, em uma rodovia pública… E não podiam abrir mão das pistolas nem dos mantimentos. Ainda estavam a centenas de quílômetros de Aragando.

— Estou lhe avisando — começou o homem alto.

— E eu estou lhe avisando, tire as mãos de mim. Sou um cidadão da República Federal de Saro e esta é ainda uma estrada livremente aberta a todos os cidadãos. Você não tem autoridade sobre mim.

— Ele fala como um professor — observou um dos outros

homens, rindo. — Acha que tem direitos.

O homem alto deu de ombros.

— Já temos o nosso professor. Não precisamos de outro. Chega de conversa. Agarrem-nos e façam a Busca. Da cabeça aos pés.

— Fique longe de mim…

Uma mão agarrou Theremon pelo braço. Ele cerrou o punho e golpeou alguém nas costelas. Aquela cena já lhe parecia familiar. Outra briga, outra surra, na certa. Mesmo assim, estava decidido a resistir. Alguém o acertou no rosto, outro homem segurou-o pelo cotovelo e ouviu Siferra gritar de raiva e de medo. Tentou desvencilhar-se, acertou alguém, foi acertado de novo, esquivou-se, levou um soco no rosto…

— Hei, esperem! — gritou uma nova voz. — Calma! Butella, largue esse homem! Fridnor! Talpin! Parem!

Era uma voz familiar. A quem pertenceria?

Os homens recuaram. Theremon, um pouco tonto, lutou para manter o equilíbrio enquanto se voltava para o recém chegado.

Era um homem magro, rijo, com uma expressão inteligente, que estava rindo para ele, os olhos penetrantes se destacando em um rosto sujo de fuligem…

Alguém que ele conhecia, sim.

— Beenay!

— Theremon! Siferra!

40

Na mesma hora, tudo mudou. Beenay levou Theremon e Siferra para um pequeno abrigo surpreendentemente acolhedor que ficava do outro lado do bloqueio: almofadas, cortinas, uma pilha de latas que pareciam conter alimentos. Uma mulher jovem estava deitada ali, com a perna esquerda envolta em bandagens. Parecia fraca e febril, mas sorriu debilmente quando os outros entraram.

— Você se lembra de Raissta 717, não se lembra, Theremon? Raissta, esta é Siferra 89, do departamento de arqueologia. Eu lhe falei sobre ela. Foi quem descobriu que aquela cidade tinha sido incendiada várias vezes. Raissta é minha companheira oficial — disse para Siferra.

Theremon se encontrara com Raissta algumas vezes nos últimos anos, por causa de sua amizade com Beenay. Mas isso havia acontecido em outra era, em um mundo que estava morto e enterrado. Mas podia reconhecê-la. Lembrava-se da moça como uma jovem bonita, bem vestida, que parecia sempre arrumada, sempre de bom humor. Mas agora… agora! Aquela mulher pálida, macilenta, desgrenhada… parecia uma sombra da Raissta que conhecera!

Fazia mesmo apenas algumas semanas que ocorrera o eclipse? De repente, parecia que anos tinham se passado. Anos, não, milênios… eras geológicas…

— Tenho uma garrafa de conhaque, Theremon — disse Beenay.

Theremon arregalou os olhos.

— Está falando sério? Sabe quanto tempo faz que eu não bebo? Que ironia, Beenay. Você, o abstêmio que eu tive que convencer a tomar o primeiro gole de Tano Especial… você é o dono da última garrafa de conhaque deste planeta!

— Siferra? — perguntou Beenay.

— Por favor. Só um pouquinho.

— Só tenho um pouquinho — disse Beenay, servindo três doses minúsculas de conhaque.

Quando a bebida começou a esquentá-lo, Theremon perguntou:

— Beenay, que está acontecendo por aqui? Que história é essa de Busca?

— Você não ouviu falar da Busca?

— Eu, não.

— Onde vocês dois estiveram desde o eclipse?

— A maior parte do tempo, na floresta. Siferra ajudou-me depois que alguns vagabundos me deram uma surra e me levou para o Abrigo da universidade, onde me recuperei dos ferimentos. Depois, nós dois pegamos esta estrada, na esperança de chegarmos a Aragando.

— Então você sabe a respeito de Aragando?

— Sei, e graças a você — disse Theremon. – Encontrei-me com Sheerin na floresta. Ele esteve no Abrigo logo depois que vocês partiram e encontrou o bilhete em que você falava de Aragando. Ele me contou e contei para Siferra. Resolvemos ir juntos para lá.

— E Sheerin? — quis saber Beenay. — Onde está?

— Não está conosco. Nós nos separamos faz alguns dias. Ele partiu na direção de Aragando, e eu fiquei em Saro para procurar Siferra. Não sei o que foi feito dele. Será que eu podia tomar mais um gole de conhaque, Beenay? Se não for fazer falta. Você estava começando a me contar a respeito da Busca.

Beenay serviu outra dose para Theremon. Olhou para Siferra, que fez que não com a cabeça.

— Se Sheerin estava viajando sozinho, deve ter enfrentado sérios problemas — disse, em tom preocupado. — Tenho certeza de que não passou por aqui desde que cheguei, e a Grande Estrada do Sul é a única ligação entre a cidade de Saro e o parque de Aragando. Vamos ter que mandar um grupo de salvamento à procura dele. Quanto à Busca, é uma das coisas novas que as pessoas fazem. Este é um posto oficial de Busca. Existe um posto na divisa de cada província que a Grande Estrada do Sul atravessa.

— Estamos a apenas alguns quilômetros de cidade de Saro — protestou Theremon. — Esta ainda é a província de Saro, Beenay.

— Não é mais. Todos os velhos governos provinciais desapareceram. O que resta da cidade de Saro foi dividido em várias partes. Ouvi dizer que os Apóstolos do Fogo ficaram com a parte norte, e a região da floresta e da universidade está sendo controlada por um homem chamado Altinol, que comanda um grupo paramilitar chamado Corpo de Bombeiros. Talvez vocês tenham cruzado com eles.

— Trabalhei para o Corpo de Bombeiros por alguns dias — disse Siferra. — Este lenço verde que estou usando é a marca registrada deles.

— Então você sabe o que aconteceu — disse Beenay. — O velho sistema se fragmentou. Estão surgindo pequenos governos em toda parte. Vocês estão na divisa da província da Restauração. Ela se estende por mais dez quilômetros ao longo da rodovia. Quando chegarem à próxima estação de Busca, estarão entrando na província dos Seis Sóis. Depois vem a Terra dos Deuses, depois a Luz do Dia, e depois… esqueci. As coisas estão mudando muito depressa…

— E a Busca? — quis saber Theremon.

— É a nova paranoia. Todos têm medo dos incendiários. Sabe o que são. Malucos que acharam o que aconteceu no dia do eclipse muito divertido. Saem por aí pondo fogo nas coisas. Parece que um terço da cidade de Saro foi destruído na noite do eclipse por pessoas

assustadas que tentaram afugentar as Estrelas com fogo, mas outro terço foi destruído mais tarde, muito depois de as Estrelas terem ido embora. Assim, as pessoas que conservaram a sanidade mental… eu e meus companheiros estamos entre elas… revistam todo mundo em busca de qualquer coisa capaz de provocar incêndios. É proibido carregar fósforos, isqueiros, pistolas de raios ou qualquer outro…

— A mesma coisa está acontecendo na cidade — interrompeu Siferra. — E assim que funciona o Corpo de Bombeiros. Altinol e seus capangas se consideram as únicas pessoas em Saro autorizadas a usar o fogo.

— E eu fui atacado na floresta só porque estava tentando cozinhar um pedaço de carne — disse Theremon. — Teria sido espancado até a morte se Siferra não tivesse aparecido no último momento para me salvar. Foi mais ou menos o que você fez hoje comigo.

— Não sei quem atacou você na floresta — disse Beenay — mas a Busca tem o mesmo objetivo. Está acontecendo em toda parte, todo mundo revistando todo mundo. A suspeita é universal, ninguém escapa. É como uma febre… uma febre de medo. Apenas pequenas elites, como o Corpo de Bombeiros de Altinol, podem transportar equipamentos proibidos. Nas barreiras, todos são obrigados a entregar esses equipamentos às autoridades locais. É melhor você deixar estas pistolas comigo, Theremon. Nunca chegará a Aragando com elas.

— Nunca chegarei sem elas — disse Theremon.

Beenay deu de ombros.

— Talvez sim, talvez não. Mas se continuar a viagem, logo ficará sem elas. Da próxima vez que chegar a um posto de Busca, não estarei lá para ajudá-lo.

Theremon pensou um pouco.

— Como foi que os convenceu a me deixarem em paz? Você é o chefe das buscas?

— O chefe das buscas? Não, não… — disse Beenay, rindo. — Mas eles me respeitam. Sou o professor oficial deles. Existem lugares em que os professores universitários são odiados, sabia? Os malucos costumam caçá-los como bichos, porque acham que foram os responsáveis pelo eclipse e estão preparando outro. Mas aqui, não. Sou considerado útil por causa da minha inteligência. Sei escrever mensagens diplomáticas para as províncias próximas, consigo consertar alguns equipamentos e fazê-los funcionar de novo, posso até explicar por que a Escuridão não vai voltar e ninguém terá que ver as Estrelas durante os próximos dois mil anos. Eles acham essa ideia muito reconfortante. De modo que me juntei a eles. Eles nos dão comida e cuidam de Raissta, e eu penso para eles. É uma bela relação simbiótica.

— Sheerin contou-me que você pretendia ir para Aragando —

disse Theremon.

— Pretendia — disse Beenay. — Aragando é o lugar onde pessoas como você e eu devíamos estar. Acontece que Raissta e eu encontramos alguns problemas no caminho. Não disse a você que alguns malucos estão tentando matar todos os professores universitários? Quase fomos apanhados quando estávamos passando pelos subúrbios ao sul da cidade. Todos os bairros daquela região estão ocupados por invasores.

— Encontramos alguns deles — disse Theremon.

— Então vocês sabem. Fomos cercados por um bando deles. Pela nossa maneira de falar, viram logo que éramos pessoas instruídas. Além disso, alguém me reconheceu. Por causa de um retrato no jornal, Theremon, em uma de suas colunas, quando você me entrevistou sobre o eclipse, lembra-se? E ele disse que eu era do Observatório, que eu era o homem que tinha feito as Estrelas aparecerem. — Beenay ficou pensativo por um momento. — Mais dois minutos e nos enforcariam no poste mais próximo, penso eu. Foi então que houve uma interrupção providencial. Outro bando apareceu. Disputando o território com eles, suponho. Começaram a jogar garrafas, a gritar, a ameaçá-los com facas de cozinha. Na confusão, eu e Raissta conseguimos escapar. Eles são como crianças, não conseguem se concentrar por muito tempo na mesma coisa. Quando atravessávamos um beco estreito entre dois edifícios incendiados, Raissta cortou a perna em um caco de vidro. Quando chegamos neste ponto da estrada, o ferimento estava tão infeccionado que ela não podia mais andar.

— Entendo.

Por isso a moça estava tão abatida, pensou Theremon.

— Felizmente para nós, os guardas da divisa da província da Restauração estavam precisando de um professor. Eles nos acolheram. Estamos aqui há uma semana e pouco. Calculo que Raissta esteja em condições de seguir viagem daqui a mais uma semana, se tudo correr bem. Vou pedir ao chefe da província para nos dar um passaporte que nos permita atravessar sem problemas o território das províncias mais próximas, pelo menos, e partiremos em direção a Aragando. Vocês podem ficar aqui conosco até lá, e, se quiserem, iremos todos juntos para o sul. Certamente estaremos mais seguros desta forma. Quer falar comigo, Butella?

O homem alto que tentara revistar Theremon na clareira tinha enfiado a cabeça por entre as cortinas do pequeno abrigo de Beenay.

— Acaba de chegar um mensageiro, professor. Trouxe notícias da cidade, através da província Imperial. Só que não conseguimos entender quase nada.

— Deixe-me ver — disse Beenay, tirando a folha de papel das mãos do homem. Disse para Theremon: — Agora as comunicações são

feitas através de mensageiros. A província Imperial fica ao norte e a leste da estrada e chega até perto da cidade de Saro. A maioria destes meus companheiros não sabem ler muito bem. Pode ser que a exposição às Estrelas tenha prejudicado seus centros de leitura, ou coisa parecida.

Beenay parou de falar enquanto lia a mensagem. Fez uma careta, franziu a testa, murmurou alguma coisa a respeito da caligrafia e da ortografia pós-eclipse. De repente, seu rosto assumiu uma expressão preocupada.

— Meu Deus! — exclamou. — Aqueles miseráveis… Sua mão tremia. Olhou para Theremon, com um brilho estranho nos olhos.

— Beenay! Que foi?

— Os Apóstolos do Fogo estão vindo para cá — explicou Beenay, em tom sombrio. — Eles formaram um exército e vão marchar até Aragando, liquidando todos os novos governos provinciais que se formaram ao longo da rodovia. E quando chegarem a Aragando, vão esmagar qualquer governo provisório que tenha sido formado lá e se proclamar ditadores de toda a República.

Theremon sentiu os dedos de Siferra apertarem o seu braço. Olhou para a moça e viu o horror estampado no seu rosto. Ele próprio devia estar com uma expressão parecida.

— Estão vindo para cá — repetiu, devagar. — Um exército de Apóstolos.

— Theremon, Siferra… vocês têm que sair daqui — disse Beenay. — Imediatamente. Se ainda estiverem aqui quando os Apóstolos chegarem, tudo estará perdido.

— Está sugerindo que a gente vá para Aragando? — perguntou Theremon.

— Isso mesmo. Sem perder um minuto. Toda a comunidade universitária que estava no Abrigo foi para lá, juntamente com intelectuais de toda a República. Você e Siferra têm que dizer a eles para se dispersarem, e depressa. Se ainda estiverem em Aragando quando os Apóstolos chegarem lá, Mondior poderá capturar a nata da nossa nova sociedade, de um golpe só. É possível até que mande executar todos eles. Vou preparar logo os passaportes de vocês. Mas quando estiverem fora de nossa jurisdição, terão que se submeter à Busca e deixar que eles tomem o que quiserem de vocês. O importante agora é concluírem a viagem. Não se deixem distrair por questões secundárias. Nossos amigos em Aragando têm que ser avisados, Theremon!

— E quanto a você? Vai ficar aqui mesmo?

Beenay parecia surpreso.

— Que mais posso fazer?

— Mas… quando os Apóstolos chegarem…

— Quando os Apóstolos chegarem, vão fazer o que quiserem comigo. Está sugerindo que eu abandone Raissta e fuja para Aragando com vocês?

— Não…

— Então não tenho escolha. Certo? Certo? Vou ficar aqui, com Raissta.

A cabeça de Theremon começou a latejar. Colocou as mãos na frente dos olhos.

— Não há outro jeito, Theremon — disse Siferra.

— Eu sei. Eu sei. Mesmo assim, não posso imaginar Mondior e seus capangas capturando um homem valoroso como Beenay…. executando-o, talvez…

Beenay sorriu e pousou a mão por um momento no antebraço do repórter.

— Quem sabe? Talvez Mondior decida manter alguns professores em volta dele como animais de estimação. Seja como for, o que vai acontecer comigo não é importante agora. Meu lugar é ao lado de Raissta. O lugar de vocês é na estrada, a caminho de Aragando. Venham comigo. Vou arranjar alguma coisa para vocês comerem e preparar os passaportes. Depois, caiam fora. Espere. Você vai precisar disto, também. Despejou o que restava do conhaque no copo vazio de Theremon. — Para a viagem — disse.

41

Na divisa entre a província da Restauração e a província dos Seis Sóis, não tiveram nenhum problema para passar pela Busca. Um oficial de fronteira, que pela aparência devia ter sido um contador ou um advogado no mundo que não mais existia, deu uma olhada rápida no passaporte, fez que sim com a cabeça quando viu a assinatura "Beenay 25" e mandou-os passar.

Dois dias depois, quando estavam passando da província dos Seis Sóis para a Terra de Deus, não foi tão fácil. Ali, a patrulha de fronteira mais parecia um bando de assassinos. Houve um momento de tensão quando Theremon ficou ali parado, brandindo o passaporte como se fosse uma vara de condão. Afinal, a mágica funcionou, mais ou menos.

— Esta coisa é um salvo-conduto? — perguntou o chefe da patrulha.

— É um passaporte. Estamos isentos da Busca.

— Expedido por quem?

— Beenay 25, administrador da Busca da província da Restauração. Fica duas províncias naquela direção.

— Sei onde fica a província da Restauração. Leia para mim.

— A Quem Possa Interessar. Certifico que os portadores deste documento, Theremon 762 e Siferra 89, são emissários oficiais do Corpo de Bombeiros da cidade de Saro e têm direito a…

— Corpo de Bombeiros? Que é isso?

— O bando de Altinol — murmurou um dos homens.

— Ah — O chefe apontou para as pistolas que Theremon e Siferra levavam ostensivamente na cintura, — Então Altinol quer que vocês transitem por outros países carregando armas que poderiam provocar grandes incêndios?

— Estamos a caminho do Parque Nacional de Aragando, em uma missão urgente — disse Siferra. — Precisamos chegar lá o quanto antes. — Ela apontou para o lenço verde.

— Sabe o que significa isto? Nós fazemos tudo para evitar que as pessoas provoquem novos incêndios. E se não chegarmos a tempo a Aragando, os Apóstolos do Fogo vão aparecer e destruir tudo que vocês estão tentando criar.

As palavras de Siferra não faziam muito sentido, pensou Theremon. O fato de chegarem a Aragando, na extremidade sul do continente, não ajudaria a salvar aquelas pequenas repúblicas dos Apóstolos. Entretanto, Siferra colocara a dose exata de convicção e emoção no seu pequeno discurso, de forma a fazê-lo parecer autêntico, embora confuso.

Houve alguns momentos de silêncio, enquanto o guarda da

fronteira tentava entender o que ela estava querendo dizer. De repente, ele falou, quase em um rompante:

— Está bem! Podem passar! Sumam daqui e não tornem a pôr os pés na província dos Seis Sóis, ou vão se arrepender. Apóstolos! Aragando!

— Muito obrigado — disse Theremon, com uma delicadeza tão próxima do sarcasmo que Siferra o puxou pelo braço antes que o guarda mudasse de ideia.

Naquele trecho da estrada, relativamente desimpedido, o progresso dos dois tomou-se mais rápido. Passaram a cobrir vinte quilômetros por dia, às vezes mais. Os cidadãos das províncias dos Seis Sóis, Terra de Deus e Luz do Dia estavam trabalhando duro, removendo os destroços que bloqueavam a Grande Estrada do Sul desde o dia do eclipse.

Barricadas tinham sido construídas a intervalos regulares (nenhum motorista usaria a Grande Estrada do Sul por um longo tempo, pensou Theremon), mas, entre as barreiras, era possível agora caminhar em ritmo normal, sem necessidade de se desviar dos carros acidentados.

Os cadáveres estavam sendo tirados da estrada e enterrados. Pouco a pouco, as coisas estavam começando a parecer quase civilizadas de novo. Civilizadas, mas não normais. Longe disso.

Havia poucos incêndios à margem da rodovia, mas as cidades queimadas eram uma constante. Campos de refugiados haviam sido instalados a cada dois ou três quilômetros, e enquanto caminhavam pela estrada elevada, Theremon e Siferra podiam olhar para baixo e ver as pessoas tristes e desorientadas vagando pelos campos, como se todas elas tivessem envelhecido cinquenta anos em uma única noite fatídica.

As novas províncias, percebeu Theremon, eram simplesmente grupos daqueles campos, ligados pela linha reta da Grande Estrada do Sul. Em cada distrito, haviam emergido homens fortes locais que se encarregaram de fundar pequenos reinos que cobriam dez a vinte quilômetros da estrada e se estendiam até uns dois quilômetros para fora da rodovia.

O que se passava além desses limites era impossível dizer. As comunicações por rádio e televisão tinham sido totalmente interrompidas.

— Não houve nenhum tipo de preparação para o eclipse? — perguntou Theremon, falando mais para o ar do que para Siferra.

Entretanto, foi Siferra que respondeu.

— As previsões de Athor eram fantásticas demais para serem levadas a sério pelo governo. Além disso, estariam dando razão a Mondior, se admitissem a possibilidade de a civilização entrar em

colapso em consequência de um curto período de Escuridão, em especial um período que podia ser previsto com tanta precisão.

— Mas o eclipse…

— Sim, talvez alguns altos funcionários pudessem olhar para os gráficos e acreditar que de fato iria ocorrer um eclipse. E um período de Escuridão como consequência. Mas como poderiam prever as Estrelas? As Estrelas não passavam de uma fantasia dos Apóstolos do Fogo, lembra-se? Mesmo que o governo soubesse que alguma coisa como as Estrelas estava para acontecer, ninguém podia prever o impacto que as Estrelas teriam sobre as pessoas.

— Sheerin podia — declarou Theremon.

— Nem mesmo Sheerin. Ele não fazia a menor ideia do que eram as Estrelas. A especialidade de Sheerin era a Escuridão, e não uma luz fria ocupando todo o céu.

— Mesmo assim — disse Theremon -, é duro olhar para toda esta devastação e pensar que podia ter sido evitada…

— A verdade é que não foi evitada.

— Talvez da próxima vez…

Siferra riu:

— A próxima vez vai ser daqui a 2049 anos. Vamos tentar deixar para os nossos descendentes algum tipo de advertência que seja mais convincente do que o Livro das Revelações conseguiu ser para a nossa geração.

A arqueóloga olhou por cima do ombro, apreensiva, para a extensão que haviam coberto nos últimos dias de marcha forçada.

— Está com medo de ver os Apóstolos aparecerem no nosso encalço? — perguntou Theremon.

— Você não está? Ainda nos encontramos a centenas de quilômetros de Aragando. E se eles nos alcançarem, Theremon?

— Isso não vai acontecer. Um exército inteiro não pode se deslocar tão depressa quanto duas pessoas saudáveis e decididas. Os meios de transporte de que dispõem não são melhores do que os nossos. Um par de pernas por soldado, e ponto final. Além disso, existem várias considerações de ordem logística que só podem contribuir para retardá-los.

— Acho que tem razão.

— Não esqueça também que a mensagem dizia que os Apóstolos pretendiam parar em cada província ao longo da estrada para fazer valer sua autoridade. Vão levar muito tempo para subjugar aqueles pequenos reinos. Se não tivermos nenhum problema inesperado, provavelmente chegaremos a Aragando com uma dianteira de várias semanas.

— Que acha que vai acontecer com Beenay e Raissta? perguntou Siferra, depois de algum tempo.

— Beenay é um sujeito muito esperto. Aposto que descobrirá um meio de se tornar útil para Mondior.

— E se não descobrir?

— Siferra, será que temos mesmo que gastar energia nos preocupando com as coisas horríveis que podem acontecer ao nosso amigo, quando não há nada que a gente possa fazer por ele?

— Desculpe. Não pensei que você estivesse tão nervoso.

— Siferra…

— Esqueça. Talvez eu é que esteja nervosa.

— Tudo vai dar certo — disse Theremon. — Beenay e Raissta vão conseguir sobreviver. Chegaremos a Aragando a tempo de dar o alerta geral. Os Apóstolos do Fogo não vão conquistar o mundo.

— E os mortos vão sair dos túmulos e andar de novo. Oh, Theremon, Theremon…

— Eu sei.

— Que vamos fazer?

— Vamos andar o mais depressa que pudermos, é isto que vamos fazer. E sem olhar para trás. Olhar para trás não adianta nada.

— É verdade — concordou Siferra. Sorriu e segurou a mão do jornalista. Os dois caminharam apressados e em silêncio.

Era espantoso, pensou Theremon, como estavam progredindo com rapidez, agora que haviam acertado o ritmo. Nos primeiros dias, quando estavam saindo da cidade e procurando uma passagem na rodovia congestionada, seus corpos haviam protestado violentamente contra o esforço extra que lhes era imposto. Agora, porém, moviam-se como duas máquinas perfeitamente adaptadas à tarefa. As pernas de Siferra eram quase tão compridas quanto as suas, e caminhavam lado a lado, os músculos trabalhando com eficiência, os corações batendo compassadamente, os pulmões se expandindo e se contraindo em um ritmo impecável. Um, dois. Um, dois. Um, dois…

Ainda faltavam algumas centenas de quilômetros, é verdade. Mas nesse ritmo, logo chegariam lá. Mais um mês, talvez. Talvez menos.

Agora que se afastavam das regiões urbanas, a estrada estava quase totalmente desimpedida. Ali o tráfego não havia sido tão intenso, em primeiro lugar, e parecia que muitos motoristas tinham conseguido sair da rodovia, mesmo com as Estrelas brilhando no céu, porque não havia tanto perigo de serem abalroados por outros carros que tinham perdido o controle.

Havia menos barricadas, também. As novas províncias naquela região de população escassa eram bem maiores do que mais ao norte, e os habitantes pareciam bem menos preocupados com coisas como a Busca. Theremon e Siferra foram interrogados seriamente apenas duas vezes nos cinco dias seguintes. Nas outras barreiras, apenas mandaram que passassem, não precisaram nem mostrar o passaporte.

Até o tempo parecia estar colaborando. Os dias eram claros, e a temperatura, amena; uma pancada de chuva uma vez ou outra não era suficiente para causar grandes transtornos. Caminhavam durante quatro horas, paravam para uma refeição ligeira, caminhavam mais quatro horas, comiam de novo, andavam, paravam durante seis horas para dormir (o que faziam por turnos; um dos dois sempre ficava de vigia), depois acordavam e seguiam viagem. Como máquinas. Os sóis nasciam e se punham em seu ritmo milenar, agora Patru, Trey e Dovim, agora Onos, Sitha e Tano, agora Onos e Dovim, agora Trey e Patru, agora quatro sóis ao mesmo tempo… a sucessão interminável, o grande desfile dos céus. Theremon não fazia ideia de quantos dias se passaram desde que deixaram o Abrigo. A própria noção de datas, calendários, dias, semanas, meses, lhe parecia estranha, arcaica, ultrapassada, alguma coisa de um mundo que ficara para trás.

Depois daquela crise de depressão, Siferra voltara a ser a mulher otimista de sempre.

Aquilo seria um passeio. Chegariam a Aragando sem problemas.

Estavam passando por um distrito que agora se chamava Vale da Primavera… ou talvez fosse Jardim Florido, os locais que encontravam à beira da estrada pareciam usar diferentes nomes para a comunidade. Era uma zona rural, com poucos sinais da devastação que atingira as regiões mais urbanizadas: um ou outro celeiro destruído pelo fogo, ou um bando de animais que pareciam sem dono, e era tudo. O ar era fresco e perfumado, a luz dos sóis reconfortante. Se não fosse a estranha ausência de tráfego na rodovia, teriam a impressão de que nada de extraordinário havia acontecido.

— Já passamos do meio do caminho? — perguntou Siferra.

— Ainda não. Há muito tempo que não aparece uma placa, mas acho que…

Interrompeu o que estava dizendo.

— Que foi, Theremon?

— Olhe. Olhe ali, à direita. Naquela estrada secundária que vem do oeste.

Olharam por cima da cerca da estrada. Lá em baixo, a algumas centenas de metros de distância, uma longa fila de caminhões estava estacionada no acostamento da estrada secundária, perto do acesso à rodovia. Ali havia um acampamento movimentado: tendas, uma grande fogueira, alguns homens rachando lenha.

Duzentas ou trezentas pessoas, talvez. Todas usando vestes negras.

Theremon e Siferra trocaram olhares assustados.

— Os Apóstolos! — exclamou a arqueóloga.

— Isso mesmo. Abaixe-se. Vamos nos esconder atrás da cerca.

— Como foi que eles conseguiram chegar aqui tão depressa? A

parte inicial da rodovia está totalmente bloqueada! Theremon sacudiu a cabeça.

— Eles não vieram pela rodovia. Observe… eles têm caminhões que funcionam. Agora mesmo está chegando mais um. Deuses, parece estranho, não é, ver um caminhão em movimento? Ouvir o barulho de um motor, depois de tanto tempo! Eles conseguiram de alguma forma pôr as mãos em uma frota de caminhões e em um suprimento de combustível. E é óbvio que vieram de Saro por estradas secundárias. Agora estão se preparando para entrar na rodovia, que provavelmente está aberta daqui até Aragando. Poderão chegar lá esta noite mesmo.

— Esta noite! Theremon, que vamos fazer?

— Não sei. Só me ocorre uma coisa, mas não sei se vai dar certo. Que tal nós roubarmos um daqueles caminhões e partirmos a toda velocidade na direção de Aragando? Mesmo que a gente chegue lá apenas duas horas na frente dos Apóstolos, a maioria do pessoal de Aragando terá tempo de fugir. Certo?

— Sei lá. Parece loucura. Como vamos roubar um caminhão? No momento em que nos virem, vão saber que não somos Apóstolos.

— Eu sei. Eu sei. Deixe-me pensar. — Depois de um momento, o repórter disse: — Talvez a gente possa pegar dois deles longe dos outros e ficar com as roupas deles. Usaremos nossas pistolas, se for necessário. Depois, usando vestes negras, entramos calmamente em um caminhão, ligamos o motor e tomamos a direção da rodovia…

— Eles nos seguiriam depois de dois minutos.

— Talvez. Ou talvez, se agirmos com calma, eles pensem que estamos obedecendo às ordens de alguém… e quando perceberem que não estamos, já estaremos a cem quilômetros de distância. — Olhou para a arqueóloga, ansioso. — Que é que você acha, Siferra? Que outra opção nos resta? Continuar a pé, sabendo que vamos levar semanas para chegar a Aragando e que eles poderão nos ultrapassar em questão de horas?

Siferra olhava para Theremon com se ele tivesse perdido o juízo.

— Dominar dois Apóstolos… roubar um dos caminhões… chegar a Aragando na frente deles… oh, Theremon, não vai dar certo. Você sabe disso.

— Muito bem — disse o repórter, bruscamente. — Você fica aqui. Vou fazer tudo sozinho. É nossa única esperança, Siferra.

Levantou-se e começou a caminhar pelo acostamento em direção à rampa de saída, a algumas centenas de metros de distância.

— Não… espere, Theremon…

O jornalista olhou para trás e riu.

— Vem comigo?

— Vou. Oh, isto é uma loucura!

— Eu sei. Que mais podemos fazer?

Siferra estava certa. Era mesmo um plano louco. Entretanto, não havia alternativa. Agora era evidente que a mensagem que Beenay recebera não correspondia exatamente à realidade. Os Apóstolos nunca tinham pensado em descer a Grande Estrada do Sul, província por província. Em vez disso, pretendiam dirigir-se a Aragando com um grande comboio armado, usando estradas secundárias para contornar os bloqueios existentes na parte norte da rodovia principal.

Aragando estava com os dias contados. Em pouco tempo, o mundo cairia nas mãos de Mondior e de seus homens. A menos… a menos…

Theremon nunca se imaginara como um herói. Heróis eram pessoas a respeito de quem escrevia em sua coluna, pessoas que funcionavam no máximo de sua capacidade em circunstâncias extremas, fazendo coisas estranhas e miraculosas que as pessoas comuns não sonhariam tentar, quanto mais executar. E agora ali estava, naquele mundo estranhamente transformado, falando jovialmente em render os Apóstolos com sua pistola, roubar um caminhão militar e dirigir-se a Aragando para alertar os amigos para o ataque iminente…

Loucura. Mas talvez funcionasse, justamente porque era loucura. Ninguém estaria esperando que dois estranhos surgissem do nada e simplesmente fossem embora com um caminhão.

Começaram a descer a rampa de saída. Theremon ia um pouco à frente. Havia um terreno cheio de mato entre eles e o acampamento dos Apóstolos.

— Talvez possamos nos esconder no meio do mato — sussurrou para Siferra — e esperar até que um ou dois Apóstolos se aproximem o suficiente para que possamos pegá-los de surpresa. Entrou no matagal, seguido por Siferra.

Dez metros. Vinte. Agora espere… espere…

Uma voz disse de repente, bem atrás dele:

— Que é que nós temos aqui? Duas cobras bem esquisitas, não acha?

Theremon virou o corpo, olhou, praguejou.

Deuses! Apóstolos, sete ou oito deles! De onde tinham surgido? Seria um piquenique no mato? Que ele e Siferra haviam interrompido sem querer?

— Corra! — gritou para Siferra. — Vá por ali… eu vou por aqui…

Correu para a esquerda, na direção das pilastras que sustentavam a rodovia. Talvez conseguisse despistá-los… desaparecer na floresta que havia do outro lado da estrada…

Não. Não. Podia ser rápido e forte, mas eles eram mais rápidos e mais fortes ainda. Notou que perdia terreno.

— Siferra! — gritou. — Continue correndo! Continue… correndo!

Talvez Siferra tivesse conseguido escapar. Já não podia mais vê-la. Os Apóstolos o cercaram. Tentou sacar a pistola, mas um deles segurou-lhe o braço e outro lhe deu uma gravata. A arma foi arrancada de sua mão. Uma perna foi enfiada entre as suas, fazendo-o tropeçar. Caiu pesadamente, rolou no chão, olhou para cima. Cinco rostos encapuzados, muito sérios, olharam de volta. Um dos Apóstolos apontou sua própria pistola para o seu peito.

— Levante-se — disse o Apóstolo. — Devagar. Com as mãos para cima.

Theremon levantou-se com dificuldade.

— Quem é você? Que está fazendo aqui? — perguntou o Apóstolo.

— Moro aqui perto. Eu e minha mulher estávamos voltando para casa e resolvemos cortar caminho pelo mato…

— A fazenda mais próxima fica a dez quilômetros de distância. Que atalho comprido! — O Apóstolo fez um gesto com a cabeça em direção ao acampamento. — Venha conosco. Folimun vai querer falar com você.

Folimun! Quer dizer que, afinal, ele sobrevivera à noite do eclipse! E era o chefe da expedição contra Aragando!

Theremon olhou em volta. Nenhum sinal de Siferra. Esperava que ela estivesse de novo na estrada, rumando para Aragando o mais depressa que podia. Uma tênue esperança, mas a única que restava.

Os Apóstolos marcharam com ele até o acampamento. Era uma sensação estranha, estar no meio de tantos vultos encapuzados. Não despertou quase nenhuma atenção no percurso até a maior das tendas.

Folimun estava sentado em um banco perto dos fundos da tenda, examinando um maço de papéis. Levantou os olhos azuis para Theremon, e seu rosto duro e anguloso foi suavizado por um sorriso de surpresa.

— Theremon? Você, aqui? Que está fazendo… uma reportagem para a Crônica?

— Estou viajando para o sul, Folimun. Resolvi tirar umas férias, pois as coisas lá na cidade não estão nada boas. Quer pedir aos seus capangas para me largarem?

— Soltem-no — ordenou Folimun. — Para onde está indo, exatamente?

— Isso não interessa a você.

— Cabe a mim julgar. Está indo para Aragando, não está, Theremon?

Theremon dirigiu um olhar gélido ao Apóstolo.

— Não vejo nenhuma razão para lhe revelar coisa alguma.

— Depois de tudo que lhe contei, quando me entrevistou?

— Muito engraçado.

— Quero saber para onde está indo, Theremon.

Ganhe tempo, pensou Theremon. Ganhe todo o tempo que puder.

— Recuso-me a responder a essa pergunta ou a qualquer outra. Só discutirei minhas intenções com Mondior em pessoa — declarou, em tom decidido.

Folimun ficou em silêncio por alguns instantes. Depois, sorriu de novo. Sem mais nem menos, o sorriso se transformou em gargalhada. Theremon nunca vira Folimun rir.

— Mondior? — repetiu Folimun, com os olhos brilhando. — Não existe nenhum Mondior, meu amigo. Nunca existiu.

42

Era difícil para Siferra acreditar que de fato conseguira escapar, mas era realmente o que parecia ter acontecido.

A maioria dos Apóstolos que os surpreenderam no mato tinham saído correndo atrás de Theremon. Olhando para trás, Siferra viu que os Apóstolos haviam cercado o repórter como cães de caça cercando uma presa. Ele com certeza seria capturado.

Apenas dois dos Apóstolos tinham se separado do grupo para persegui-la. Siferra golpeara um deles no rosto, com a palma da mão, e, na velocidade com que estava correndo, o impacto fez o homem cair no chão. O outro era gordo e lento, em poucos minutos, Siferra o deixara para trás.

A moça refez o caminho que ela e Theremon percorreram, na direção da rodovia elevada, mas resolveu não subir a rampa. A estrada era fácil de bloquear e havia poucas saídas. Se subisse a rampa, correria o risco de cair em uma armadilha. Mesmo que não houvesse barreiras na estrada, os Apóstolos poderiam persegui-la de caminhão e alcançá-la com toda a facilidade.

Não, era melhor internar-se na floresta que havia do outro lado da estrada. Os caminhões dos Apóstolos não poderiam segui-la na floresta. Ficaria escondida no meio das árvores até decidir o que fazer em seguida.

Que vou fazer? perguntou para si mesma.

Tinha que admitir que a ideia de Theremon, por mais louca que parecesse, era a única esperança que restava: roubar um caminhão, dirigir até Aragando e fazer soar o alarme antes que o exército dos Apóstolos chegasse lá.

Entretanto, Siferra sabia que não podia simplesmente entrar em um caminhão, ligar o motor e ir embora. Os Apóstolos não eram tão estúpidos assim. Teria que obrigar um deles a ligar o caminhão e lhe passar os controles. E isso implicava executar toda a manobra de capturar um Apóstolo isolado, roubar-lhe a roupa, entrar no acampamento, encontrar alguém que pudesse abrir um dos caminhões para ela…

O desânimo voltou a tomar conta da moça. Era tudo muito difícil. Talvez fosse melhor tentar libertar Theremon. Invadir o acampamento com a pistola na mão, fazer alguns reféns, exigir que ele fosse solto imediatamente… oh, esse plano mais parecia um sonho melodramático, uma tola fantasia tirada de um livro para crianças…

Que vou fazer? Que vou fazer?

Escondeu-se em uma moita de arbustos de folhas compridas e esperou o tempo passar. Os Apóstolos não davam nenhum sinal de

levantar acampamento. Ainda podia ver a fumaça da fogueira no céu da tarde, e os caminhões ainda estavam enfileirados no acostamento.

A noite chegava. Onos já havia se posto. Dovim, pairava no horizonte. Os únicos sóis a pino eram os que Siferra menos apreciava, os indiferentes Tano e Sitha, lançando raios gelados de sua posição distante, nos limites do universo. Ou de onde as pessoas pensavam que eram os limites do universo, antes de as Estrelas aparecerem e revelarem quão imenso o universo realmente era.

As horas se arrastavam interminavelmente. Nenhuma solução lhe agradava. Aragando parecia perdido, a menos que outra pessoa conseguisse alertá-los. Era simplesmente impossível chegar lá antes dos Apóstolos. Salvar Theremon era uma ideia absurda. A ideia de roubar um caminhão e viajar sozinha para Aragando era apenas ligeiramente menos ridícula.

Que fazer, então? Ficar ali sentada, enquanto os Apóstolos assumiam o controle de tudo?

Não parecia haver alternativa.

Houve um momento, no meio da noite em que chegou à conclusão de que o melhor era entrar no acampamento dos Apóstolos, render-se e pedir para ser aprisionada junto com Theremon. Pelo menos, estariam juntos. Ficou surpresa com a falta que ele lhe fazia. Há semanas que não se separava dele, ela que nunca vivera antes com um homem.

E durante toda a longa jornada desde a cidade de Saro, embora discutissem algumas vezes, jamais se cansara de estar com ele. Nem uma vez. Estarem juntos parecia a coisa mais natural do mundo. Agora, estava sozinha de novo.

Vá em frente, disse para si mesma. Entregue-se. Está mesmo tudo perdido, não está?

O tempo estava mudando. Sitha e Tano foram cobertos por nuvens e o céu ficou tão escuro que Siferra teve a impressão de que as Estrelas iriam aparecer de novo.

Que apareçam, pensou, com irritação. Apareçam e brilhem. Façam todos enlouquecerem de novo. Que diferença faz?

O mundo só pode ser destruído uma vez, e isso já aconteceu.

Mas as Estrelas, é claro, não apareceram. Mesmo atenuada pelas nuvens, a luz de Tano e Sitha era suficiente para ocultar o brilho daqueles distantes e misteriosos pontos de luz. E com o passar das horas, Siferra se surpreendeu passando do pessimismo mais extremo para um otimismo quase infantil.

Quando tudo está perdido, disse para si própria, não há mais nada a perder. Oculta pelas sombras da noite, penetraria no acampamento dos Apóstolos e (de alguma forma, de alguma forma) roubaria um dos caminhões. E salvaria Theremon, também, se fosse possível. E os dois

iriam para Aragando! Na manhã seguinte, quando Onos nascesse, estariam lá, entre os amigos da universidade, com tempo de sobra para se retirarem antes que o exército inimigo chegasse.

Muito bem, pensou. Vamos.

Devagar… devagar… com mais cautela do que antes, pois é possível que eles tenham sentinelas no mato…

Saiu da floresta. Um momento de incerteza. Sentia-se tremendamente vulnerável, agora que tinha deixado para trás a segurança das árvores. Entretanto, a escuridão ainda a protegia. Agora tinha que passar por baixo da estrada e entrar no matagal onde ela e Theremon foram surpreendidos naquela tarde.

Internou-se no matagal, da mesma forma como fizera feito antes. Olhou para os dois lados, em busca de sentinelas que pudessem estar vigiando o perímetro do acampamento dos Apóstolos…

Estava com a pistola na mão, ajustada para produzir o feixe mais concentrado, mais mortal de que era capaz. Se alguém a tentasse deter agora, sofreria as consequências.

Havia muita coisa em jogo para se preocupar com as sutilezas da moral civilizada. Enquanto estava fora de si, matara Balik no laboratório de arqueologia, sem querer, é verdade, mas não era por isso que ele deixava de estar morto. Agora, surpresa, descobria que seria capaz de matar de novo, desta vez intencionalmente, se as circunstâncias assim exigissem. O importante era conseguir um veículo, sair dali e avisar aos amigos em Aragando que os Apóstolos estavam a caminho. Tudo o mais, incluindo considerações éticas, era secundário.

Tudo.

Aquilo era uma guerra.

Em frente. Cabeça baixa, olhos atentos, corpo curvado. Estava a algumas dezenas de metros do acampamento.

O silêncio era total. Talvez estivessem quase todos dormindo. No lusco-fusco, teve a impressão de que havia dois homens do outro lado da fogueira principal, embora fosse difícil ter certeza por causa da fumaça da fogueira. A coisa a fazer, pensou, era esconder-se nas sombras, atrás de um dos caminhões, e jogar uma pedra em uma árvore. Os sentinelas provavelmente viriam investigar, e caso se separassem, ela poderia esgueirar-se por trás de um deles, enfiar a pistola nas suas costelas, avisá-lo para não gritar, fazê-lo despir a veste…

Não, pensou. Não o avise de nada. Atire nele primeiro, antes que possa dar o alarme, e depois tire a veste. Não se esqueça de que são Apóstolos. Fanáticos.

Estava surpresa com o próprio sangue-frio.

Em frente. Em frente. Estava perto do caminhão mais próximo.

Mergulhou na escuridão do lado oposto ao da fogueira. Onde existe uma pedra? Aqui. Aqui, esta vai servir.

Passe a pistola para a mão esquerda. Agora, jogue a pedra naquela árvore grande ali…

Levantou o braço e fez o arremesso. No mesmo instante, alguém segurou-lhe o pulso por trás e um braço forte apertou-lhe o pescoço.

Apanhada! A surpresa, a revolta e a frustração tomaram conta de Siferra. A moça deu um chute para trás com toda a força e ouviu um grito de dor. Mesmo assim, o homem não a largou. Virando o corpo de lado, deu outro pontapé, ao mesmo tempo que tentava passar a pistola para a mão direita. Entretanto, o atacante puxou seu braço para cima, em um golpe rápido que a fez largar a pistola. O outro braço apertou-lhe o pescoço com mais força ainda. Siferra tossiu.

Escuridão! Como fora tola o suficiente para permitir que alguém a pegasse de surpresa? Lágrimas de raiva queimaram-lhe as faces. Continuou a debater-se, desesperada.

— Calma! — murmurou uma voz grave. — Assim, você vai acabar me machucando, Siferra.

— Theremon? — perguntou, atônita.

— Quem você acha que é? Mondior?

A pressão na garganta diminuiu. A mão que segurava o seu pulso relaxou. A moça deu um passo à frente, lutando para respirar, Depois, voltou-se para encará-lo.

— Como conseguiu escapar? — perguntou.

O repórter riu.

— Foi um milagre dos céus. Um verdadeiro milagre. Observei você o tempo todo, desde que saiu da floresta. Gostei muito. Mas estava tão preocupada em chegar aqui sem ser notada que não percebeu que dei a volta e fiquei atrás de você.

— Graças aos deuses que era você, Theremon. Pensei que ia morrer de susto quando você me segurou. Mas por que estamos aqui parados? Vamos pegar um desses caminhões e dar o fora antes que eles nos vejam.

— Não — disse Theremon. — Os planos mudaram.

Siferra olhou para ele, admirada.

— Não estou entendendo.

— Vai entender. — Para surpresa da arqueóloga, bateu palmas e chamou em voz alta. — Aqui, rapazes! Ela está aqui!

— Theremon! Você ficou…

A luz da lanterna atingiu-a no rosto com um impacto quase tão devastador quanto o das Estrelas. Ficou parada, sacudindo a cabeça com ar desolado. Havia vários vultos se movendo à sua volta, mas levou algum tempo para que seus olhos se habituassem à claridade, o suficiente para reconhecê-los.

Apóstolos. Meia dúzia deles.

Olhou acusadoramente para Theremon. Ele parecia calmo e muito satisfeito consigo mesmo. Siferra não conseguia aceitar o fato de que tinha sido traída pelo repórter. Quando tentou falar, só saíram palavras isoladas.

— Mas… por que… que … ?

Theremon sorriu.

— Venha, Siferra. Há alguém que eu quero que você conheça.

43

— Não há necessidade de olhar para mim de cara feia, Dra. Siferra — disse Folimun. — Pode ser difícil de acreditar, mas está entre amigos.

— Amigos? Deve pensar que sou uma mulher muito ingênua.

— Pelo contrário.

— Você invade meu laboratório e rouba relíquias de valor inestimável. Chefia um bando de desordeiros supersticiosos que invade o Observatório e destrói os equipamentos com os quais os astrônomos da universidade estão tentando realizar uma pesquisa importantíssima. Agora hipnotiza Theremon, obrigando-o a me capturar e a me entregar a você como prisioneira. E tem a coragem de dizer que estou entre amigos?

— Não fui hipnotizado — disse Theremon. — E você não é uma prisioneira, Siferra.

— Claro que não. Isto não passa de um pesadelo. O eclipse, os incêndios, o colapso da civilização, tudo. Daqui a uma hora, vou acordar no meu apartamento, na cidade de Saro, e tudo voltará a ser como era antes.

Theremon, olhando para ela do outro lado da tenda de Folimun, pensou que a moça nunca fora tão bonita como naquele momento. Seus olhos brilhavam de raiva. A pele parecia cintilar. Havia uma aura de energia contida em torno da arqueóloga que ele achava irresistível. Mas não era o momento para galanteios.

— Pelo roubo das tabuinhas, Dra. Siferra, só posso pedir mil desculpas. Foi um ato criminoso, que eu jamais teria autorizado se a senhora não me tivesse forçado…

— Eu?

— Isso mesmo. A senhora insistiu em conservá-las sob os seus cuidados, em colocar em risco essas relíquias insubstituíveis do ciclo anterior, no momento em que, pelo que sabíamos, o caos tomaria conta do mundo e os edifícios da universidade seriam destruídos até o último tijolo. Achávamos essencial que elas fossem colocadas em lugar seguro, isto é, sob a nossa custódia, e já que não queria cedê-las por empréstimo, a única solução que encontramos foi roubá-las.

— Fui eu que encontrei as tabuinhas. Vocês nunca saberiam que elas existiam, se eu não as tivesse desenterrado.

— Isso não vem ao caso — disse Folimun. – Quando as tabuinhas foram descobertas, elas se tornaram vitais para os nossos objetivos… para os objetivos da humanidade. Achamos que o futuro de Kalgash era mais importante que o seu direito sobre os artefatos. Como verá, conseguimos traduzir as tabuinhas, com o auxílio de textos antigos

que já se encontravam à nossa disposição, e o texto nos permitiu compreender muito melhor os desafios extraordinários que a vida civilizada deste planeta deve enfrentar periodicamente. Infelizmente, as traduções do Dr. Mudrin eram muito superficiais. As tabuinhas contêm uma versão precisa e convincente, não corrompida por séculos de transcrições, das crônicas que chegaram a nós com o nome de Livro das Revelações. O Livro de Revelações, devo admitir, está cheio de misticismos e metáforas, adotados para fins de propaganda. As tabuinhas de Thombo contêm relatos históricos objetivos de duas aparições diferentes das Estrelas há milhares de anos atrás, e das tentativas feitas pelos sacerdotes da época para alertar a população a respeito do que estava para acontecer. Agora podemos demonstrar que durante a história e a pré-história de Kalgash, pequenos grupos de pessoas dedicadas têm lutado para preparar a população para as catástrofes que se abatem periodicamente sobre o nosso mundo. Os métodos usados, porém, têm sido obviamente inadequados. Agora, afinal, ajudados pelo conhecimento dos erros anteriores, estaremos em condições de poupar Kalgash de outra tragédia quando o atual Ano de Divindade chegar ao fim, daqui a dois mil anos.

Siferra voltou-se para Theremon.

— Quanta presunção! Ele justifica o roubo das minhas tabuinhas alegando que elas lhe permitirão estabelecer uma ditadura teocrática ainda mais eficiente! Theremon, Theremon, por que me entregou assim? Por que você nos entregou? A esta altura, poderíamos estar quase chegando a Aragando, se você…

— A senhora estará em Aragando amanhã à tarde, Dra. Siferra. Todos nós estaremos em Aragando amanhã à tarde.

— Que é que vai fazer? — perguntou a moça, indignada. — Obrigar-me a marchar, acorrentada, na retaguarda do seu exército de conquista? Amarrar-me à carruagem de Mondior?

O Apóstolo suspirou.

— Explique a ela, Theremon. Por favor.

— Não! — protestou Siferra, furiosa. — Meu pobre amigo! Não quero ouvir as tolices que este fanático plantou em sua mente! Não quero ouvir nenhum dos dois! Deixem-me em paz. Prendam-me, se quiserem. Ou soltem-me, se não for pedir demais. Sou inofensiva, não sou? Uma mulher sozinha contra um exército inteiro? Não sou capaz nem mesmo de atravessar um matagal sem que alguém me surpreenda pelas costas! Theremon, consternado, estendeu-lhe a mão:

— Não! Fique longe de mim! Você me dá nojo! Mas não é culpa sua, é? Fizeram alguma coisa com a sua mente. Vai fazer a mesma coisa comigo, não é mesmo, Folimun? Vai me transformar em uma marionete. Pelo menos, quero que me faça um favor. Não me obrigue a usar uma veste de Apóstolo. Não suporto a ideia de sair por aí

usando um desses trajes ridículos. Fique com minha alma, se quiser, mas deixe-me escolher o que vestir, está bem? Está bem, Folimun?

O Apóstolo riu.

— Talvez seja melhor eu deixar vocês dois sozinhos. Estou vendo que não vamos chegar a lugar nenhum enquanto eu estiver presente.

— Não! — protestou Siferra. — Não quero ficar sozinha com…

Mas Folimun já se levantara e saíra da tenda. Theremon voltou-se para Siferra, que recuou como se ele fosse portador de alguma praga.

— Eu não fui hipnotizado, Siferra. Eles não fizeram coisa alguma com a minha mente.

— Claro que você pensa assim.

— É verdade. Posso provar.

Ela ficou olhando para ele sem dizer nada. Após um momento, ele disse baixinho:

— Siferra, eu amo você.

— Quanto tempo os Apóstolos levaram para programá-lo para dizer isso?

Theremon fez uma careta.

— Pare. Pare. Estou falando sério, Siferra. Não vou tentar fazê-la acreditar que é a primeira vez que digo estas palavras em minha vida. Mas é a primeira vez que digo isto a sério.

— Que falta de originalidade! — exclamou Siferra, com um sorriso de desdém.

— Acho que mereci isso. Theremon, o conquistador. Theremon, o boêmio. Está bem. Esqueça. Não. Não. Não quero que esqueça, Siferra. Viajando com você, nestas últimas semanas… estando com você de manhã, de tarde e de noite… não houve um momento em que não olhasse para você e dissesse para mim mesmo: esta é a mulher que estive esperando durante todos esses anos. Esta é a mulher que não ousei imaginar que encontraria um dia.

— Muito bonito, Theremon. E a melhor forma que encontrou para demonstrar o seu amor foi me agarrar pelas costas, quase me quebrando o braço, e me entregar a Mondior. Certo?

— Mondior não existe, Siferra. Não existe ninguém com esse nome.

Por um instante, a hostilidade da moça se transformou em surpresa e curiosidade.

— O quê?

— Ele é um mito conveniente, sintetizado eletronicamente para fazer discursos pela televisão. Ninguém jamais conseguiu uma audiência com ele, não é mesmo? Nunca foi visto em público. Folimun inventou-o para ser o porta-voz dos Apóstolos. Como Mondior nunca aparece em pessoa, podia estar na televisão em cinco países diferentes ao mesmo tempo. Ninguém sabia onde realmente estava, de modo que

ele podia aparecer simultaneamente em vários lugares. Folimun é o verdadeiro líder dos Apóstolos do Fogo. Ele apenas se disfarçou de relações públicas. Quem manda é ele, pelo menos nos últimos dez anos. Antes dele, havia um homem chamado Bazret, já falecido. Bazret foi quem inventou Mondior, mas foi Folimun que o tomou famoso.

— Foi Folimun que lhe contou tudo isto?

— Alguma coisa. Adivinhei o resto, e ele confirmou. Ele vai me mostrar os equipamentos usados para criar Mondior quando voltarmos à cidade de Saro. Os Apóstolos pretendem reiniciar as transmissões de televisão dentro de algumas semanas.

— Muito bem — disse Siferra. — A descoberta de que Mondior era uma farsa deixou você tão impressionado com a esperteza dos Apóstolos que decidiu imediatamente juntar-se a eles. E sua primeira missão foi me entregar. De modo que saiu por aí à minha procura, atacou-me pelas costas e com isto garantiu que o pessoal de Aragando vai cair nas garras de Folimun. Bom trabalho, Theremon.

— Folimun pretende ir para Aragando, sim — disse Theremon. — Mas ele não deseja mal às pessoas que se reuniram lá. O que quer é oferecer um lugar no novo governo para essas pessoas.

— Deuses, Theremon, você acredita mesmo que…

— Acredito. Acredito, Siferra! — Theremon abriu os braços em um gesto agitado. — Posso ser um simples repórter, mas não sou tolo. Vinte anos de jornalismo me tornaram um excelente juiz de caráter. Folimun me impressionou desde o dia em que o conheci. Não parecia nada louco, pelo contrário, dava a impressão de ser uma pessoa sensata, arguta, inteligente. Além disso, passei as últimas oito horas conversando com ele. Ninguém aqui dormiu esta noite. Ele me contou todo o plano. Não deixou nada de fora. Você admite que é possível avaliar corretamente a personalidade de uma pessoa durante uma conversa de oito horas?

— Bem… — disse ela, com relutância.

— Ou ele está sendo totalmente sincero, Siferra, ou é o melhor ator do mundo!

— Pode ser as duas coisas. Isso não o torna uma pessoa digna de confiança.

— Para você pode ser que não. Eu estou disposto a confiar nele.

— Continue.

— Folimun é um homem totalmente pragmático, quase monstruosamente racional, que acredita que a única coisa que de fato importa é a sobrevivência da civilização. Como ele teve acesso, através do seu culto religioso, aos registros históricos dos ciclos anteriores, ficou sabendo, há vários anos, daquilo que só descobrimos da forma mais dolorosa possível: Kalgash estava condenado a ver as Estrelas a cada dois mil anos, uma visão capaz de enlouquecer as

pessoas mais fracas e deixar as pessoas mais fortes profundamente abaladas durante vários dias ou semanas. A propósito, ele pretende mostrar a você todos os documentos antigos, quando voltarmos à cidade de Saro.

— A cidade de Saro foi destruída.

— Não a parte controlada pelos Apóstolos. Eles evitaram que qualquer incêndio acontecesse em um raio de dois quilômetros de sua torre.

— Um trabalho muito eficiente — observou Siferra.

— Eles são eficientes. Muito bem: Folimun sabe que a melhor maneira de sairmos do caos em que nos encontramos no momento é através de um totalitarismo religioso. Eu e você podemos achar que os deuses não passam de mitos, Siferra, mais existem milhões e milhões de pessoas aí fora que pensam diferente. Elas sempre se sentiram pouco à vontade ao praticarem atos que consideram pecaminosos, por medo de serem punidas. E agora os deuses lhes inspiram absoluto terror. Acham que as Estrelas podem voltar amanhã ou depois para terminar o trabalho. Bem, aqui estão os Apóstolos, que afirmam dispor de um canal direto de comunicação com os deuses, e apresentam várias passagens do seu livro sagrado para provar isso. Estão em melhor posição para formar um governo mundial do que Altinol, do que os chefes dos governos provinciais, do que os antigos governantes, do que qualquer outro grupo. Eles são nossa única esperança.

— Você está falando sério! — exclamou Siferra, admirada. — Folimun não hipnotizou você, Theremon. Você conseguiu hipnotizar a si mesmo!

— Escute — disse o jornalista. — Folimun trabalhou a vida inteira para este momento, sabendo que pertence à geração dos Apóstolos responsável pela sobrevivência da civilização. Ele tem muitos planos. Está conseguindo o controle de vastos territórios ao norte e a oeste da cidade de Saro, e em seguida vai assumir o governo das novas províncias ao longo da Grande Estrada do Sul.

— E estabelecer uma ditadura teocrática, cuja primeira medida vai ser executar todos os intelectuais ateus, cínicos e materialistas, como eu, Beenay e Sheerin.

— Sheerin está morto. Folimun contou-me que seu corpo foi achado em uma casa em ruínas. Parece que foi assassinado por um bando de loucos anti-intelectuais, algumas semanas atrás.

Siferra desviou os olhos, chocada. Depois, olhou para o repórter, ainda mais irritada do que antes, e disse:

— Aí está. Primeiro, Folimun manda seus homens invadirem o Observatório e depois elimina o pobre Sheerin. Athor também foi assassinado, não foi? Logo vai chegar a nossa vez…

— Ele estava tentando proteger os funcionários do Observatório,

Siferra.

— Nesse caso, não fez um bom trabalho, não acha?

— As coisas saíram de controle. O que Folimun pretendia fazer era remover todos os cientistas antes que os tumultos começassem. Acontece que, como estava disfarçado de fanático religioso, não conseguiu convencê-los a ouvirem sua proposta, que era lhes fornecer um salvo-conduto para o Abrigo dos Apóstolos.

— Depois de destruir o Observatório.

— Também não foi ideia dele. O mundo tinha ficado maluco naquela noite. Nem tudo aconteceu de acordo com os planos dele.

— Você é ótimo para arranjar desculpas para ele, Theremon.

— Talvez. Mas deixe-me acabar. Ele quer trabalhar com o pessoal da universidade e outras pessoas inteligentes que se reuniram em Aragando, para constituir a base de conhecimentos da humanidade. Ele, ou melhor, a figura fictícia de Mondior, será o chefe do governo. Os Apóstolos manterão a população instável e supersticiosa sob controle, com o auxílio da religião, pelo menos durante as primeiras duas gerações. Enquanto isso, o pessoal da universidade ajudará os Apóstolos a coletar e classificar os conhecimentos que escaparam da destruição, e juntos guiarão o mundo de volta para um estado racional, como já aconteceu tantas vezes no passado. Desta vez, porém, os preparativos para o próximo eclipse serão iniciados com cem anos ou mais de antecedência, o que permitirá evitar os tumultos, a loucura coletiva, a devastação universal.

— Você acredita mesmo nisto? — perguntou Siferra, asperamente. — Que faz sentido ficar parado, aplaudindo, enquanto os Apóstolos do Fogo espalham seu credo totalitário e irracional pelo mundo? Ou, o que é pior, que faz sentido ajudá-los?

— Detesto a ideia — disse Theremon, de repente.

Siferra arregalou os olhos.

— Nesse caso, por que … ?

— Vamos lá para fora. Está quase amanhecendo. Dê-me sua mão.

— Bem…

— Estava falando sério, quando disse que a amava.

Siferra deu de ombros.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Uma é uma questão pessoal, e a outra é uma questão política, Theremon. Você está usando uma para confundir a outra.

— Venha — insistiu Theremon.

44

Saíram da tenda. Onos era um clarão avermelhado no horizonte. No alto, Iàrio e Sitha tinham emergido das nuvens, e os dois sóis, agora no zênite, tinham um brilho estranho e fascinante.

Havia mais. Ao norte, a pequena esfera vermelha que era Dovim brilhava como um rubi na testa do firmamento.

— Quatro sóis — disse Theremon. — É sinal de sorte. Em volta deles, havia muito movimento no acampamento dos Apóstolos. Os caminhões estavam sendo carregados, as tendas desmontadas. Theremon viu Folimun a uma certa distância, dirigindo um grupo de trabalhadores. O Apóstolo acenou para Theremon, que respondeu cumprimentando-o com a cabeça.

— Você detesta a ideia de que os Apóstolos vão governar o mundo — disse Siferra -, e mesmo assim está disposto a apoiar Folimun? Qual é a lógica?

— Não existe alternativa.

— É isso que você pensa?

O jornalista fez que sim.

— Convenci-me disso, depois de conversar várias horas com Folimun. Meu instinto me diz para não confiar em Folimun e seu bando de fanáticos. Não há dúvida de que ele é uma pessoa sedenta de poder, um homem frio e perigoso. Mas quais são os seus rivais? Altinol? Todos aqueles chefetes ao longo da estrada? As novas províncias levariam um milhão de anos para se unir espontaneamente em uma economia global. Folimun tem autoridade suficiente para fazer com o que o mundo se ajoelhe diante dele… ou melhor, diante de Mondior. Escute, Siferra, a maior parte da humanidade perdeu o juízo. Existem milhões de loucos por aí. Apenas os mais equilibrados, como você, eu e Beenay, conseguiram se recuperar. Os outros, porém, o grosso da humanidade, vão levar muitos anos para conseguirem pensar de novo com clareza. Um profeta carismático como Mondior pode ser a única solução, por mais que eu deteste a ideia.

— Não há outra opção, então?

— Não, Siferra.

— Como pode ter tanta certeza?

— Escute, Siferra, o importante é salvar a civilização. O resto é secundário. O mundo sofreu um golpe terrível e…

— O mundo desferiu um golpe terrível contra si mesmo.

— Não é assim que eu encaro a questão. Os incêndios foram o resultado de uma mudança brusca no ambiente. Nunca teriam acontecido se o eclipse não fizesse as Estrelas aparecerem. Mas os males perduram até hoje. Uma coisa leva a outra. Altinol é um mal. As

novas províncias independentes são males. Os loucos se matando na floresta, ou caçando os pobres professores universitários, são males.

— E Folimun? Ele é o maior mal de todos!

— Sim e não. Claro que ele está estimulando o fanatismo e o misticismo. Acontece que estão sendo usados como instrumento de disciplina. As pessoas acreditam no que ele está vendendo, até os malucos, até as pessoas que perderam o juízo. Ele é um mal tão grande que pode engolir todos os outros. Ele pode curar o mundo, Siferra. Depois, trabalhando de dentro, podemos tentar consertar os males que ele causou. Mas só se estivermos trabalhando de dentro. Se nos juntarmos a ele, teremos uma oportunidade. Se nos colocarmos na oposição, seremos esmagados como insetos.

— Que é que você propõe, então?

— Temos que escolher entre nos unirmos a ele e nos tornarmos parte da elite que governará o mundo nos próximos anos ou passarmos o resto da vida como proscritos e fugitivos. Que é que você quer, Siferra?

— Quero uma terceira opção.

— Só existem as que acabei de mencionar. O grupo de Aragando não tem força de vontade suficiente para formar um governo viável. Pessoas como Altinol não têm escrúpulos. Folimun já controla metade da antiga República de Saro. Não vai levar muito tempo para conquistar o resto. O reino da razão ainda vai levar alguns séculos para voltar, Siferra…

— De modo que acha que é melhor apoiá-lo e tentar controlar os rumos da nova sociedade do que combatê-lo apenas porque não gostamos do tipo de fanatismo que representa?

— Exatamente. Exatamente.

— Mas ajudar a entregar o mundo ao fanatismo religioso…

— O mundo já se libertou outras vezes do fanatismo religioso, não é mesmo? O importante agora é descobrir alguma forma de sairmos do caos. Folimun e seu grupo são a nossa única esperança. Pense na fé como uma máquina capaz de mover a civilização, em uma época em que todas as outras máquinas estão quebradas. E a única coisa que importa agora. Primeiro consertar o mundo, depois, esperar que nossos descendentes se cansem dos místicos e suas vestes negras. Entende o que estou dizendo, Siferra? Entende?

A arqueóloga fez que sim com a cabeça, de uma maneira vaga, como se estivesse dormindo. Theremon ficou olhando quando ela se afastou lentamente em direção à clareira onde tinham sido surpreendidos pelos Apóstolos na noite anterior. Parecia que tinha sido há muitos anos.

Ficou parada na clareira por um longo tempo, à luz dos quatro sóis.

Como ela é linda, pensou Theremon. Como eu a amo!

Como este mundo é estranho!

Esperou. A atividade no acampamento dos Apóstolos era quase frenética. Figuras encapuzadas passavam a todo momento para cá e para lá.

Folimun aproximou-se.

— E então?

— Estamos pensando no assunto — disse Theremon.

— Nós? Tive a impressão de que estava do nosso lado. Theremon enfrentou o seu olhar.

— Só ficarei do seu lado se Siferra concordar.

— Como preferir. Entretanto, detestaria perder um homem com a sua capacidade de comunicação. Para não falar na experiência da Dra. Siferra com artefatos do passado.

Theremon sorriu.

— Isto vai ser um teste para a minha capacidade de comunicação, sabia?

Folimun assentiu e se afastou para supervisionar o carregamento dos caminhões. Theremon olhou para Siferra. Estava virada para leste, na direção de Onos, banhada pela luz fria de Sitha e Tano, enquanto, do norte, vinham os raios avermelhados de Dovim.

Quatro sóis. O melhor dos augúrios.

Siferra estava voltando agora, correndo pelos campos. Seus olhos brilhavam. Parecia muito contente.

— E aí? — perguntou Theremon. — Que foi que você decidiu?

Ela tomou as mãos do repórter nas suas.

— Está bem, Theremon. Aceito. O poderoso Folimun é o nosso líder, e eu o seguirei aonde quer que vá, com uma condição.

— Qual é?

— A mesma que mencionei quando estávamos na tenda. Não vou usar a veste. Recuso-me. Se ele insistir para que eu use a veste, o trato está desfeito.

Theremon olhou para a moça, sorrindo. Tudo iria dar certo. Depois do Cair da Noite vinha o Nascer do Dia, o renascimento. Da devastação, surgiria um novo Kalgash, e ele e Siferra ajudariam a criá-lo.

— Acho que pode ser arranjado — respondeu. — Vamos falar com Folimun, e ver o que ele diz.

notes

Notes

1

The title was lost in the file, added arbitrary *(Note of file maker)*.